



**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS – PROFLETRAS
MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS**



MARIA DO SOCORRO MAURÍCIO DE QUEIROZ ÂNGELO

ENSINO DE LITERATURA, POESIA E ECOLOGIA: tríade na arte de humanizar

**NATAL / RN
2018**

MARIA DO SOCORRO MAURÍCIO DE QUEIROZ ÂNGELO

ENSINO DE LITERATURA, POESIA E ECOLOGIA: tríade na arte de humanizar

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Letras – ProfLetras, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Mestrado Profissional em Letras, como requisito para obtenção do título de Mestre em Letras, sob a orientação do **PROF. Dr. DERIVALDO DOS SANTOS.**

Área de concentração: Literatura, Leitura, Letramento e Ensino.

NATAL/RN
2018

Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN
Sistema de Bibliotecas - SISBI
Catalogação de Publicação na Fonte. UFRN - Biblioteca Central Zila Mamede

Ângelo, Maria do Socorro Mauricio de Queiroz.

Ensino de literatura, poesia e ecologia: tríade na arte de humanizar / Maria do Socorro Maurício de Queiroz Ângelo. - 2018. 246 f.: il.

Dissertação (mestrado profissional) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Programa de Pós-Graduação em Letras - ProfLetras. Natal, RN, 2018.

Orientador: Prof. Dr. Derivaldo dos Santos.

1. Letramento Literário - Dissertação. 2. Ensino - Dissertação. 3. José Paulo Paes - Dissertação. I. Santos, Derivaldo dos. II. Título.

RN/UF/BCZM

CDU 373.3/.5

MARIA DO SOCORRO MAURÍCIO DE QUEIROZ ÂNGELO

ENSINO DE LITERATURA, POESIA E ECOLOGIA: tríade na arte de humanizar

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Letras – ProfLetras, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Mestrado Profissional em Letras, como requisito para obtenção do título de Mestre em Letras.

Aprovada em: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. Derivaldo dos Santos
Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN
Presidente da Banca - Orientador

Prof. Dr. Francisco Fábio Vieira Marcolino
Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN
Examinador Interno

Prof. Dr. Alexandre Bezerra Alves
Universidade Estadual do Rio Grande do Norte – UERN
Examinador Externo

A Deus, pelo cuidadoso abraço que envolveu a minha vida e me oportunizou o sorriso da vitória.

À minha mãe Oneide (*in memorian*), minha referência, a melhor sinfonia que a vida me fez ouvir.

A Marcelo, minha completude, pela brandura durante as ausências da minha caminhada.

A Anderson, meu grande menino, pela alegria que retira a minha concentração e enche a casa de sorrisos.

À Marcelle, minha amada “pareia”, tão presente, sempre vencendo os quilômetros e se fazendo mais perto.

Ao meu Gabriel, anjo que exala cuidados, zelo e preocupações sobre o alívio da finalização.

À minha sogra-mãe Terezinha Ângelo (*in memorian*), pelo olhar amoroso que sempre lançou para mim, denunciando a sua preferência.

Aos meus alunos dos 8^{os} anos, à equipe pedagógica, administrativa e gestora da Escola Municipal Antônio Peixoto Mariano, pela parceria na realização deste trabalho.

AGRADECIMENTOS

“A gratidão é a virtude das almas nobres.” Esopo

Agradecer é imprescindível, pois não somos autossuficientes nem as coisas importantes para nós materializam-se por si mesmas. Nenhum passo teria sido dado nesse percurso sem os vários aliados que comungaram comigo desse profundo desejo de realização pessoal.

Ao ser que me permite respirar e realizar, em graças, as minhas vitórias. Obrigada, meu Deus, toda reverência a Ti, Senhor da minha fé!

Quando penso em agradecer, imediatamente, não me recordo das pessoas que direta ou indiretamente contribuíram para o resultado físico da construção desta pesquisa. O meu coração antecipa em minha mente a presença. A presença que se faz em mim, antes em matéria, hoje em alma, como cúmplice de todos os meus momentos, bons ou não. Lembro-me da pessoa mais presente em todos os meus caminhos e desvios: “Dona” Oneide Maurício de Queiroz (*in memoriam*), raiz da minha essência, minha matriarca. A quem eu dedico a alegria de estar realizando sonhos em minha formação acadêmica.

Como chegaria à realização desse sonho sem lembrar a minha melhor parte? A quem eu dediquei o mínimo de mim e roubei-lhe instantes de partilha das alegrias durante os escassos momentos de convivência. De quem muito me distanciei ao longo do processo, entretanto se manteve firme na tolerância das minhas intempéries. Inabalável, resistindo a minhas mais angustiantes inconstâncias, foi o meu porto seguro, a minha razão de ser! Obrigada, minha querida família, por não desistir de mim e acreditar que eu conseguiria! Ao parceiro incondicional, compreensivo nas ausências e estímulo nas fragilidades, meu cúmplice na vida conjugal, Marcelo; minha continuidade, Anderson, Marcelle e Gabriel, filhos amados, as razões que movem meus passos, a minha melhor poesia; Marilene, o meu braço direito, que sempre cuidou de tudo e participou silenciosamente para que eu evoluísse com mais leveza e a um ser do qual não poderia esquecer, o meu fiel

companheiro das madrugadas, atento a cada passo num olhar contemplativo, inocente, cuidadoso e amoroso: Thor.

Às minhas Irmãs e sobrinhos, pela alegria de tê-los mesmo distante, muito próximos, na torcida e no afeto.

Às minhas tias, de modo particular, a Eliete Maurício da Costa, Teté, minha primeira professora, que zelosamente cuidou da minha caminhada em ausência de minha mãe e vibra comigo, por cada passo conquistado.

A todos os professores que contribuíram para a minha formação subjetiva e intelectual, especialmente, aos professores do ProfLetras, pelo compartilhamento de saberes e exemplo de simplicidade, os quais serviram de embasamento teórico e humano para aprimorar o meu fazer pedagógico e experiencial.

Ao Professor Dr. Derivaldo dos Santos, o meu gentil orientador conterrâneo, um agradecimento especial, por um dia ter despertado em meu coração o desejo de voar mais alto... por acreditar que trilharia esse caminho e confiar nos passos que eu, tão bem orientada, segui até à realização desse sonho. Muitíssimo obrigada pelo todo: os empréstimos de sabedoria, o compartilhamento de inúmeros conhecimentos, a palavra de conforto nas horas de minhas inquietudes, a paciência diante de minhas questões, muitas vezes, tão elementares, a mão acolhedora nos momentos de indecisão, mas também a voz firme no incentivo para as produções. Por ter sido presença durante este percurso com tanto cuidado, zelo e muita atenção. Pela subjetividade que me incentivou e me foi parceira durante o processo de intervenção, no desenvolvimento do trabalho com poemas, com vistas à temática da natureza, numa turma tão singular pelo descrédito à vida. Ter, por mim, apostado nos frutos de um trabalho com a poesia, já que ela, como afirma Adélia Prado, “é para a sensibilidade, é para a inteligência do coração e não para a nossa inteligência lógica.” Obrigada, querido Orientador!

Aos professores, Francisco Fábio Vieira Marcolino e Antônio Fernandes de Medeiros Junior, pelos olhares atentos e as valiosas contribuições, durante o Exame de

qualificação, as quais se tornaram fundamentais para o enriquecimento deste trabalho.

Aos professores que compuseram a minha Banca Examinadora, Professor Dr. Francisco Fábio Vieira Marcolino e Professor Dr. Alexandre Bezerra Alves, pela disponibilidade de lançarem minuciosos olhares, a fim de que este trabalho alcance um elevado nível de aprimoramento.

Também há aqueles que foram ombro para as dúvidas e esperança para a alegria das minhas conquistas: os meus verdadeiros amigos, os quais não poderia nominar, mas, que vibram com os meus avanços e torcem pela minha realização. Inclusive, os colegas de suores, sorrisos e lágrimas de mestrado da UFRN, da turma 3 do ProfLetras, especificamente, as que na estrada da vida, semanalmente, diminuía os quilômetros com as alegrias das amenidades em forma de conversas, Branca, Nayara e Simara; a Adriana, Camila, Dione e Lady Leidi, pela parceria em seminários e cumplicidade no cuidado com a minha evolução; Estelita, pelo analítico olhar carinhoso e as doces palavras de encorajamento.

Aos meus queridos alunos-colaboradores da pesquisa, por terem ativamente contribuído com suas essências, tornando este trabalho possível e digno de compartilhamento.

Aos pais que colaboraram, autorizando a participação dos filhos, confiando em minha ética profissional, durante o processo de aplicação da proposta interventiva.

A todos os meus alunos, os que foram, os que são e os que serão, os que partilharam novos saberes e inúmeras emoções, que me fizeram mergulhar no universo acadêmico para aperfeiçoar a minha prática e realizar o meu sonho.

Ao Prof. M.e., Aslan Bruno da Silva, meu querido dedicado e sempre aluno, hoje colega de profissão, pelo resumo em língua espanhola.

A Aline Melchuna e ao meu anjo Ítalo Gabriel, pela gentileza e prontidão ao transporem os vocábulos, que integram o resumo da minha dissertação, da língua vernácula para a inglesa.

Ao Secretário Municipal de Educação, Rogério Felipe de Lima, que muito me incentivou e apoiou, em nome do qual eu estendo aos meus queridos companheiros de trabalho, Clau, Claudiano Barbosa, Dyu, Keylla, Mateus e Tê Januário e todos os demais, a minha gratidão pela colaboração e partilha de angústias, bem como estímulos em energias positivas, encorajando-me, ajudando-me naquilo que eu precisei, ao mesmo tempo compreendendo as ausências que se fizeram necessárias.

À capes, pela Bolsa de estudos que me permitiu avançar com mais facilidade.

A todos (as) que, direta ou indiretamente, contribuíram, a fim de que o percurso fosse trilhado com êxito.

A vocês, a minha mais profunda gratidão!

Este talvez seja o momento para abrir parênteses e lembrar que os sonhos podem ser uma fonte de inspiração. Às vezes trazem-nos sugestões que são como embriões de futuros poemas. Mas é a lucidez da técnica e da experiência do poeta-técnica e experiência cuja aquisição exige anos de leitura e de aplicação quase diária ao ofício da escrita - que irá desenvolver as sugestões oníricas em poemas acabados e compreensíveis. Enquanto o sonho é pessoal e só comove ou impressiona quem sonhou, o poema tem de comover e impressionar, se não todas as pessoas que leem, pelo menos aquelas cuja sensibilidade foi aprimorada pela leitura regular de poesia.

(José Paulo Paes)

RESUMO

Na perspectiva de contribuir com os estudos realizados sobre Literatura e Ensino, utilizando como instrumento o texto poético, especificamente a poesia-natureza de José Paulo Paes, nossa pesquisa buscou refletir sobre a necessidade da Literatura no contexto escolar, como um caminho para a apreensão de novos conhecimentos. Partindo da análise do ensino da literatura e seu propósito em sala de aula, sua pertinência social na formação da consciência crítica e cidadã do aluno, escolhemos o poeta referenciado, pois ele revela uma atitude frente ao mundo civilizado, da técnica e racionalidade, e à vida, no tocante à temática da natureza. Mostra ser possível recolher, na simplicidade do cotidiano, fragmentos de beleza e encantamento. Uma poética, cujo discurso revela-se como instrumento de antagonismo e crítica social, conduzindo os leitores à reflexão das práticas habituais e mudança de atitude no cuidado com a natureza, o ambiente e o mundo. Uma temática de valor imensurável às sociedades modernas e à humanidade, pois, de acordo com Hamburger (2007), é impossível assistirmos, passivamente, aos malefícios dos avanços técnicos que podem causar a destruição da natureza e de toda a civilização neste planeta. Compreendendo a literatura, segundo Candido (2004), em sua função edificadora e restauradora da palavra que nos humaniza e como caminho para o equilíbrio social, constatou-se que os poemas desse autor apresentaram a função humanizadora e funcionaram como instrumento de linguagem capaz de fazer o educando refletir acerca da vida social moderna ou do mundo de racionalização que ela instituiu, sendo capaz de reagir à essa civilização. Considerando o ensino de literatura uma importante ferramenta na formação de um sujeito sensível e inteligente, também a leitura e a escrita meios de ascensão intelectual e humana do indivíduo, nossa análise procurou elucidar essa e outras questões, por meio da aplicação do texto poético na sala de aula. Adotamos como metodologia a sequência básica, de Cosson (2014), que sugere as etapas: motivação, introdução, leitura e interpretação. Este trabalho tomou como âncora de fundamentação: Compagnon (2009), Candido (2004), Bosi (2013), Todorov (2009), Hamburger (2007) e Williams (2011). Durante o desenvolvimento das atividades, adotou-se a natureza como categoria analítica e objeto de reflexão junto aos alunos dos 8^{os} anos A e B, do Ensino Fundamental II, da Escola Municipal Antônio Peixoto Mariano, localizada no município de Nova Cruz, na Região Agreste do Rio Grande do Norte. Durante o processo de intervenção junto aos alunos das turmas mencionadas, experimentamos outros sentidos para a presença da Literatura na educação básica, sobretudo no Ensino Fundamental, minimizando o desconhecimento sobre o campo literário e tornando mais potente a vivência expressiva e composicional de produção da escrita poética. Como resultado dessa experiência, os alunos produziram seus escritos poéticos em forma de antologia.

Palavras-chave: Ensino. Letramento literário. José Paulo Paes.

ABSTRACT

In the perspective of contributing to the studies carried out on Literature and Teaching, using as an instrument the poetic text, specifically the poetry-nature of José Paulo Paes, our research sought to reflect on the necessity of Literature in the school context, as a way for the learning of new knowledge. Starting from the analysis of the literature teaching and its purpose in the classroom, its social relevance in the formation of the student's critical and citizen conscience, we choose the referenced poet, since he reveals an attitude towards the civilized world, regarding the technique and the rationality, and towards life, regarding the theme of nature. It shows that it is possible to collect, in the simplicity of daily life, fragments of beauty and enchantment. A poetic, whose speech reveals itself as an instrument of antagonism and social criticism, leading the readers to reflect on the usual practices and change of attitude regarding the care of the nature, the environment and the world. A theme of immeasurable value to modern societies and to humanity, because, in accordance with Hamburger (2007), it is impossible to watch passively the malefices of technical advances that can cause the destruction of nature and of all civilization on this planet. According to Candido (2004), in his role as builder and restorer of the word that humanizes us and as a path to social equilibrium, it was verified that the poems of this author presented the humanizing function and worked as an instrument of language able to make the pupil reflect on the modern social life or the world of rationalization that it institutes, being able to react to this civilization. Considering the teaching of literature an important tool in the formation of a sensitive and intelligent subject, and reading and writing as means of intellectual and human ascension of the individual, our analysis sought to elucidate this and other issues by applying the poetic text in the classroom. The basic sequence of Cosson (2014), which suggests the steps: motivation, introduction, reading and interpretation, is adopted as methodology. This work took as anchor: Compagnon (2009), Candido (2004), Bosi (2013), Todorov (2009), Hamburger (2011). During the development of activities, nature was adopted as an analytical category and object of reflection with students of 8th grade A and B and of Elementary School II from the Municipal School Antônio Peixoto Mariano, located in the municipality of Nova Cruz, in the Agreste Region of Rio Grande do Norte. During the process of intervention with the students of the mentioned classes, we tried out other meanings for the presence of Literature in basic education, especially in Elementary School, minimizing the lack of knowledge about the literary field and making the expressive and the compositional experience of the production of poetic writing more powerful. As a result of this experience, the students produced their poetic writings in the form of an anthology.

Keywords: Teaching. Literary Literacy. José Paulo Paes.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	14
2 LITERATURA O APORTE DE CONHECIMENTO PARA A SOCIEDADE E PARA A ESCOLA	27
2.1 O TEXTO LITERÁRIO EM SALA DE AULA: EMINENTE ADORNO DE CONHECIMENTO.....	27
2.2 LITERATURA: O CONHECIMENTO DA ASCENSÃO HUMANA.....	50
3 O ENCANTO DA LIBERDADE, DA VIDA, DA NATUREZA	58
3.1 O ELO QUE UNE E DESTRÓI.....	58
3.1.1 Avanços e/ou retrocessos no trato humano com a natureza	61
3.2 NATUREZA: UMA PREMISSA DA LITERATURA.....	71
3.2.1 Natureza: conexão no poetizar de alguns escritores brasileiros	76
4 SIMPLEMENTE A POESIA E JOSÉ PAULO PAES	100
4.1 POESIA, A EDUCAÇÃO PELA SENSIBILIDADE.....	100
4.2 O PERCURSO DE JOSÉ PAULO PAES, POR ELEMESMO.....	107
5 LETRAMENTO LITERÁRIO E PROPOSTA DE INTERVENÇÃO EM SALA DE AULA	127
5.1 QUESTÕES DE LETRAMENTO LITERÁRIO E DO ENSINO DE LITERATURA.....	127
5.2 A SEQUÊNCIA BÁSICA DE RILDO COSSON, UM NORTE NA CONDUÇÃO DA PRÁXIS.....	131
6 FRUTOS COLHIDOS PELA FORÇA POÉTICA: A INTERVENÇÃO	135
6.1 O POTENCIAL DESMISTIFICA A REALIDADE	135
6.2 A MATERIALIZAÇÃO DO SONHO: POETAS DO PEIXOTO, A ANTOLOGIA.....	147
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS	157
REFERÊNCIAS	164
APÊNDICES	171
ANEXOS	177

A leitura torna o homem completo, a conversação torna o homem alerta e a escrita torna o homem preciso.

(Francis Bacon)

A grande literatura é uma linguagem carregada de sentido no mais alto grau possível.

(Ezra Pound)

1 INTRODUÇÃO

Compreendemos a literatura como um campo estético-discursivo que favorece o acesso ao conhecimento para a ampliação de saberes, bem como uma atividade de linguagem singular capaz de desenvolver nas pessoas novas possibilidades para a vida. Com essa abertura à ampliação dos saberes, a leitura do texto literário pode promover tanto o conhecimento acerca da realidade histórica e social quanto da natureza humana em sua complexidade, permitindo ao leitor uma melhor compreensão de si e do outro. Em tal perspectiva, tratando-se de uma forma particular de linguagem capaz de alargar a experiência humana, a leitura literária pode ser vista como uma seta capaz de abrir novos caminhos para o enfrentamento do mundo e para ampla compreensão da diversidade e das desigualdades sociais. Assim, o texto poético traz, na singularidade que lhe é própria, uma força de expressão que permite agir com mais segurança e criticidade perante a vida e a nós mesmos. Se seu componente estético aponta para novas possibilidades da existência, é porque faz parte de sua natureza nos colocar na direção de um sonho, tornando-nos mais livres daquilo que nos atordoa, fazendo-nos acreditar na vida como acredita Benjamin (1994), com afeto e “esperança”, ainda que fatigante seja a nossa jornada.

De acordo com Regina Zilberman (2008), o hábito de exercitar a leitura do texto literário em sala de aula pode levar ao preenchimento dos requisitos que conferem à literatura proporcionar mais segurança aos educandos para executarem e viverem as próprias experiências. Tal competência situa a obra poética para além do sentido educativo, na medida em que pode levar quem dela se deleite à emancipação, através de seu viés estético. Relacionar o componente estético a elementos do mundo a ele exterior, é reconhecer, na especificidade da linguagem criadora, um modo particular de se anunciar e anunciar o mundo e os homens, colocando-nos diante de uma produção de variados sentidos, tamanha a sua atmosfera de ambiguidades.

A experiência de sentidos que pode ser extraída durante a leitura do texto literário promove essa autonomia, ao tempo em que instiga desejos de um mundo atento às particularidades de cada um. Por esse prisma, a arte literária compreende um mundo de abertura à expressão dos ideais do leitor e dos educandos, atendendo às reivindicações e às necessidades individuais e coletivas. Isso porque a literatura

ultrapassa os limites da realidade puramente autônoma e passa a ser parte integrante da pessoa que vai se tornando humanizada no acesso ao objeto estético. E um dos aprendizados que poderá resultar dessa transcendência é da ordem das experimentações ou da experiência com o outro, numa dinâmica interacional que lhe permite vivenciar trocas de saberes e respeito mútuo, sem perder, no entanto, a sua própria independência e identidade.

Face a essas questões, indagamos: como fazer a literatura deixar de ser um mero instrumento decorativo na educação básica, conforme se vê, comumente, na sua tímida circulação no espaço escolar, e passar a objeto de conhecimento, cumprindo o seu papel, seja em sala de aula ou na sociedade? Sabemos que, atualmente, a promoção da leitura em sala de aula é um desafio, já que a leitura do livro requer mais da pessoa, no tocante à concentração, à compreensão e à dedicação. Também porque a leitura concorre com as facilidades e praticidade dos encantos do mundo moderno, com a sedução que as redes sociais causam nos estudantes e também nas pessoas em geral. No entanto, mesmo diante de tantas inovações, se o texto literário – no trânsito entre o estético e o social, possibilita uma formação ampla do sujeito-leitor, livre e reflexivo, é porque a literatura é promotora de saberes diversos. A esse respeito, esclarece Barthes (1977, p. 16-17):

A literatura assume muito saberes. Num romance como Robinson Crusóé, há um saber histórico, geográfico, social (colonial), técnico, botânico, antropológico (Robison passa da natureza à cultura). Se, por não sei que excesso de socialismo ou de barbárie, todas as nossas disciplinas devessem ser expulsas do ensino, exceto uma, é a disciplina literária que deveria ser salva, pois todas as ciências estão presentes no monumento literário. [...] a literatura faz girar os saberes, não fixa, não fetichiza nenhum deles; ela lhes dá um lugar indireto, e esse lugar é precioso. [...] a ciência é grosseira, a vida é sutil, e é para corrigir essa distância que a literatura nos importa.

Nessa compreensão, a literatura diz, à sua maneira, de nós e do mundo no qual estamos inseridos, e por fazer “girar os saberes” é promotora de um largo conhecimento para os homens e para a vida, por isso exerce um papel significativo no espaço escolar, contribuindo para a formação intelectual de nossos alunos. Na empreitada de apresentar a literatura como instrumento transformador, este trabalho compreende uma proposta de intervenção em sala de aula, a partir da aplicação de poemas infanto-juvenis, de José Paulo Paes, tendo como unidade temática a natureza. A fim de contribuir com os estudos realizados sobre a Literatura e Ensino,

essa proposição será aplicada nas turmas do 8ºs anos A e B, da Escola Municipal Antônio Peixoto Mariano, localizada à Rua Felipe Camarão, nº 401, no Bairro do Salgado, em Nova Cruz, na Região Agreste do Rio Grande do Norte. A instituição escolar oferece os seus serviços educacionais para atender a cerca de 370 (trezentos e setenta) alunos em dois turnos de aula, matutino e vespertino, do 1º ao 9º ano, do Ensino Fundamental.

O corpo discente, formado por alunos na faixa etária entre 13 a 16 anos, integra, na sua maioria, a classe social de baixa renda. A maior parte procede de bairros vizinhos, popularmente conhecidos como Coreia e Bairro 13 (rivais na guerra pelo domínio do comando das “bocas de fumo”), um contexto marcado pela violência e drogas. Cerca de 95% (noventa e cinco por cento) é da área urbana, ao passo que 5% (cinco por cento) reside na área rural e se desloca diariamente em transportes escolares cedidos pela Secretaria Municipal de Educação. A turma “A” composta por 08 alunos na faixa etária entre os 13 e 15 anos, uma sala de aula atípica pela quantidade mínima de alunos que formavam essa classe. A Tuma “B” formada por 14 (quatorze) alunos, cuja faixa etária variava entre 13 e 16, com 02 (dois) alunos diagnosticados especiais. Desses 22 (vinte e dois) alunos, frequentam apenas 19 (dezenove). Aproximadamente 20% dos alunos já haviam sido reprovados, alguns mais de uma vez. No início do nosso trabalho, não podíamos realizar atividades conjuntamente, pela competitividade que existia entre as duas turmas. Os alunos do matutino consideram os do turno vespertino, “bagunceiros”, e estes caracterizam aqueles como “sabichões”. Em tais circunstâncias, ficou perceptível que o contexto de violência interferiu na sala de aula, uma vez que os alunos envolvidos são, na verdade, residentes nos bairros aludidos, marcados por divergências entre si.

O corpo docente é formado por 48 profissionais da educação, dentre eles, 01 diretor, 01 vice-diretor, 04 coordenadoras, 02 secretários, 19 professores, 11 educadores, no apoio e para substituir as horas-atividade dos demais professores, 06 auxiliares de serviços gerais e 04 vigias.

No que se refere ao ambiente escolar, trata-se de uma escola que possui um pequeno espaço físico, distribuído em área interna com os seguintes cômodos: 09 salas de aula, mesmo havendo 04 climatizadas, mas apenas duas, cujos aparelhos condicionadores de ar funcionam; 01 biblioteca, espaço que serve mais para as aulas de reforço, com recursos como datashow e televisor; 01 laboratório de informática, o qual não funciona, pois os equipamentos estão ultrapassados e

quebrados; 01 sala da direção; 01 sala da secretaria; 01 espaço coberto (pátio); 01 cozinha; 01 despensa; 02 banheiros para os professores, 02 banheiros para os alunos, dentre outros.

Como estratégia de contribuição ao espaço escolar onde exercemos a prática docente, utilizamos o texto poético, especificamente a poesia-natureza de José Paulo Paes, enquanto instrumento para promover a leitura em sala de aula. Nosso procedimento se dá na perspectiva de desenvolver o prazer da leitura e, conseqüentemente, procurando promover a capacidade cognitiva do aluno e ampliando seu repertório linguístico. Com isso, foi possível conduzi-lo a uma melhor compreensão da natureza e da vida em conjunto, por meio da leitura dos textos poéticos realizada em sala de aula.

Nessa perspectiva de aproximação literária entre os alunos e a linguagem poética, por meio do gênero poema, discutimos com eles a vertente de leitura de escritos que priorizam a relação natureza, homem e ação, com vistas ao posicionamento crítico a partir da leitura dos poemas escolhidos, *Paraíso* e *Raridade*, do poeta José Paulo Paes. Com a aplicação desses poemas em sala de aula, intencionamos que esses alunos apresentassem apreciações e valorações estéticas, éticas, políticas e ideológicas, em proveito de suas formações críticas e reflexivas. Embora tenhamos, em concordância com os alunos, destacado como corpus da pesquisa apenas os dois referidos poemas, para a aplicação da proposta de intervenção e realização de exercícios de releitura e reescrita, fizemos a leitura dos os que integram as obras *Poemas para brincar* (1990) e *Olha o bicho* (2011), de José Paulo Paes.

Nesse sentido, as atividades desenvolvidas em sala de aula, em conformidade com nossa proposta de intervenção, visaram oportunizar a conscientização da responsabilidade que esses alunos possuem, enquanto cidadãos, para com a natureza, já que se trata de uma temática cara às mais diversas sociedades contemporâneas. Ademais, porque está diretamente ligada à humanidade e às ações dos indivíduos, as quais vêm desencadeando inúmeros prejuízos à conservação dos recursos naturais e, por conseqüência, à existência humana.

Nesse contexto, se a literatura é, conforme Antonio Candido (2004, p. 175), “[...] fator indispensável de humanização, e, sendo assim, confirma o homem na sua humanidade [...]”, teriam os poemas de José Paulo Paes a função humanizadora em

sala de aula? Nessa ideia, estariam os poemas *Paraíso*, *Raridade*, por exemplo, como instrumento de linguagem capaz de reagir a essa civilização regida por entendimentos tecnológicos e mercadológicos que não à natureza? Nesse caso, teria a poesia a função de levar o leitor a refletir acerca da vida social moderna ou ao mundo de racionalização instituído pela modernidade? Nossa pesquisa tentou, de alguma forma, elucidar essas questões através da aplicação do texto poético na sala de aula, refletindo acerca da representação da natureza como categoria analítica e objeto de reflexão junto aos alunos envolvidos no projeto.

Na abertura ao social, vista aqui através da representação da natureza, o poema, segundo a perspectiva de Adorno (2003), em “Palestra sobre Lírica e sociedade”, tem preservada tanto a sua unidade interior, enquanto objeto estético, quanto a sua referência à sociedade. “Afinal, trata-se de manusear o que há de mais delicado, de mais frágil, aproximando-o justamente daquela engrenagem, de cujo contato o ideal da lírica, pelo menos no sentido tradicional, sempre pretendeu resguardar” (ADORNO, 2003, p. 65). No contexto de nossa intervenção, à sua maneira de ler o mundo, a poesia, ao trazer para seu interior, a problematização das ações humanas no trato dado à natureza, ganha cores de protesto contra a realidade circunstancial, e, de alguma forma, coloca-nos diante da ineficácia do sistema social moderno. E, dessa maneira, ajuda-nos a construir o senso crítico dos nossos alunos, com vistas à sua formação leitora e cidadã.

Analisar a representação da natureza na literatura é partir do pressuposto de que o texto literário se articula à vida social e à realidade histórica, ultrapassando, nesse caso, os limites da compreensão da *arte pela arte*, dando-nos o entendimento de “[...] que a literatura é também um produto social, exprimindo condições de cada civilização em que ocorre”, conforme afirma Antonio Candido (1980, p. 28).

Assim, sendo um produto social e expressando a civilização a que ela pertence, a literatura veicula conhecimento para além da pura forma. Pois, ela ajuda na compreensão do mundo, nesse caso, conduz o leitor a um conhecimento da realidade exterior à obra e dos seres que compõem essa realidade (TODOROV, 2009). O crítico admite que os textos literários têm um papel fundamental na vida dos indivíduos, já que despertam neles sensações diversas, retirando-os da inércia.

Semelhante entendimento, encontramos no pensamento de Lourival Holanda (2004), no ensaio “Da necessidade social da literatura”, porque ele reconhece a literatura como uma linguagem que permite ao ser humano refletir e se reestruturar

individual ou coletivamente: “Literatura é sempre uma linguagem comprometida com a *poiésis*: essa atividade de permanente auto alteração, tanto de um agrupamento social, quanto de reestruturação de nossos possíveis, na vida...” (HOLANDA, 2004, p. 218). Nesse contexto, a literatura representa um significativo instrumento que favorece a instrução, a educação e o direcionamento da existência das pessoas. Refere-se ao poder de redirecionar a vida, através da ponderação, da condução do leitor, a uma possibilidade de reflexão e uma consequente tomada de decisão. É o que cabe também à poesia.

Na conferência sobre o poder humanizador da poesia, Adélia Prado¹ a concebe como um: “fenômeno poético de natureza epifânica, reveladora, do que confere a uma obra de arte o estatuto de obra de arte, pode ser música, pode ser escultura, pintura, teatro, dança, cinema e literatura que é onde eu me coloco.” A partir da poesia, as expressões humanas tornam-se artísticas e alcançam a categoria de obra de arte. Enquanto manifestação divina, ela revela, levando ao entendimento da essência das coisas, ao tempo em que faz as pessoas se identificarem com aquilo que ela exterioriza. Para a autora, a poesia teria o poder de transformar pelo encantamento essas expressões: “Tudo que eu chamo de arte se justifica pela poesia que ela contém”.

A poetisa, nessa Aula Magna, confirma essa capacidade de ponderar e decidir que a obra de arte proporciona, na medida em que esta nos conduz à reflexão e nos permite o conhecimento do eu interior por meio dela: “A universalidade da obra verdadeira. Ela tem o poder de espelhar a humanidade, aquilo que nos é comum”. A leitura do texto passa a ter um novo significado, quando se estabelece uma relação entre a obra e a vida do leitor, obra e humanidade, porque alarga fronteiras e é capaz de atingir o geral no particular. Numa interação que se faz com o entrelaçamento daquilo que esse leitor sente com o que percebe de humano na obra literária, bem como por tudo que alimenta o espírito e cria o sentido para a vida, modifica e humaniza.

Adélia Prado ratifica esse poder humanizador da poesia, pela capacidade que possui de perpassar os limites da aparência e nos conduzir ao que há de mais íntimo em nós, que é o caminho de nossa própria descoberta: “Ela nos induz à

¹ Conferência da autora Adélia Prado, Aula Magna: O poder humanizador da poesia. [S.l., 19--?]. Disponível em: <<http://nossabrazilidade.com.br/adelia-prado-aula-magna-o-poder-humanizador-da-poesia/>>. Acesso em: 20 jun. 2016.

intimidade, à alma das coisas, à nossa própria intimidade e é por isso que ela nos comove; porque mexe. Não em nossos pensamentos, mas em nossos afetos, naquilo que nós sentimos”.²

Sendo assim, é imprescindível se ter uma sistematização do ensino da leitura literária como forma de melhor educar os alunos para a vida prática, contudo, sem abandonar a sua formação voltada “à alma das coisas” e à sua “própria intimidade”. Uma formação dirigida não simplesmente à soberania da razão, mas aos afetos e sentimentos. Cabe, então, à instituição escolar proporcionar ao aluno a efetivação de uma prática intensiva de leitura, a fim de torná-lo um leitor proficiente, capaz de intervir no seu entorno, ao mesmo tempo mais sensível para enxergar a si mesmo e “a alma das coisas”. Por essa razão, o espaço escolar é fundamental para a edificação do repertório sociocultural do leitor/aluno, para que ele possa construir, desconstruir e reconstruir a realidade que o permeia. (PCNs, 2016).

Mesmo num cenário em que, na escola pública, o ensino de literatura é secundário e simplificado pelos currículos, pois a preparação dos alunos está voltada para atender os interesses científicos e tecnológicos, intencionamos fazer cumprir o papel que o texto poético possui para sala de aula, a saber: o de ser um poderoso instrumento de instrução e educação. Por isso, nossa pesquisa optou e tentou promover o letramento literário dos educandos dos 8^{os} anos da Escola Municipal Antônio Peixoto Mariano, com a experiência de leitura de poemas de José Paulo Paes. Com vistas à reflexão do caráter lúdico do fazer poético desse autor, no trato que ele dá à natureza.

O poeta José Paulo Paes revela uma atitude frente ao mundo e à vida, no que se refere à temática da natureza. Tenta nos mostrar que é possível recolher, na simplicidade do cotidiano, fragmentos de beleza e encantamento. O seu discurso de cunho ecológico tende a conduzir o leitor à reflexão sobre as práticas habituais, evidenciando a falta de respeito, atenção e cuidado com a natureza, o meio ambiente e o mundo. Trata-se de uma temática que representa um valor imensurável às sociedades modernas e à humanidade, pela perceptível ruína do homem aos recursos naturais, da fauna e da flora.

² A despeito da criação poética, considera-se também a poesia como ato reflexivo e como matéria do pensamento, respaldada por uma tradição de muitos poetas críticos, segundo os quais poesia é fruto do intelecto. Sobre esse aspecto remetemos o leitor ao poema “O lutador”, de Carlos Drummond de Andrade; “A fábula de Anfion”, de João Cabral de Melo Neto, por exemplo.

A poesia de Paes convida, ou até mesmo, convoca o leitor a refletir e assumir atitudes de cuidado com o meio ambiente, a tocar de leve a “alma” da natureza, que é também tocar a sua própria alma, focalizando para as ações dos seres humanos diante da preservação dos recursos naturais. Impulsiona a assumir novas posturas que não se subordinem a essa sociedade, dominada pela tecnologia e pela economia de mercado, que aspira única e exclusivamente ao lucro e entende que a formação dos alunos deve atender às necessidades da vida prática.

Mesmo diante do rebaixamento da disciplina literária em razão de uma visão de mundo, predominantemente, utilitarista, que a toma com desinteresse e desprezo, consideramos que a escola é um espaço favorável à leitura. Para se efetivar, no espaço escolar, o processo de formação de leitores, é essencial o desenvolvimento de experiências sistematizadas com o texto literário desde a educação infantil, pois é através desse contato que descobrimos o senso de nós mesmos e da sociedade onde nos inserimos. Essa estreita interação entre a criança/estudante com os livros e textos literários, enquanto instrumento de conhecimento capaz de formar o sujeito, desde cedo, desenvolve nela a consciência do seu papel no mundo e de sua responsabilidade para com a natureza.

Ainda no que tange à necessidade da literatura no contexto escolar, indagamos: de que forma podemos garantir que o espaço escolar seja o ambiente que viabilize a leitura na condição de prática histórica e cultural? O que fazer para minimizar a indiferença e o desconhecimento que a tradição escolar reserva à literatura? Como promover o processo de escolarização ou letramento literário do aluno? De que modo assegurar o domínio da leitura e da escrita, por meio do letramento literário, não apenas no âmbito social, mas, principalmente, como um meio de garantir o seu verdadeiro domínio? Essas questões nortearão nosso trabalho na tentativa de, no decorrer de seu desenvolvimento, encontrar as respostas, tendo por nota dominante a experiência do texto literário em sala de aula.

No que concerne às particularidades do texto literário, *Os Parâmetros Curriculares Nacionais* (1998) consideram-no uma forma singular de representação e estilo em que há a predominância da criatividade do imaginário. Um extraordinário tipo de diálogo, realizado num processo de mediação que concede a ficcionalidade e reinterpretção do mundo atual e de mundos possíveis. Consiste numa maneira de apreender conhecimentos, uma vez que esse diálogo perpassa e ultrapassa os

limites da realidade para instituir outra maneira de intermediar sentidos entre o sujeito e o mundo, entre o objeto e o que ele indica.

Optamos por trabalhar o poema, pois cremos que, mesmo contextualizados pelo cenário atual da evolução tecnológica, a poesia, conforme assegura Bosi (2013), ainda continua sendo a melhor parceira para revelar o outro e representar o mundo. Assim, o trabalho com o texto poético é adequado à realização das atividades de leitura, uma vez que, por meio do lúdico, pode proporcionar a aquisição de conhecimento ou despertar para a consciência do outro e do mundo, além de ser um caminho para o encorajamento da leitura e a aproximação do aluno ao universo leitor e escritor. Nesse sentido, o texto poético ainda pode contribuir para a sensibilização e encantamento do indivíduo leitor mediante o mundo.

Nosso trabalho está dividido em duas partes complementares. Na primeira parte discutimos teoricamente a função da literatura, a sua especificidade e o que cabe a ela, no espaço escolar e na sociedade ou na vida dos indivíduos. Para tanto, fazemos uso do pensamento de Compagnon (2009), em *Literatura para quê?*; Antonio Candido (2004), no ensaio *O direito à literatura; Poesia ainda é necessária?*, de Alfredo Bosi (2013); *A literatura em perigo*, de Todorov (2009); *A verdade da poesia: tensões na poesia modernista desde Baudelaire*, de Michael Hamburger (2007); o livro *O campo e a cidade: na história e na literatura*, de Raymond Williams (2011). Todos esses autores trazem em comum um entendimento de que a literatura é, a um só tempo, um componente estético e um componente capaz de ensinar, portanto aberto ao social.

A segunda parte refere a nossa prática intervencionista. Para a aplicação da atividade de intervenção em sala de aula com o texto literário, adotamos o modelo de sequência básica de Rildo Cosson (2014), na obra *Letramento literário: teoria e prática*. Essa sequência didática, aplicada nas referidas turmas, constitui-se por quatro encaminhamentos: motivação, introdução, leitura e interpretação. Nós explicitaremos esses seguimentos no capítulo que descreverá o nosso processo metodológico. A partir da aplicação dessa sequência didática, procurou-se reduzir as limitações linguísticas do educandos, com o objetivo de lhes ampliar o seu repertório. De modo que eles apreendessem um conhecimento diferente, pautado pelo desejo de refletirem e perceberem a importância e o respeito à natureza, por ela ser essencial para a vida humana. E, como consequência, também valorizassem as coisas que os cercam e ações que executam e passarão a executar.

Merece ainda ressaltar que a ênfase dada à subjetividade dos alunos, das citadas turmas, justifica-se pelo comportamento que possuíam. A maior parte apresentava atitudes agressivas, não estava muito preocupada com os valores humanos. Esses alunos sentiam-se desacreditados, excluídos e incapazes por integrarem uma escola estigmatizada e periférica, cuja localização oferece riscos e lhes causava discriminação. Por não serem em si, alguns também não acreditavam em mais nada. Não se valorizando, não valorizavam os outros, muito menos os espaços da sala de aula ou escolar. Outro ponto notório era a falta de perspectiva de futuro, em virtude do contexto no qual estão inseridos. Constantemente, esses estudantes perdem familiares, parentes ou amigos que são assassinados ainda na adolescência.

A escolha pelo trabalho com a poesia na sala de aula também foi efetivada pela necessidade de os alunos desfrutarem de novas experiências, despertando-lhes o senso poético. Experiências que proporcionassem, por meio de uma educação da sensibilidade, a ampliação da consciência de si, do outro e do ambiente em que vive. Partimos do pressuposto de que um poema pode ser lido e relido várias vezes e, ao fazê-lo, o aluno pode encontrar nele novas ideias a respeito de si mesmo e da realidade. E ao conceber novas ideias, ele vai adquirindo novas posturas para efetivar melhorias em sua vida e nessa realidade a qual pertence.

Nosso trabalho está dividido em cinco capítulos: No primeiro capítulo, intitulado **Literatura o aporte de conhecimento para a sociedade e para a escola**, ressaltamos a importância do fazer docente pautado nas contribuições que a literatura propicia ao indivíduo, por ser fator de humanização e pelo papel que desempenha na formação cidadã. Para discutir questões pertinentes à função da literatura, a sua especificidade e qual o seu papel no espaço escolar e na sociedade ou na vida dos indivíduos, buscamos apoio teórico no pensamento de Compagnon, em *Literatura para quê?*; Antonio Candido, no ensaio *O direito à literatura*; Poesia ainda é necessária?, de Alfredo Bosi; *A literatura em perigo*, de Todorov. O capítulo está subdividido em duas seções: a primeira **O texto literário em sala de aula: eminente adorno de conhecimento** e a segunda, **Literatura: o conhecimento da ascensão humana**. Os autores que nos fornecem fundamento à essa discussão trazem em comum um entendimento de que a literatura é, a um só tempo, um componente estético e um componente aberto ao social. Torna-se, portanto, nas

mãos do docente e no meio escolar, um importante instrumento de ensinamento e educação.

O segundo capítulo, **O encanto da liberdade, da vida, da natureza**, destaca, sequencialmente, dois aspectos: a ligação entre o homem e a natureza, numa relação de necessidade e devastação humana, e a recorrência da natureza como temática dos discursos que se posicionam antagonicamente à predatória civilização moderna. Encontra-se subdividido em duas seções, que se desmembram em uma subseção cada uma. A primeira: **O elo que une e destrói, Avanços e/ou retrocessos no trato humano com a natureza**; a segunda: **Natureza: uma premissa da literatura e Natureza: conexão no poetizar de alguns escritores brasileiros**. No conjunto, o capítulo versa sobre as transformações sofridas pelo campo em detrimento do crescimento urbano e sobre a poesia na perspectiva antagônica à ciência e à tecnologia da modernidade. Para a discussão, tomamos como aporte a sistematização teórica e crítica de Hamburger, presente em seu livro *A verdade da poesia: tensões na poesia modernista desde Baudelaire e Raymond Williams*, em *O campo e a cidade: na história e na literatura*.

O terceiro capítulo, **Simplesmente a poesia e José Paulo Paes**, aponta a poesia como suporte para o alcance de uma educação de sensibilidade e justifica a nossa escolha para o desenvolvimento do trabalho com o gênero literário poema, como também apresenta a trajetória de vida do poeta José Paulo Paes. Ele encontra-se subdividido em **Poesia, a educação pela sensibilidade e O percurso de José Paulo Paes, por ele mesmo**.

O quarto capítulo, cujo título é **Letramento literário e proposta de intervenção em sala de aula**. Nesse capítulo, abordamos a importância de se enfatizar o trabalho com os gêneros literários na sala de aula, detalhando a situação didática proposta, que norteou nossos procedimentos metodológicos. Para essa discussão, dedicamos duas seções: **Questões de letramento literário e do ensino de literatura e Sequência básica de Rildo Cosson, um norte na condução da práxis**.

Para trabalharmos com o texto poético em contexto escolar, adotamos como proposta didática a sequência básica de Rildo Cosson (2014). Observamos que, embora a elaboração da sequência didática, baseada nessa proposta, priorize o ensino da leitura literária, para o letramento literário do aluno e formação de uma

comunidade de leitores, durante o processo de execução, a sequência tomou novos desdobramentos.

Todavia, essas modificações comungam com as ideias desse autor, no que se menciona a capacidade de a literatura se transfigurar em completas formas discursivas e de possibilitar o exercício da linguagem pelo uso das palavras, ou seja, permitindo-nos trabalhar as palavras com o aluno, nos aspectos da oralização e da escrita. Compreendendo a importância do trabalho com a literatura que ampara três aspectos essenciais para a formação do aluno, tanto para ler como para escrever e, de modo especial, aperfeiçoá-lo culturalmente, o nosso trabalho transpôs o exercício da leitura e alcançou a escritura do texto literário. A exemplo disso, como veremos mais adiante, os alunos realizaram mais de uma reescritura dos textos produzidos, pesquisa para ampliação de informações sobre o tema a ser discorrido nas produções poéticas e entrevista a poetas da comunidade sobre como fazer poesia e transferi-la para o poema.

O quinto capítulo, **Frutos colhidos pela força poética: a intervenção**, ocupa-se na apresentação das conquistas alcançadas com os alunos, durante a aplicação da proposta de intervenção na nossa sala de aula com presença do texto literário, de modo particular os poemas de José Paulo Paes. Os resultados concretos desse trabalho, a Antologia poética dos alunos no momento de partilha com a comunidade escolar e o evento Chá Literário. Ele está dividido em duas seções: **O potencial desmistifica a realidade** e **A materialização do sonho: Poetas do Peixoto, a Antologia**. A este capítulo seguem nossas **Considerações finais**.

Quando o leitor encontra um sentido na obra literária, ele/ela compreende melhor o homem e o mundo, descobre uma beleza que enriquece sua existência...

(Tzvetan Todorov)

A literatura corresponde a uma necessidade universal que deve ser satisfeita sob a pena de mutilar a personalidade, porque pelo fato de dar forma aos sentimentos e à visão do mundo ela nos organiza, nos liberta do caos e portanto nos humaniza. Negar a fruição da literatura é mutilar a nossa humanidade.

(Antonio Candido)

2 LITERATURA O APORTE DE CONHECIMENTO PARA A SOCIEDADE E PARA A ESCOLA

2.1 O TEXTO LITERÁRIO EM SALA DE AULA: EMINENTE ADORNO DE CONHECIMENTO

A escrita e a leitura acompanham a vida das pessoas desde o seu nascimento até a sua finitude, pois as práticas sociais exigem delas essa articulação por meio da leitura e da produção de variados tipos de texto, em diversos contextos. Nessa diversidade de contextos, a literatura se destaca como condutora ao domínio da palavra a partir dela própria, uma singularidade de linguagem, pela plenitude de saberes que possui sobre o homem e o mundo. É um instrumento de conhecimento capaz de conduzir o leitor à reflexão de si e do que está à sua volta, tornando-se um viável caminho para lhe despertar uma postura crítica e uma outra compreensão sobre as verdades estabelecidas historicamente.

Comumente, a literatura é vista pelos alunos, no âmbito das escolas públicas, como um enfadonho instrumento decorativo para a realização de atividades avaliativas, pois conforme aponta Todorov (2009), ao analisar a situação da educação literária na França, os jovens veem-na como uma matéria escolar, da qual deve ser depreendida uma mera periodização. Atualmente, o ensino da literatura, tal como vem, geralmente, sendo aplicado nas escolas brasileiras, em particular referente ao Ensino Fundamental e Médio, enfatiza a disciplina, e não o objeto dessa disciplina. Isso significa que, em vez das obras, são os estudos literários os evidenciados. Dessa forma, para o aluno, o estudo literário é fatigante e serve apenas para a sua avaliação quantitativa.

O escritor búlgaro Tzvetan Todorov, na sua obra *A literatura em perigo* (2009), traz um depoimento do que a literatura estabeleceu na sua vida.

[...] não posso dispensar as palavras dos poetas, as narrativas dos romancistas. Elas me permitem dar forma aos sentimentos que experimento, ordenar o fluxo de pequenos eventos que constituem minha vida. Elas me fazem sonhar, tremer de inquietude ou me desesperar. (TODOROV, 2009, p. 75-76).

O crítico admite que os textos literários têm um papel fundamental em sua vida, já que despertam nele sensações diversas que o tiram da inércia. São

encarregados por aprimorar os sentimentos despertados no autor, norteando os momentos que compõem a experiências que ele vive ao longo de sua caminhada.

Partindo desse pressuposto, de que as palavras que compõem esses textos fazem a diferença na vida do autor, e da visão dos jovens no que se refere ao ensino da literatura, ele faz uma crítica à perspectiva, excessivamente, estruturalista do ensino tradicional. Destaca que o estudo literário tem como principal objetivo nos conduzir primeiro à compreensão das ferramentas que são o suporte para a efetivação do contato com a literatura. A escola não favorece esse contato, porque não ensina sobre o que falam as obras, mas sim do que os críticos dizem sobre elas. Nessa direção, as propostas lançadas pelos professores na escola para analisar as obras “não deveria mais ter por objetivo ilustrar os conceitos recém-introduzidos por este ou aquele linguista, este ou aquele teórico da literatura [...]”. (TODOROV, 2009, p. 89).

Pela vasta riqueza que a literatura possui e oportuniza na articulação de saberes diversos, o professor tem à sua disposição um instrumento transformador, capaz de desenvolver, na escola, experiências planejadas de inserção de estudantes nesse mundo, o que possibilita constituir leitores assíduos do texto literário. O autor aconselha que “[...] é necessário incluir as obras no grande diálogo entre os homens, iniciando desde a noite dos tempos e do qual cada um de nós, por mais ínfimo que seja, ainda participa” (TODOROV, 2009, p. 94). Cabe ao educador, um exemplo de comportamentos, atitudes e expressões de leitor, a mediação que favoreça esse diálogo literário, durante o processo de letramento literário, de leitura, ensinando, portanto, como se faz para ler, de modo prazeroso. Parafraseando o crítico em questão, a literatura não surge do vazio, porém se constrói no núcleo coletivo de manifestações ativas, ou seja, dos discursos vivos.

E para isso, deve-se apresentar uma proposta de um ensino diferente, na qual haja o equilíbrio das contribuições do formalismo-estruturalismo e as ligações das obras literárias com o mundo verdadeiro e com a vida da atualidade. A partir de tal compreensão, o estudioso búlgaro reivindica que o texto literário volte a ocupar o centro e não a periferia do processo educacional, a fim de que ele ultrapasse os limites de mera disciplina institucional a ser aprendida em sua periodização. Nesse ponto de vista, a literatura deve assumir, no espaço escolar, o seu verdadeiro papel de agenciadora do conhecimento sobre o mundo, os indivíduos, os sentimentos e valores, a vida particular e social.

Com base no pensamento de Todorov (2009), levar a literatura para a sala de aula é tornar acessível ao leitor esse horizonte de verdade corriqueira do desvelamento do ser e das coisas que o universo literário permite. Dado que ela vem perdendo o espaço, que lhe deveria ser conferido, nesse ambiente escolar, em razão de os textos literários serem utilizados como mero instrumento para o trabalho gramatical. Mesmo que ela seja o aporte que favorece a expansão do conhecimento e viabilize a intervenção humana, para as diversas modificações necessárias no cotidiano das pessoas, a educação literária ainda continua marginalizada na escola pelos que desconhecem o seu potencial de transformação.

Entre tantos caminhos da literatura, Todorov (2009) menciona a característica que ela possui de, ilimitadamente, criar possibilidades de interação entre as pessoas e, portanto, enriquecê-las de modo que não se pode calcular, tanto no aspecto intelectual como no humano:

Ela nos proporciona sensações insubstituíveis que fazem o mundo real se tornar mais pleno de sentido e mais belo. Longe de ser um simples entretenimento, uma distração reservada às pessoas educadas, ela permite que cada um responda melhor à sua vocação de ser humano. (TODOROV, 2009, p. 23-24).

Dessa maneira, seria ela responsável por despertar em nós incomparáveis emoções que nos apresentam uma realidade mais completa, ao tempo em que também bela. E ela não seria uma mera ferramenta, para o lazer de pessoas específicas, mas um instrumento que faz com que compreendamos a missão humana que possuímos, assim, um dos caminhos que conduz as pessoas a sua realização pessoal e ao conhecimento.

As influências transformadoras da literatura têm início a partir da experiência que cada leitor vivencia, quando se permite ser guiado por essa suntuosa via régia que faz com que se experimente coisas únicas. Um caminho que não determina, mas permite, possibilita, pois pode revelar, por meio da descrição ampliada do real, e mudar quando desperta no indivíduo sentimentos muito particulares, que o induzam alcançar sentidos. Sentidos para interpretar a si mesmo e a tudo o que lhe diz respeito. Uma significativa contribuição da literatura para nossa compreensão de mundo através de uma comunicação inesgotável, a qual reduz a ignorância, ao tempo em que funciona como um remédio contra a ilusão de autossuficiência humana.

Para o crítico, a literatura é arte. E enquanto arte seria um processo dentro do universo humano de diminuir o caos, pois “nos ajuda a viver melhor” (TODOROV, 2009, p. 94). Essa contribuição existencial dá-se pela condição de instigar o leitor a ter mais liberdade e proatividade, através da interpretação que ela permite, dando “forma ao informe”. E por meio da educação que oferece, identificarmos o lado não revelado das intenções e pessoas, permitindo-nos essa compreensão da “condição humana”. Referimo-nos a essa condicionalidade como o objeto da literatura, pois a pessoa que tem acesso à obra literária e a lê, compreendendo-a, tornar-se-á um exímio conhecedor do ser humano.

Nessa perspectiva, o autor incube-nos a missão de propagar, usando uma metodologia que seja pertinente ao estabelecimento e continuidade do contato, prazeroso e eficaz, com esse vasto mundo de conhecimento intelectual e humano: “A nós, adultos, nos cabe transmitir às novas gerações essa herança frágil, essas palavras que ajudam a viver melhor”. (TODOROV, 2009, p. 94).

Antoine Compagnon (1950) escreveu vários e importantes livros sobre teoria, história e crítica de literatura. Muitos deles foram publicados no Brasil e estudados no meio acadêmico. Em *Literatura para quê?*, o autor apresenta uma discussão sobre a pertinência da literatura para a vida humana. Tendo como ponto de partida a literatura francesa, cujos estudos naquele país dividem-se em duas vertentes, a teórica, a qual intenciona aplicar ideias clássicas consagradas (retórica e poética), e a histórica, que analisa a conjuntura da época e o contexto social (história literária e filologia). Ele observa que essas vertentes se alternam na França, desde o século XIX. A partir daí, apresenta seu ponto de vista sobre os estudos literários:

Sem desconhecer a tensão secular entre criação e história, entre texto e contexto ou entre autor e leitor, por minha vez proporei aqui sua conjunção, indispensável ao bem-estar do estudo literário [...] sempre resisti a esses dilemas impostos e recusei as exclusões mútuas que pareciam fatais à maior parte de meus contemporâneos. O estudo literário deve e pode consertar a fratura da forma e do sentido, a inimizada factícia da poética e das humanidades. (COMPAGNON, 2009, p. 18).

O crítico conhece a oposição, que perdura por mais de cem anos, dessas tradições literárias. Reconhece a importância que cada uma delas possui para a verdadeira efetivação dos estudos literários. Mantém-se firme diante do impasse, sem descartar as ideias que apresentam, pois entende que essa exclusão prejudicava os escritores de sua época, bem como o estudo da literatura, o qual

seria o caminho para reconstituir a ruptura existente entre forma e sentido. Ruptura considerada por ele a causa da desavença entre a “poética” e a humanidade.

Na discussão acerca do ensino da literatura no contexto francês, o crítico abre uma sequência de questionamento que também serve para fundamentar nossa reflexão acerca do ensino da literatura, no contexto educacional brasileiro. Ele indaga:

Quais valores a literatura pode criar e transmitir para o mundo atual? Que lugar deve ser o seu no espaço público? Ela é útil para a vida? Por que defender a sua presença na escola? Uma reflexão sobre os usos e poder da literatura é urgente!. (COMPAGNON, 2009, p. 20).

Ele convida para essa consideração de como utilizar a literatura e quais poderes ela possui, questiona-se e nos leva a refletir também sobre a capacidade de apenas a literatura nos oferecer determinadas coisas. Se ela é indispensável ou é insubstituível. Embora reconhecendo a perda do espaço da literatura neste século XXI, dentre tantas opções modernas, “a aceleração digital fragmenta tempo disponível para os livros” (COMPAGNON, 2009, p. 21), ele admite que a modernidade teve uma forte influência no distanciamento do público leitor com as obras. No entanto, afirma que, constantemente, a leitura deve ser defendida, não apenas a leitura fluente que dignifica o homem, mas também a que permite o saber, do culto, que capacita o profissional letrado.

No conjunto da discussão apresentada pelo autor, a literatura é vista como um exercício de conhecimento, conforme se percebe na seguinte passagem:

Exercício de reflexão e experiência de escrita, a literatura responde a um projeto de conhecimento do homem e do mundo. Um ensaio de Montaigne, uma tragédia de Racine, um poema de Baudelaire, o romance de Proust nos ensinam mais sobre a vida que longos tratados científicos. (COMPAGNON, 2009, p. 26).

A escrita literária permite a expansão do intelecto da pessoa, desenvolvendo nela a capacidade de ver as coisas sob um novo ângulo, com mais criticidade. A prática da vivência com o texto literário favorece autonomia. E, na medida em que esse indivíduo vai adquirindo mais independência e percepção, permite interrogar-se, descobrindo-se e aprofundando o conhecimento sobre si mesmo e sobre o mundo. A literatura nos dá uma forma de conhecimento singular diferente do que encontramos nos compêndios científicos, porque ela fornece atualizações de nós mesmos e nos permite assumir novas posturas pessoais.

Sendo assim, para o autor, a literatura cumpre a função de ser uma poderosa e atenta intermediadora na promoção do conhecimento, nos entrelaçamentos de diferentes saberes, pela informação que articula e pelos deslocamentos humanos que oportuniza, conforme o crítico afirma nesse trecho:

Fonte de inspiração, a literatura auxilia no desenvolvimento de nossa personalidade ou em nossa 'educação sentimental', como as leituras devotas o faziam para nossos ancestrais. Ela permite acessar uma experiência sensível e um conhecimento moral que seria difícil, até mesmo impossível, de se adquirir nos tratados dos filósofos. Ela contribui, portanto, de maneira insubstituível tanto para a ética prática como para a ética especulativa. (COMPAGNON, 2009, p. 46).

A leitura literária torna-se para nós o caminho imprescindível, por alavancar a formação da nossa personalidade e permitir, por meio de experiências exclusivas, a ampliação do nosso repertório intelectual, educando-nos com valores ético-morais. E, por tamanhas responsabilidade e importância, ela deve ser reconhecida, como esse viés que nos liberta da visão unilateral de analisar a vida. Posto que é a resistência sutil, o poder capaz de emancipar e conduzir o indivíduo para novos caminhos e novos mundos, que é reconhecer a dimensão utópica da literatura.

Seríamos e viveríamos melhor em consequência do contato com um discurso que nos desautomatiza quando se liga diretamente ao nosso lado emocional, alcançando o mais profundo das nossas vivências. Uma linguagem que nos ensina a perceber os limites das nossas sensações, desfazendo as certezas e apresentando-nos novas possibilidades. Evolução adquirida pelo contato com os textos literários no processo de transmissão de ensinamentos, já que estes educam sobre a vida e a partir dela.

Para Compagnon, "A literatura é um exercício do pensamento; a leitura, uma experimentação dos possíveis" (2009, p. 52), a concernência da literatura não está apenas associada ao prazer, ao lúdico, mas também ao conhecimento que proporciona. Ela é o elo que forma um fluxo entre escola, língua e sociedade, no contexto da educação, possibilitando distinguir e partilhar diferentes dimensões da experiência humana, dos imaginários de outras nações e de outros tempos, mesmo sem nunca tê-los experienciado.

Equivalente perspectiva encontra-se no pensamento de Antonio Candido, no ensaio *O direito à literatura*, na medida em que este também concebe a obra literária

como um componente estético capaz de nos fazer compreender melhor o mundo, o outro e a nós mesmos:

Quer percebamos claramente ou não, o caráter da coisa organizada da obra literária torna-se um fator que nos deixa mais capazes de ordenar a nossa própria mente e sentimentos; e, em consequência, mais capazes de organizar a visão que temos do mundo. (CANDIDO, 2004, p. 178).

Nessa perspectiva de educar, de ampliar as capacidades, de melhorar os valores e sentimentos humanos, de crescer a percepção do que está a nossa volta, sem interferência de discursos tendenciosos, a obra literária é uma aliada. Numa sociedade em que as desigualdades sociais e econômicas são marcas normativas, poderia ela, enquanto ferramenta condutora de conhecimento, auxiliar na modificação de pessoas, de vidas, de sociedade, por meio da instrução que nos proporciona.

Vivemos num mundo marcado pelo individualismo e pela negação da coletividade, cuja ordem social e humana está submetida a um sistema que visa calar as singularidades. O espaço literário surge, em contraponto ao discurso comum à uniformidade das ideologias, pressupondo relações livres. Não confirma o consenso em torno da especificidade do sujeito, mas mostra que toda ação humana é produto de um conjunto de pessoas. Sós, nós não nascemos, não caminhamos, não vivemos. A literatura não se constitui em homogeneidade, a arte extrapola a capacidade linguística quando assume um compromisso com a palavra condutora do exercício de reflexão, desconstruindo modelos e apresentando realidades antagônicas para o leitor, compreender, se desejar.

Diante desse modelo excludente, onde existe um abismo entre as pessoas e os produtos eruditos, como afirma Candido (2004), a literatura, embora não valorizada no que se refere às contribuições que promove, atua como um subsídio para minimizar esse abismo intelectual e estabelecer uma nova forma de convivência, pautada pelo respeito e pela inclusão. Funcionando, inclusive, como elemento de equilíbrio para a formação desta tão desejada sociedade mais justa e igualitária. O instrumento de linguagem que viabiliza esse equilíbrio social pelas contribuições advindas das ligações existentes entre as obras literárias com o mundo verdadeiro e com a vida da atualidade. Numa interação de mutualidade e sintonia crucial para as experiências humanas, ela é o espaço de liberdade capaz de nos livrar das forças alienadoras da ordem imposta pela sociedade dominante. E

permite nos preparar para o enfrentamento desse mundo globalizado pela informação e deslocamentos superficiais de pessoas. A literatura é um bem patrimonial que pode significar e fazer muito por nós.

Nessa esfera, o autor aprofunda a classificação na distinção de bens compressíveis e incompressíveis. Para os quais ele acrescenta, compressíveis são os cosméticos, os acessórios, as roupas em excesso, as coisas supérfluas. Já os incompressíveis, que não podem ser negados a ninguém da humanidade, como por exemplo, a casa, a roupa, a água, a alimentação, a saúde, a instrução, a liberdade, entre outros: “São bens incompressíveis certamente a alimentação, a moradia, o vestuário, a instrução, a saúde, a liberdade individual, o amparo da justiça pública, a resistência à opressão etc”. (CANDIDO, 2004, p. 174).

A esses bens, ele sobrepõe a arte e a literatura, como também indispensáveis à humanidade. Se não tivermos acesso à literatura e à arte, pagaremos um alto preço, o da atrofia humana. A arte, nesse sentido, deve que ser um direito. Sabemos que há quem não goste de literatura, mas a vivência pela força do imaginário, pela capacidade de sonhar com novas possibilidades, como assegura Candido (2004): “Assim como todos sonham todas as noites, ninguém é capaz de passar vinte e quatro horas do dia sem alguns momentos de entrega ao universo fabuloso”. Essa vivência se dá através daquilo que a literatura traz por meio da fantasia, a idealização, próprias da arte, da ficção, de modo que nós também fazemos uso do expediente da fantasia para construirmos o amanhã, espécie de aposta no sonho de nossos mundos possíveis.

A fantasia é o ingrediente da arte e da vida. Esse poder fabulatório não é próprio da literatura, tem uma função mais ampla, no entanto, ele é uma característica do universo literário. E o poder de criar, ficcional ou poeticamente, estaria, segundo o escritor, presente em todas as pessoas, independentemente de categoria intelectual, do analfabeto ao erudito, nas variadas situações de contato com as anedotas, os causos, noticiário policial, canções populares, modas de viola e repentes, entre outros.

Nessa veia, enquanto bem incompressível, fundamental à vida humana, o crítico percebe a obra literária como ferramenta que, além de propiciar a elevação do nível cultural, é indispensável à humanização das pessoas, pois ela politiza, ao tempo em que devolve o senso de humanidade, favorecendo assim a formação integral desses indivíduos. Um instrumento de mudança que pode por fim à prática

de atos que desumanizam, uma vez que integra o desenvolvimento cognitivo ao afetivo e faz do homem, não apenas um ser que pensa, mas, principalmente, um ser que sente. A obra literária é antes de tudo um objeto construído que possui um elevado poder de humanizar: “[...] ela é fator indispensável de humanização e, sendo assim, confirma o homem na sua humanidade [...]” (CANDIDO, 2004, p. 175) e nos dá uma “cota de humanidade”.

Próximo aos pensamentos de Compagnon (2009) e Antonio Candido (2004), Rildo Cosson (2014) confirma o poder de humanização que a literatura possui em sua função de edificar e restaurar a palavra que nos humaniza, pois, talvez, seja a literatura, de acordo com a afirmação anterior de Candido (2004), um caminho para o equilíbrio social. Dessa forma, ela tem um importante papel para cumprir no ambiente da escola, além de transmitir conhecimentos e proporcionar reflexão, o de ser responsável pela melhoria do outro enquanto um ser mais humano, atento às diferentes situações que exigirão essa cota de humanidade.

Cosson (2014) afirma que na convivência com a literatura podemos ser diferentes, podemos viver a experiência de outros, ultrapassar os limites impostos pelo tempo e pela distância das experiências que possuímos e continuar, no entanto, sendo nós mesmos:

Na leitura do texto literário encontramos o senso de nós mesmos e da comunidade a que pertencemos. A literatura nos diz o que somos e nos incentiva a desejar e a expressar o mundo por nós mesmos. E isso se dá porque a literatura é uma experiência a ser realizada. É mais que um conhecimento a ser reelaborado, ela é a incorporação do outro em mim sem renúncia da minha própria identidade. (COSSON, 2014, p. 17).

Percebe-se, nesse caso, o importante papel da literatura na formação humana, no que concerne à compreensão da própria existência e de sua capacidade de refletir e agir por meio da expressão do próprio pensamento. Em tal concepção, a literatura torna as pessoas aptas à interação vital, para a partilha das diferenças, para o respeito com o semelhante e consigo mesmo.

Se pensarmos nessa perspectiva, o texto literário traduz essa noção do senso de nós mesmos e da associação do outro em nós. Como podemos observar no poema *Pescaria*, de José Paulo Paes, analisado mais adiante, cujo título remete-nos a uma ação comum e corriqueira de pescadores. Devemos pensar na condição do pescador, do homem simples, de um cotidiano de pobreza que ganha visibilidade no texto poético. Pensado assim, o poema estaria trazendo essa experiência com o

outro, ultrapassando os limites com o tempo, porque é de sempre. Sentir a experiência do outro é também situar-se numa “palavra” que humaniza. Vejamos:

PESCARIA

Um homem
 que se preocupava demais
 com coisas sem importância
 acabou ficando com a cabeça cheia de minhocas.
 Um amigo lhe deu então a ideia
 de usar as minhocas
 numa pescaria
 para se distrair das preocupações.
 O homem se distraiu tanto
 pescando
 que sua cabeça ficou leve
 como um balão
 e foi subindo pelo ar
 até sumir nas nuvens.
 Onde será que foi parar?
 Não sei
 nem quero me preocupar com isso.
 Vou mais é pescar.
 (PAES, 1990).

Paes constrói cuidadosamente o poema utilizando-se de recursos linguísticos para reconstituir sentidos perdidos como o uso da expressão “cabeça cheia de minhocas”, a qual ele atualiza, atribuindo-lhe um novo sentido. Num intuitivo jogo entre as palavras, o autor une o sentido figurado ao sentido literal de modo criativo e compreensivo, considerando e respeitando a capacidade de interpretar e se emocionar do leitor para alcançar efeitos surpreendentes na utilização de fatos corriqueiros. Sem desrespeitar a língua, utiliza-a com liberdade, para apresentar e modificar os aspectos da vida do homem, no caso, do pescador.

A escrita do poema apresenta-se em forma de narrativa breve que relata uma situação vivida por humanos e animais. Apresenta em sua temática a dicotomia entre o homem urbano e o homem integrado à natureza. Aquele voltado para as preocupações das coisas supérfluas, que lhe enchiam a cabeça e este em contato com o prazer que a paz de uma pescaria pode devolver, a leveza trazida pela proximidade com os elementos naturais. O poeta comprova a relevância da ação de pescar para a retomada da tranquilidade e nos aproxima da verdade contida na máxima popular atual: “Está estressado? Vá pescar!”, a qual associa a pescaria a instantes de delicada concentração e devolução da paz de espírito: “que sua cabeça ficou leve” / “como um balão” / “e foi subindo pelo ar” / “até sumir nas nuvens”.

Alguns elementos nos conduzem e ratificam a afirmação da escrita do poema em forma de narrativa, como, por exemplo, a presença do eu poético nos três últimos versos: “Não sei / nem quero me preocupar com isso. / Vou mais é pescar”. Nesses versos, apesar desse eu poético reafirmar uma mensagem absorvida e executada imediatamente, observamos que nos referidos versos encontra-se a possibilidade de transportar “a experiência de um homem para outros”.³

Composto por versos livres, num ritmo que se apoia em pares de vocábulos que se opõem, como por exemplo, “preocupava”, “distrair”, ou ainda os que são do mesmo campo semântico “preocupava”, “preocupações”; “pescaria”, “pescando”; “distrair”, “distrain” e, ainda, da proximidade dos sons nasalizados que, associados à forma verbal do gerúndio, acentuam a ideia de encadeamento e ação contínua “ficando”, “então”, “tanto”, “pescando”, “subindo”, “onde”.⁴ Há uma sucessiva locomoção entre elementos que constituem a poesia de Paes, próprio dos textos poéticos da modernidade, o concreto/imediato: “que se preocupava demais” / “acabou ficando com a cabeça cheia de minhocas” / “O homem se distraiu tanto” / “pescando” e o abstrato/distante: “de usar as minhocas” / “numa pescaria” / “que sua cabeça ficou leve” / “como um balão” / “e foi subindo pelo ar” / “até sumir nas nuvens”.

O poema de José Paulo Paes busca a si mesmo, na medida em que pode ser pensado como um exercício de metalinguagem. Trata-se da ideia mesmo do “pescar” incessantemente a palavra, e uma busca pelo conhecimento e pela “alma das coisas”, articulando-se a outras áreas do saber. Oportuniza o conhecimento a que se refere Adélia Prado, no “Poder humanizador da poesia”, de nos humanizar, porque a poesia “nos induz à intimidade, à alma das coisas, à nossa própria intimidade e é por isso que ela nos comove; porque mexe”.

Na medida em que o texto poético nos apresenta com mais profundidade as verdades dos fatos e nos envolve, ele nos conduz a um entendimento diferente. Nessa direção, o poema comporta que os alunos compreendam e valorizem situações antes despercebidas, como a figura de um pescador, que na sua ação

³ GEBARA, Ana Elvira Luciano. **A poesia na escola: leitura e análise de poesia para crianças**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2012.

⁴ Ibid., **A poesia na escola: leitura e análise de poesia para crianças**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2012.

cotidiana não possui uma representação social muito significativa. No entanto, o texto poético consente que os educandos reconheçam nesse pescador a mesma relevância que percebem nas demais pessoas, concebendo-o como um ser dotado de singularidades. Essa é a máxima da poesia, como diria Bosi (2013), perceber que as pessoas mais simples vão se formando e se tornando gente. Esses alunos, por intermédio da linguagem literária, ampliam a própria compreensão acerca do seu semelhante e de si mesmo, tornando-se pessoas mais sensíveis e mais perspicazes também.

A linguagem literária habilita-nos a essa maestria, a essa competência, permitindo que tudo aconteça, que se viva o mundo de uma maneira única, o que talvez nenhuma outra forma de conhecimento comporte. E a literatura como essa linguagem, o espaço das verdades múltiplas, que nos induz à reflexão e à luta contra a verdade última, a qual é imposta como pronta e acabada. Dessa forma, ela provoca em nós novos sentimentos necessários à criação “do senso de nós mesmos” e de nossa responsabilidade na relação com o outro, com a vida, com a natureza. O contato com esse suporte, que facilita minimizar as diferenças e intensificar a capacidade de enxergar o outro com um olhar mais sensível à sua necessidade, integra a nossa condição humana. Aponta para que ajamos a partir de nós mesmos, em função do outro, em função de um mundo realmente coletivizado e humano.

Tudo isso concorre para compreendermos, via literatura, um mundo de liberdade, onde se pode sonhar e expressar nossos desejos mais íntimos, porque a literatura é ilimitada na apreensão da vida. Essa é a sua grandeza, o que a faz tão especial e tão diferente, única, comparada à qualquer outra ação desempenhada pelo indivíduo: “A prática da literatura, seja pela leitura, seja pela escritura, consiste exatamente em uma exploração das potencialidades da linguagem⁵, da palavra e da escrita, que não tem paralelo em outra atividade humana”. (COSSON, 2014, p. 16). Observamos que no jogo de aliteração e de assonância, a repetição da consoante bilabial “p”, presente no poema, podemos ainda explorar junto aos estudantes, essa ideia de “potencialidades da linguagem”, o que fazem todos os poetas.

⁵ Embora nossa análise não tenha se detido, especificamente, à exploração da potencialidade da linguagem, vendo as implicações da forma do poema, reconhecemos que o seu componente estético deve ser levado em consideração no ato da leitura. No entanto, em sala de aula, discutimos com os alunos a forma de expressão dos poemas, ou dos meios expressivos adotados (rima, ritmo, sonoridade, assonância, aliteração) pelos poetas.

E esse vivenciar do conjunto de qualidades da linguagem, que possua como base a própria força da literatura e a eficiência que nos permite falar sobre nós e sobre o que vemos, pode nos conduzir muito além das capacidades visíveis que possuímos, enquanto seres dotados de inteligência. Pois, simultaneamente que amplia, ativando o nosso intelecto, também pode nos transformar interiormente, caso contrário, teríamos de aceitar o fracasso da própria linguagem que nos torna pessoas diferentes e, portanto, capazes de experiências que vão além dos cinco sentidos.

A literatura também desempenha um papel específico, pois cabe a ela, de acordo com Cosson (2014, p. 17): “[...] tornar o mundo compreensível transformando a sua materialidade em palavras de cores, odores, sabores e formas intensamente humanas [...]”. Assim, a vastidão linguística literária, por meio de associações, conduz as pessoas a estabelecerem relações com o que sentem, com o que são e com aquilo que as circundam. Nesse ato de relacionar o que se aprende, somado ao conhecimento que já se possui, vão se consolidando novos saberes, novas percepções, novas experiências, novos seres. Logo, é extremamente importante que o trabalho docente seja pautado pelas contribuições que a literatura oferece na ampliação das competências e favorecimento do letramento literário dos educandos.

No tocante ao letramento literário, esse autor referencia os estudos de Magda Soares (apud COSSON, 2014, p. 11), compreende que esse procedimento está além de apenas adquirir a habilidade para ler e escrever, conforme se concebe atualmente no processo de alfabetização. O letramento literário visa mais que isso, favorece o aluno no convívio com a leitura e escrita literária, transformando essa atividade numa vivência cotidiana. Objetiva que o estudante se apodere da escrita para utilizá-la durante o exercício das suas práticas sociais. Uma proposta que se constrói na sala de aula e que intenciona efetivar, com mais clareza, o trabalho com os textos literários, ou seja, a escolarização eficaz da literatura.

A Legislação vigente propõe como estudo, para os Ensinos Fundamental e Médio, o paradigma dos estilos de época e o livro didático propõe a historicidade da literatura. Diante desse paradigma de faces distintas, ensinar a história da literatura e não ensinar literatura, atualmente, nas escolas, ensina-se a ler como estilo de época: “[...] a literatura só se mantém na escola por força da tradição e da inércia curricular, uma vez que a educação literária é um produto do século XIX que já não tem razão de ser do século XXI” (COSSON, 2014, p. 20). No Ensino Fundamental I

o paradigma utilizado é voltado para a educação do texto literário, cujo objetivo é fazer a criança apenas ler mesmo. No Fundamental II, de acordo com esse crítico, a época em que pouco se privilegia o ensino da literatura, é momento em que se manda o aluno ler ou estudar simplesmente a leitura, a função do texto:

Tem sido assim com o ensino de literatura nas nossas escolas, que, no ensino fundamental, tem a função de sustentar a formação do leitor e, no ensino médio, integra esse leitor à cultura brasileira, constituindo-se em currículos, uma disciplina à parte da Língua Portuguesa. (COSSON, 2014, p. 20).

Não há coerência estabelecida ao ensinar literatura que seja diferente do tradicional. No ensino fundamental, ela é apenas o suporte na tentativa de se fazer do aluno um leitor. Já para o ensino médio, ela tem a função de aproximar culturalmente esse aluno do contexto brasileiro, ou seja, a história cronológica da literatura no Brasil. São objetivos distintos em diferentes níveis de ensino, que marcam a desconexão no entendimento do que seria literatura. Talvez uma consequência da própria divisão que se estabelece para ela, de acordo com a faixa etária do leitor: a literatura infanto-juvenil e a “outra” literatura adulta, cria-se aí uma lacuna que dificulta a compreensão de que, no processo de formação do leitor, ela já está fazendo parte da vida do estudante. É necessário, então que nós professores estejamos atentos para vencer o programa conteudístico do ensino de literatura e possamos dispensar ao aluno a experiência de leitura que possa ser compartilhada. Para isso, há várias outras propostas para o ensino de literatura, mas o problema é que não se consegue se estabelecer uma como paradigma. Para o autor, elas possuem coerência e terminam sendo usadas desde a educação infantil até o ensino médio: “o certo é que a literatura não está sendo ensinada para garantir a função essencial de construir e reconstruir a palavra que nos humaniza”. (COSSON, 2014, p. 23). As aulas de literatura resumem-se a uma visão conteudística do ensino, para trazer ao aluno um mero conhecimento literário e uma experiência de leitura compartilhada, conforme esse escritor descreve de modo específico, as do ensino médio, a partir da pesquisa realizada:

São aulas essencialmente informativas nas quais abundam dados sobre autores, características de escolas e obras, em uma organização tão impecável quanto incompreensível aos alunos. Raras são as oportunidades de leitura de um texto integral, e, quando isso acontece, segue-se o roteiro do ensino fundamental, com preferência para o resumo e os debates, sendo que esses são comentários assistemáticos sobre o texto, chegando até a

extrapolar para discutir situações tematicamente relacionadas. (COSSON, 2014, p. 22-23).

Embora sejam aulas bem organizadas num planejamento impecável, elas priorizam uma gama de informações sobre as obras, seus escritores e a estética à qual pertence cada livro/autor. Momentos nos quais se priorizam as discursões de temáticas e de reescrita de textos, no entanto não oportunizam aos alunos o contato com a obra na íntegra. E Cosson (2014, p. 23) reafirma que o ensino continua aquém da função real da literatura, enquanto transformadora de vidas: “[...] o certo é que a literatura não está sendo ensinada para garantir a função essencial de construir e reconstruir a palavra que nos humaniza”. Na tentativa de construir e intensificar esse outro lado, um novo paradigma do ensino da literatura, ele propõe em sua obra, *Letramento literário*, um modelo para o ensino da literatura: letramento literário ou estudo experiencial. Não como um elemento revolucionador, que pretenda estabelecer uma referência teórica ou metodológica, mas uma maneira de se trabalhar a literatura por meio da “roda” de leitura.

Para garantirmos que a literatura cumpra essa função, como afirma esse crítico, de transformar pessoas e vida, temos que reavaliar a nossa prática pedagógica, redirecionando-a a essa necessidade. Nessa compreensão, o exercício de leitura literária em sala de aula, que utilizamos, procurou garantir aos alunos a função de construção e reconstrução do discurso que nos faz ser mais tolerantes com o outro. Antes das atividades relacionadas ao processo intervencionista, priorizamos a leitura deleite⁶, como atividade com o texto, associada à “roda” de conversas. Esse momento de inserção da leitura tornou-se uma prática de atividade realizada pelos alunos, sem objetivos didático-pedagógicos ou a obrigatoriedade de trabalhar em aula o que foi lido. Com a utilização dessa estratégia formativa, elegemos esse o contato com a obra e com a leitura como possibilidade de edificação da individualidade ativa e interação dos educandos com o texto Paesiano. Assim, a nossa proposta com essa atividade tornou-se uma recorrência durante as nossas aulas dedicadas ao trabalho com o texto literário, procurando garantir aos estudantes o seu refinamento pessoal e intelectual, como por exemplo, durante o

⁶ LOVATO, Regilane Gava; MACIEL, Francisca Izabel Pereira. Leitura deleite como espaço de incentivo à leitura e construção do conhecimento. **Revista Brasileira de Alfabetização – ABAlf**. Vitória, n.3, p. 74-89, jul. 2016. Disponível em: <<http://abalf.org.br/revistaeletronica/index.php/rabalf>>. Acesso em: 18 out. 2018.

contato com o poema *Sem barra*, do livro *Olha o bicho*, de José Paulo Paes⁷ (2011, p. 3):

Sem barra

Enquanto a formiga
carrega a comida
para o formigueiro,
a cigarra canta
canta o dia inteiro.

A formiga é só trabalho.
A cigarra é só cantiga.

Mas sem a cantiga
da cigarra
que distrai da fadiga,
seria uma barra
o trabalho da formiga
(PAES, 2011).

José Paulo Paes estabelece por meio desse poema um diálogo intertextual coma fábula *A cigarra e a formiga boa*, de Monteiro Lobato⁸, na qual o exemplo de Lobato, em contraponto com a fábula de Esopo, refere-se à importância da subjetividade para suavização da vida e das pessoas. No poema, Paes segue a mesma abordagem temática que é a do trabalho, entretanto interligada à da natureza, já que os elementos que o constituem são animais que integram o mundo natural. O poeta usa também o tom narrativo peculiar da fábula, embora não intencione passar lições moralizantes, como ele mesmo afirma: “Com Monteiro Lobato aprendi que é pelo riso, não pela lição de moral que se chega ao coração das crianças” Paes (apud RIBEIRO, 1998, p. 28). Ele opta pelo jogo de significados, apresentando duas realidades, através da comparação não usual, da realidade humana, invertendo como Monteiro Lobato a lição de moral da fábula de Esopo.

Os dois bichos, a formiga e a cigarra, protagonizam a cena que se caracteriza pelo diálogo intenso com a imagem, outro recurso na produção das poesias mirins do poeta. A personificação dos animais realça comportamentos quase sempre

⁷ O capítulo seguinte compreende a análise de dois poemas de José Paulo Paes: *Raridade* e *Paraíso*, dos livros *Olha o bicho* e *Poemas para brincar*. Entretanto, chamamos a atenção para o fato de que os outros poemas dos dois livros, no tocante à natureza, foram trabalhados com os alunos em sala de aula, como espaços para uma ligação dialógica e aberta, possibilitando a percepção dos processos linguísticos e ampliação do repertório do leitor em relação à língua e à leitura.

⁸ LOBATO, Monteiro. **Fábulas**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

estereotipados, a formiga como sinônimo de trabalho e a cigarra como referência da boa vida: “A formiga é só trabalho” / “A cigarra é só cantiga”. Porém, o poeta quebra essa estereotipação psicológica arraigada e apresenta a importância do talento da cigarra, anteriormente excluída pela característica de preguiçosa. Dando uma nova roupagem a ação deste animal, como percebemos nos versos: “Mas sem a cantiga” / “da cigarra” / “que distrai da fadiga” / “seria uma barra” / “o trabalho da formiga”.

A partir da leitura desse poema em sala, das discussões informais e livres que realizamos juntamente com os alunos, em roda de diálogo, acreditamos nos ensinamentos que a poesia pôde lhes proporcionar. No sentido de direcionarem um olhar mais crítico às pessoas que são por nós ridicularizadas, vistas como desprovidas de autenticidade, por não estarem adequadas a uma padronização imposta pelo meio social, como enfatiza Hamburger (2007, p. 423): “[...] a poesia continuou a relacionar o mundo interior com o exterior; e esse é um modo pelo qual ela pode ajudar o homem a ser humano”.

O trabalho com os poemas de José Paulo Paes foi incorporado à experiência estética literária, como a soma da percepção/apreensão inicial de uma criação literária e das muitas reações emocionais, intelectuais ou outras suscitadas nos educandos. Isso contribui para a eficácia do ensino na formação deles, enquanto leitores de poemas, porque, em contato com o texto, muitos saberes podem ser acionados. Saberes que estão relacionados à percepção de problemas sociais; sobre ações desumanas que perduraram em determinados momentos históricos, por exemplo, a degradação da natureza; sobre as dores; os medos do futuro, da solidão, da morte, enfim de inúmeras outras coisas. Tudo isso dito nos poemas, uma vez que, como assegura Hamburger (2007, p. 55): “[...] o objetivo do poeta é dizer as verdades – as verdades que escapam aos limites da fala discursiva”, e alcançam nosso intelecto, reconfigurando o nosso inconsciente. Nessa linha, o trabalho artístico do poeta tem o compromisso de nos fazer perceber as possíveis verdades que estão para além da sua obra, em razão de a poesia ser a arte, parafraseando Adélia Prado, que não aliena nem retira da realidade, mas provoca o leitor a percebê-la melhor.

A poesia configura-se, dessa forma, como uma ampla ferramenta de educação de nossa sensibilidade. Uma educação que pode começar na escola, sem ficar restrita a ela, e nos acompanhar por toda a nossa vida, pois a magia da palavra poetizada nos alcança e enlarga a alma, “ressignificando, reencantando”. (BOSI,

2013). Nesse caso a poesia restitui a humanidade ao próprio homem. Em outras palavras, ela é capaz de fazer habitar um sentido em nós que havia sido perdido. Então, restaura-nos em nossa própria plenitude. Se restaura, está nos dando a plenitude do ser e permitindo “que cada um responda melhor à sua vocação de ser humano”, como assegura Todorov (2009, p. 24).

A inspiração poética permite a recuperação de experiências anteriores e mesmo a incorporação das que são simultâneas. Esse instrumento nos ajuda a executar as nossas atitudes com mais sabedoria e delicadeza. Pelo contato com esse texto, quando é experienciado enquanto literatura, que ela passa a existir no objeto. É a experiência de leitura literária que faz o texto ser literário. Seria impossível ler um texto literário, literariamente, sem participar dele. E esse viver, segundo o autor, faz a literatura ser um mundo da liberdade:

Ler implica troca de sentidos não só entre o escritor e o leitor, mas também com a sociedade onde ambos estão localizados, pois os sentidos são resultado de compartilhamentos de visões de mundo entre os homens no tempo e no espaço. (COSSON, 2014, p. 27).

A literatura seria literatura, a partir da leitura literária, dessa ação de partilha entre objeto e leitor. O aprendizado obtido através da vivência, dos sentidos que se concretizaram. Ela não depende do texto escrito para ser, já que ela própria existia antes da escrita, pois a palavra evidencia isso. A literatura vivenciada pela criança começa na poesia da cantiga de ninar. Antes de se ter acesso ao mundo da escrita, já se tem acesso à literatura, ao poético, ao mundo mágico e fabuloso, visto através das lendas, dos contos de fadas, da oralidade advinda na poesia de cordel, por exemplo.

A experiência literária é um espaço de liberdade, já que a literatura é mais que língua, é a materialização da imagem e do movimento do mundo em linguagem, capaz de nos dar a vida sob novo direcionamento. Com essa linguagem abstrata, tudo se torna possível e permite que o mundo seja visto de uma forma única e particular. Essa experiência, esse viver com o texto literário faz com que o mundo da literatura seja de liberdade.

No entendimento de Cosson (2014), a literatura começa antes do mundo da escrita e vai além, pois participa de outros discursos. Aqui, Barthes (1977) diria que a literatura é uma mistura de saberes. Ela, enquanto repertório, é responsável pela formação do leitor literário, cuja competência está sob a responsabilidade da escola.

Segundo esse crítico, há uma confusão no que se refere à formação do leitor e do leitor literário. A formação do leitor não é tarefa da literatura nem da Língua Portuguesa, mas da escola. Ensinar a ler não é tarefa de uma disciplina isolada, mas de todas, porque é uma atribuição da instituição escolar.

O ensino de literatura que consiste na formação do leitor literário na escola é para que o aluno tenha um repertório. O que é possível de alcançar, quando se fornece essa coletânea para ele. Não apenas conhecer a antologia de vários textos, e sim para conhecer a linguagem literária, o repertório dessa linguagem. Saber conhecer os textos que são chamados literários, saber como usá-los, manipulá-los, escolher entre eles e conduzi-los. Conhecer ainda os códigos e os modos de ler que existem dentro do campo literário.

Para que o aluno alcance a competência literária, de ler livros literariamente, é necessário que ele tenha acesso a esse acervo, já que os textos literários não podem ser lidos como se fossem uma matéria jornalística, de forma literal. Assim, segundo o autor, o papel da escrita é o desenvolvimento dessa competência literária para capacitar a pessoa a ler literatura de uma maneira muito simples. Porque o leitor que não lê literatura não consegue ler bem o texto literário e o que lê os textos literários consegue ler bem qualquer texto. Portanto, quando a pessoa se transforma nesse leitor literário, ela vira um leitor pleno, porque o letramento literário não é apenas um processo que se faz com o texto literário, mas é um letramento que dá domínio sobre a linguagem, ou seja, lendo literariamente, ele passa a ser um sujeito dentro do campo literário e isso faz a diferença.

É, então, tarefa de todas as disciplinas fornecerem esse repertório linguístico-cultural para o aluno, apresentar-lhe os códigos e os modos de ler dentro da literatura. Para que esse estudante desenvolva a competência literária, ele deve ter acesso a uma seleção de textos plurais e significativos, em quantidades diversas e de diferentes tipos. A fim de que esse acesso lhe permita desenvolver a sua capacidade de ler literariamente, de ser esse leitor literário, um leitor pleno:

Em suma, se quisermos formar leitores capazes de experienciar toda a força humanizadora da literatura, não basta apenas ler. Até porque, ao contrário do que acreditam os defensores da leitura simples, não existe tal coisa. [...] é justamente para ir além da simples leitura que o letramento literário é fundamental no processo educativo. (COSSON, 2014, p. 29-30).

Todo o trabalho da experiência em sala de aula, como comunidades de leitura, tem que gerar a vivência da leitura. Uma apreciação que contemple as

vertentes responsiva e interpretativa. Responsiva, no que se refere às respostas que devem ser dadas a toda leitura. Aquelas que o aluno saiba responder, podem ser variadas, mas concretas que discutam a obra que foi lida. E enquanto prática interpretativa, pois toda leitura começa com uma pré-leitura seguida de releituras para a compreensão, a interpretação do texto lido. Assim, é extremamente importante que o trabalho docente seja pautado pelas contribuições que a obra literária oferece ao docente como um importante instrumento capaz de possibilitar a ampliação de competências linguísticas e cognitivas, sendo, portanto, uma ferramenta que favorece o letramento literário dos educandos.

A opção pelo texto poético, especificamente o gênero poema, representa um enorme desafio para a devolução dessa cota de humanidade de que tanto se necessita atualmente. É sabido que vivenciamos o tempo em que a estabilidade da poesia embate com um mundo em que a felicidade anda embrulhada em pacotes, de objetos ou drogas. As pessoas estão coisificadas, quando se submetem, desenfreadamente, ao materialismo histórico dos fenômenos da sociedade capitalista⁹, pelas marcas que portam ou objetos que possuem: “Por me ostentar assim, tão orgulhoso / de ser não eu, mas artigo industrial, / peço que meu nome retifiquem. / Já não me convém o título de homem. / Meu nome novo é coisa. / Eu sou a coisa, coisamente”, conforme anuncia o eu lírico do poema *Eu etiqueta* (1982), de Carlos Drummond de Andrade¹⁰.

A velocidade e quantidade de informações, segundo o crítico e historiador literário, Alfredo Bosi, em *A poesia é ainda necessária?*, sufocam e ultrapassam a velocidade natural do tempo, “[...] civilização da imagem que, por sua vez, está cedendo lugar a uma vasta cultura da representação, do espetáculo e do simulacro”. (BOSI, 2013, p. 19). Um mundo em que as imagens representam as pessoas e valem mais que a singeleza da palavra, permeada pelas suas conotações, as quais revelam a beleza da simplicidade e que dão sentido e vida ao que é vazio.

⁹ Embora cientes da problemática sobre a reificação, não houve aprofundamento, pois consideramos essa temática pertinente para estudos futuros.

¹⁰ ANDRADE, Carlos Drummond. Eu etiqueta. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 16-01-1982, Caderno B.

O trabalho com o texto poético é um dos caminhos mais significativos para se encorajar à leitura, sensibilizar, encantar, fazer pensar e dirigir os alunos a adotarem seus próprios pontos de vista. Na esteira da teoria dos demais autores anteriormente citados, Bosi (2013, p. 20) ratifica que “A poesia ainda é a melhor parceira para exprimir o outro e representar o mundo”. Se, como diz o referido crítico, a poesia devolve o que se passa no íntimo do indivíduo e a capacidade de humanamente se tornar melhor, percebendo o outro e o mundo, ela devolve a emocionalidade ao que a máquina social aniquila. Nesse caminho, a nossa atenção voltou-se para a leitura de mais um poema de José Paulo Paes (2011), vislumbrando como alcance o restabelecimento da interação e a ampliação do repertório dos alunos, destacamos o trabalho com o poema *Chatice*, da obra *Olha o bicho* (2011, p. 11):

Chatice

Jacaré,
larga do meu pé
deixa de ser chato!

Se você tem fome,
então vê se come
só o meu sapato,

e larga do meu pé,
e volta pro seu mato,
jacaré!
(PAES, 2011).

O texto não verbal que ilustra esse poema compreende a gravura de um grande jacaré abocanhando um sapato. A utilização desse recurso visual é uma estratégia que contribui sutilmente para uma melhor compreensão do poema, para proporcionar ao leitor melhor interação com o texto, conforme assegura Todorov (2009, p. 78):

Ao dar forma a um objeto, um acontecimento ou um caráter, o escritor não faz a imposição de uma tese, mas incita o leitor a formulá-la: em vez de impor, ele propõe, deixando, portanto, seu leitor livre ao mesmo tempo em que o incita a se tornar mais ativo.

A imagem está disposta verticalmente por toda a página que antecede o texto verbal. Ao olharmos para a imagem na direção de cima para baixo, o nosso ponto de vista vai ao encontro do “locutor do poema”¹¹. Os suportes utilizados podem sugerir

¹¹ GEBARA, Ana Elvira Luciano. **A poesia na escola: leitura e análise de poesia para crianças**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2012.

novas analogias ao leitor: o fato de o jacaré pegar especificamente o sapato e não o pé ou a perna inteira deve-se ao ódio/pavor de serem eles utilizados para a confecção desse objeto ou acessórios utilizados pelos humanos. Será que nesse caso o animal ficaria satisfeito em apenas pegar o sapato ou comer o pé humano? Ou ainda seria uma vingança do animal, a possível mutilação humana?

Paes cria num jogo metafórico o efeito mais evidente do poema que se concentra na transferência do sentido conotativo para o denotativo. Isso acontece pela mudança de sentido figurado para literal da expressão clichê: “Larga do meu pé, Jacaré!”, que significa deixar de aborrecer, de perturbar. Essa denotação ocorre implicitamente nos versos 4, 5 e 6; respectivamente: “Se você tem fome / então vê se come / só o meu sapato” e explicitamente no verso 7: “e larga do meu pé”. O autor usa, em tom de brincadeira, esse bordão para nos alertar sobre a extinção dessa espécie e aguçar os nossos pensamentos sobre o ambiente e os problemas circundantes. Do sexto verso depreendemos a inversão de papéis, o homem que mata o animal, vê-se encurralado por este e lhe oferece o sapato como alimento para saciar a fome do jacaré.

Na parte verbal, o autor constrói o poema em três estrofes, cada uma composta por três versos. Percebemos uma regularidade na distribuição do texto que é refletida no ritmo¹². Essa regularidade rítmica aparece como cúmplice para apontar com mais riqueza a relação entre palavras e ideias. Nos dois primeiros versos, da primeira estrofe “jacaré” rima com “pé”, soa ainda a figura de linguagem assonância, a coincidência sonora das vogais “a” em “jacaré” e em “larga”, como instrumento de apoio que dá ritmo.

A construção do poema desdobra-se numa série de procedimentos que nos possibilitam entender as palavras, frase ou expressão, em ambos os sentidos, literal e figurado, como por exemplo, a prosopopeia. No ângulo conotativo, personificandose, o animal pode estabelecer com o locutor um diálogo. No aspecto denotativo, a atitude instintiva, impensada de o jacaré morder o sapato com muita fome, irracional ou intencionalmente, sem se dar conta dos estragos que a sua mordida pode provocar. Se considerarmos o aspecto literal, o jacaré, animal indefeso diante da

¹² Ibid., A poesia na escola. **Leitura e análise de poesia para crianças**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2012.

predação humana, tem a oportunidade de se colocar como um ser que também possui direito à vida.

Nessa vivência de leitura realizada com os alunos, utilizando o texto *Chatice*, de Paes, destacamos a necessidade da inserção do texto poético na sala de aula, como um elemento essencial para a aproximação de mundos, o mundo poético e o mundo do aluno. O mundo poético como um aliado do aluno no entendimento do que se passa no interior de cada ser, seja ele humano ou animal. Ampliando nesse aluno a sua capacidade de raciocinar, colocar-se no lugar do outro e construir suas opiniões. Assim, esses alunos chegaram à compreensão da importância da preservação da vida animal para manter o equilíbrio da natureza.

Isso porque, “seja monólogo poético ou pela narrativa, a literatura faz viver as experiências singulares...” (TODOROV, 2009, p. 77). A literatura torna-se via norteadora no processo de ampliação e construção de conhecimentos por oportunizar às pessoas a vivência de sentidos e individualidades enriquecedoras para compreensão da vida, bem como por conduzir a própria realização pessoal.

A poesia, parafraseando Bosi (2013), é esse jogo do imaginário em regime de densidade, repleta de tons e modulações do afeto, criada pelo poeta para estimular a reflexão das pessoas sobre a individualização dos sujeitos e dos objetos. Desse ponto de vista, podemos dizer que a poesia cumpre a função social a que se propõe por se tratar de “uma experiência íntima que muitas vezes captamos pelo brilho do olhar do nosso aluno [...]”. (PINHEIRO, 2002, p. 23).

Todorov (2009, p. 77) confirma o poder desse aporte da literatura, enquanto campo de conhecimento, comparando-a a outras ciências: “Como a filosofia e as ciências humanas, a literatura é pensamento e conhecimento do mundo psíquico e social em que vivemos”. Assim, podemos dizer que a literatura é um meio de transmissão de conhecimento tão significativo quanto às contribuições das outras áreas e que entre os saberes há distinções particulares, mas todas elas possuem as suas parcelas de colaboração.

Considerando que o espaço da literatura como texto na sala de aula representa uma necessidade à aprendizagem, que demanda tanto da intermediação do professor, quanto do contato direto com o texto literário, esse autor solicita que o texto literário seja o núcleo do processo educacional, e não continue à margem desse processo. Que o ensino da literatura não fique restringido à análise da disciplina escolar, mas seja direcionado à aproximação da obra, ou seja, ao “estudo

do objeto”, já que pela experiência se formula saberes ímpares. Dessa maneira, é imprescindível que as obras sejam incluídas nesse processo de ensino-aprendizagem, a fim de que se estabeleça a interação dialogal entre os envolvidos no espaço escolar.

2.2 LITERATURA: O CONHECIMENTO DA ASCENSÃO HUMANA

Quanto ao poder que a literatura exerce na vida das pessoas, não apenas cientificamente, mas numa dimensão muito mais ampla, na dimensão humana, para um leitor formado, o pensamento do escritor Tzvetan Todorov (2009) converge com os pensamentos de Compagnon (2009), Antonio Candido (2004) e Rildo Cosson (2014):

A literatura pode muito. Ela pode nos estender a mão quando estamos profundamente deprimidos, nos tornar ainda mais próximos dos outros seres humanos que nos cercam, nos fazer compreender melhor o mundo e nos ajudar a viver. Não que ela seja, antes de tudo, uma técnica de cuidados para com a alma; porém, revelação do mundo, ela pode também em seu percurso, nos transformar a cada um de nós a partir de dentro. (TODOROV, 2009, p. 76).

Em outras palavras, para o autor, a literatura teria o poder de nos reerguer diante dos percalços existenciais, de nos aproximar das pessoas que nos circundam, de alargar e favorecer o entendimento daquilo que somos, de como é o mundo, funcionando como um suporte na melhoria da nossa vida. Não seria ela, nesse sentido, um manual para a condução do nosso espírito, mas um mecanismo que desvelando o mundo é capaz de nos conduzir ao nosso próprio conhecimento, a partir da nossa essência. E nos transportando ao entendimento de quem nós somos, de quem nos cerca, e do espaço que ocupamos, ela nos transforma e permite que tenhamos diferentes atitudes diante das diversas situações, favoráveis ou desfavoráveis, pelas quais teremos que passar. Ajudando-nos, dessa forma, a assumir o controle das nossas ações, a fim de que a vida, a partir desse contato literário, seja menos complicada, mais simples e mais leve.

Na discussão de Candido (2004) e Compagnon (2009), a literatura é vista como um projeto de conhecimento, pelo poder de reflexão que a leitura do texto literário propicia ao indivíduo, também por ser fator de humanização, pelo papel que desempenha na formação cidadã. Mesmo que não tenha como finalidade primeira o ensinamento, “a literatura tem sido um instrumento poderoso de instrução e

educação” (CANDIDO, 2004, p. 175), na medida em que promove, quando transmite valores e faz refletir acerca da vida e a repensar sobre o estabelecido, descortinando ideias e verdades instituídas historicamente:

Quer percebamos claramente ou não, o caráter da coisa organizada da obra literária torna-se um fator que nos deixa mais capazes de ordenar a nossa própria mente e sentimentos; e, em consequência, mais capazes de organizar a visão que temos do mundo. (CANDIDO, 2004, p. 178).

A literatura além de instruir, conduz-nos à organização dos nossos pensamentos, daquilo que sentimos, influenciando diretamente na capacidade crítica que cada um possui. Mesmo havendo ou não consciência dessa ação literária em nós, ela interfere positivamente melhorando a nossa percepção sobre o mundo. A nossa eficiência, nesse sentido, estaria associada à missão da eficácia estética, de acordo com Candido (2004), “A eficácia humana é função da eficácia estética, e, portanto, o que na literatura age como força humanizadora é a própria literatura, ou seja, a capacidade de criar formas pertinentes”.

A humanização que advém do contato com a literatura, no entendimento desse crítico literário:

Entendo aqui por *humanização* (já que tenho falado tanto nela) o processo que confirma no homem aqueles traços que reputamos essenciais, como o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso da beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor. A literatura devolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante. (CANDIDO, 2004, p. 180).

Essa humanização é um processo, que se efetiva pelas ações das pessoas que buscam novos sentidos para suas vidas. Sentidos que podem ser encontrados na aquisição de novas aptidões, como a disponibilidade ao exercício do saber e da reflexão, da humildade, da caridade e do respeito às particularidades alheias, ao ambiente e ao meio em que vive. Essa é a função da literatura de nos humanizar, restituindo-nos com essa quota de humanidade, segundo Candido (2004), por meio de uma formação humanística, possibilitando tornarmo-nos um ser melhor para nós e para o outro. E isso é possível, porque ela liberta-nos do pensamento convencional sobre o contexto que nos cerca, confirmando valores humanos essenciais e despertando sensibilidade, sabedoria, a sintonia com as diversas

emoções, e transformando-nos, conforme as ideias de Compagnon (2009, p. 51), “[...] mais sensíveis e mais sábios, em uma palavra, melhores”.

Sobre os efeitos que a literatura causa em nós, Candido (2004) afirma que a primeira e primordial etapa humanizadora, a que decide a interação comunicativa entre o leitor e a obra, a partir da mensagem que se constrói, deriva da articulação da literatura com a realidade exterior. Nessa constituição de objetos independentes como estrutura e significado, a produção artística literária constrói, a partir da escolha vocabular, uma relação, o encadeamento de ideias e associa essas ideias à existência externa:

A produção literária tira as palavras do nada e as dispõe como todo articulado. Este é o primeiro nível humanizador, ao contrário do que geralmente se pensa. A organização da palavra comunica-se ao nosso espírito e o leva, primeiro a se organizar; em seguida, a organizar o mundo. (CANDIDO, 2004, p. 178).

A coerência da disposição das palavras numa obra literária repercute expressivamente no espírito humano, e direciona a sistematização do pensamento, dando forma àquilo que sentimos e a visão de mundo que possuímos. A partir da organização do nosso eu interior, podemos também perceber a desordem que há no mundo e, tendo essa consciência, teremos a capacidade para melhorá-lo, de modo que busquemos sempre a ordenação da realidade que favoreça o bem comum. Vista dessa maneira, a literatura passa a ser esse instrumento que além de favorecer diretamente a inteligência, também enriquece o aspecto emotivo, afetivo, pois nos liberta dessa confusão, do nosso caos e de modo simultâneo nos humaniza e nos devolve essa “cota de humanidade”.

A devolução dessa cota de humanidade não acontece pelo simples fato de a literatura representar uma experiência inocente. Mas, por ela possibilitar o desmascaramento da realidade, na medida em que revela o que historicamente a sociedade camufla. Quando, nas mais variadas formas ficcionais, modifica a personalidade, a qual vai de encontro a essa convenção social. Sincronicamente permite que “Ela não *corrompe* nem *edifica*, portanto; mas, trazendo livremente em si o que chamamos o bem e o que chamamos o mal, humaniza em sentido profundo, porque faz viver”. (CANDIDO, 2004, p. 176).

Para o autor, a obra literária é um instrumento que traz em si uma intencionalidade, visto que não há um discurso despretensioso. Não se escreve apenas por escrever, mas, principalmente, porque o autor deseja estabelecer um

diálogo com o leitor, através do seu escrito. Uma conversa que desperte nesse espectador impressões, emoções, vivências, que seja carregada de conhecimento intencional, ideologias, crenças. Mesmo assim, a obra não seria a causadora da nossa subversão nem da nossa elevação. Particularmente, ela apresenta para nós os dois ângulos desse discurso que pode nos transformar profundamente. Por meio das emoções que suscita, potencializando a nossa visão sobre os indivíduos, os grupos e o mundo. Essa é a segunda face desse processo humanizatório, o contato com a obra que nos liberta e nos apresenta possibilidades outras.

A terceira face refere-se ao conhecimento que a literatura pode construir nas pessoas: “ela é uma forma de conhecimento, inclusive como incorporação difusa e inconsciente”. (CANDIDO, 2004, p. 176). A propagação de conhecimento, cujo resultado proporcione nas pessoas certo aprendizado.

Em todas essas situações, a literatura modifica pela capacidade de transformar, pela reflexão, pensamentos, pessoas e ações. De aprimorar personalidades individuais ou coletivas, através do conhecimento que oportuniza, humanizando e enriquecendo.

Quanto à ligação da literatura com o ensino e como fator de conhecimento e humanização, sua presença em sala de aula é destaque por ser uma importante ferramenta que instrui e educa, conforme afirma o autor:

Por isso que nas nossas sociedades a literatura tem sido um instrumento poderoso de instrução e educação, entrando nos currículos, sendo proposta a cada um como equipamento intelectual e afetivo. Os valores que a sociedade preconiza, ou os que considera prejudiciais, estão presentes nas diversas manifestações da ficção, da poesia e da ação dramática. A literatura confirma e nega, propõe e denuncia, apoia e combate, fornecendo possibilidades de vivermos dialeticamente os problemas. Por isso é indispensável tanto a literatura sancionada quanto a literatura proscrita; a que os poderes sugerem e a que nasce dos movimentos de negação do estado de coisas predominante. (CANDIDO, 2004, p. 175).

Vista dessa maneira, a linguagem artística compõe a ação pedagógica escolar e proporciona que pensemos sobre a vida, a partir da oportunidade de vivenciar a realidade, despertando para um mundo que não é mais de falsa grandeza que não se compõe apenas de belezas. Mas, que apresenta problemas, mascarados por uma ordem instituída de uma ideologia que visa impor uma única verdade. Por isso, faz-se fundamental para “todos os homens em todos os tempos”.

Considerando essa ideia, concebemos o poema, o objeto impregnado dessa linguagem artística, como um adequado e referencial suporte no processo de

interpelação educativa. Um dos modos pelos quais o aluno faz-se leitor e se constrói um sujeito atento à vida e às novas descobertas que a realidade pode lhe oferecer. Capacitado para o enfrentamento das situações sob uma ótica autônoma, de criticidade, de cidadania e de tolerância.

Helder Pinheiro (2007, p. 22), em sua obra *Poesia na sala de aula*, conscientiza-nos sobre os exitosos benefícios de inserirmos o texto poético no nosso fazer pedagógico, no tocante ao alargamento de consciência e lapidação da sensibilidade dos nossos discentes: “[...] a poesia é sempre comunicação de alguma experiência”. A partilha dessa experimentação que acontece pelo diálogo com o poeta, por meio da sua obra, permite que os alunos ativem as próprias emoções e a “sensibilidade de leitor”. Para esse autor, a poesia está intrinsecamente ligada à expressão do sentimento e das emoções que podem ser suscitados no leitor.

Se for uma particularidade da poesia essa natureza de provocar desestabilização, reconfiguração e reconstrução no que diz respeito aos referenciais intelectuais e humanos do sujeito, este é acionado a ocupar uma posição dentro do universo das significações desse processo de subjetivação. Uma subjetivação que se conclui pela permanente construção e reestruturação em meio aos plurais atos de interpretação.

Sob esse enfoque, de utilizarmos o poema numa interação dialogal que possibilitasse a capacidade subjetiva e o posicionamento dos alunos, levamos para as nossas rodas de leitura mais um poema de José Paulo Paes (2011), *Mistérios de amor*.

Mistérios de amor
 É o beija-flor
 que beija a flor
 ou é a flor
 que beija o beija-flor?
 (PAES, 2011).

O condensado poema é composto por apenas uma estrofe com quatro versos. Apresenta elementos que integram e harmonizam a natureza, logo a temática abordada estabelece uma relação dialogal com os demais poemas da obra, *Olha o bicho*.

De acordo com o nosso conhecimento de mundo, sabemos que a ave beija-flor, cujo nome já apresenta uma de suas características, voa pelos jardins a retirar o

néctar, em movimentos semelhantes a beijar as flores¹³. Paes desautomatiza em nós essa ação do pássaro quando nos surpreende ao lançar a dúvida de quem beijaria quem: “É o beija-flor / que beija a flor / ou é a flor / que beija o beija-flor?”. O poeta põe por terra esse conhecimento empírico, desestabilizando as nossas verdades.

Na parte ilustrativa do poema, fica visível a cumplicidade que há entre os dois envolvidos na ação revelada pelo texto. Pela sensação que o leitor tem de a flor acompanhar o movimento do pássaro, como se já esperasse pelo beijo dele. O desenho não mostra a efetivação desse beijo, já que a ação de beijar, nas duas situações o beija-flor e a flor não se tocam. Seria, talvez, esse recurso que levaria o leitor a ficar em dúvida se é realmente o beija flor quem age ou se são os dois, flor e beija flor, que se encontram num beijo.

No instante do encontro entre eles, a ação (beijar) e seu objeto (flor) estão voltados para aquele que executa a ação (beija-flor).¹⁴ Isso se justifica pela recorrência de cada uma dessas palavras, quatro vezes, no poema. E também pela troca de sujeito e objeto, num jogo de paralelismo sintático efetuado pelo escritor.

No texto poético, o beijo apresenta dois participantes, pássaro e flor, que ampliam o universo das relações amorosas, no qual não se pode identificar o agente ou o paciente da ação. Nesse caso, há uma sugestão de paridade característica que indicaria existir uma intimidade entre os dois, como num relacionamento entre namorados.

As discussões acerca do poema, na sala de aula, contribuíram para que cada aluno, após refletir sobre o texto trabalhado, apresentasse a sua interpretação quanto ao questionamento levantado pelo autor. Depois de reconstruírem alternativas, elencaram várias suposições para a chegarem a algumas respostas que fossem coerentes com a interpretação realizada pela maioria deles. Durante o processo, ficou claro para os estudantes que além do respeito entre os seres e do amor, o texto tratava da importância das criaturas que compõem o meio natural. Nessa assertiva, o poema, como obra literária: “é um texto que se faz pensar e sentir

¹³ GEBARA, Ana Elvira Luciano. **A poesia na escola: leitura e análise de poesia para crianças**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2012.

¹⁴ Ibid., **A poesia na escola: leitura e análise de poesia para crianças**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2012.

de modo mais profundo e duradouro [...]”. (PERRONE-MOISÉS, 2016, p. 37), provocando nas pessoas, de modo específico, nos educandos, a capacidade de se posicionarem a partir das próprias reflexões e dos sentimentos despertados pelo contato com a subjetividade do poema.

*Não falo do que é de vocês,
falo do fim das corujas,
do rodovalho, da baleia,
em sua moradas de revérberos,
do mar sétuplo
das geleiras,
vão parir cedo demais,
corvo e pomba, testemunhas emplumadas
de tudo o que vive no vento
E bosques, e o líquen na pedra
os terrenos intransitáveis e a charneca cinzenta
e as cordilheiras vazia.*

(Hans Magnus Enzensberger)

*[...] a mãe da humanidade é a Natureza e de que é
preciso ter para com ela ternura e respeito; de que a
vida e o destino do homem são desenvolvimento e
esclarecimento numa liberdade autodisciplinada; de
que o divino se fez carne, e a carne é divina; de que
não só deveríamos amar uns aos outros, mas nos
amarmos de fato.*

(Gary Snyder)

3 O ENCANTO DA LIBERDADE, DA VIDA, DA NATUREZA

3.1 O ELO QUE UNE E DESTRÓI

O que nos pertence realmente neste universo tão vasto, e rico? De onde vem a energia que restabelece a vida humana e de todas as outras formas de vida que existem? Seria a natureza uma propriedade do ser humano? E, dessa forma, dependente deste?

A palavra natureza¹⁵, de acordo com Silveira Bueno (2009), significa “o conjunto de seres que formam o universo” ou a “condição do homem anteriormente à civilização” ou ainda a “força ativa que estabeleceu e conserva a ordem natural de tudo quanto existe”. Embora, atualmente, compreenda-se a natureza como o elemento que passou a denotar a parte do mundo externa ao ser humano, as qualidades e características que possui são inerentes à ordem natural, principalmente ao próprio homem. Essa força ativa que representa nascimento e mundo, início e continuidade, beleza, recurso e vida, também natureza e homem. Sob essa ótica, estes se fundem, tornando-se inseparáveis, únicos, o homem passa a ser parte integrante do universo natural e a natureza é parte indispensável à vida humana.

Há um notório elo entre a natureza e o homem, pois é dela de onde vem a sobrevivência humana, conforme ilustra Raymond Williams (2011, p. 11), na sua obra *O campo e a cidade*: “[...], sempre esteve bem evidente essa ligação entre a terra da qual todos nós, direta ou indiretamente, extraímos nossa subsistência, e as realizações da sociedade humana”. Uma ligação que deveria ser pautada pelo respeito, zelo e cuidado com aquela que é responsável por favorecer o equilíbrio e propiciar a vida, a natureza.

No entanto, ao longo da história, o homem ao invés de estreitar esse elo, com a utilização responsável, sempre fez inúmeras modificações no ambiente para lhe garantir o máximo de aproveitamento dos recursos que da natureza retira. A essa consideração diz ainda o autor, que o homem para fundar seus povoados, com o intuito de melhorar a vida, foi modificando o ambiente, uma prática que se estendeu

¹⁵ BUENO, Silveira. **Dicionário Silveira Bueno**: com a nova reforma ortográfica da língua portuguesa. São Paulo: Didática Paulista, 2009. 627p.

de geração a geração, desmatando terras, florestas, abrindo estradas. Fases de criação desses lugarejos, as etapas iniciais que corresponde ao início dessa exploração ambiental.

Assim, desde longas datas, o meio ambiente é constantemente vítima da ação do homem: “[...] a utilização e a destruição da terra, as relações com o mundo natural ameaçado” (WILLIAMS, 2011, p. 408), mesmo que esses danos apareçam apenas depois de prolongados anos de degradação, como afirma o crítico: “Os efeitos negativos continuarão a se manifestar, numa pressão poderosa e aparentemente irresistível: efeitos físicos sobre o meio ambiente [...]”. (WILLIAMS, 2011, p. 497). A maioria desses impactos, gerados em consequência da desenfreada atitude exploradora, são negativos e irreversíveis, uma vez que nem todos os recursos extraídos da natureza são renováveis. Também, porque há a utilização irracional, negligenciando os direitos fundamentais para preservar essa fonte de riquezas vitais.

No percurso da nossa história, algumas catástrofes marcaram desfavoravelmente o meio ambiente. A maior parte dessas calamidades ambientais provocaram a morte de muitas pessoas e de outros seres vivos, além de comprometerem a qualidade do ar, poluírem os ambientes aquáticos e macularem o solo. Dentre alguns dos acidentes ambientais mais marcantes¹⁶ da história do planeta, podemos listar, a poluição em Minemata (1954), no Japão, quando os animais começaram a ter convulsões e comportamento alterado; explosão em Seveso (1976), norte da Itália, por ocasião de superaquecimento em um reator numa fábrica de produtos químicos; desastre de Chernobyl (1986), uma explosão de um reator de energia nuclear, liberando uma grande quantidade de material radioativo no ambiente e provocando um incêndio que durou dez dias. Liberação de óleo pelo navio-petroleiro chamado Exxon Valdez (1989), que encalhou no Alasca e soltou vários litros de óleo nas águas da região, causando a morte de milhares de animais marinhos e contaminando quilômetros de costa. A explosão na plataforma da British Petroleum Deepwater Horizon¹⁷, ocasionando um vazamento de Petróleo no Golfo do México (2010). O acidente matou trabalhadores e desencadeou a liberação de

¹⁶ SANTOS, Vanessa Sardinha dos. **Sete desastres ecológicos causados pelo homem no mundo**. Brasil Escola. Disponível em: <<https://brasilecola.uol.com.br/biologia/sete-desastres-ecologicos-causados-pelo-homem-no-mundo.htm>>. Acesso em: 10 jan. 2018.

¹⁷ Ibid., **A explosão da plataforma**. Disponível em: <<https://brasilecola.uol.com.br/biologia/sete-desastres-ecologicos-causados-pelo-homem-no-mundo.htm>>. Acesso em: 10 jan. 2018.

milhões de barris de petróleo no oceano. Rompimento da Barragem de Rejeitos em Mariana (2015). Essa tragédia em Mariana, no Brasil, foi considerada o maior acidente da história com rejeitos em volume de material despejado. O acidente ocorreu em virtude do rompimento de uma barragem de mineração da empresa Samarco, que liberou milhões de metros cúbicos de lama. O desastre levou várias pessoas à morte, além de poluir rios e matar diversas espécies de animais e plantas. Até hoje a população sofre com as consequências dessa devastação.

Muitas outras notícias ainda são veiculadas, atualmente, sobre instabilidades do ambiente, ocasionadas por fenômenos naturais, como por exemplo, a seca intensificada nos últimos anos ou a irregularidade das chuvas, cujo volume excessivo, num curto espaço de tempo, provoca inundações de cidades inteiras. A frequência de terremotos e o número de furacões acima da média ou ainda os tsunamis. Essas constantes e significativas mudanças de ciclo na Terra, leva ao aumento dos desastres naturais, ocasionados pelo desequilíbrio da natureza. E tudo conduz a crer, serem consequência do sofrimento pelo qual o Planeta vem passando com o aquecimento global e o efeito estufa.

Estamos inseridos num cenário, cujos danos e desastres ambientais desencadeiam e atingem a fauna, a flora, a água, o solo e o ar, resultado da irresponsável e frequente participação humana. A natureza é transformada em nova paisagem pela ação da cultura e dos meios de produção, pois o homem, diferentemente do animal, não se adapta a ela, mas a transforma, segundo as suas necessidades de sobrevivência e de exploração. Ao destruir a natureza e transformá-la, o indivíduo altera e destrói também a própria perspectiva de futuro, de sua vida e de toda humanidade.

Se partirmos do pressuposto de que o cerne da problemática ambiental é a conturbada relação sociedade humana-natureza, urge acreditarmos e criarmos, pela educação ambiental, possibilidades de mudanças de comportamentos e apostarmos nessas alternativas, suscitando nos educandos uma visão ecológica e mais responsável.

O estudo da representação da natureza é o caminho escolhido para a ampliação dos conhecimentos sobre a dinâmica ecológica e deverá contribuir para a participação e envolvimento dos alunos-atores nos processos de diferentes olhares. Esperamos que a pertinência da escolha de textos poéticos com a unidade temática da “natureza” conduza esse direcionamento. E desperte neles orientação, formação

de sentimento, de condutas e de compromisso no trato com a natureza, partindo das mais simples e corriqueiras atitudes, como por exemplo, a conservação da limpeza do espaço da sala de aula, para ações mais amplas e concretas de proteção ao que os cerca e preservação do planeta.

3.1.1 Avanços e/ou retrocessos no trato humano com a natureza

Desde os primeiros passos da humanidade, o homem realizou descobertas e criou tecnologias que influenciaram e modificaram a forma de pensarmos e agirmos com o planeta e com nossa vida diária.

Não é nossa pretensão fazermos uma seleção descritiva dessas descobertas, mas ratificar que o ser humano se diferencia das demais criaturas da natureza, pela capacidade de lidar, criativamente, com todas as situações que enfrenta, quando busca, em meio às diferentes descobertas, as soluções para resolvê-las. E que esse mesmo ser, criativo, inventor, descobridor, não consegue compreender que faz parte de uma civilização em que as pessoas deveriam ser mais responsáveis, solidárias e exercerem o sentimento de caridade, cuidando umas das outras, bem como do universo que as cerca, da natureza, pois “Esta seria a ordem natural de responsabilidade, urbana e caridade”. (WILLIAMS, 2011, p. 58).

Ancoramo-nos nas ideias de Williams (2011) que apresenta a experiência urbana e rural, a partir do contexto da Inglaterra. O crítico ocupou-se em analisar a sociedade inglesa por entender que ela atravessou um processo de mudança intensa, de modo primitivo e muito completo, principalmente pela Revolução Industrial. Processo que se passa primeiro em uma economia e uma comunidade rural, e depois num contexto urbano.

A discussão do pensamento desse crítico ajuda-nos muito a entender aquele contexto, porque toda discussão apresentada ou sugerida pelas obras literárias tem como tensão a experiência da natureza x a experiência civilizatória do espaço urbano. Na modernidade, diria a experiência urbana, sendo o espaço da civilização, que é a cultura oficial. A poesia, e mais especificamente, a poesia da natureza se opõe a esse modelo. O poeta faz de sua poesia um antagonismo social, instrumento de crítica para alertar às pessoas sobre o avanço civilizatório em detrimento da natureza.

Inúmeras foram as conquistas que os homens conseguiram ao longo da história humana. Como ilustração das inovadoras conquistas realizadas pelo homem, podemos exemplificar com o filme *A guerra do fogo*¹⁸ (1981), do diretor francês Jean-Jacques Annaud, o qual descreve, ficcionalmente, a influência do fogo sobre a forma de viver dos primeiros hominídeos. Vocábulo que, segundo o dicionário Aurélio Buarque de Holanda, significa família de mamíferos primatas cujo tipo é o homem. O fogo foi uma das mais importantes descobertas, porque o seu uso, como instrumento de transformação da nossa espécie, agilizou a evolução da tecnologia e da cultura humana.

No tocante à tecnologia, embora esse vocábulo possua sentidos muito abrangentes, geralmente, referenciam-no a itens ou inovações que se associam, de algum modo, ao meio eletrônico, essa palavra, de acordo com Luft (2009)¹⁹ refere-se ao estudo ou aplicação de todos os processos e métodos que são utilizados nos diversos setores industriais. Já no Dicionário Silveira Bueno a tecnologia é o tratado das artes e demais ofícios; a terminologia específica de uma ciência, arte, indústria, entre outros setores. Sendo assim, estudo ou descoberta de uma nova técnica, arte ou ofício, representa um avanço tecnológico. À vista disso, como um importante surgimento tecnológico, queremos evidenciar, dentre vários, a criação da escrita, como um poderoso apoio para a conservação da cultura e memória da humanidade. Sabe-se que ela surgiu em diferentes lugares, tornando-se um poderoso apoio para a memória humana. O acesso e a rapidez das informações que são veiculadas atualmente são frutos desse desenvolvimento tecnológico criado pelo homem.

Essas inovações favorecem o avanço da modernidade, geram desenvolvimento, transformam épocas, contextos, pessoas, espaços e fazem surgir uma nova configuração social. Isso não foi diferente com o pioneirismo inglês, no início do século XVIII, quando começou a primeira grande revolução, com o processo de invenção e criação das primeiras máquinas. Esse processo que modernizou, mecanizando os sistemas de produção, que modificou os modos de produção, os quais aconteciam manual e artesanalmente.

¹⁸ SEABRA, Zeca. **Filme - A guerra do fogo**. Disponível em: <<https://www.http://cinemaparasempre.com.br/index.php/2017/08/24/a-guerra-do-fogo-1981/>>. Acesso em: 07 fev. 2018.

¹⁹ LUFT, Celso Pedro. **Minidicionário Luft**. 22. ed. São Paulo: Ática, 2009. 632p.

Como todas as experiências inovadoras, a Revolução Industrial, para a época, proporcionou muitas transformações. Essas mudanças acarretaram aspectos positivos, mas também negativos. Dentre os positivos, podemos citar o resultado do avanço da ciência, a revolução no modo de produção e das relações de trabalho, avanços nos sistemas de transportes (principalmente ferroviário e marítimo) à vapor, entre outros. No entanto, essas modificações também desencadearam uma série de consequências negativas, como por exemplo, o crescimento desordenado das cidades, que ocasionaram problemas de submoradias e o aumento da poluição do ar, por causa da queima do carvão mineral para gerar energia para as máquinas.

Essas mudanças decorridas da Revolução Industrial não ficaram restritas apenas à cidade, mas também o campo foi modificado para atender às necessidades capitalistas desse processo revolucionário, como afirma Raymond Williams (2011, p. 12): “A Revolução industrial não transformou só a cidade e o campo: ela baseou-se num capitalismo agrário altamente desenvolvido, tendo ocorrido muito cedo o desaparecimento do campesinato tradicional”.

Embora a experiência inglesa tenha sido muito importante, pelas contribuições revolucionárias que favoreceram o progresso, as modificações que se estenderam ao campo acarretaram prejuízo para os agricultores, pois a vivência doméstica do campo foi substituída pela modernização da agricultura no capitalismo. Em nome da primordialidade evolutiva e da vida pensada, alimentada pela razão, pela tecnologia, da mesma maneira, ao tempo de relação de experiência e de problema, a criação de um novo sistema capitalista, a partir da violenta expropriação dos camponeses na Inglaterra, tornou a experiência da economia doméstica quase que completamente anulada. Dessa forma, as invenções tecnológicas da Revolução Industrial (século XVIII) provocaram profundas transformações no processo produtivo, na vida das pessoas da cidade e do campo.

As tecnologias²⁰ primitivas ou clássicas, medievais, militares, tecnologias de informação, a nanotecnologia, biotecnologia ou tecnologia de ponta, sejam quais forem os surgimentos e avanços tecnológicos, são resultados de inovações realizadas pelo homem que intencionam elevar o nível de vida humana. Porém, os impactos causados na sociedade nem sempre são apenas positivos, e acarretam

²⁰ CIÊNCIA E TECNOLOGIA. Disponível em: <<https://www.recantodasletras.com.br/artigos-de-ciencia-e-tecnologia/4245233>>. Acesso em: 15 fev. 2018.

fatores negativos, quando aparecem preocupantes questões sociais, como o desemprego, devido à substituição do homem pela máquina, a poluição e/ou a destruição ambiental.

Esse contínuo confronto do homem com a natureza, ao invés de, responsabilmente, retirar dela o suficiente para a própria subsistência, não é atual, mas antiquíssimo. Remete-nos, segundo denuncia o crítico, aos tempos do Jardim do Éden, quando Adão e Eva, os primeiros habitantes da terra, foram expulsos e tiveram que criar outro meio para sobreviverem:

E então lembramos que, com efeito, da queda, da expulsão do Paraíso, o homem em vez de colher o alimento oferecido por uma natureza pródiga, foi obrigado a ganhar o pão com o suor de seu rosto; a maldição do trabalho passou a ser o destino comum da humanidade. (WILLIAMS, 2011, p. 60).

Desde essa época, os precursores da humanidade e sua descendência tiveram seu destino alterado. De vida farta e abundante no paraíso, tudo se tornou o oposto disso, depois da queda do homem, cujo destino passou a ser guiado pelo infortúnio do trabalho. Partindo desse pressuposto, o trabalho passou a gerir um novo contexto, uma nova forma de vida.

Assim, em nome da evolução da vida e dos tempos, tudo vai sendo modificado, transformado, através das inovadoras descobertas e avanços, os quais acarretam inúmeros prejuízos, que a humanidade dá em prol de si mesma, da obtenção de seus lucros, da escravização das pessoas e do colapso da natureza, independentemente, do que exista nela.

A cidade vai se tornando uma referência do capitalismo, da burocracia, do poder centralizado, em contraponto, o campo é associado à ideias contrárias e muito diversas. Cidade e campo, respectivamente, sinônimos de independência e pobreza, o poder da imaginação ativa e o refúgio da inconsciência. Nesse caso, a imagem do campo estaria relacionada ao passado, ao antigo, à inferioridade, enquanto que a cidade equivalia à visão de futuro, de modernidade, de inteligência, ou seja, a simbologia social campo sustenta a representação de retrocesso, a descrição social cidade alicerça a representação de progresso, de avanço.

José Paulo Paes no poema *Emprego*, do livro *Olha o bicho*, enfatiza esse contraste entre campo e cidade, numa composição que apresenta de forma humorística e crítica o domínio que a cidade deseja impor à natureza:

Emprego

Vamos arranjar um emprego
para o bicho preguiça?

- Que tal carteiro?
- Aí ninguém recebe cartas.

- Que tal bombeiro?
- Aí o fogo queima tudo.

- Que tal maquinista?
- Aí o trem nunca chega.

- Que tal dentista?
- Aí ficamos todos banguelas.

- Então, só se for emprego
de bicho – preguiça no zoológico.

- Isso mesmo!
- Lógico!
(PAES, 2011).

O bicho-preguiça, como o próprio nome já o denomina, é famoso pela sua característica principal de se locomover lentamente. Numa era de avanços tecnológicos como a que vivemos, num mundo regido e organizado pelo trabalho, o animal estaria fadado à marginalização pela vagarosidade dos movimentos. Ao visualizarmos o texto e analisarmos a alternância entre o texto verbal e o não verbal, percebemos que esse espaço é proposital para que o leitor tenha tempo para pensar enquanto lê.

O jogo criativo de sentido que o autor faz com as perguntas baseia-se numa ação absurda. Conseguir um emprego só é possível na categoria humana, cuja ordem econômica é complexa para um animal silvestre. No entanto, o autor torna possível essa ação de o bicho-preguiça conseguir um emprego.

O poema é construído por sete estrofes de dois versos. As estrofes são distribuídas em forma de diálogo entre dois participantes. No primeiro verso, um dos partícipes convida o outro a resolverem um problema para o bicho-preguiça: “Vamos arranjar um emprego / para o bicho preguiça?”. Os versos são intercalados pelas respostas às propostas apresentadas pelos pronomes indefinidos: “ninguém”, “tudo”, “nunca”, “todos”²¹. Esse recurso é responsável pela coesão entre unidade do poema,

²¹ GEBARA, Ana Elvira Luciano. **A poesia na escola: leitura e análise de poesia para crianças**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2012.

além de intensificar a recusa para a proposta apresentada no início. Os dois interlocutores do poema chegam a uma saída para a situação apresentada, a conjunção “então” e encontram o local adequado para o animal: “Então, só se for emprego / de bicho-preguiça no zoológico”. Último verso refere-se à coerência do raciocínio, das regras, da realidade, da lógica: “Lógico!”.

A leitura do texto poético permite que os estudantes adentrem no universo humorístico do autor, pelo trocadilho do inusitado-lógico. A linearidade semântica do poema é inabitual, pela falta de lógica quanto às atribuições que são sugeridas para o animal. José Paulo Paes, por meio de uma aparente incoerência, une o imaginário ao real e brinca com os sentidos que podem ser extraídos do texto. Ao realizar a leitura, a maior parte dos alunos foi capaz de identificar as verdades implícitas do autor sobre as profissões e as questões das regras trabalhistas. Ainda percebem a importância da atenção que deve ser direcionada aos animais silvestres, os quais não devem ser encarcerados, sob nenhuma circunstância, mas devolvidos ao seu habitat natural. À poesia compete a missão de, mesmo por uma tênue linha, apresentar as verdades aos educandos, posto que “A verdade da poesia, e da poesia moderna especialmente, deve ser encontrada não apenas em suas afirmações diretas, mas em suas dificuldades peculiares, atalhos, silêncios, hiatos e fusões”. (HAMBURGER, 2007, p. 61).

Compreendemos o embate entre cidade e campo. A cidade, sinônimo de evolução, representação mais explícita do capitalismo, associada ao desenvolvimento tecnológico, à ficção científica, ao isolamento e à mobilidade dos indivíduos. O campo a “válvula de escape”, como diz a máxima popular, para vários desígnios, um lugar que propicia liberdade, embora esteja associado à limitação de recursos financeiros; cenário adequado a aguçar o imaginário e abrigar a inconsciência. Mas também, como consequência desse sistema capitalista, o campo seria o espaço onde ocorreram inúmeras mudanças, citamos como exemplo, os cercamentos com o aumento da produtividade; os deslocamentos do excesso de população migrante para a cidade, o que originaria uma nova classe, o proletariado.

O capitalismo se estendia então para a área rural, desenvolvendo-se no capitalismo agrário que crescia, objetivando alargar a produção campestre por meio da utilização de pessoas e da natureza, buscando atingir as metas de um plano dominador. Um plano que considerava apenas o lucro, destruindo a natureza e, conseqüentemente, ameaçando a humanidade: “Assim, o instinto humanitário foi

desvinculado da sociedade [...]” (WILLIAMS, 2011, p. 142). Nessa tendência, com o avanço do sistema obcecado pelo lucro, o instinto de promover o bem-estar entre os homens, numa relação de trabalho pautada na ética e no respeito, estava literalmente sendo eliminado da sociedade da época.

Os efeitos maléficos dessa situação criaram cidades superpovoadas e cinzentas, campos envenenados com os agrotóxicos e vermelhos do fogo, que destruía para preparar a terra para novos plantios, e pessoas sobreviventes no limite das condições humanas. Geraram também problemas urbanos, tais como tráfego e poluição, e os efeitos sociais e psicológicos, que são muitas vezes tomados como avassaladores e, vez por outra, insolúveis. Esse quadro desolador, cujo contexto não reconhecia pessoas, muito menos a natureza como fonte de vida, como afirma Williams (2011):

[...] a condenação e a idealização simultâneas do capitalismo, em suas formas específicas de desenvolvimento urbano e industrial; a celebração do irrefletido do domínio-poder, eficiência, produção, o domínio do homem sobre a natureza, como se a exploração dos recursos naturais pudesse ser separada da concomitante exploração dos homens. (WILLIAMS, 2011, p. 68).

O capitalismo com sua ideologia centrada apenas no lucro, cujo objetivo, em nome de um crescimento desenfreado, visa dominar o homem e a natureza. Uma exploração que, segundo o autor, não pode ser dissociada uma da outra, arrancando-lhes a força e os recursos. Uma sentença típica da escravização desse sistema destruidor, que em nome de um desenvolvimento, termina escravizando outros homens, massacrando a terra, destruindo-a impiedosamente, não importando se há nela rios, pássaros, lagos.

A exploração exacerbada da terra, através de um comportamento prazeroso em sistematizar o consumo e a produção, numa consciência equivocada que os recursos naturais nunca vão acabar. Comprovando que não existe uma relação de respeito entre o homem e a natureza, que entre os dois essa “ordem natural” era um diálogo inviável de ocorrer, uma vez que as relações sociais entre os donos das terras, os que as arrendavam e os que nela trabalhavam passavam por um processo evolutivo, no tocante aos novos costumes adquiridos.

Na perspectiva de avanço, o retrocesso impera, sempre que determina a “[...] utilização e a destruição da terra, as relações com o mundo natural ameaçado e as condições de um meio ambiente humano” (WILLIAMS, 2011, p. 408). Quando divide

as pessoas agrupando-as em classes específicas, financeiramente, composta de pessoas melhores e piores. Na medida em que conduz a uma vida artificial e reduzida de oportunidades, uma pseudo vida reduzida a uma fachada. Uma exteriorização em que não há possibilidade de se conciliar uma vida de igualdade para todos, diante de uma destruição que acontecia e que continua nos dias atuais. Não apenas uma consequência causada pela indústria, mas principalmente pelos malefícios trazidos por um sistema que canaliza recursos e concentra poder. Vivenciamos um cenário onde não é permitido sentir a felicidade de se vislumbrar a beleza dos campos floridos e preservados, um tempo que descaracteriza e sufoca sentimentos, apagando nas pessoas o desejo da livre preferência pelas coisas simples da natureza.

Todavia, o poeta José Paulo Paes retoma esses elementos e partilha as coisas belas da natureza que residem na simplicidade da vida campestre, conforme o poema *Barriga cheia*, a seguir:

Barriga cheia

Olha lá
O tamanduá
Tomando ar!

Sua língua comprida
Entra feito lombriga
No formigueiro
Para comer formiga.

Olha lá, olha lá!
Quem disse que formiga
Não enche barriga
De tamanduá?
(PAES, 2011).

O poema de Paes foi estruturado em torno de três estrofes. A primeira composta por três versos, a segunda e a terceira por quatro versos cada uma. O autor aborda o conteúdo da natureza pela representação dos elementos: “tamanduá”, “lombriga” e “formiga”.

Os primeiros versos é uma interpelação ao leitor, em forma de convite para o estabelecimento do diálogo. Uma maneira de despertar a curiosidade desse leitor e persuadi-lo à leitura do texto. Uma aproximação que acontece pelo uso da linguagem coloquial em alguns versos: “Olha lá!”. Essa expressão marca o grau de intimidade entre os interlocutores, pois se refere à segunda pessoa do discurso “tu”

e ao pronome de tratamento “você”, uso típico da fala cotidiana e informal. A expressão que faz relação ao título do poema: “encher barriga” é outra muito utilizada nos discursos informais.

Ao analisarmos a parte ilustrativa do texto poético, percebemos que o tamanduá ocupa todo o cenário do texto, tanto verbal como figurativo, com sua imponência e língua comprida semelhante à “lombriga”. Após o chamamento, o interlocutor define o olhar ao objeto: “O tamanduá” / “Tomando ar!”.

Quanto aos recursos linguísticos, podemos citar, como exemplo, as figuras de linguagens: comparação – “língua”, “lombriga”; assonância nos versos 4 e 5 - “Sua língua **comprida**” / “**Entra feito lombriga**”²². Há uma afirmação sobre a disparidade de uma formiga tão pequena encher a barriga do tamanduá, um animal significativamente maior: “Quem disse que formiga” / “Não enche barriga” / “De tamanduá?”. O autor representa pela cadeia alimentar, os mistérios da natureza.

Ao ler o poema de Paes o aluno vai aprender a importância que todos os animais têm para manter o equilíbrio da natureza, pois cada um possui uma representatividade dentro do mundo ecológico. Ele vai despertando para conhecer mais sobre o meio ambiente e em função disso passa a respeitá-lo e preservá-lo. A poesia tem essa especificidade, como afirma Todorov (2009, p. 63): “[...] A obra do artista participa do conhecimento do mundo. É por isso que Baudelaire aplaude sua capacidade de “conhecer os aspectos da natureza e as situações do homem”. Esse conhecimento que podemos compartilhar por meio da poesia faz com que, pela força poética que nos move, como diria Adélia Prado, “abramos os olhos para a maravilha da criação, a maravilha da experiência humana que nos aguarda”.

A partir desse contexto esclarecedor, o homem que se torna mais sensível ao mundo e ao outro jamais será visto como um representante de uma máquina, de um mundo pensado à luz de uma razão absoluta de um fazer científico absoluto. E, portanto ele é contrário às ideias de inovação tecnológica, mas não para negar tudo o que é das tecnologias, apenas os excessos, aquilo que torna as pessoas mais frias, mais calculistas, mais mecanizadas.

²² GEBARA, Ana Elvira Luciano. **A poesia na escola**: leitura e análise de poesia para crianças. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2012.

Se Todorov (2009, p. 64) afirma que “não somente a arte conduz ao conhecimento do mundo, mas que ao mesmo tempo revela a existência dessa verdade cuja natureza é diversa”, ela permite-nos conhecer muitas verdades, antes desconhecidas. Ampliar os nossos conhecimentos e alcançarmos a consciência sobre o cerne da nossa vivência e sobre os conflitos que existiam e continuam a existir em nossa sociedade. Entender ainda uma convivência em que as pessoas exploram e usam umas as outras, que o acúmulo de bens é o cenário de sua ambição e suas intrigas. O dinheiro como principal agenciador dos relacionamentos, o elemento primordial de garantia de uma felicidade imediatista e consumista, a qual seria a responsável de disseminar o egoísmo, distanciar as pessoas umas das outras.

Na metáfora apresentada pelo Williams (2011) da “casa convertida”, essas casas estão cheias de pessoas que absorveram internamente a ação capitalista e passaram se relacionar numa reciprocidade de isolamento, já que não se veem com profundidade, mas superficialmente, por meio dos interesses econômicos. Pessoas que valorizam mais a troca, que pode ser efetivada para promover o próprio bem estar, que o uso e as necessidades humanas reais e coletivas. Inseridas num processo que alienação generalizada das relações humanas.

Estamos vivenciando as consequências desse processo aparentemente irresistível, pela facilidade que nos permite viver com mais comodidade e agilidade na realização dos afazeres diários. No entanto, já amargamos e amargaremos os dissabores das consequências que ele desencadeia. Como afirma o autor, a ânsia econômica especulativa que prioriza fundamentalmente as relações sociais, a partir da materialidade, cujos critérios são de desenvolvimento associado a todo e qualquer tipo de vantagem ou proveito. Num processo que visualiza o campo como o lugar de uma fonte inacabável de rica extração de recursos. Enquanto as cidades que se aglomeram de pessoas, as quais vivenciam a crise dos desvalores morais e éticos. Desconhecem-se e não se respeitam nem valorizam a integridade umas das outras, relacionam-se por meio de interesses próprios e estão a mercê da violência, ocasionada pela exclusão e pela conquista de bens materiais.

Distanciamo-nos de colocarmos em prática a utópica ideologia de igualdade entre as pessoas, já que não acreditamos na força que temos de lutarmos contra o sistema que oprime, corrompe, esmaga e destrói. No entanto temos à mão uma poderosa força de transformação social e humana: a poesia. Ela, enquanto arte, tem

o poder de transformar o homem, e este, o universo. Segundo Todorov (2009, p. 65), “A arte interpreta o mundo e dá forma ao informe, de modo que, ao sermos educados pela arte, descobrimos facetas ignoradas dos objetos e dos seres que nos cercam”, ela seria um processo dentro do universo humano de diminuir o caos. O caminho para que voltemos a integrar uma sociedade justa e igualitária. Onde as pessoas sejam vistas pela capacidade que possuem e respeitadas pelo que são. E o meio ambiente seja poupado da destruição que avança e o arrasa a cada dia. Também, seja concebido com respeito, como a fonte de energia responsável pela sobrevivência da humanidade.

3.2 NATUREZA: UMA PREMISA DA LITERATURA

De acordo com Antonio Candido (1989), como a temática da natureza é recorrente a partir do período de sua formação. Embora “apreendida” pelos portugueses, no período em que o Brasil era colônia, o país já possuía sua própria literatura. Esse tema, natureza, que permeia a Literatura Brasileira desde seu início, está, a começar de Gregório de Matos, no Século XVII, passando pelos poetas árcades no Século XVIII, com a poesia pastoril e chegando ao Século XIX com o Romantismo, a poesia e a natureza, literatura e natureza. Ela está na poesia, desde seus primórdios.

Os escritores, a partir das experiências vividas no tempo presente, registraram nos textos literários a valorização de sua terra, as tradições, em minuciosas descrições que estabelecem relação com a própria maneira de ver, sentir e viver, em diferentes contextos e épocas. Fazendo-nos compreender o comportamento das pessoas que integram essas comunidades. A literatura retrata a relação dessas pessoas com a natureza e ao longo das estéticas literárias a natureza é tema que se repete entre esses escritores, embora cada um conserve o próprio estilo.

Segundo Candido (1989), com a declaração da Independência, em 1822, os escritores brasileiros organizam-se em prol de uma autonomia literária. Na direção de constituir uma literatura própria, formada a partir da identidade brasileira, esses escritores priorizam a descrição e a exaltação da natureza como instrumento para valorização do território nacional. Desde o início da produção literária do Brasil, a

representação da natureza foi, e é ainda hoje, uma temática recorrente, uma referência, independentemente da intenção discursiva, quer seja para a valorização do território, quer se constitua numa forma de retornar à natureza, como resistência à modernidade que a destrói.

A regularidade dos poetas em voltar às questões que envolvem o meio ambiente, além de retratar e preconizar as belezas naturais, a simplicidade da vida campesina, à valorização da vida em liberdade de amarras sociais, constitui-se num critério para resistir ao o trato “(des)humano” contra a natureza, o qual afeta os ecossistemas e a vida humana, bem como ao que o moderno impõe. Ao estabelecermos, analogicamente, essa firmeza à postura de alguns poetas europeus e norte-americanos, percebemos que a transformação ocasionada pela modernidade, particularmente pela vida na cidade grande, provocou algumas relações entre a lírica e a sociedade.

A presença da temática da natureza estabelecida pelos poetas em suas obras traz à tona sentimentos híbridos de aceitação e antipatia às pessoas. Essa dicotomia sentimental deu-se após evolução contemporânea, em razão do que a existência moderna proporcionou a elas, privando-as do contato diário com a natureza. O entrelaçamento da identidade do escritor, do seu conhecimento adquirido com experiências vividas, histórica e cultural e, também, das possibilidades culturais da poesia num contexto específico, passa pelas máscaras, pelas personalidades múltiplas e pela ambígua defesa da impessoalidade. Embates entre imaginação, a ideologia e razão: “[...] sintonizar a mente, a sensibilidade e a imaginação com uma ordem urbana e tecnológica a que elas obstinadamente resistem [...]” (HAMBURGER, 2007, p. 373).

Assim, muitos poetas, estrangeiros e brasileiros, que se posicionam e fazem poesia na perspectiva antagônica da celebração da ciência e da tecnologia, da modernidade, estão promovendo a cidadania. Eles utilizam a sua poesia como instrumento de crítica e resistência a essa modernidade e à destruição que ela provoca. Dessa forma, a subjetividade da poesia passa a ser considerada uma manifestação que se almeja coletiva e que se declare hostil à sociedade, dado que não se concebe um avanço desenfreado das tecnologias conduzirem à destruição do meio ambiente e, conseqüentemente de toda a civilização do planeta.

Por outro lado, há aqueles que fazem o contrário, seus escritos apresentam um discurso contra essa perspectiva e comungam com o enaltecimento da evolução

científica e tecnológica. Charles Baudelaire (1821-1867) poeta, teórico e crítico francês, conhecido como “Pai do Simbolismo”, o precursor do movimento simbolista na França e também o fundador da poesia moderna, foi um dos que comungavam em favor da ciência: “Baudelaire deu início à poesia da cidade moderna” (HAMBURGER, 2007, p. 373). No entanto, como afirma o próprio crítico, esse poeta e os que o sucederam, até eram capazes de aceitar e aprovar a engenhosidade das invenções científicas e suas utópicas potencialidades, mas depois, esse escritor que fez nascer a poesia moderna, foi contra a modernidade.

Como um dos pioneiros a reagir contra as consequências perversas trazidas pelos avanços modernos, ele também usou a força da sua poesia para apresentar a importância que a natureza possui e defendê-la da destruição humana. No poema, cujo título é *Correspondências*, retirado da sua emblemática obra, *Flores do Mal*, (1857), a qual, depois da publicação, foi censurada e lhe rendeu a condenação como subversivo e ofensor da moral pública, o poeta francês enaltece a grandiosidade da mãe terra:

Correspondências

A Natureza é um templo onde vivos pilares
Deixam às vezes soltar confusas palavras;
O homem o cruza em meio a uma floresta de símbolos
Que o observam com olhares familiares.

Como os longos ecos que de longe se confundem
Em uma tenebrosa e profunda unidade,
Vasta como a noite e como a claridade,
Os perfumes, as cores e os sons se correspondem.

Há perfumes frescos como as carnes das crianças,
Doces como o oboé, verdes como as pradarias,
- E outros, corrompidos, ricos e triunfantes,

Como a expansão das coisas infinitas,
Como o âmbar, o almíscar, o benjoin e o incenso,
Que cantam os transportes do espírito e dos sentidos.
(BAUDELAIRE, 1985).

Mesmo tendo assumido comportamento contraditório e paradoxal, pois era, no início, a favor do artificial e não valorizava o natural, achava tedioso falar sobre a natureza, já que, para ele, era uma coisa trivial e pronta. No poema citado acima, percebemos a comunhão com a natureza. Baudelaire referencia a natureza como um templo (do latim *templum*, "local sagrado"), “A Natureza é um templo”, um lugar público, mas consagrado. A “floresta de símbolos”, uma representação da harmonia

e ligação entre o homem e esse ambiente divinizado que sugere uma intimidade pela aproximação familiar, numa “tenebrosa e profunda unidade”. Lugar onde as coisas estão simetricamente equilibradas, “Os perfumes, as cores e os sons se correspondem”, tudo está ligado, os sons as cores, as cores as imagens, “Há perfumes frescos como as carnes das crianças” / “Doces como o oboé, verdes como as pradarias”, as imagens ao tato, o tato ao paladar tudo o mais representado pela natureza.

Após Baudelaire, os poetas modernos evitaram caminhar fraternalmente com a chamada visão de mundo científica ou com a racionalidade técnica. Ao invés de falar sobre o mundo das tecnologias, cientificidade da vida, eles tomaram uma perspectiva diferente: retornar aos arquétipos da natureza.

Vários poetas, segundo Hamburger (2007, p. 375), demonstravam certa preocupação com o que acontecia à natureza, pois estavam atentos aos prejuízos causados pelo progresso da urbanização e da industrialização: “Muitos poetas posteriores demonstraram semelhante incapacidade para marchar fraternalmente ao lado de uma ciência utilizada para proporcionar novos meios de exploração econômica”. Esses escritores percebiam que com o avanço científico, surgiam novas formas de explorar financeiramente as pessoas. Isso despertou neles um novo sentimento, de preocupação e de desânimo, que Jules Supervielle, outro célebre poeta, referência nas literaturas francesa e uruguaia, chamou “*Le regret de la terre*” – “o sentimento de pesar pela terra”.

[Um dia a terra será
Só o espaço cego que gira
Confundindo noite e dia.
Sob o vasto céu dos Andes
Não haverá mais montanhas,
Nem pequena ravina.

Das casas todas do mundo
Só restará um balcão
E do humano mapa-múndi
Uma tristeza sem teto.
Do defunto oceano atlântico
Leve gosto de sal no ar,
Um peixe voador e mágico
Que terá esquecido o mar.]
(HAMBURGER, 2007).

O poeta comprova uma inquietação com o que poderá acontecer com a natureza no futuro. Faz uma previsão do que restará dos campos e florestas: “Um dia a terra será / Só o espaço cego que gira” um espaço vazio onde não há

elementos que possam sequer ser visualizados, tornando-se um lugar sombrio, ao dia ou noite, com um mar eliminado pela poluição, sem peixes, sem vida sem montanhas, sem casas, sem alusões, eliminado do mapa. Para Hamburger (2007, p. 417) “No poema de Supervielle, a preocupação com as coisas da natureza contribui com a simplicidade e a naturalidade da expressão, embora a reação de Supervielle diante da natureza seja moderna em sofisticação, complexidade e ironia [...]”. A inquietação do poeta determina o modo simples e natural da exposição das suas ideias, mesmo que o seu posicionamento perante a natureza seja evoluído, refinado, profundo e sarcástico.

Muitos poetas brasileiros também se inspiraram na natureza como manifestação de suas preocupações, intencionando alcançar a sensibilidade humana, e com isso assumir a postura de defesa em prol da natureza, conforme falaremos na subseção 3.2.1. Essas demonstrações ocorreram em diversas épocas de nossa literatura. Sob a intenção de, apenas, sistematizarmos melhor o trato dado à natureza na literatura, no entanto sem expandirmos historiograficamente esse estudo, foi que recorreremos, a título de exemplificação, a alguns desses autores da literatura, a fim de contextualizarmos em torno desses outros poetas o que falam sobre temática²³.

Se a poesia, segundo Hamburger (2007), no século XX, e, também por analogia no século XXI, é uma volta aos arquétipos da natureza, portanto aos primórdios da humanidade, aquilo que é de mais espontâneo com a vida, a poesia de José Paulo Paes, situada no século XXI, no mundo literário que envolve obras contemporâneas, ao trazer como temática a natureza, seus versos, estão fazendo aquilo que Hamburger fala de voltar esses arquétipos dessa natureza. Essa volta deve levar o indivíduo a seu mundo primeiro, o que significa buscar uma espécie de cumplicidade entre o homem e aquilo que tem de mais natural. Nesse sentido ainda, segundo Hamburger, regressar a esses modelos da natureza, em pleno século XXI significa um combate, um questionamento do mundo pensado e legislado pela razão e pela ciência, ou seja, os poetas se dão conta de que a ciência não é suficiente para trazer uma plena alegria para o mundo e para os homens.

²³ As crônicas já contemplavam a temática da natureza. Esses relatos fazem a reflexão sobre a interação entre os homens e o meio ambiente apontando uma relação que se dá interesse e pelo sacrifício da natureza. Williams (2011, p. 57-58) “[...] a terra e suas criaturas estão aí para serem exploradas insaciavelmente [...]” “[...] a terra é rica e nela nada faltará.” a natureza.

Somente pela obra de arte pode se alcançar essa felicidade plena, porque ela nos retira do abismo intelectual e amplia a nossa capacidade humana, dando-nos o norte, pois como afirma Candido (2004, p. 178): “Toda obra literária pressupõe esta superação do caos, determina por um arranjo especial das palavras e fazendo uma proposta de sentido”, por isso que a poesia, parafraseando Bosi (2013), é mais essencial para os dias atuais que antigamente, porque ela individualiza para, a partir disso, englobar o todo.

Se é próprio da poesia atingir o geral no particular ou simplesmente alargar a experiência individual, convertendo-a em experiência humana é porque ela é capaz de transcender a toda e qualquer individualidade. Então, o poeta não pode falar de toda humanidade, mas ele pega uma pessoa ou outra para, com base nela, envolver integralmente a humanidade. Dessa forma, é o geral no específico, isso é ensinamento. A grande sacada da literatura ou da arte é que os artistas conseguem e os cientistas não, falar das particularidades de cada um, ao mesmo tempo dando conta que essas particularidades são universais. É o todo no particular. Isso é importante destacar, como ensino de literatura. Ou seja, ao ler um texto do poeta Augusto dos Anjos, por exemplo, o meu aluno deve aprender sobre a importância da preservação da natureza porque, caso ele não aprenda, o resultado pode ser catastrófico: destruir a natureza é destruir o próprio homem e ter uma vida em decadência. A ação humana promove nesse sentido a decadência da própria humanidade.

3.2.1 Natureza: conexão no poetizar de alguns escritores brasileiros

Ao discutir as tensões recorrentes na poesia de Baudelaire, Michael Hamburger (2007, p. 373) ressalta que desde a época do poeta esperava-se que a poesia, entendida como produto do cálculo, “[...] tivesse chegado a um acordo com relação às máquinas e com o caráter predominantemente urbano e de uma civilização mecanizada”, como se caminhasse de mãos dadas com a experiência urbana, numa espécie de negação declarada à experiência do campo. No entanto, o que se percebe na história da poesia e que seus criadores a fizeram de instrumento de crítica e resistência “à ordem urbana e tecnológica”. Uma ferramenta de linguagem que aponta um saber penetrável capaz de nos dar a liberdade para compreender o caos que essa “ordem” dominante impõe, ajudando-nos no

livramento dessas forças de alienação, pela experiência, pelo entendimento sensorial do referido mundo.

Sendo contrária à ordem tecnológica, poetas modernos tomaram a natureza como representação lírica “com uma persistência não diminuída, pela invasão urbana e industrial do campo”, de modo que a representação da natureza na poesia pode ser vista, de uma só vez, como crítica à vida social moderna, e como defesa da própria humanidade. A esse respeito, diz ainda Hamburger (2007, p. 415), que o progresso da urbanização e da industrialização deu origem a um novo sentimento, que Jules Supervielle chamou de “O sentimento de pesar pela terra”.

Essa representação da natureza é uma recorrência na Literatura Brasileira desde a sua formação, segundo Candido (1989), e pode ser vista, portanto, da literatura colonial à literatura brasileira contemporânea. Fortemente tematizada na poesia dos árcades e na literatura romântica, ganhando espaço também na poesia de poetas brasileiros no cenário das letras modernas e contemporâneas, tais como: Augusto dos Anjos, Manuel Bandeira, Drummond, José Paulo Paes.

Não é pretensão nossa, neste estudo, fazer uma discussão historiográfica aprofundada das estéticas nem de todos os autores que abordam a temática da natureza, ao longo da formação de nossa literatura. No entanto, se realizamos uma discussão a respeito da temática em questão como recorrência em variados momentos da literatura brasileira, é porque a compreendemos como uma tradição constituída nas nossas letras. Nesse sentido, a abordagem do tema da natureza reconhece, na poesia de José Paulo Paes, uma “continuidade da tradição”, renovando o sistema literário brasileiro, conforme entendimento de Antonio Candido (2000). Daí, fazemos, ainda que de forma breve, um percurso em torno de alguns autores da literatura brasileira, tendo como objeto de discussão a natureza, como possibilidade de ilustrar a questão apresentada neste capítulo.

Dito isso, o nosso primeiro ponto é sobre a presença da natureza no Arcadismo. Também conhecido como Setecentismo ou Neoclassicismo²⁴, rompe com a tradição bucólica europeia, colocando na ordem do dia a cor local e o sentimento nativista, embora a natureza vinculada ao sentimento patriótico ganhe consolidação, enquanto representação estética, na primeira fase do Romantismo no

²⁴ O termo Neoclassicismo, de acordo com Candido (2000), é uma herança portuguesa, herdada anterior e respectivamente dos espanhóis e ingleses para indicar uma reprodução do Classicismo francês, no século XVIII.

Brasil: “Nosso Céu tem mais estrelas / Nossas várzeas têm mais flores / Nossos bosques têm mais vida / Nossa vida mais amores”.

A dualidade dos escritores foi uma das marcas principais do movimento, pois apesar de eles seguirem as tendências ideológicas, conforme Candido (2000), próprias do século XVIII, exaltação da natureza, divulgação apaixonada do saber, crença na melhoria da sociedade, através desta, e a confiança na civilização e bem estar coletivo, advindas da Europa, ainda se interessavam muito pela natureza e pelos problemas da colônia.

No trecho do poema *Soneto*, de Cláudio Manoel da Costa²⁵ a seguir, há o destaque sobre o estranhamento do eu lírico diante do progresso que destrói a natureza:

Soneto
 Onde estou? Este sítio desconheço:
 Quem fez tão diferente aquele prado?
 Tudo outra natureza tem tomado,
 E em contemplá-lo tímido esmoreço.

Uma ponte aqui houve; eu não me esqueço
 De estar a ela um dia reclinado!
 Ali em vale um monte está mudado
 Quanto pode aos anos o progresso!

Árvores que vi tão florescentes,
 Que faziam perpétua a primavera:
 Nem troncos vejo agora decadentes.

Eu me engano: a região esta não era
 Mas venho a estranhar, se estão presentes
 Meus males, com que tudo degenera!

A reação de estranhamento diante das mudanças naturais do lugar, anteriormente conhecido por ele, “Onde estou? Este sítio desconheço”, revela a perplexidade do eu lírico diante da degeneração que o progresso ocasiona: “Ali em vale um monte está mudado / Quanto pode aos anos o progresso!”. Ele denuncia os malefícios que o progresso ocasiona, dentre tantos, a destruição da flora: “Árvores que vi tão florescentes, / Que faziam perpétua a primavera: / Nem troncos vejo agora decadentes”.

Levando-se em conta essa recorrência na poesia produzida no século XVIII, podemos dizer que o poeta acima aludido já havia feito de sua poesia, naquela

²⁵ COSTA, C. M. **Poemas**. Disponível em: <www.dominiopublico.gov.br>. Acesso em: 07 jul. 2017.

época, um instrumento de crítica social. Deu visibilidade ao desenvolvimento desenfreado, cujo avanço gerou a destruição da natureza, o que vem gerando problemas perceptíveis e preocupantes à humanidade.

Nossa segunda consideração no tocante à temática condutora estaciona no século XIX, no contexto do romantismo, período em que a questão ficaria também marcada tanto na poesia lírica, quanto na prosa. Como ilustração da representação da natureza na poesia romântica, destacamos, por exemplo: Casimiro de Abreu e Gonçalves Dias.

Buscava-se, então, a harmonia entre a natureza e o espírito, conseqüentemente, expressando-se um modo de ver e revelar a natureza com exaltação e fidedignidade. O Romantismo configurou a tomada de consciência nacional e afirmação da autonomia literária brasileira, por novos sentimentos de liberdade e demonstração da vida, através do nacionalismo, conduziu os escritores a retratarem a sua terra, costumes, fatos, como vemos neste trecho do poema *Canção do exílio I*, de Casimiro de Abreu (1855): “Oh! Que céu, que terra aquela, / rica e bela / como o céu de claro anil! / Que seiva, que luz, que galas, / não exalas, / não exalas, meu Brasil!; Oh! que saudades tamanhas / das montanhas, / daqueles campos natais! / daquele céu de safira / que se mira, / que se mira nos cristais!”.

Nesse contexto histórico marcado pelo sentimento nacionalista, encontramos o exemplo da exaltação da Pátria e, de modo especial à natureza, feita por Gonçalves Dias, no conhecido poema *Canção do exílio*, escrito em 1843, no qual percebemos claramente a valorização da natureza brasileira, em contexto de exílio, destacando a visão ufanista da pátria que está distante, por meio de um tom nostálgico:

Canção do exílio

Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o Sabiá;
As aves, que aqui gorjeiam,
Não gorjeiam como lá.

Nosso Céu tem mais estrelas,
Nossas várzeas têm mais flores
Nossos bosques têm mais vida,
Nossa vida mais amores.

Em cismar, sozinho, à noite,
Mais prazer encontro eu lá;
Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o Sabiá.

Minha terra tem primores,
 Que tais não encontro eu cá;
 Em cismar - sozinho, à noite -
 Mais prazer encontro eu lá;
 Minha terra tem palmeiras,
 Onde canta o Sabiá.

Não permita Deus que eu morra
 Sem que eu volte para lá;
 Sem que desfrute os primores
 Que não encontro por cá;
 Sem qu'inda aviste as palmeiras,
 Onde canta o Sabiá.
 (DIAS, 2007).

No poema, dois aspectos são evidenciados: a valorização do Brasil e o diálogo intertextual, características muito presentes nas obras da época: "...As aves que aqui gorjeiam, não gorjeiam como lá" – esses versos destacam a valorização idealizada da terra natal, da natureza, a distância espacial, bem como a supervalorização dos elementos que compõem as particularidades do lugar.

A distância e a saudade geram a distorção da imagem dessa terra natal, cuja natureza é detalhadamente comparada com a terra do local do exílio: "Minha terra tem palmeiras / Onde canta o Sabiá"; "Minha terra tem primores, / Que tais não encontro eu cá". Dois advérbios repetidos ao longo do poema, "lá" e "cá", marcam a oposição e a distância entre os dois mundos visualizados pelo eu lírico – o Brasil e a Europa. O advérbio "cá" representa a terra do exílio (Portugal), e o advérbio "lá" representa a terra natal (o Brasil), mas com um destaque: o poeta fala da terra brasileira em desfavor do mundo europeu.

O eu lírico tem em si a presença marcante do lugar de sua origem. Da mesma maneira, a forte presença do contraste físico dos dois ambientes em questão. A comparação que ele estabelece entre os espaços ocasiona o misto de sentimentos, que revela a saudade e uma melancólica tristeza, evidenciadas no texto. As suas referências, cravadas nos inúmeros sentimentos, são externalizadas, ao longo do poema.

Entre os vários elementos que compõem a natureza, há dois que são enfatizados e se tornam símbolos da pátria distante: o "sabiá" e a "palmeira". Esses elementos representam as belezas do país. O sabiá é visto em Williams (2011) como elemento da identidade nacional, advinda da experiência campestre. Emblema representativo da fauna brasileira, ave famosa pelo vasto repertório de cantos. Um pássaro citado por vários poetas como aquele que canta o amor e a primavera. Já a

palmeira, cuja história em nosso território se confunde com o próprio surgimento da nação, ainda no período conhecido como Brasil Colônia. Dessa maneira, Gonçalves Dias referencia esses elementos por possuírem os perfis dos componentes que mais fielmente traduzem as belezas da fauna e da flora brasileira.

O poema é tão reconhecido que vários outros textos fazem referência a ele, criando relações de intertextualidade, a partir da temática da natureza. Sob esse ponto de vista, os poetas, ao rerelem a partir do jogo intertextual de suas líricas a poesia de Gonçalves Dias, estariam cumprindo um papel importante para a consolidação e renovação do sistema literário brasileiro, dando, segundo Antonio Candido (2000), “continuidade à tradição literária” no Brasil. Alguns versos do citado poema estabelecem relação com o Hino Nacional Brasileiro, de Osório Duque Estrada, conforme vemos a seguir: “[...] Nossos bosques têm mais vida, nossa vida mais amores”.²⁶ Além desses versos do Hino do Brasil, muitos autores escreveram poemas que estabelecem, por meio da temática, um diálogo com a *Canção do Exílio*, o qual inspirou vários poetas de diversas épocas, inclusive José Paulo Paes, com sua *Canção do exílio facilitada*, publicada mais de um século depois.

No plano da prosa, os romances indianistas de José de Alencar, embora não tragam em si um teor crítico sobre a temática, trazem, numa visão ufanista e patriótica da terra, expressões voltadas à nossa fauna e à nossa flora: *O guarani*, *Iracema* e *Ubirajara*.

Dessa forma, percebemos que uma das notas dominantes da estética romântica no Brasil é o culto à natureza, num contexto de afirmação da identidade nacional brasileira. Por causa disso, a necessidade do sentimento patriótico criado e elaborado por intelectuais, poetas e escritores do referido período.

É lícito lembrar sobre a recorrência da natureza, imagem que se configura um componente comum a vários outros autores, os quais estão inseridos no intervalo entre romantismo brasileiro até a contemporaneidade. Para os quais poderíamos lançar o nosso olhar, entretanto não percorremos esses escritores, já que não é nossa intenção, conforme afirmamos anteriormente, elencar todos esses autores.

²⁶ Ver também a temática da natureza no Hino Nacional Brasileiro, bem como em outras produções poéticas, tais como: Casimiro de Abreu, Oswald de Andrade, Murilo Mendes e Drummond.

Avançaremos para o período de transição entre o simbolismo e o modernismo, o Pré-Modernismo,²⁷ o qual representa a ruptura com a linguagem pomposa parnasiana; a exposição da realidade social brasileira; o regionalismo; a marginalidade exposta nas personagens e associação aos fatos políticos, econômicos e sociais. Na literatura brasileira, podemos citar, dentre os poetas que lançaram mão da natureza em favor da terra e do homem, Augusto dos Anjos e Carlos Drummond de Andrade, para ficarmos apenas com dois nomes dos maiores expoentes da poesia brasileira. Do poeta paraibano, leia-se o poema *A árvore da Serra*.²⁸

— As árvores, meu filho, não têm alma!
E esta árvore me serve de empecilho...
É preciso cortá-la, pois, meu filho,
Para que eu tenha uma velhice calma!

— Meu pai, por que sua ira não se acalma?!
Não vê que em tudo existe o mesmo brilho?!
Deus pôs almas nos cedros... no junquilha...
Esta árvore, meu pai, possui minh'alma! ...

— Disse — e ajoelhou-se, numa rogativa:
«Não mate a árvore, pai, para que eu viva!»
E quando a árvore, olhando a pátria serra,

Caiu aos golpes do machado bronco,
O moço triste se abraçou com o tronco
E nunca mais se levantou da terra!
(ANJOS,1912).

Nesse poema, pai e filho divergem sobre o destino de uma árvore: o pai pretende cortá-la e o filho tenta impedi-lo. Os argumentos do pai para derrubar a árvore estão pautados na ideia de que ela não possui alma, logo não sentirá nada quando ele cortá-la. Outro argumento do genitor é o fato de ela representar um empecilho para a tranquilidade de sua velhice, não havendo motivo para poupá-la. Ele reitera que sua velhice não será tranquila sem isso. Para o filho, os argumentos do pai não justificam a importância capital de destruí-la. Aquele não enxerga perigo que a árvore possa provocar ao pai e lhe pergunta o porquê de ele não acalmar sua ira. Ao usar o termo “ira”, percebemos que o pai não está falando ou agindo

²⁷ Foi uma época de intensa movimentação literária, que se desenvolveu nas décadas de 1910 e 1920. No entanto, para muitos estudiosos, não deve ser considerada uma escola literária, uma vez que apresenta inúmeras produções artísticas e literárias distintas e pela presença de características neo-realistas, neo-parnasianas e neo-simbolistas.

²⁸ ANJOS, Augusto dos. **Eu e outras poesias**. Porto Alegre: L&PM Pocket, 2013.

amenamente, está tomado de fúria, pois ira é uma reação enérgica, portanto, compreende-se que não há pacificidade na discussão. Nesse caso, o poema do poeta paraibano nos faz refletir acerca de um tema caro à humanidade, à natureza.

O filho tenta persuadir o pai, comparando a importância da árvore a tantas outras coisas também importantes: "não vê que em tudo existe o mesmo brilho?!", para o filho todas as coisas possuem a mesmo valor e se revestem da mesma importância. Dessa forma ele rejeita a superioridade de um ser com relação a outro: "Deus pôs almas nos cedros... no junquilha...", o junquilha, uma espécie rústica de capim, representaria as coisas humildes e o cedro o encanto, o glamour. O filho compreende que tanto as coisas humildes, como o junquilha, quanto às requintadas, o cedro, possuem almas, já que são obras de Deus têm o direito à vida. Aos olhos dele, o pai valoriza as coisas mais refinadas em detrimento das simples. A vida material ganha relevo aos olhos do patriarca, como contraponto à sua visão o filho toma o partido da natureza. Como é próprio da poesia atingir o geral no particular, ou simplesmente alargar a experiência individual convertendo-a em experiência humana, podemos dizer que a morte da "árvore da serra", representada no poema, está para a morte da natureza, assim como a do filho está para a morte da humanidade.

A poesia "Diz sensivelmente o que os psicólogos buscam expor provar" (BOSI, 2013, p. 20). Se nela está a resposta para as angústias que nos afligem e que nos levam a procurar ajuda psicológica, é porque ela possui o poder de nos restaurar e nos ensinar, dando-nos os encaminhamentos necessários para melhor vivermos. Nessa direção, o poema nos ensina a refletir sobre a necessidade de preservação da natureza, na medida em que desperta em nós uma reflexão sobre as ações humanas na destruição da "árvore da serra", que é promover a própria destruição da humanidade. Homem e natureza em decadência, meu aluno deve aprender que desrespeitar a natureza é desrespeitar a si mesmo, promover a morte de um é enterrar o outro. A poesia, como assegura Adélia Prado: "expressa aquilo que nós sentimos, aquilo que é humano e só por isso ela me alimenta porque ela dá significação e sentido na minha vida".

Indignado, o filho tenta convencer o pai a mudar a ideia que destrói a sua alma: "esta árvore, meu pai, possui minh'alma!". Para ele a árvore era tão querida e amada que tinha uma existência espiritual, uma alma, valia tanto quanto a sua própria vida. Desesperado, ele se ajoelha e implora ao pai: "Não mate a árvore, pai,

para que eu viva!”, pois a existência dele depende daquela árvore. Porém, o pai resolvido e insensível corta a árvore com um “machado bronco”. O vocábulo “bronco”, de acordo com o *Dicionário Aurélio*, significa estúpido. Ele é usado para mostrar a estupidez da brutalidade, o assassinato cometido contra àquela árvore.

A ligação do filho com a árvore é tão insólita e intensa que, quando o pai a destrói, assassinando-a, também está matando o seu próprio filho: “O moço triste se abraçou com o tronco / E nunca mais se levantou da terra!”.

De Carlos Drummond de Andrade é destaque no tocante à natureza, por exemplo, o poema *Lembranças do mundo antigo*:

Clara passeava no jardim com as crianças.
O céu era verde sobre o gramado,
a água era dourada sob as pontes,
outros elementos eram azuis, róseos, alaranjados,
o guarda-civil sorria, passavam bicicletas,
a menina pisou a relva para pegar um pássaro,
o mundo inteiro, a Alemanha, a China, tudo era tranquilo em redor de Clara.

As crianças olhavam para o céu: não era proibido.
A boca, o nariz, os olhos estavam abertos. Não havia perigo.
Os perigos que Clara temia eram a gripe, o calor, os insetos.
Clara tinha medo de perder o bonde das 11 horas,
esperava cartas que custavam a chegar,
nem sempre podia usar vestido novo. Mas passeava no jardim, pela manhã!!!
Havia jardins, havia manhãs naquele tempo!!!
(ANDRADE, 2002).

Nesse poema, Carlos Drummond de Andrade articula o presente ao passado, como crítica do presente, à civilização moderna, por meio da memória. Um presente marcado pela correria da modernização em detrimento das coisas simples do cotidiano, como a natureza e a tranquilidade. Parafraseando Adorno (2006), uma civilização caracterizada sob um viés de uma racionalidade em contínuo progresso que sempre visou se firmar, emancipar-se das ameaças do outro, da natureza. Os mecanismos de poder, repressão e de manipulação evidenciando a lógica de uma dominação perversa no período moderno, em que o indivíduo é concebido como um resultado daquilo que usa, conforme se apresenta. Logo, o homem moderno, na compreensão de Adorno (2006), está imerso em uma situação de escravidão, pois o que predomina é a supremacia da razão instrumental. Essa racionalidade técnica, segundo o autor, refere-se à hegemonia da ideologia do pensamento instrumental, modelo de racionalidade em que está posta em função da dominação política e econômica.

Partindo de um caso específico, Clara, o poema vai ao universal: “o mundo inteiro, a Alemanha, a China, tudo era tranquilo em redor de Clara”, e os fatos simples como ter medo de gripe, calor e insetos podem ser lidos como medo de perigos maiores, coletivos, e não só individuais.

Drummond retrata a simplicidade de momentos da rotina de Clara, uma personagem que vivia numa época em que a vida, as pessoas e a natureza eram valorizadas. Os perigos eram naturais como as doenças, o calor ou os insetos. Não eram perigos provocados pela violência humana. A felicidade independia de bens materiais, mas do que se vivenciava em contato com a natureza: “nem sempre podia usar vestido novo. Mas passeava no jardim, pela manhã!!!”.

Percebemos de que não é apenas sobre Clara que o poema fala, o texto fala de presença, ausências e faltas, sejam elas quais forem, mas de um mundo em que acontecimentos pequenos e cotidianos, idealizados pelas cores (verde, dourado, azul, róseo, alaranjado), dão lugar a um mundo do qual o leitor não sabe nada, senão que “jardins” e “manhãs” desapareceram. Podemos interpretar que se trata de uma crítica ao momento em que foi escrito e/ou publicado, ao mesmo tempo em que revela questões referentes ao mundo atual, pelo que a modernização acarreta como prejuízo à paisagem natural, à própria natureza.

O poeta estabelece uma comparação entre dois mundos distintos, o antigo e o atual, e conduz o leitor à percepção dos efeitos maléficos que a modernidade provoca. Ele dá um não ao altíssimo preço que a natureza paga, pelo que a modernidade impõe.

Outro escritor que poetizou a natureza foi Manoel Bandeira.²⁹ Ele começou na poesia parnasiana, mas ficou marcado na literatura pela atuação no modernismo. Dono de uma escrita direta e simples, apesar de conhecer e utilizar muitas vezes as formas clássicas de estruturação de poemas, e com uma extensa obra literária, também um defensor da natureza, como perceberemos no poema a seguir, *Pardalzinho*, do livro *Poesia completa e prosa* (2010):

Pardalzinho

O pardalzinho nasceu
Livre. Quebraram-lhe a asa.
Sacha lhe deu uma casa,
Água, comida e carinhos.

²⁹ Autor de *Os Sapos*, um poema que merece destaque no início da Semana de Arte Moderna.

Foram cuidados em vão:
 A casa era uma prisão,
 O pardalzinho morreu.
 O corpo Sacha enterrou
 No jardim; a alma, essa voou
 Para o céu dos passarinhos!
 (BANDEIRA, 2010).

O poema trata da temática da liberdade de um elemento que compõe a natureza, o *Pardalzinho*, cujo título, no diminutivo, estaria associado à vulnerabilidade do pássaro diante da agressividade humana. O que se concretiza no segundo verso, pela antítese nos dois períodos que o integram: “Livre. Quebraram-lhe a asa”, livre, mas de asa quebrada, ou seja, sem liberdade.

O autor, por meio do poema, revela um dos desejos mais intensos do ser humano, a liberdade. O que não é diferente para os pássaros, pois como nós nascemos livres, eles também nascem. O fato de termos as nossas asas quebradas e a nossa liberdade ceifada não necessariamente no sentido literal do poema, mas também sugere que a ausência dessa liberdade pode ocorrer nos atos que oprimem e tentam aprisionar o indivíduo: a escravidão, um regime totalitário, as ações arbitrárias, a impossibilidade de expressão, de viver completamente.

O pardalzinho, em troca de sua liberdade, ganhou uma casa com tudo o que necessitava para viver, inclusive os carinhos de “Sacha”, no entanto a casa representava um mundo artificial para o pássaro, já que estava fora do seu habitat, a natureza. E esse mundo de aprisionamento levou o animal a uma tristeza profunda e à morte. Apesar de a morte significar o fim, a extinção das espécies naturais, o autor nos apresenta nos versos finais, uma esperança: “No jardim; a alma, essa voou / Para o céu dos passarinhos!”. O que teria a alma do Pardalzinho encontrado no céu dos passarinhos? A conquista da liberdade, após a morte, uma liberdade eterna, sem perspectiva de ser novamente talhada. O poema reconstitui, sabiamente, os conceitos da vida humana e animal, conduzindo o leitor a refletir sobre as próprias atitudes no trato com a natureza.

Na contemporaneidade³⁰, muitos outros artistas também fizeram de sua arte uma forma de reivindicação e questionamento dos maus tratos dado à natureza em decorrência do agravante desenvolvimento da racionalidade e das inovações

³⁰ Nas tendências contemporâneas, muitos outros autores retratam a natureza. *Vidas Secas*, Graciliano Ramos, por exemplo, de 1938, baseou-se por sentimento de rejeição proveniente do contato entre o homem e a natureza ou com o seu semelhante. Outro autor que faz uma descrição dos desbravamentos de terras invioladas, na obra *Terras do sem-fim* é Jorge Amado. Uma obra social e extremamente crítica e crua.

tecnológicas, dentre os quais citamos: Caetano Veloso. Vejamos, então, alguns versos de *Sampa*, uma das mais famosas canções da Música Popular Brasileira: “Do povo oprimido nas filas, nas vilas, favelas / Da força da grana que ergue e destrói coisas belas / Da feia fumaça que sobe, apagando as estrelas”. Como diria Helder Pinheiro, sobre os saberes que os poemas trazem do mundo, que é um saber permeado pela vivência, pela percepção sensorial do referido mundo. Os versos da canção podem despertar no meu aluno a percepção desse contraste social, desumano e devastador de pessoas e do meio ambiente que é apontado na canção. A arte como processo de libertação, torna esse aluno mais sensível ao mundo e aos problemas que o afligem.

A natureza ocupa um lugar de destaque igualmente na criação de uma das vozes líricas da poesia brasileira contemporânea, Manoel de Barros. Hoje o poeta é reconhecido nacional e internacionalmente como um dos mais originais do século e mais importantes do Brasil. No poema que segue, *Experimentando a manhã dos galos*, percebemos uma possibilidade de se pensar nessa questão da poesia associada à natureza, por exemplo, lemos que “a poesia é...” e então há a inserção de imagens que são associadas metaforicamente a elementos da natureza “nuvem a comer na árvore vazia que desfolha a noite...” e “floresta que oculta quem aparece como quem fala desaparece na boca” as palavras do autor são livres e carregadas de sentidos semânticos, direcionando para a inutilidade que circunda o ser humano diante de sua própria voz, “os silêncios sem poro”, e diante da magnitude da natureza. Ele liga intrinsecamente a sublimidade da poesia à da natureza “o beijo dos rios abertos nos campos espalmados em álacres os pássaros...” Para o poeta a beleza e os encantos da natureza são tão inexplicáveis quanto à poesia, são para serem incorporados, como destaca o autor no poema, que integra a obra *Compêndio para uso dos pássaros*, publicada pela Editora Record, no ano de 1999, *Experimentando a manhã nos galos*:

... poesias, a poesia é

— é como a boca
dos ventos
na harpa

nuvem
a comer na árvore
vazia que
desfolha noite

raiz entrando
em orvalhos...

os silêncios sem poro

floresta que oculta
quem aparece
como quem fala
desaparece na boca

cigarra que estoura o
crepúsculo
que a contém

o beijo dos rios
aberto nos campos
espalmado em álacres
os pássaros
— e é livre
como um rumo
nem desconfiado...
(BARROS, 1999).

O pensamento análogo e a atribuição de caráter sagrado do natural percorrem todos os versos que compõem o poema. O poeta que, do ponto de vista pessoal e subjetivo, percebe no homem a representação do universo, o valor das pequenas coisas, concebe o universo natural em cada detalhe metalinguisticamente pensado. A poesia volta-se para falar de si mesma, elegendo a natureza como conteúdo, porque a “poesia é fenômeno poético de natureza epifânica, reveladora, do que confere a uma obra de arte”, como assegura Adélia Prado. Por meio de paradoxos, o escritor incorpora no poema a liberdade da poesia à soberania da natureza, na medida em que vai comparando esses dois elementos.

Nos versos, o autor utiliza algumas figuras de linguagem para metamorfosear a mensagem do poema, deixando-a mais expressiva e encantadora. Citamos como, por exemplo, a comparação que é introduzida a partir do título: “... poesias, a poesia é” e se estende por todo o texto: “— é como a boca”, / nuvem / a comer na árvore”; o paradoxo que cria o efeito do inimaginável que envolve o leitor: “raiz entrando / em orvalhos...”; a catacrese: “— é como a boca / dos ventos”; personificação: “floresta que oculta / quem aparece / o beijo dos rios”. Os recursos representam criativamente a magnitude da natureza e poder que a poesia detém, “O equilíbrio exato entre a expressão do sentimento e a penetração do mundo exterior”, conforme anuncia Hamburger (2007, p. 48).

Nesse caso o poema de Manoel de Barros é um excelente texto que aponta para o ensinamento e para a educação, na perspectiva do alcance da literatura com o poder da poesia, em favor do letramento literário dos meus alunos. O exercício com o referido poema possibilita para eles vivenciarem uma experiência estética e possam, através da relação de sensibilidade, construir em si a humanidade necessária para promover mudanças que intencionem superar as necessidades primordiais para a preservação da natureza.

Como o poema de Manoel de Barros, muitos outros poetas, no século XX, também fazem de sua poesia um espaço para que possamos refletir e discutir a temática da natureza com os nossos educandos. Na modernidade, a poesia se transforma em algo diferente, em instrumento de crítica social. Os poetas da modernidade fazem de sua poesia um espaço para se pensar, repensar, construir um pensamento crítico antagônico à visão social contemporânea, contra a vida pensada, alimentada pela racionalidade, pelo cientificismo, pela tecnologia. Eles criam uma poesia de retorno à natureza, por compreender criticamente que a modernidade destrói matas, de forma geral, a fauna e a flora em nome de um lucro exacerbado. Por perceberem que não importa ao empresário a quantidade de árvores destruídas, mas que irá obter lucro e mais lucro. A crítica sociológica chama de reificação da existência: não pensar no outro, no amanhã em quantidade de vida, porque a sua visão está voltada exclusivamente para o capital. A literatura não partilha com esses valores de escravização humana, em nome da manutenção do capital: “Muitos poetas posteriores demonstraram semelhante incapacidade para marchar fraternalmente ao lado de uma ciência utilizada para proporcionar novos meios de exploração econômica”. (HAMBURGER, 2007, p. 375).

É próprio da poesia moderna estabelecer sinais de discordância de valores da civilização técnica, uma vez que ela se institui nesse mundo com o olhar crítico e pensamento reflexivo. Contrário ao modelo de civilização dado pela sociedade, o poeta José Paulo Paes, objeto de nosso estudo, não é diferente: trata-se de um nome singular no curso histórico da poesia brasileira. Um poeta avesso às convenções, cuja produção poética está associada às próprias experiências.

José Paulo Paes está entre os nomes mais expressivos da nossa literatura, sua obra configura-se numa leitura necessária, não apenas para exames, ou obrigações, mas para momentos em que se busca o prazer estético, um dos ingredientes básicos para uma existência completa. Os textos do poeta são voltados

inicialmente para um público não especializado e têm o objetivo de formar o leitor comum para os sentidos da obra literária, devolvendo-lhe o prazer da leitura.

A natureza é um ponto recorrente na literatura de Paes e em comum nos poetas, anteriormente citados, bem como em outros que discutiram também, no centro do mundo contemporâneo, essa temática. O destaque a esse conteúdo nos poemas dele podem, portanto, descrever como são as relações entre os seres humanos e o mundo natural.

Evidenciaremos inicialmente os dois poemas do nosso autor escolhido, *Paraíso* e *Raridade*, corpus da nossa pesquisa e intervenção em sala de aula. No livro *Poemas para brincar* (1990), focalizamos o poema *Paraíso*, para o qual José Paulo Paes recorre à tradição das cantorias infantis para impor novos sentidos a velhos temas. No poema de Paes, o desejo que ora é manifestado pelo eu lírico faz referência a um plano mais geral. Há uma preocupação com os espaços que nos cercam, a rua, a mata, o rio e o mundo: "Se esta rua fosse minha / eu mandava ladrilhar / não para automóvel matar gente, / mas para criança brincar". Numa linguagem simples e coloquial, com características que remetem à brincadeira infantil e intuito de aguçar a imaginação das crianças, José Paulo Paes, produz *Paraíso*, um poema lúdico que encanta, diverte e estimula o imaginário infantil e também adulto:

Paraíso

Se esta rua fosse minha,
eu mandava ladrilhar,
não para automóveis matar gente,
mas para criança brincar.

Se esta mata fosse minha,
eu não deixava derrubar.
Se cortarem todas as árvores,
onde é que os pássaros vão morar?

Se este rio fosse meu,
eu não deixava poluir.
Joguem esgotos noutra parte,
que os peixes moram aqui.

Se este mundo fosse meu,
Eu fazia tantas mudanças
Que ele seria um paraíso
De bichos, plantas e crianças.
(PAES, 1990).

Concomitantemente, quando usa suas palavras numa perspectiva da brincadeira, Paes desperta a criatividade, o prazer e a criticidade que a leitura proporciona. O poema que integra o livro *Poemas para brincar*, lançado em 1988, estabelece uma relação intertextual com a cultura popular, especificamente com a cantiga de roda *Se essa rua fosse minha...*

Percebemos que na cantiga há uma declaração de amor do eu lírico pelo lugar onde mora, o amor que lhe roubou o coração. Já no poema, esse clima romântico dá lugar a uma denúncia social quando o autor apresenta, explicitamente, num tom impositivo, uma sequência ideológica de ações, ecologicamente corretas, como por exemplo, os automóveis deixarem de matar as pessoas, as pessoas não derrubarem as árvores ou poluírem os rios, matando os peixes.

Paes compara o mundo ao paraíso, evidenciando a falta de cuidado com a rua, a natureza, o meio ambiente, enfim, com o próprio mundo. A partir da subjetividade poética, o autor investe nessa impositividade e é específico até demais quando reforça a ideia de mudar esse fato concreto de descaso com a natureza. Usa o seu discurso ecológico com o objetivo de levar o aluno/leitor à reflexão da própria prática cotidiana no trato com a natureza. Ele sabe que essa comparação, a qual se estabelece através do contato com a poesia é favorável à mudança de comportamentos: “[...] a simples prática da poesia como arte cujo meio é a linguagem tem implicações sociais que receberam ênfase especial neste século [...]” (HAMBURGER, 2007, p. 59). Na esteira dessa teoria, a linguagem poética, mesmo que não apresente explicitamente um cunho moralizante, promove diferentes pressuposições que se subentendem de uma determinada situação. Nessa circunstância, o descaso com a natureza.

Fica evidente a ideia de que a brincadeira proporciona aos nossos alunos um aprendizado, uma vez que a crítica a esse problema ambiental está inserida na brincadeira de roda. Também que há o investimento em sutis lições que podem contribuir para a mudança de comportamentos deles, a partir da ideia de “querer mudar o mundo, proteger os bichos e os animais”, chamando a atenção para um cuidado mais específico do lugar onde se vive.

Em 1989, pela Editora Ática, Paes publicou *Olha o bicho*, do qual faz parte o poema *Raridade*, um dos poemas, também junto à *Paraíso*, que enfocam a importância para a preservação do meio ambiente:

RARIDADE

A arara
 É uma ave rara
 Pois o homem não pára
 De ir ao mato caçá-la
 Para por na sala
 Em cima de um poleiro
 Onde fica o dia inteiro
 Fazendo escarcéu
 Porque já não pode voar pelo céu.
 E se o homem não para
 De caçar arara,
 Ou a arara some
 Ou então muda seu nome
 Para arrara.
 (PAES, 2011).

No poema *Raridade*, o autor destaca a imagem da ave arara. Uma espécie símbolo de animal de estimação, singular pela exuberante formosura, harmonia de suas cores e por ser o animal representativo da floresta tropical. Esse poema possui a estrutura semelhante a dos textos dissertativos, no que se refere à causa, efeito, conclusão. O autor apresenta o fato quando afirma que a arara é uma ave rara, já que o homem não para de caçá-la para colocá-la na sala sobre um poleiro. A consequência do fato é a ave ficar o dia inteiro fazendo barulho, já que não pode voar livremente pelo céu. E as possíveis conclusões da situação descrita pelo poeta é que se o homem não para de caçar a arara, ela irá desaparecer, já que está ficando extinta e será uma ave rara.

Os efeitos de sentido começam pelo título do poema, *Raridade*, e se estendem ao longo do desenvolvimento do texto poético que, em tom camuflado pela brincadeira, aborda a extinção da espécie, fazendo um apelo explícito para a percepção dessa problemática de sustentabilidade ambiental. O poeta também faz uma denúncia da predação do homem contra a arara, pela caça indiscriminada que retira desse animal silvestre a condição de viver livremente. Aponta o homem como o principal causador desse acelerado processo de desaparecimento do animal. Reconhecemos essa problemática por meio do poema e podemos, através da literatura, tornar mais amplo “o nosso universo, incitando-nos a imaginar outras maneira de concebê-lo e organizá-lo”. (TODOROV, 2009, p. 23).

Humoristicamente, o poeta faz um jogo com as palavras arara – rara e cria, além da homofonia entre elas, um neologismo *arrara*, o qual representa um substantivo mais condizente com a realidade próxima do destino do animal, caso o

homem não se conscientize dos impactos que essa prática predatória ocasionará à propagação dessa espécie. No texto de Paes percebemos o compromisso e o “envolvimento do poeta com a história e com a ciência, à transcendência pelo atalho mágico que leva de volta à natureza e à unidade primitiva da palavra e da coisa”. (HAMBURGER, 2007, p. 61). O que nos convence na aplicação do texto em sala de aula, porque este favorece que o ensino da literatura auxilie na formação dos alunos, ou seja, no cumprimento do seu papel humanizador, em razão de que “ela permite que cada um responda melhor à sua vocação de ser humano”. (TODOROV, 2009, p. 24).

Outro recurso pertinente, do poema, é o emprego da palavra “escarcéu” que, apesar de conter em seu interior a palavra “céu”, não mantém relação semântica entre si e no poema estabelece relação de antonímia, pois a bagunça e o barulho feitos pela ave são consequências da ausência de liberdade, da falta dos altos voos em direção ao céu, em virtude do aprisionamento provocado pela caça humana a essa espécie.

O poeta sempre teve uma relação de respeito e harmonia para com a natureza, logo essa temática ser uma constante em suas obras. O autor apresenta possibilidades para uma discussão que se pode fazer, a partir da estrutura social em vigor, que não respeita o meio ambiente e os elementos que o compõem. Esse trabalho, a função social e a relação que estabelece com os papéis sociais são temáticas pertinentes para qualquer idade. Apresenta a possibilidade de se tratar de assuntos complexos de maneira clara, sem simplificar, possibilitando a sensibilização do leitor mirim, pessoa dotada de razão, capaz de argumentar e refletir. Dessa forma, transformando-se num traço importante da poesia infantil de qualidade, já que nela não há um caráter facilitador no interior dos seus versos, nem tampouco traço moralizante, mas propostas abertas que, sobre as quais é relevante abrir discussões.

Nessa direção, o poema gera reflexão em torno do conteúdo apresentado, a extinção da arara, e pode levar o aluno a compreender sobre si mesmo, refletindo sobre a natureza. Com uma consciência mais crítica, esse educando pode constituir um espírito livre e reflexivo e se tornar uma pessoa com mais sensibilidade, a partir do acesso à obra poética. Para Hamburger (2007), o contato com o poema, relacionado a uma preocupação humana geral, é extremamente importante, mesmo

que os alunos não estejam conscientes de todas as tensões e complexidades específicas que ela apresenta.

Os autores, em suas criações artísticas, utilizam recursos semânticos como meio de exteriorização de sentimento e para sugerirem conteúdos emotivos, que contribuem na construção de sentido de texto: “[...] a poesia continuou a relacionar o mundo interior com o exterior; e esse é um modo pelo qual ela pode ajudar o homem a ser humano” (HAMBURGER, 2007, p. 423). Utilizando-se de uma linguagem especial, figurada, construída através de associações. Podemos observar através dos textos lidos que, por via de regra, há um reconhecimento, louvor e valorização da natureza.

Se, a partir da reflexão desses textos, e outros tantos que nos direcione a compreensão sobre a temática que adotamos, adquirirmos uma nova postura diante do meio ambiente, estaremos caminhando ao encontro de uma solução para situação ecológica. E o melhor meio de promover, com eficácia, uma autêntica mudança neste cenário é pela educação, por meio da formação de pessoas capazes de compreender o delicado e frágil desequilíbrio que a natureza vivencia atualmente.

As obras literárias desempenham o papel de conduzir a nossa percepção para o que antes nos passava despercebido. Fazem alusões e descrevem de modo autêntico as belezas de nossa fauna e flora. A partir das diferentes reações do artista diante da paisagem, vai-se descrevendo a terra pelos primeiros viajantes, quando a natureza é um modelo de harmônico e equilibrado. Também quando é alicerçada pela hostilidade e adversidade que criam as condições propícias para a ramificação da miséria, da fome, da violência, consequências da desvalorização do outro: “A depreciação da humanidade aqui é retórica; no entanto, a confrontação entre homens e natureza, entre engenhocas técnicas e a charneca cinzenta”. (HAMBURGER, 2007, p. 378).

A literatura retrata muitos ambientes naturais que mostram o Brasil como um espaço privilegiado da diversidade biológica. Atualmente, esse cenário continua sendo uma fonte permanente de inspiração, uma vez que os autores estão mais conscientes de seu papel educativo, da importância de formar opiniões e cidadãos conscientes que saibam valorizar, proteger e defender o ambiente em que vivem, pois:

A mãe da humanidade é a Natureza e de que é preciso ter para com ela ternura e respeito; de que a vida e o destino do homem são

desenvolvimento e esclarecimento numa liberdade autodisciplinada; de que o divino se fez carne, e a carne é divina; de que não só deveríamos amar uns aos outros, mas nos amarmos de fato. (GARY SNYDER, 1968, p. 42, 89-90 apud HAMBURGER, 2007, p. 395).

O autor nos chama à responsabilidade para com a o futuro da natureza de modo consequente também para o nosso futuro e de toda humanidade. Sob esse aspecto, conscientiza-nos do livre arbítrio que possuímos com a vida e com o destino terreno. Todavia, lembra que a nossa liberdade deve ser autoanalisada, bem como exercida com sabedoria em razão de não cometermos no presente ações que destruam a possibilidade de um futuro melhor para o coletivo. De outra maneira estaremos fadados ao fim, porque o fim da natureza significa o fim da vida humana. Como denuncia José Paulo Paes no poema *Cemitério*:

CEMITÉRIO

1

Aqui jaz um leão
chamado Augusto.
Deu um urro tão forte,
mas um urro tão forte,
que morreu de susto.

2

Aqui jaz uma pulga
chamada Cida.
Desgostosa da vida,
tomou inseticida:
era uma pulga suicida.

3

Aqui jaz um morcego
que morreu de amor
por outro morcego.
Desse amor arrenego:
amor cego, o de morcego!

4

Neste túmulo vazio
jaz um bicho sem nome.
Bicho mais impróprio!
Tinha tanta fome
que comeu-se a si próprio.
(PAES, 1989).

Novamente o escritor se volta à problemática da natureza, nesse poema composto de quatro estrofes, construídas por cinco versos cada. O título do poema, cemitério, chama a atenção do leitor por abordar um assunto que causa receio em todos, por estar relacionado à morte. A própria disposição das estrofes, cuja estrutura organizacional, é marcada pelos números de 1 a 4, o que provavelmente

representa a divisão dos túmulos, os quais se assemelham entre si pelos versos iniciais: “Aqui jaz”. Mesmo fazendo toda referência à morte, Paes, sabiamente, não a discute, muito menos os sentimentos que a envolvem.

Ele descreve o instante final dos quatros animais, numa explicação marcada novamente pela semelhança de terem, os animais, violado as próprias vidas, resultado da ação e natureza deles mesmos. O autor não avalia explicitamente o que causou essas transgressões dos bichos, mas o resultado é irônico e surpreendente.

Numa perspectiva dialógica José Paulo Paes estabelece possíveis diálogos com outros textos, quando retoma aos pecados cometidos: a ira do leão, o suicídio da pulga, o morrer de amor e a gula do bicho sem nome³¹. Essas alusões também estão em conformidade com as características de comportamentos humanos, inclusive a questão do suicida.

O leão apesar de muito forte, não consegue controlar os seus ímpetos e medos e pela eclosão de sua raiva, assusta-se e morre: “mas um urro tão forte / que morreu de medo”. A pulga não tendo estrutura psicológica para os “nãos” da vida, mata-se: “tomou inseticida: / era uma pulga suicida”. O morcego sofre tanto pelas escolhas erradas, que termina morrendo de amor: “Desse amor arrenego: / amor cego, o de morcego!”. E o bicho que não se sabe que é, como castigo da fome insaciável: “Tinha tanta fome / que comeu-se a si próprio”. Quanto a essa última imagem do último verso, pode estar ligada à história de Erisícton³², o rei que desrespeitando a deusa da agricultura e dos campos, teve como castigo, comer-se.

De toda forma, compreendemos que o autor utiliza o seu poema como denúncia e alerta das consequências dos nossos atos no tocante a preservação da natureza e o respeito aos animais que fazem parte dela. Podemos ligar a morte desses animais, à destruição da terra, à nossa própria morte. Em razão desse vazio do túmulo 4, fica a incógnita e sugestão de que esse bicho poderíamos ser nós mesmos. Ao trabalharmos esse poema com os nossos alunos pudemos fazer com eles pensassem a respeito dessas possibilidades, avaliando o seu comportamento e se ressignificando.

³¹ GEBARA, Ana Elvira Luciano. **A poesia na escola**: leitura e análise de poesia para crianças. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2012.

³² DANTAS, Tiago. “**Erisícton**” - Brasil Escola. Disponível em: <<https://brasilecola.uol.com.br/mitologia/erisicton.htm>>. Acesso em: 12 jul. 2017.

Quando Antonio Candido fala que a literatura nos dá uma cota de humanidade, ora, temos que pensar no alcance desse poema em sala de aula, discutindo essas questões com os nossos educandos. De forma que o texto lhes devolva essa compreensão de sensibilidade. Isso não significa torná-los “Deus” ou “bonzinhos”, significa que eles usufruam o direito de ter acesso àquilo que Adélia Prado chama de “Alma das coisas” que é a própria intimidade. Ou seja, essa cota de humanidade torna o aluno mais sensível, mais tolerante para a vida e para com os outros.

Nesse sentido, essa cota de humanidade em relação à natureza leva o sujeito a se sensibilizar de tal forma que ele sabe ou passa a saber da importância que a natureza tem para sua vida e para a humanidade. Essa é a humanização que a literatura também nos proporciona. A consciência de que a vida não pode ser regida apenas pelo desmatamento, pela morte da natureza nem pela força da razão tecnológica. A vida sem a natureza apodrece. É esse ensinamento que a literatura tem que nos dar. É o que os meus alunos precisam compreender. Eles têm que entender que defender a natureza é defender a própria vida na terra. A morte da natureza por sua vez é a morte do próprio homem. É esta a cota de humanidade que a literatura nos dá, sendo ela um exercício de conhecimento, segundo Compagnon.

Em outros de seus poemas, conforme observamos em *Mundo novo*, da obra *Prosas seguidas de odes mínimas*, publicada em 2002, pela Editora Companhia das Letras, Belo Horizonte, Minas Gerais, composta por duas partes contendo vinte textos em prosa poética e treze odes curtas (à exceção *A minha Perna*). O livro, pertence ao 3º tempo Modernista, é uma mistura de temas que vão do lirismo à crítica política e fazem com que o leitor tenha uma ideia geral da obra. Por esses motivos é um dos livros mais completos:

Como estás vendo, não valeu a pena tanto esforço:
 a urgência na construção da Arca
 o rigor na escolha dos sobreviventes
 a monotonia da vida a bordo desde os primeiros dias
 a carestia aceita com resmungos nos últimos dias
 os olhos cansados de buscar um sol continuamente adiado.
 E no entanto sabias de antemão que seria assim. Sabias que a pomba iria
 trazer não um ramo de oliva mas de
 espinheiro.
 Sabias e não disseste nada a nós, teus tripulantes, que ora vês lavrando
 com as mesmas enxadas de Caim e Abel
 A terra mal enxuta do Dilúvio.
 (PAES, 2002).

O poema faz uma analogia ao texto bíblico, Gênesis 6:9-22; 7:1-9, percebemos a marca pela esperança de um mundo melhor. Ocorre nele também, a defesa da existência por pior que seja. A composição apresenta uma visão dessacralizada, ou seja, há uma perda do caráter do texto bíblico, evidenciando um tom satírico.

A ironia contida no título do poema revela-nos uma crítica ao mundo novo onde não ocorreram mudanças, pois os seus habitantes não o respeitam: “[...] teus tripulantes, que ora vês lavrando com as mesmas enxadas de Caim e Abel A terra mal enxuta do Dilúvio”, levando o poema a manter relações intertextuais e dialógicas com o discurso bíblico. Torna-se, por essa via, uma abertura para o conhecimento de fundação do povo judaico cristão, em referência ao Antigo Testamento, o que também nos permite reconhecer o poema como espaço multifacetado em torno dos saberes que ele comporta.

Esse mundo novo, de modernidade, proporcionou muitos avanços, como a penicilina, o cinema, a psicanálise, os automóveis, mas também duas guerras mundiais e o caos, consequência do desbravamento urbano. O poema, cujo discurso de fundação do poeta, em pleno século XXI, retrocede no tempo para falar de um discurso mítico-religioso, aponta o conflito entre a perspectiva de um mundo realmente novo e a permanente postura de descaso com a natureza: “Sabias e não disseste nada a nós, teus tripulantes, que ora vês lavrando com as mesmas enxadas de Caim e Abel, a terra mal enxuta do Dilúvio”.

A representação da natureza no fazer poético de alguns autores, especificamente destacada nos poemas analisados, conforme vimos, é uma temática recorrente na literatura do nosso país, desde os seus primórdios. Uma resistência dos poetas como crítica à vida social moderna, também como persistência contra a invasiva destruição urbana e industrial da natureza campestre. À essa tradição da lírica brasileira pertence José Paulo Paes, poeta objeto de investigação da nossa pesquisa, como veremos mais adiante nesta dissertação, num capítulo específico.

Essa intensidade de sentido está a serviço daquilo que se constituiu no objetivo fundamental da poesia: mostrar a perene novidade da vida e do mundo; atizar o poder de imaginação das pessoas, libertando-as da mesmice da rotina; fazê-las sentir mais profundamente o significado das coisas; [...] ligar entre si o imaginário e o vivido, o sonho e a realidade como partes igualmente importantes de nossa experiência de vida.

(José Paulo Paes)

De minha parte, ufano do título de um poeta como outro qualquer, glosei Osman ao dizer que pretendo me consagrar à poesia até o penúltimo poema. Porque não chegarei a saber que era o último.

(José Paulo Paes)

4 SIMPLEMENTE A POESIA E JOSÉ PAULO PAES

4.1 POESIA, A EDUCAÇÃO PELA SENSIBILIDADE

Creemos no sentido do encontro. Acreditamos que a vida pode ser renovada, pela vastidão do nosso imaginário, libertando-nos da monotonia cotidiana e concedendo-nos novas possibilidades. Que podemos ressignificar as nossas vivências numa relação intrínseca entre a utopia e o experienciado, a fantasia e a existência. Que, em nossa experiência humana, somos inacabados, entretanto uma fonte inesgotável de sentidos, de informações, sensações e impressões. E somos capazes de transformar os próprios pensamentos em objetos dignos de contemplação, pois somos o que aspiramos: “Você é aquilo que está presente no seu desejo, no sentimento e na sua alma” (Adélia Prado)³³. Podemos ser subjetividade, podemos ser inspirações.

Encontrar a definição do vocábulo poesia é tão difícil como compreender os sentimentos que ela suscita. Hamburger (2007, p. 39) concebe-a como o “alento e o espírito mais refinado de todo conhecimento, infundindo a sensação nos objetos da própria ciência”. Ela é produção de sentidos de texto em sua perspectiva poética, profunda em relação ao que se observa na superfície das palavras. Como todas as artes, não há uma explicação definida para o que se sente. Trata-se da expressão da beleza ou do sentimento estético através da palavra, podendo ser sob a forma de versos ou em prosa. De toda forma, o seu emprego mais frequente está relacionado aos poemas às composições em verso.

A nossa escolha pelo trabalho com poesia e o gênero literário poema teve como propósito também garantir um ensino pautado pela sensibilidade. Por esse viés, acreditamos ser maneira mais fácil de alcançar, à luz dessa sensibilidade, a interação com jovens indiferentes, marcados direta ou indiretamente pela violência social. Embora, na teoria, a expressão “poesia”, conotativamente falando, possua uma referência positiva, e o poema seja um texto não suficientemente utilizado em sala de aula, a experiência com a poesia não é valorizada. Se, enquanto conceito,

³³ Conferência da autora Adélia Prado - Aula Magna: **O poder humanizador da poesia**. Disponível em: <<http://nossabrasilidade.com.br/adelia-prado-aula-magna-o-poder-humanizador-da-poesia/>>. Acesso em: 20 jun. 2016.

com regularidade, é aceito pela comunidade escolar, o que leva a prática não estar em harmonia com a teoria?

Sabemos que as atividades de leitura restringem-se à disciplina de Língua Portuguesa, que, geralmente, focaliza um tipo de texto, o poema. Não por compreender as possibilidades que podem ser elencadas e desenvolvidas no trabalho com esse gênero literário. Mas, porque o texto circula, primordialmente, em sala de aula por meio do livro didático, como pretexto para análises linguísticas, negligenciado nas suas infinitas possibilidades e marginalizado pela ênfase gramatical. No livro didático, professor e aluno encontram uma seleção feita para um público idealizado, homogeneizado, a partir de uma expectativa tanto do autor como do editor. Talvez, esse seja um aspecto que justifique o desinteresse que os textos causam nos alunos. A rejeição quiçá esteja na distância imposta pelos temas, interesses alheios ao leitor final, no suporte de veiculação desses textos e também na escolha da metodologia aplicada durante o trabalho realizado em sala de aula.

Nossos encaminhamentos não serão norteados para o estudo das causas ou consequências do poema marginalizado na esfera escolar. Mas, a fim de compreendermos a escolha pelo gênero literário escolhido, diante dos desafios e de todas as dificuldades iniciais do nosso contexto escolar para se trabalhar com esse tipo de escrito. Consideremos o ambiente constituído, na sua maioria, por alunos apáticos e interessados apenas pela própria frequência, já que era para eles a garantia do benefício do Programa Bolsa Família. Também presos à ação de meros copistas e curiosos para o desfecho da nota final. Talvez essa escolha, na época, tenha sido, como diria o poeta Manoel de Barros (2010): “carregar água na peneira”, no entanto, acreditando na poesia, insistiríamos até fazer “uma pedra dar flor!”, “Pois para isso serve a poesia: para impedir que a vida passe em vão”. (PAES, 1996, p. 73-74).

Questionado sobre a definição de poesia, durante uma entrevista para o *Jornal da poesia*, pelo jornalista Rodrigo e Souza Leão, em junho de 1998, José Paulo Paes disse que não tinha definição de bolso para a poesia, mas que, ao longo da sua experiência pessoal, deparou-se com duas concepções, as quais tentou ser fiel: “A poesia é a linguagem de descoberta do mundo e das perplexidades que ele podia suscitar em nós”; “A poesia é a redescoberta da novidade perene da vida nas pequenas/grandes coisas do dia a dia”. É descobrir algo que não tínhamos a capacidade de perceber, por meio da luz que clareia a linguagem cotidiana, das

palavras que ampliam significados e da emoção que elas despertam em nós, surpreendendo-nos com as coisas banais, corriqueiras. “É uma forma essencial de experiência humana”.

Viver a experiência de perceber e valorizar a singularidade das coisas, dos eventos, da realidade, de senti-los pela emoção. Pois, a poesia é arte, é emocional, realiza-se pela integração, comunhão, pelo diálogo, quando o artista alcança sensivelmente aquele que lê, contempla, aprecia. E se efetiva nas possibilidades. É uma produção de sentidos de texto em sua perspectiva poética que constitui viabilidades emancipatórias. Enquanto arte, a poesia é também: “[...] um sistema simbólico de comunicação inter-humana” (CANDIDO, 1980, p. 30), uma vez que permite o enriquecimento, por meio da atividade interpretativa das relações humanas na troca interpessoal.

Na concepção de Antonio Candido (1980, p. 31), a poesia perpassa o conceito. É arte pela vivência, pelo que comunica: “[...] o fato de a arte ser, eminentemente, comunicação expressiva, expressão de realidades profundamente radicadas no artista, mais que transmissão de noções e conceitos”. Sendo assim, o poeta artista não está preocupado em propagar informações ou conceitos sobre a arte, a poesia. Ele gosta de trabalhar com a linguagem, rompendo o protocolo linguístico, pois tem o compromisso com a palavra, utilizando-a para expressar de maneira transparente a realidade que está alicerçada nele. Transcontextualizar a linguagem, ou seja, ficcionalizar a vida, pois a ficção tem uma dimensão maior da realidade.

A poesia sob a ótica da linguagem, na visão de Candido (1980):

Vendo a poesia, por exemplo, como um tipo de linguagem, que manifesta o seu conteúdo na medida em que é forma, isto é, no momento em que se define a expressão. A palavra seria, pois, ao mesmo tempo, forma e conteúdo, e nesse sentido a estética não se separa da linguística. (CANDIDO, 1980, p. 31).

Na perspectiva da linguagem, a poesia, composta por palavras, é ao mesmo tempo forma e conteúdo. Forma, na teoria poética, porque nega o social, um estilo de arte que se preocupa com o conteúdo. Não tem compromisso. A arte pela arte. Enquanto conteúdo, pela teoria histórica, nega o excesso de formalismo. A forma estrutura extremamente sociológica, a natureza conteudística. Literatura é apenas discurso. Para esse crítico, a poesia esteticamente não se separa da linguística, é, pois, forma e conteúdo, é palavra e é linguagem.

A poesia, nessa veia, é a linguagem artística, marcada pela singularidade de autoria, cuja voz se põe em diálogo com o leitor. Numa atividade que cria novos recursos para a efetivação da comunicação expressiva num “movimento dialético que engloba a arte e a sociedade num vasto sistema solidário de influências recíprocas”. (CANDIDO, 1980, p. 33).

Em consonância com os autores citados, Adélia Prado, na Conferência da sobre *O poder humanizador da poesia*, concebe a poesia como uma expressão artística, uma obra autêntica e sempre atualizada que revela beleza e o “ser das coisas”: “Tudo que eu chamo de arte se justifica pela poesia que ela contém”. A arte se evidencia pelo valor poético, pelo encantamento que pode provocar em nós que a contemplamos, pois é pura expressão de um discurso não pautado na racionalidade que alcança a intimidade das pessoas. Um discurso que não intenciona incutir no outro uma alienação, mas que oportuniza a compreensão da realidade, através da mensagem expressa que nos alcança, como metaforiza a autora: “ela me dá o peixe, sem que eu precise do anzol”.

A poetisa denomina poesia como obra de arte, uma revelação que parte do inesperado, uma manifestação divina: “fenômeno poético de natureza epifânica, reveladora, do que confere a uma obra de arte”. Esse fenômeno seria um espelho pelo qual se pode reconhecer a humanidade, bem como se fazer um autoconhecimento, já que ela exterioriza o que sentimos, desde que estejamos abertos a essa apreciação, livres dos poderes do orgulho, da lógica e da razão. Não que sejamos destituídos do ajuizamento, mas que deixemos aflorar em nós o lado subjetivo, da emocionalidade, pois como enfatiza a autora: “Arte é para o sentimento, é para a sensibilidade, é para a inteligência do coração e não para a nossa inteligência lógica”. Só assim, ela poderá ser compreendida e apreendida “no único lugar para qual ela quer ir que é o centro da pessoa, aquilo que nós chamamos o sentimento, os nossos afetos”.

Nesse caso, a poesia é o alimento que permite despertar em nós a abertura para observar com profundidade o que sentimos, o que somos, o que perseguimos e o que nos cerca. Permitindo que compreendamos, através dela, o sentido da nossa existência e daquilo que almejamos “que é a unidade do ser, a unidade de nossa experiência”, partindo disso, a poesia devolve o significado à nossa vida.

Ao longo do nosso percurso existencial vivenciamos inúmeros enfrentamentos e nem sempre são situações favoráveis e prazerosas. Constantemente somos

tomados pelas frustrações, dores profundas e indescritíveis depressões, sentimentos que brotam do nosso lado mais profundo, da nossa alma. São momentos que nos deixam perdidos, sem norte, sem saber a quem recorreremos. E que ligação podemos estabelecer com a poesia? Qual o papel dela perante essas situações? Adélia diz que “A arte consola, conforta, é pão espiritual” e “ela é oferecida como um dom para a alegria de toda comunidade humana”.

Embora a autora afirme que a arte não tem papel nenhum, pois ela é apenas expressão pura, enquanto alimento ela pode alcançar o espírito, viabilizando novos direcionamentos e nos conduzindo à reflexão de que as experiências, boas ou ruins devem ser vividas e, no caso das ruins, superadas. Pois, se no instante de nossas vulnerabilidades, o nosso encontro com a arte perpassa o plano material, é como se estivéssemos indo ao encontro das coisas espirituais, mesmo que intencionalmente não saibamos. Nossa busca encontra sentido para continuarmos, quando em contato com o divino: “nós estamos procurando coisas espirituais, aquilo que não tem peso, nem tem tempo, nem medida”.

E é para descobrir em cada um a beleza que se guarda no íntimo da alma, que “a força movedora e comovedora da arte” existe. Para que não nos tornemos insensíveis às pequenas e corriqueiras coisas que nos acontecem, que nos completam e que confeccionam os retalhos da nossa colcha existencial, porque sem essa experiência de natureza poética, “sem isso, a gente está regredindo a pura barbárie, nós nos tornaríamos bárbaros. A arte, nesse sentido, ela consola, conforta, alegra e às vezes com muito choro”.

Essa força que impressiona, portanto movimenta, por ser sublime, transmite leveza, sensibilidade. Ainda que diga muito em mistério, é transparência, é profunda em relação ao que se observa na superfície das palavras. Seguindo o mesmo entendimento dos autores destacados anteriormente, Santos (2010, p. 109) ratifica que essa profundidade do texto poético refere-se ao fato de ser “da natureza do texto poético transgredir limites, romper barreiras, por as coisas, o mundo em movimento para além do horizonte à primeira vista”. O texto poético é capaz de ir além das fronteiras humanas e, pela dinamicidade, apresentar inúmeras perspectivas, por isso, “faz (re)significar vidas”. (SANTOS, 2010, p. 113).

O poema, enquanto condensação do texto poético, capta a diferença sutil entre coisas embutidas nas imagens das figuras que as condensam. Um texto que não comporta uma geografia física, uma geografia humana, fora de qualquer

espaço. É uma história sem data, mesmo que o poeta date-o, é uma história para sempre, que auxilia em fazer novas significações de coisas para pessoas, de pessoas e de experiências, por intermédio do “mundo submerso do poeta vem à tona como afloramento de seus possíveis. [...] a memória se avizinha do que é oblíquo, do que é tortuoso, visto que é um sumário de tempos muitos” (SANTOS et al., 2010, p. 113). O poeta expõe o próprio mundo fazendo emergir do seu íntimo, as emoções que camufla no desejo vital para que na existência dessa literatura esteja prevista a interação. A partir dessa interação, que a priori é pessoal, o poeta aspira que a sua obra conquiste e seja capaz de transformar, reconstruir conjuntamente mundos outros, como afirma Santos (2010), no trecho que segue:

O poeta, ainda que numa poesia de tom individual, procede uma evocação do humano, da vida em conjunto. É do gênero humano que ele nos fala, capaz de converter nosso mundo de silêncio num bradar profundo de nossas almas, ainda que em cantos de dissonância. (SANTOS et al., 2010, p. 109).

A poesia convoca particular e coletivamente para a união de vozes, ainda que diferentes, tornem-se uníssonas, em prol de mudanças, num clamor que advenha do espírito e ecoe para representar as nossas pretensões, diante daquilo que não consideramos justo no mundo. A familiarização com a poesia, interpretando Santos (2010), faz-nos enxergar o nosso próprio eu, enquanto seres constituídos de memória, ao tempo em que possibilita a restauração de nós mesmos.

Admitimos que a leitura de poemas promove uma reconstrução do que foi dito, que esse processo pode ser descrito como uma série de aproximações contínuas do texto feitas pelo leitor, bem como dos meios para executar tal tarefa. Reconhecemos ainda que o trabalho com o texto poético na sala de aula apresenta em sua estrutura constitutiva uma constante recriação e uma ampliação dos limites da língua.

Tal vivência, além do prazer estético que acompanha a interação com a obra de arte, permite ao leitor que aprimore sua noção de língua, estabelecendo relações em rede com os conceitos que a envolvem. Além disso, o poema proporciona um apelo à interioridade por exigir uma adequação ininterrupta de emoções e desejos e avaliações à medida que a leitura progride.

Isso permite ao mesmo tempo a proficiência poética e o letramento poético do leitor. Proficiência poética no quesito de compreender a poesia que há no poema, num desdobrar conceituando os modos de ler: para sentir a poesia que é invisível há

necessidade do estabelecimento de conexões que conferem a proficiência. E no aspecto do letramento poético, quando se é capaz de formar leitores mais experientes, uma vez que o letramento poético é uma forma de mostrar que o leitor de poemas é capaz de estudar a literatura com mais capacidade e competência. Com o tempo vai ganhando profundidade, em virtude de o leitor ir se tornando mais experiente e com isso ampliando os seus horizontes de compreensão. À vista disso, se o leitor adquirir as qualidades necessárias de compreender um poema, não terá dificuldade em entender um romance, novela, qualquer outro gênero possível.

A insistência no trabalho com a poesia se dá, porque é possível “plantar flor em pedra”. Persistimos, confiando na educação pelos afetos e nas oportunidades que o trabalho com a poesia oferece, ser “possível um trabalho sensibilizador através da poesia”. (PINHEIRO, 2007, p. 101-102).

Não tínhamos a garantia de assegurar que o trabalho com poesia seria responsável pela efetivação de um ensino pautado pela sensibilidade, apenas esperançosos:

Jogamos a semente e acreditamos que toda terra é boa; pode não ser adequada para esta ou aquela semente, mas outras poderão florir em terra aparentemente infértil. Sabemos que belas flores conseguem brotar em diferentes desertos. (PINHEIRO, 2016, p. 224).

E ao lançarmos a semente num terreno que não era completamente fértil, idealizamos que ela realmente produziria frutos, em outras palavras, que o trabalho com a poesia, não era propício para o contexto da turma, no entanto que poderíamos realizá-lo. Apostamos no desabrochar das flores que conseguiriam resistir à aquele terreno árido. Não sabíamos que estratégias e metodologias deveriam ser adotadas para vencer a indiferença que impregnava o contexto da sala de aula pelos jovens que a integravam. Sabíamos que precisávamos minimizar o descaso que eles dispensavam a si mesmos, ao outro e ao meio em que se inseriam socialmente.

Dessa forma, amparando-nos à luz da sensibilização, com a poesia, compreendendo o poder transformador do texto poético, como podemos recorrer à afirmação de Hamburger (2007, p. 35): “Os poetas exploraram possibilidades diversas de desenvolvimento” e descobrem novas variações de delicadezas que todos podem se apoderar. Ao socializá-las por meio dos seus subjetivos escritos, favorecem o desenvolvimento e enriquecimento da língua e das pessoas:

O artista conduz os outros homens a um mundo de fantasia, onde seus anseios se libertam, afirmando desse modo a recusa da consciência humana em aceitar o condicionamento do meio: mobiliza-se assim um potencial de energias submersas que, por sua vez, regressam ao mundo real para transformar a fantasia em realidade. (THOMSON, 1977, p. 119 apud PINHEIRO, 2007, p. 24).

Uma frequente convivência com a poesia pode nos direcionar à tomada de consciência sobre o mundo da fantasia do qual nos falam os poetas, das inúmeras possibilidades, de maneira particular, experimentar a liberdade e adotar o poder de vislumbrar um mundo mais adequado, verdadeiro e também de modificar a realidade, como acredita Pinheiro no trecho abaixo:

Acredito que os poetas nos ensinam sentir melhor o mundo, a dar atenção às coisas que não têm importância nenhuma (Quintana nos lembra isto em vários poemas, sobretudo em “Ah, sim, a velha poesia”) e mesmo a descobrir naquilo que damos valor algo inesperado. (PINHEIRO, 2007, p. 102).

Nesse contexto, afirmamos com segurança que o texto poético aguça a subjetividade humana e permite que a experimentação de momentos ímpares, pela significância, não passem despercebidos. Possibilita que os acontecimentos mais simples e corriqueiros sejam valorizados pela maneira como nos sensibilizam. Lembra-nos que os sonhos não são utopias, mas verdadeira fonte de inspiração propulsora para que todos nós nos transformemos em agentes da nossa própria vida.

4.2 O PERCURSO DE JOSÉ PAULO PAES, POR ELE MESMO

No curso histórico da poesia brasileira, surge um poeta diferente, um nome singular: José Paulo Paes, cujos alicerces principais ajustam-se na harmoniosa convergência entre a tradicionalidade e a modernidade. Um poeta que se questiona e se responde ao mesmo tempo a partir do título de sua autobiografia: “Quem, eu? Um poeta como outro qualquer!” (PAES, 1996, p. 2). Desde o início de sua escrita, assume a sua poesia sem uma filiação específica, negando se filiar, dentro do cenário brasileiro, a linhas estéticas ou movimentos vanguardistas, no entanto também não os nega, inteligentemente, retirando deles a melhor parte, numa desenvoltura própria de quem soube, como nas palavras de Alfredo Bosi, “reconhecer o sim e o não em todas as coisas”. (1977, p. 15).

Ele compreendia que, apesar de pertencer cronologicamente à geração modernista de 45, suas características estavam mais relacionadas aos primeiros modernistas, a geração de 20, como Oswald de Andrade, Mário de Andrade, Carlos Drummond de Andrade, entre outros, do que com os escritores que marcavam a sua época:

Com aqueles fundadores da nossa modernidade poética, aprendi que a poesia é ver as coisas do mundo como se fosse pela primeira vez e exprimir essa novidade de visão da maneira mais concisa e intensa possível, numa linguagem onde só haja lugar para o essencial, não para o acessório. (PAES, 1996, p. 34).

O autor nutria uma admiração e um deslumbramento pela poesia pré-modernista de Augusto dos Anjos. O convívio com os textos de Machadianos, bem como com o trabalho de Edgar Allan Poe são fatores que muito contribuíram para a construção poética de Paes. Também como muito influenciou a relação amigável que nutria com os modernistas Mário de Andrade, Drummond de Andrade e outros. Além desses contatos com os literatos, Paes foi intensamente marcado pelos intelectuais com quem conviveu e pelos lugares que frequentou, como o círculo do café belas-artes, um lugar que reunia escritores, jornalistas e toda sorte de pessoas interessadas nas artes. É dentro desse contexto da escrita literária que se insere e se estabelece a produção poética de José Paulo Paes.

Não se enquadra como modernista, nem da geração de 45, nem no concretismo, nem na poesia marginal, nem na experimentalista. Paes foi poeta de muitos ascendentes, sem ser herdeiro; desejava os filhos, porém sem querer-se pai. Sua poesia era o seu maior interesse, desde a sua origem, no tocante à grande arte de intervir no homem, no mundo, na vida. Para isso escolheu um caminho pelo qual procurou, no conjunto do que havia de mais clássico e de mais moderno, respostas às questões da arte e às questões humanas. As respostas aos seus questionamentos originaram a sua poesia, um instrumento antagônico de crítica social. No aspecto biográfico ou poético, Paes atravessou todas as passagens poéticas, concentrando-as ou não, retirando o melhor de cada uma, rejeitando os excessos normativos, que para ele nada possuíam de artístico e usou a sua poesia como tradução ou invenção do idioma e da vida.

A característica dele, os valores estilísticos que são veiculados em sua poesia e a própria poesia são elementos fiéis à vida. Ele não os nega e se vale de seus movimentos para privilegiar as palavras a expressarem o que é único em sua

essência, suas ideias e intenções em favorecer a vivência, a percepção humana e a capacidade criativa em direção de uma consciência do eu, do outro e do meio.

Tomando a natureza como categoria analítica, o poeta liga-se a outros dentro de uma filiação literária, continuidade da tradição, interpretando Antonio Candido (2000), essa continuidade diz respeito ao fato de um autor pegar uma tocha e passar para outro. É como se, consciente ou inconscientemente, criasse herdeiros literários nesse “revezamento”.

Nessa perspectiva, José Paulo Paes se inscreve dentro de uma tradição lírica, cuja temática é a natureza. A sua poesia nessa contextualização horizontal tem várias vertentes, em épocas de forte tendência conservadora entre os poetas brasileiros. Paes louvou a modernidade, como do mesmo modo, quando algumas atitudes transgressoras tornaram-se norma, numa aparente incessante renovação, ele impregnou suas páginas de elementos antigos. Em tempo da civilização moderna, da racionalidade, da técnica, da inversão dos valores, marcado pela rapidez dos relacionamentos, pelas depressões, pelos infartos, pela efemeridade da natureza, a poesia de Paes opõe-se aos obstáculos da sensibilidade, como também se faz presente para celebrar os possíveis e imprescindíveis sorrisos da vida. Fazendo uso da poesia marcadamente crítica para alertar sobre as rasuras dessa modernidade e se contrapondo à essa vida social contemporânea como sobrevivente no universo atualizado.

Ilustre pelo caráter extremamente sucinto, quase telegráfico de sua linguagem, atingiu uma estética chamada por muitos de minimalista, por causa de sua preocupação de dizer o máximo, utilizando o mínimo de palavras. A dúvida sobre capacidade da linguagem de representar a realidade marca a obra de José Paulo Paes, esse universo extremamente rico, analisado sob a ótica da ironia utilizada pelo poeta, mostra como ele utiliza-se do humor para estabelecer cumplicidade com o leitor.

Os poemas escritos por Paes eram carregados de elementos como a ironia, o humor e a sátira, características diferentes das apresentadas por seus contemporâneos, os escritores pertencentes à chamada Geração de 45, que tinham como traço comum o rigor formal em suas criações. Uma poesia a princípio caracterizada pela aprendizagem de uma tradição, transformada posteriormente, passando a ressaltar a reflexão sobre o percurso do tempo.

O escritor paulista acreditava, inicialmente, que a poesia poderia levar uma mensagem de resistência às injustiças sociais e às contradições de seu tempo. Porém, desperta-lhe depois a desconfiança da palavra poética, no tocante à sua capacidade de representação da realidade. Se, por um lado, o autor acreditava que seu discurso ficcional poderia mudar crenças e desejos, por outro, também tinha a consciência da impossibilidade de ela corresponder fielmente à realidade representada.

Foi um poeta que priorizou a escrita por meio da brincadeira com as palavras, pois acreditava que esse mecanismo fazia parte da criação de qualquer poema. Valorizava o processo de interação entre o poema e o leitor, o qual teria de se deixar levar pelos versos, construindo seu próprio e único mundo imaginário:

Enquanto o sonho é pessoal e só comove ou impressiona quem o sonhou, o poema tem de comover e impressionar, se não todas as pessoas que o leem, pelo menos aquelas cuja sensibilidade foi aprimorada pela leitura regular de poesia. (PAES, 1996, p. 5).

O poema, para ele, deveria alcançar sentimentalmente todo o leitor que tivesse a oportunidade de lê-lo. Se não o fizesse a todos, mas, pelo menos teria de encantar os que tivessem um gosto mais refinado pela subjetividade poética.

Além de poemas para crianças e adultos, escreveu livros de ensaios literários, dando palestras em universidades e instituições culturais do Brasil e do exterior. Tornou-se ensaísta porque não acreditava em poeta que não pensasse acerca do seu ofício. Por isso, ampliando o campo de estudo, iremos analisar de modo mais profundo, posteriormente numa seção específica desse trabalho, algumas de suas ideias a respeito da criação poética desenvolvidas em seus poemas, confrontando-as com sua visão crítica.

A natureza é uma temática recorrente em sua obra poética, conforme podemos ver sua representação lírica no poema “Raridade”, por exemplo, do livro *Olha o bicho*, publicado em São Paulo, pela Editora Ática, em 2011. A obra de Paes revela o amor aos bichos das matas brasileiras e expressa o respeito à natureza. O livro é considerado altamente recomendável para a criança pela Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil. Nele, a literatura é construída pela ludicidade, o autor brinca com a linguagem, no entanto a mantém acessível para a criança, a fim de que esta realize as suas descobertas sobre a natureza.

Autor de uma vasta produção literária para o público infanto-juvenil, mas com construções semelhantes em sua poesia para adultos, José Paulo Paes nasceu entre os livros, na casa interiorana de seu avô materno, J. V. Guimarães, em Taquaritinga, São Paulo, no dia 22 de julho, do ano de 1926. E cresceu no meio desses livros, pois o avô exercia a profissão de livreiro, tipógrafo e papelheiro, na empresa que possuía, Livraria, Papelaria Tipografia J. V. Guimarães. Herdeiro de uma família que tinha a leitura como melhor distração, esse contexto transformou o menino Paes num assíduo leitor dos clássicos infantis, de Perrault, Andersen, Grimm, entre outros. Também o fez integrar a tradição da lírica brasileira como um dos maiores nomes da nossa literatura, cujos textos são sugestões de leitura para momentos em que se busca no prazer estético, um dos ingredientes básicos para uma existência completa.

O poeta José Paulo Paes publicou vários livros de poesia, inclusive para o público infanto-juvenil, sua formação em literatura e línguas estrangeiras, fundamentalmente autodidata, leva-o também a compreender as exigências e necessidades do público leigo que, alheio à linguagem especializada das academias, não deixa, contudo, de ter interesse no literário e no interpretativo. Vem daí a dedicação de Paes à tradução - cujos prêmios recebidos atestam a importância - bem como, e especialmente, ao trabalho de crítico e ensaísta. Foram 16 livros de poemas publicados, sendo 7 deles dirigidos ao público infanto-juvenil. Sozinho ou em colaboração, traduziu mais de uma centena de volumes do inglês, francês, espanhol, italiano, alemão, latim, dinamarquês e grego moderno e antigo. Recebeu vários prêmios literários (Jabuti, APLUB de poesia, da Associação Paulista de Críticos de Arte, da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil, do Pen Clube de S. Paulo, e "Paulo Rónai" de tradução da Biblioteca Nacional). Foi distinguido pelo presidente da Grécia com a Cruz de Ouro da Ordem de Honra daquele país.

Reportando-nos à sua infância, aos 7 anos, o autor foi alfabetizado por dona Dalila, professora, primeiro ano, quando estudava no Grupo Escolar de Taquaritinga. Para ele, apesar de ter sido um sacrifício ficar soletrando as sílabas, ao invés de ficar livre como os pássaros que voavam e cantavam do lado de fora da sala, foi o momento de "desasnar". O sacrifício que valeu a pena, pois aprendeu a ler e ficou deslumbrado por poder ler e pensar que o mundo lhe pertencia. Achando-se na capacidade de ler qualquer palavra, constatou que as outras línguas, como o francês

e o inglês, não faziam parte do mundo conquistado e admitiu que “A sabedoria começa no reconhecimento da nossa própria ignorância”. (PAES, 1996, p. 12).

E nessa perspectiva de desbravar novos mundos, ele adquiriu e deu continuidade ao hábito familiar do gosto pela leitura, pois descobriu que, por meio dela e da aventura, poderia reinventar a vida cotidiana. Não uma leitura forçada, imposta pela escola, mas a que realmente proporcionasse a diversão nas horas de lazer. Diversão que encontrou nos volumes do *Sítio do Picapau Amarelo*, de Monteiro Lobato, com quem aprendeu “que é pelo trampolim do riso, não pela lição de moral, que se chega ao coração das crianças”. (PAES, 1996, p. 15). Gostava de ler para se distrair, mas não gostava da escola.

Exímio leitor de livros de aventuras, também brincava com os colegas na rua e adorava ir ao cinema, aos sábados e domingos. Os filmes de ficção científica, como as histórias de Flash Gordon, impulsionaram-no pelo precoce interesse pelas ciências. E iniciou o processo de químico mirim, cuja química era composta de 10% de informações colhidas com o farmacêutico Pastore, que o abastecia dos elementos químicos de que necessitava para realizar as experiências compostas de 90% de imaginação. Exercício interrompido, após inúmeras reclamações dos vizinhos.

Em 1937, passou, juntamente com o primo Quinzinho, no curso de admissão do Ginásio Municipal de Taquaritinga, de onde não guardou boas recordações, pois os colegas de classe eram, na sua maioria, “turbulentos e grosseiros”. Coursou o segundo ginásial em Araçatuba, cujo ensino era considerado melhor que o da terra natal, bem como o comportamento dos novos colegas era mais sociável. O professor Júlio Ridolfo, marcou a vida de Paes por tê-lo ensinado a redigir sem decorar as regras gramaticais ou classificar as orações das estrofes de *Os Lusíadas*.

Com o primo, José Marçal, apelidado de Zé Cavaco, aprendeu a tocar violão e, sozinho, as posições básicas, o que o levou a acompanhar as músicas e ingressar no conjunto musical criado por esse primo. Tocava no regional, fazia locução e escrevia crônicas sentimentais para um programa noturno, chamado *Lembrei-me de você*.

Foi quase ao término do curso ginásial que José Paulo Paes começou a se interessar pela literatura “séria”. Segundo o autor, esse tipo de literatura se diferenciava da literatura de entretenimento, porque: “enquanto esta se contenta apenas em distrair-nos, aquela ambiciona também fazer-nos pensar”. (1996, p. 26).

E também “[...] além de fazer pensar, a literatura “séria”, muitas vezes denuncia, em nome da utopia, as mazelas do mundo. E a utopia é um dos sinônimos da esperança”.

Embora referência na tradição lírica, o contato com a poesia, segundo o escritor, “foi inicialmente muito desastroso” (PAES, 1996, p. 9), o que ocorreu no grupo escolar, onde estudava e onde foi obrigado a ler poema. Esse trauma e a ideia de que a poesia não passava de um tipo de linguagem enfeitada perseguiram o garoto até o início da adolescência, quando um amigo mais velho, Nélio, emprestou-lhe o livro *Eu e outras poesias*, de Augusto dos Anjos.

Esse livro foi providencial para a formação literária do poeta, mostrou-lhe um outro lado da poesia, que ela poderia ser:

A linguagem da surpresa diante dos mistérios do mundo, o mundo de fora e o mundo de dentro da gente; a linguagem em que eram formuladas as grandes perguntas fundamentais acerca do sentido da vida e da morte”. (PAES, 1996, p. 11).

A partir da leitura desse livro, José Paulo Paes ficou deslumbrado com a poesia e comprou um tratado de versificação, por meio do qual aprendeu a trabalhar com a linguagem poética e se espelhou em Augusto dos Anjos. Depois disso, por iniciativa própria, foi descobrindo a poesia moderna e conhecendo autores, como Manuel Bandeira (1886 - 1968) e Carlos Drummond de Andrade (1902-1987). Tornou-se garimpeiro dos poemas desses autores e adquiriu as estratégias, poética de Bandeira e a humorística de Drummond. Com Monteiro Lobato (1882-1948), e as leituras de *O Sítio do Picapau Amarelo*, cujas aventuras surgiam, repentinamente, nas coisas comuns da vida, também aprendeu que se alcança os corações das crianças pelos temperos de colorido, emoção e, sobretudo, pelo humor. Seus poemas se caracterizam pelo humor e pela surpresa, bem como pelos ricos jogos verbais e sonoros, pois para ele: “A palavra escrita exerce efeitos que a palavra oral não exerce”.

No ano de 1944, foi para Curitiba iniciar um curso técnico, no entanto sem perder de vista aquilo que mais lhe interessava, a política e a literatura. Por meio da química, conseguiu manter a própria subsistência e nos intervalos se dedicava à poesia e à literatura. E, lá, começou a frequentar o Café Belas-Artes, na Rua Quinze, onde conheceu jornalistas, escritores, artistas plásticos, músicos, comunistas e pequenos corretores. A partir do convívio com essas pessoas ampliou

os interesses sobre a literatura, cinema, arte, pintura, música moderna e filosofia. Compreendeu que além do talento, tinha que ter acesso a esses contatos de intercâmbio cultural, os quais ampliavam a sua bagagem de conhecimentos.

Muito ligado à linguagem “elevada” da poesia romântica e parnasiana, demorou a entender os versos livres, sem rima, nem métrica, cujas ideias se misturavam em palavras que não estabeleciam ligação entre si, numa linguagem comum, rasteira e cotidiana dos poetas modernistas. Porém, percebeu o novo mundo que se apresentava repleto de surpresas e revelações e que se desdobrava à sua frente. E com os fundadores da modernidade poética aprendeu a lição fundamental sobre a poesia: “poesia é ver as coisas do mundo como se fosse pela primeira vez e exprimir essa novidade de visão da maneira mais concisa e intensa possível numa linguagem onde só haja lugar para o essencial [...]”. (PAES, 1996, p. 34).

Em 1947, saiu do ineditismo teve o seu primeiro livro publicado em Curitiba: *O aluno*, cujo título fazia referência ao início de sua escrita comparada a dos grandes mestres, como Rimbaud, Bandeira e Neruda, como vemos nestes versos que seguem:

São meus também os líricos sapatos
de Rimbaud, e no fundo dos meus atos
canta a doçura triste de Bandeira.

Drummond me empresta sempre o seu bigode.
Com Neruda meu pobre verso explode
E as borboletas dançam na algibeira.

José Paulo enviou um volume do livro para Drummond que respondeu em carta falando da desenvoltura e bom gosto dele para a escrita poética, no entanto lembrando-lhe que ele se procurava através dos outros, ao invés de se procurar dentro de si mesmo. Aconselhou que fizesse leituras de poetas estrangeiros, a fim de fugir dos modelos tradicionais e proporcionar possibilidades de libertação. Essa carta estimulou Paes a aprender outros idiomas e depois traduzi-los. Após esse livro de estreia, a cada cinco anos, o escritor produzia quinze outros sobre poesia. Ao todo, foram mais de vinte livros publicados, sete direcionados ao público infanto-juvenil. Nas obras consecutivas, *Cúmplices* (1951), *Novas Cartas Chilenas* (1954) e *Epigramas* (1958), revela-se a formação de um poeta de voz própria, não tão marcado pela influência de Drummond e Murilo Mendes (1901-1975).

Ao se aproximar o fim do período que vivia em Curitiba, no último ano do curso técnico, optou por fazer estágio em laboratório e indústria. Para o estágio laboratorial de enologia do Paraná, escolheu álcool e bebidas alcoólicas. Já para o industrial, por uma questão de comodidade, escolheu a usina de álcool de cereais de Taquaritinga. Porém, quando chegou à sua terra natal, em julho de 1949, soube que a usina estava em recesso até o ano seguinte, por término da safra de cereais. Nos fins de outubro, uma prima conseguiu um emprego para ele em São Paulo, numa indústria farmacêutica. O emprego para a sua decepção era de vendedor-propagandista, mas como o laboratório de controle estava precisando de um estagiário, após uma rápida entrevista, foi admitido. O laboratório, do lugar de sonho da meninice, continuou a lhe encantar como espaço mítico da descoberta dos segredos da natureza. Trabalhava durante a semana e escrevia nos fins de semana.

Aproximou-se, por meio de Cyro Pimentel, do grupo do Clube de poesia, cujos maiores destaques eram Domingos Carvalho da Silva e Péricles Eugênio da Silva Ramos, maiores influentes da chamada geração de 45, à qual, segundo o autor “pela fatalidade de estreia” do seu livro, ele pertencia como fruto meio tardio.

Ainda com resquícios da “nobreza” dos colegas da geração de 45, escreveu uma série de sonetos, cheios de medusas, hipocampos e berloques característicos dos modismos dessa geração. Desistiu de publicá-los após uma crítica mordaz de Carlos Scliar. Após a desistência da publicação ficou por um período sem muito norte, período em que teve um encontro providente com o velho Oswald de Andrade, o qual lhe deu de presente um exemplar de uma edição rara, *Poesias reunidas O. Andrade*. Livro pelo qual teve contato com o humor moleque das epigramas de *Pau-Brasil* e do *Primeiro caderno de poesia do aluno Oswald de Andrade* com o lirismo sofrido do *Cântico dos cânticos para flauta e violão*. Foi esse humor e o lirismo, conforme o autor, que lhe abriram novas perspectivas.

Em seguida, conheceu Dorotéia Costa, primeira bailarina do Teatro Municipal, uma das grandes revelações do balé brasileiro. Achou-a linda, mas petulante e ela o caracterizou como anêmico e antipático. Dias depois, mesmo havendo um clima de antipatia entre eles, namoraram e em seis meses estavam noivos. Em 1952, pelo aniversário da amada, presenteou-lhe com o livro *Cúmplices*, a partir do qual passou a dedicar-lhe todos os livros de poesia. Nesse mesmo ano, casaram-se e foram morar numa casinha alugada, no bairro de Santo Amaro. Nos primeiros anos de

casados, ele perdeu o pai e o amigo Oswald de Andrade no mesmo dia. Perdeu o amigo Edgard Cavalheiro e a única filha.

Trabalhou onze anos na indústria farmacêutica e o excesso de trabalho adquirido com as duas promoções que teve, desencadeou-lhe um distúrbio circulatório nas pernas, o que o impedia de se locomover com facilidade. Resolveu mudar sua vida e procurou uma atividade profissional mais próxima da sua vocação de escritor, passou a trabalhar numa editora de livros. O salário era muito inferior ao do antigo emprego, no entanto trabalhava menos, apenas no turno vespertino e produzia pela manhã. Na indústria brasileira do livro permaneceu por 20 anos. Embora essa “passagem” tenha durado muito tempo não lhe acrescentou muita coisa à sua folha corrida de escritor.

Para diminuir a necessidade econômica, começou a levar trabalho para casa. Passou a ser tradutor. Durante os vinte e tantos anos de trabalho, traduziu ou revisou cerca de cem livros, alguns do francês, a maior parte do inglês. Algumas dessas traduções proporcionaram no escritor prazer intelectual, outras apenas deveres a serem cumpridos. Dessas traduções, adquiriu o gosto pelo estudo de línguas estrangeiras. Além do francês e inglês, conseguiu aprender autonomamente italiano, alemão e espanhol. Depois, voltou-se para o grego e o estudo da gramática holandesa e dinamarquesa.

Algumas satisfações editoriais foi organizar, em parceria com Massaud Moisés, o dicionário de literatura brasileira, para o qual escreveu vários verbetes. Também a série de obras de linguística e história e teoria literária. Teve ainda pela editora três livros de poemas lançados. O que ele acredita ter sido pelo reconhecimento dos bons serviços prestados ou como gesto de amizade.

Em 1961, foi publicado o livro *Poemas reunidos*, cujos textos representavam, ao lado de *O aluno*, *Cúmplices* e *Novas cartas chilenas*, uns *Epigramas* nos quais o autor intencionava universalizar o enfoque crítico-irônico que as *Novas cartas* haviam restringido a matéria brasileira. Um dos epigramas mais radicais era *Ivan Ilitch*, 1958, que fazia referência a um personagem de Leon Tólstoi, “desencantado do mundo eu”. Nele não há um único verbo, mas uma sequência de substantivos que vão apresentando o curso da vida de um executivo nos dias modernos, que tem o tempo como elemento implacável, representado pela repetição do refrão “Adeus, adeus”, conforme observamos na estrofe final:

Horas, dias,
 Meses, anos,
 Cãs, enganos,
 Desenganos,
 Vácuo, náusea,
 Cipreste, olvido,
 Há Deus? Adeus.

A linguagem substantivada e compacta iria se radicalizar no livro seguinte de Paes, intitulado *Anatomias*, publicado em 1967, que recebeu artigos de louvor e censura. Nestes, o poeta foi tachado por J. Herculano Pires, colunista de livros de *O Diário de São Paulo*, de não saber fazer poesia, não pensar nem, ao menos, cismar com poesia. Aproveitando a opinião adversa e invertendo a prática dos autores e editores de transcreverem nas orelhas de livros “juízos elogiosos”, o escritor optou por alterná-los com “juízos depreciativos” e colocá-los nas orelhas do seu próximo livro, *Meia palavra*, 1973.

No mesmo ano em que entrou para a editora (1969), estreou como ensaísta com *Mistério em casa*, um volume que reunia artigos sobre autores brasileiros que ele divulgava na imprensa. Outro volume de ensaios, trabalho mais recente, foi *Transleituras*. Ao mesmo tempo em que saía *Mistério em casa*, saía também uma coletânea de biografias curtas que escreveu, sob encomenda, para uma série de divulgação da editora.

Um início de gangrena acometeu a perna direita do tradutor. Sofreu, por meses, com fortes dores e nesse período teve que se manter em casa, contando com o apoio da empresa. No entanto, esse problema não interferiu muito na produção artística do escritor, aproveitava os momentos de alívio para concluir *Os poetas*. Em seguida, passou por uma intervenção cirúrgica e, livrando-se da doença, embora com restrições, voltou à ativa.

Em 1977, com o apoio de uma entidade cultural da Bahia, publicou *Pavão parlenda paraíso*, lançado em Itabuna e Ilhéus, momento em que estavam prestigiando os autores Jorge e James Amado. Posteriormente, com o apoio de duas entidades, conseguiu publicar uma edição consideravelmente ampliada da *Obra poética* de Sosígenes Costa.

Entre os anos de 1967 e 1990, viajou com a esposa Dora, pelo Peru, México, Estado Unidos, Argentina, Uruguai, Paraguai, França, Inglaterra, Espanha, Itália e Grécia. Dessas viagens, produziria os poemas de “geografia pessoal”, uma das seções de *A poesia está morta mas juro que não fui eu*, livro publicado em 1988.

Traduzir *Poemas* de Kaváfis, foi um fato que lhe marcou a vida, pela sensação de traduzir textos poéticos, não pelo financeiro nesse caso, mas pela prazerosa sensação de trabalhar com texto de alta qualidade. Outra tradução poética de valor, executada um ano antes, foi *Sonetos luxuriosos*, do poeta fescenino italiano Pietro Arentino. Essas versões poéticas foram laureadas e receberam, em 1981, o prêmio Jabuti da Câmara Brasileira do Livro e o prêmio de tradução da Associação Paulista dos críticos de Arte, um elevado reconhecimento do trabalho desenvolvido pelo autor.

Ao completar 35 anos de trabalho, conseguiu se aposentar, pelo antigo Inamps, mas continuou trabalhando para a editora em comum acordo de diminuir o salário e a carga horária trabalhista de dois dias semanais. Durante alguns meses, o acordo funcionou, porém a editora exigiu que voltasse ao expediente diário, assumindo os encargos editoriais de uma linha de obras de esoterismo. Como não acreditava em ocultismo, pediu demissão e, finalmente, realizou o sonho de ser, em tempo integral, aquilo de que gostava: escritor.

Passou a ser colaborador do suplemento “Cultura” do *Estadão* e do antigo “Folhetim” da *Folha de São Paulo*. As produções o ajudavam a equilibrar o orçamento e, posteriormente, reunidas em *Gregos & baianos*, renderam-lhe mais um prêmio Jabuti, o de 1985.

Teve o nome indicado para a cruz de ouro da Ordem de Honra que lhe foi conferida pelo presidente da Grécia. Condecoração que ele atribui ao ambicioso projeto, o qual durou três anos de sistêmico trabalho, de organizar e traduzir uma antologia de *Poesia Moderna da Grécia*, publicada em 1986. Também considera importantíssima a ajuda de dois amigos gregos, Sarandis Andricópolis, conhecedor da literatura neo-helênica e funcionário da FAO e o poeta Aléxis Zakythinós, na época embaixador da Grécia no Brasil.

Mesmo trabalhando tanto tempo como tradutor e ensaísta, a sua vocação poética permanecia intacta. Luiz Schwarcz propôs a publicação de toda essa vocação e reuniu na obra *Um por todos*, com introdução de Alfredo Bosi, todas as obras anteriores de Paes, de *O aluno* a *Resíduo*. Nesse volume também foi incluída uma série de poemas, *Calendário perplexo*, cada um comemorando uma data que se estendia do novo Ano ao Natal. Houve lançamento e sessão de autógrafos, evento para o qual o autor foi com dificuldade, em virtude de outro acidente circulatório que lhe aconteceu na perna esquerda, que necrosou até o pé, sendo

necessária a amputação da perna, acima do joelho. Apesar da recomendação médica de um psicólogo, ele conseguiu superar a perda da perna com a ajuda e experiência sobre o conhecimento da área de musculatura da esposa Dora, professora de ginástica. E, no curso de Cremilda Medina, na Escola de Comunicação e Artes, da USP, estreou a nova perna.

A cicatriz psicológica que a mutilação deixou foi encerrada decididamente no poema inspirado nesse trágico momento da vida do autor, no poema *Ode à minha perna esquerda*, cuja transcrição final corresponde a um diálogo, imaginado pelo autor, entre o restante do corpo e a perna amputada que caminha solitária ao Juízo Final:

Longe
do corpo
terás doravante
de caminhar sozinha
até o dia do Juízo.
Não há
pressa
nem o que temer:
haveremos
de oportunamente
te alcançar.

Na pior das hipóteses
se chegares
antes de nós
diante do Juiz
coragem:
não tens culpa
(lembra-te)
de nada.

Os maus passos
quem os deu na vida
foi a arrogância
da cabeça
afoiteza
das glândulas
a incurável cegueira
do coração.
Os tropeços
deu-os a alma
ignorante dos buracos
da estrada
das armadilhas
do mundo.

Mas não te preocupes
que no instante final
estaremos juntos
prontos para a sentença
seja ela qual for

contra nós
 lavrada:
 as perplexidades
 de ainda outro lugar
 ou a inconcebível
 paz do Nada.

O ano de 1984 é o marco do início da sua produção voltada para o público infantil, com a publicação do primeiro livro de poemas infantis, *É isso aí*, premiado pela Associação Paulista de Críticos de Arte e pela Fundação do Livro Infantil e Juvenil. O autor afirmou que o melhor dos prêmios é o testemunho do público mirim, que apreciava, decorava e ria alegremente ao recitar os seus poemas, já que escrever para um público específico como esse é uma atividade difícil, pois além de enfrentar a limitação do vocabulário, os assuntos e referências têm que ser do interesse dos pequenos leitores. É preciso que possua um tom ligeiro, mas não vulgar ou adocicado, que seja comprometido sem ser moralizador ou sentimental. Ele acredita ter alcançado esse em textos como o poema *Convite*, do livro *Poemas para brincar* (1988) com o qual foi laureado com o prêmio Jabuti de Literatura Infantil, concedido em 1991:

Poesia
 é brincar com palavras
 como se brinca
 com bola, papagaio, pião.

Só que
 bola, papagaio, pião
 de tanto brincar
 se gastam.

As palavras não:
 quanto mais se brinca
 com elas
 mais novas ficam.

Como a água do rio
 que é água sempre nova.

Como cada dia
 que é sempre um novo dia.

Vamos brincar de poesia?

Integra essa mesma obra, mais adiante, poema *Paraíso*, que foi o corpus na condução da aplicação da nossa pesquisa e intervenção em sala de aula, juntamente com os alunos.

O poeta considera compensador o trabalho de escrever para crianças, pois a satisfação de conquistar novos leitores para um gênero literário menosprezado pela maioria, dava-lhe a notoriedade que os demais livros não lhe renderam. No entanto, quando se refere à notoriedade, não o faz pela lisonja da vaidade, mas por essa satisfação profissional. Um sonhador, esperava ver realizado, um dia, o desejo de as crianças lerem por iniciativa da própria escolha, não por indicação, muito menos imposição, de professor. Também que esse gosto despertado nelas, pela própria escolha, fosse conservado até a idade adulta, conduzindo-as a busca de poesia adulta de boa qualidade.

A sua obra poética voltada para a criança é prestigiada pelos críticos literários e acolhida pelo público mirim. Lajolo e Zilberman (1985), afirmam que a interação entre o poeta e a criança, na poesia infantil contemporânea, deu-se pela escolha de temas que priorizam as coisas do dia-a-dia ou, ainda, pela opção dele em compartilhar com seus pequenos leitores, a visão incomum, quer seja da linguagem, quer seja da realidade.

O processo de criação de Paes e os primeiros passos de sua caminhada literária surgiram das brincadeiras de palavras que ele realizava com os sobrinhos, Andréa e Carlos Fernando, já que ele e a esposa, Dora, não tiveram filhos. Tinha o hábito de levar os sobrinhos para passear e durante o trajeto, aguçava a imaginação dos pequenos, como quando, numa ocasião, passaram diante de um muro de cemitério, ele perguntou aos dois se sabiam o que havia lá dentro. Diante da resposta negativa, afirmou que havia uma plantação de defuntos. As crianças achavam as explicações muito esdrúxulas e engraçadas.

Essas brincadeiras e jogos verbais, que objetivavam gerar efeitos de surpresa e humor, inicialmente realizados por Paes para os parentes pequenos, deram origem a uma obra literária infantil com inegável prestígio literário, reconhecida como uma das mais importantes dos últimos vinte anos. Assim, as palavras nas mãos do poeta transformavam-se em trocadilhos, jogos verbais, imagens, ritmos, brincadeiras. Dono de uma linguagem econômica e concisa, seus poemas ora buscavam o lúdico, o humor, a surpresa, ora traziam a marca da ironia, da sátira.

Amante dos paradoxos, o escritor acreditava que dizer as coisas ao contrário do que elas eram no real, criava efeitos de surpresa e de extravagância e humor, principal ingrediente para proporcionar o sorriso, os quais eram excelentes recursos para alcançar a diversão do público infantil. Como, por exemplo, no poema *Vida de*

sapo, do livro *É isso ali* (1984), o qual se refere a um elemento da natureza, temática principal da nossa pesquisa, explora o trocadilho das palavras “sapo” e “saco”, do contexto da expressão “encher o saco”, a fim de, pela história, justificar esse trocadilho:

O sapo cai
num buraco
e sai.
Mas noutro buraco
Cai.
É um buraco
a vida do sapo.
A vida do sapo.
A vida do sapo
é um buraco.

Buraco pra cá.
Buraco pra lá.
Tanto buraco
enche o sapo.

Composto em versos de unidades menores e disposto em forma que nos lembra os degraus de uma escada, sugerindo a ideia de descida ou queda, o recurso enfatiza o conflito de sentido entre as palavras “cai” e “sai”, também elementos que sinalizam o paradoxo. Palavras sonoramente semelhantes, diferentes pela consoante inicial, ligadas pelo processo infinito: cai-sai, sai-cai, assim sucessivamente.

Esse poema compõe o livro estreante na área da poesia infantil, *É isso ali*, rejeitado por um editor especialista da época, sob o pressuposto que criança gostava mais de textos em prosa. No entanto, após a indicação de Ruth Rocha, outro editor, “menos preconceituoso”, aceitou e o livro foi publicado, em 1984, no Rio de Janeiro, pela editora Salamandra. A resposta do público, mesmo após um tempo de demora, foi muito positiva, comprovando que criança gosta, sim, de poesia, já que há nela “um inato poder de sedução”. (PAES, 1996, p. 27).

Depois desse livro, o autor foi convidado pelo desenhista e pintor Rubens Matuk, a escrever um livro que falasse sobre bichos. Mesmo sem nunca ter escrito poesia por encomenda, aceitou o desafio e em 1989, pela Editora Ática, publicou *Olha o bicho*, do qual faz parte o poema *Raridade*, um dos poemas, também junto à *Paraíso*, objeto de estudo e pesquisa.

Quando já não podia mais andar, dirigir ou ir, nos dias de sábado, aos sebos e livrarias, saía raramente para dar palestras, a um lançamento de um livro, fazer

visitas, ir ao cinema ou teatro. No entanto, a monotonia não era um problema na vida dele. Passava o dia em seu gabinete, construído no fundo do quintal de sua casa, construída com Dora com “a argamassa dos sonhos e suores do rosto”. Onde estava o cenário era composto de árvores, flores e canteiros de folhagens, ambiente que transmitia paz e descanso aos olhos do escritor, bem como atraía abelhas, borboletas e pássaros. Cercado pelos livros, sentia-se no centro do universo, pois com eles viajava para onde a sua imaginação lhe permitisse.

Em 1997, Paes ganhou o prêmio Jabuti pelo livro infantil “Um Passarinho Me Contou” e, em 1998, pela tradução de “Ascese - Os Salvadores de Deus”, de Nikos Kazantzákis.

Numa ligação ideológica e espiritual, bem como poética entre modernidade e tradição como resposta a alguns impasses da cultura ocidental, figura como um dos representantes dos poetas que buscam superar a herança modernista da geração de 22. Para isso, pretendia-se retomar a dicção nobre e elevada da lírica, bem com as formas e a métrica tradicionais - estas já revisitadas, nessa época, pelos poetas do primeiro modernismo. À elevação do tom e à linguagem nobre, mesclava-se uma poesia de tonalidade intimista, com certa filiação surrealista. Mas, desde o livro de estreia, a poesia de José Paulo Paes não encontra plena afinidade com temas e linguagem mais típicos da Geração de 45, uma vez que se concentra no mal-estar e na angústia do lugar do escritor, num mundo governado pelas mercadorias.

De acordo com José Paulo Paes, tanto a poesia como a prosa agem na sensibilidade da criança de diversas maneiras. Na prosa, as narrativas despertam a imaginação através das personagens e aventuras:

Já a poesia tende a chamar a atenção das crianças para as surpresas que podem estar escondidas na língua que ela fala todos os dias sem se dar conta. Por exemplo, a rima, ou seja, a semelhança de sons finais entre duas palavras sucessivas, obriga o leitor a voltar atrás na leitura. Esta passa então a ser feita não linha após linha, sempre para frente, como na prosa, e sim num ir e vir entre o que está adiante e o que ficou para trás. Com isso, desautomatiza-se a leitura e se direciona a atenção para o conjunto de significados do texto [...]. (PAES, 1996, p. 24).

Nessa perspectiva a poesia possibilita uma ampliação nos modos de ler. A leitura ultrapassa o processo de uma simples decodificação, recebendo novas formas, outros contornos com a apreciação de poemas, já que durante esse evento, a criança pode circular pelos processos linguísticos que constituem o poema, como por exemplo, a rima. A leitura não se efetiva numa linearidade, mas num movimento

que induz a criança a se deslocar no texto buscando dentro do todo o sentido para o que lê.

Nos seus livros infanto-juvenis, ele aborda temas pertinentes para qualquer idade, pois considera ser possível tratar de assuntos complexos de forma clara, sem simplificação, possibilitando a sensibilização do público mirim. A configuração do texto de José Paulo Paes insinua, incomoda e encontra espaço nos leitores. O poeta tem uma imagem firmada de seus leitores: pessoas dotadas de razão, capazes para refletir e argumentar. Talvez, seja esse um dos traços mais marcantes e importantes da poesia infantil de boa qualidade, já que nos seus versos não se observa o caráter facilitador, bem como características moralizantes, e, sim, propostas abertas para serem discutidas.

Tendo adotado um lirismo libertador, seus livros são um sucesso de vendas, chegando a ultrapassar as tiragens de obras dele que são voltadas para o público adulto. É notoriamente reconhecido pelo público infantil, não apenas pela opção de compra, mas também pela manifestação, quando do contato com o poema, em seus textos e relatos. Aclamado pela crítica, ganhador de vários prêmios, o poeta atinge marcas de popularidade inéditas pelo respeito ao seu público, especificamente o infantil.

Várias foram as suas produções, conforme elencamos: obras poéticas - *O aluno*, 1947; *Cúmplices*, 1951; *Novas Cartas Chilenas*, 1954; *Poemas reunidos*, 1961; *Anatomias*, 1967; *Meia palavra*, 1973; *Resíduo*, 1980; *Calendário Perplexo*, 1983; *Um por todos*, 1986; *A poesia está morta mas juro que não fui eu*, 1988; *Prosas seguidas de Odes mínimas*, 1992; *A meu esmo*, 1995; *De ontem para hoje*, 1996; *Quem eu? – um poeta como outro qualquer*, 1996. Poesia para criança: *É isso ali*, 1984; *Olha o bicho*, 1989; *Poemas para brincar*, 1990; *O menino de Olho d'Água*, 1991; *Uma letra puxa outra*, 1992; *Um número depois do outro*, 1993; *Lé com cré*, 1993; *Um passarinho me contou*, 1996. Os ensaios: *Mistério em casa*, 1961; *Pavão parlenda paraíso*, 1977; *Gregos & baianos*, 1985; *A aventura literária*, 1990; *Tradução: a ponte necessária*, 1990; *De “Cacau” a “Gabriela”: um percurso pastoral*, 1991; *“Canaã” e o ideário modernista*, 1992; *Transleituras*, 1995; *Os perigos da poesia*, 1997; *O Pobre-Diabo no Romance Brasileiro*; *As Dimensões da Aventura e Por uma Literatura Brasileira de Entretenimento*. As principais traduções: *Sonetos luxuriosos*, de Pietro Aretino, 1980; *Poemas*, de Konstantinos Kaváfis, 1981; *Tristram Shandy*, de Laurence Sterne, 1984; *Poesia moderna da Grécia*, 1986;

Poemas, de W. H. Auden (em colaboração com João Moura Jr.), 1986; *Poemas*, de William Carlos Williams, 1988; *Poemas*, Paul Éluard, 1988; *Poesia erótica em tradução*, 1990; *Poemas* de Friedrich Hölderlin, 1991; *Poetas gregos contemporâneos*, 1991; *Epigramas*, de Paladas de Alexandria, 1992; *Poemas*, de Rainer Maria Rilke, 1993; *Poemas*, de Giorgio Seféris, 1995; *Poemas*, da Antologia grega ou palatina, 1995; *Melhores poemas*, 1998; *Ri Melhor Quem Ri Primeiro*, 1999 (obra póstuma); *O Lugar do Outro*, 1999 (obra póstuma); *Socráticas*, 2001 (obra póstuma).

O mundo literário e, principalmente, poético perdeu, no dia 09 de outubro de 1998, numa sexta-feira, em São Paulo, vítima de um edema agudo do pulmão, aos 72 anos, José Paulo Paes, um dos mais importantes poetas e intelectuais brasileiros. Embora tenha sido conduzido, durante a madrugada, ao pronto-socorro do Hospital Beneficência Portuguesa, onde deu entrada na Unidade de Terapia Intensiva, o coração, com três artérias coronárias entupidas, dilatado, não suportou, levando-o à insuficiência cardíaca e ao aumento de líquido no pulmão. O que provocou o edema agudo que ceifou a vida do poeta tradutor de oito línguas e membro do Instituto de Estudos Avançados da USP. Citamos aqui o sumário de vida próprio autor, descrita por ele mesmo, como forma de sintetizar o que falamos anteriormente:

Com uma 'larga experiência' de 70 anos de vida, recorro a essas palavras de Osman para sumariar meu trajeto desde os dias curitibanos, quando decidi comigo mesmo que haveria de ser escritor, custasse o que custasse. Paguei de alma leve esse alto custo: anos e anos de estudo e pesquisa solitária; horas e horas de lazer sacrificado; páginas e páginas rasgadas antes de chegar a uma digna de ficar inteira; trabalhos e trabalhos subalternos até alcançar a autonomia a que desde sempre aspirara. (PAES, 1996, p. 78).

Paes faz uma retrospectiva existencial dos seus 70 anos, reportando-se, especificamente, ao momento em que decidiu seguir a carreira de escritor. Admite que essa escolha é um caminho que exige muito sacrifício da pessoa, como por exemplo: a solidão e a privação do divertimento. No entanto, não se arrepende de tudo o que viveu durante o processo, pois conseguiu alcançar a emancipação tão desejada.

[...] a literatura aparece claramente como manifestação universal de todos os homens em todos os tempos. Não há povo e não há homem que possa viver sem ela.

(Antonio Candido)

[...] a literatura é plena de saberes sobre o homem e o mundo.

(Rildo Cosson)

[...] a literatura responde a um projeto de conhecimento do homem e do mundo.

(Antoine Compagnon)

5 LETRAMENTO LITERÁRIO E PROPOSTA DE INTERVENÇÃO EM SALA DE AULA

5.1 QUESTÕES DE LETRAMENTO LITERÁRIO E DO ENSINO DE LITERATURA

Letramento, segundo os estudos de Magda Soares (apud COSSON, 2014, p. 11), “Trata-se não da aquisição da habilidade de ler e escrever, como concebemos usualmente a alfabetização, mas sim da apropriação da escrita e das práticas sociais que estão a elas relacionadas”. Compreende-se, portanto, o processo de letramento como uma atividade que vai além do desenvolvimento da habilidade da leitura e da escrita, pois proporciona ao indivíduo a aquisição dessa escrita além das práticas efetivadas no contexto escolar, para uma prática significativa dentro do contexto social desse indivíduo.

Para Cosson (2014), dentro de uma sociedade letrada, são perceptíveis vários e diferentes níveis de letramento, já que há pessoas que não estão alfabetizadas, mas que participam de situações de letramento, enquanto outras têm alto nível de letramento, no entanto não desempenham com habilidade alguma atividade que não seja especificamente ligada a esse domínio que possui, não atendendo a todas as demandas que o meio social exige.

Nessa diversidade de letramentos, o referido teórico concebe, como configuração especial, o letramento literário, no que trata o procedimento de ensino da literatura: “[...] não apenas uma dimensão diferenciada do uso social da escrita, mas também, e, sobretudo, uma forma de assegurar seu efetivo domínio”. (COSSON, 2014, p. 12). Sendo assim, o letramento literário, enquanto prática social, que deve ser uma responsabilidade a ser executada pela escola, cumpre um importante papel no espaço escolar e fora dele. O papel de ultrapassar os limites do ato de ler melhor e desenvolver o hábito da leitura serve como uma ferramenta primordial para atuar com proveito no mundo de linguagens.

Para assegurar ao aluno o seu letramento literário, será necessário o educador adotar três critérios durante a seleção dos textos, de modos que eles tenham uma ação simultânea nesse processo de letrar o aluno, segundo os pensamentos de Cosson:

[...] não desprezar o cânone, pois é nele que encontrará a herança cultural de sua comunidade. Também não pode se apoiar apenas na contemporaneidade dos textos, mas sim em sua atualidade. Do mesmo modo precisa aplicar o princípio da diversidade entendido, para além da simples diferença entre os textos, como busca da discrepância entre o conhecido e o desconhecido, o simples, o complexo, em um processo de leitura que se faz por meio de verticalização de textos e procedimentos. (COSSON, 2014, p. 35).

A diversidade de obras, autores e gêneros favorece o letramento literário, porque indicam distintas maneiras e perspectivas de representação do mundo, já que todos os textos apresentam a mesma validade diante da diversidade e pluralidade que denotam.

Nesse aspecto de que a literatura está intrinsecamente ligada à pluralidade da língua e à cultura de um povo, o letramento literário deve ser o resultado do elo de que o encontro prazeroso entre o aluno e o texto literário possibilita.

Para Compagnon, apesar da vulnerabilidade da língua literária na escola e na sociedade de maneira geral, urge que reflitamos sobre a importância de se sobrelevar o trabalho que dê ênfase a presença da literatura em sala de aula. Uma vez que, segundo esse autor, a literatura é um exercício que conduz à reflexão e experiência da escrita. Ela atende a uma obra da inteligência, a concepção de conhecimento do homem e do mundo, já que possui o poder de ensinar àquele, por meio da ficcionalidade, quando instrui ao passo que proporciona bem-estar. Também de funcionar como uma ferramenta de justiça e de tolerância, na medida em que a leitura gera o conhecimento capaz de promover o desenvolvimento da autonomia do aluno, pois é capaz de torná-lo apto a experimentar a própria liberdade, ao mesmo tempo em que se transforme em cidadão ciente de suas responsabilidades.

No trato dado à leitura e ao letramento literário, de modo específico, Cosson (2014) quando se refere à leitura e ao letramento literário, acrescenta que:

É justamente para ir além da simples leitura que o letramento literário é fundamental no processo educativo. Na escola, a leitura literária tem a função de nos ajudar a ler melhor, não apenas porque possibilita a criação do hábito de leitura ou porque seja prazerosa, mas sim, e, sobretudo, porque nos fornece, como nenhum outro tipo de leitura faz, os instrumentos necessários para conhecer e articular com proficiência o mundo feito de linguagem. (Ibid., 2014, p. 30).

Dessa forma, o trabalho com os textos literários em sala de aula, a partir de uma sequência didática básica, proposta por Cosson (2014), é uma viável e

privilegiada maneira de inserção no mundo da leitura e da escrita. O procedimento conduz o aluno ao próprio letramento literário, ao domínio da palavra, por ela mesma. Traz inúmeras contribuições para o desenvolvimento das competências leitora e escritora, da consciência crítica dos discentes, além de lhes proporcionar a cota de humanização de que precisam para melhor viver.

E qual seria a forma de se trabalhar na sala de aula na perspectiva do letramento literário, proposto pelo autor? A princípio, o educador deve selecionar textos plurais e significativos. Plurais, porque não se deve trabalhar com um único tipo de texto, pois por melhor que seja, ele não seria suficiente para desenvolver a competência literária no aluno. Diferentes tipos de textos, já que a literatura tem um campo muito vasto. Os gêneros literários são, por definição, vorazes, multiformes, variedade muito grande e o trabalho com eles têm que ser o mais plural possível. Significativos para a formação do aluno, do que ele precisa para desenvolver a competência literária dele. Se ele já sabe ler um determinado tipo de texto, como por exemplo, um romance de mistério, não adianta insistir nesse tipo de texto, pois é preciso ir adiante, já que o estudante precisa ter contato com outros tipos de textos que o ajude nesse processo de ler literariamente. Isso tem que ser feito, por meio da experiência literária.

Não há modo de ensino de literatura que não comece com a leitura do texto, ou seja, trabalhar com resumos ou com contação de histórias, não é propriamente um trabalho com literatura. O encontro pessoal do leitor com o texto é imprescindível, começa pela experiência do leitor. Então todo trabalho do professor tem que ser voltado para proporcionar essa experiência de ler.

Uma experiência que gera a vivência com a literatura, consiste basicamente em quatro operações. A primeira começa individualmente: ler é um ato solitário que só se completa através de um processo solitário, ou seja, a compreensão também é um ato individualizado. Para isso há dois momentos fundamentais: a leitura responsiva, sobre a qual falamos superficialmente na seção 2.1, que necessita de respostas, as quais devem ser dadas por todo o leitor. Essa leitura tem que ser concreta, não acontecerá caso não haja respostas. Responder a leitura responsiva é o argumento que foi interpretado de alguma maneira, como por exemplo, as diversas possibilidades, resenha, artigo, outro texto semelhante ao que foi lido, apresentar um desenho, vídeos de leitura, entre outros. Enfim, uma resposta concreta que se contraponha ao objeto lido.

O segundo elemento é a leitura como prática interpretativa, na qual haja uma intenção de sentido que seja incorporada àquela do texto. Não pode ser uma leitura expectativa, decifratória, sobre algo que vai ser lido. Decifração, nesse sentido refere-se a algo que vai possível de se ler, pois se não se conhece a língua não há como saber fazê-lo. O terceiro momento relaciona-se à apropriação, compreender os sentidos das palavras texto. O quarto momento, a interpretação, quando se atribui sentido aquele texto. E o último momento, a extrapolação, prática interpretativa. A capacidade de atribuir literalmente o sentido do texto, dentro do universo da literatura. Quando se faz esse movimento, aí, sim, finalmente, está se formando um leitor literário, desenvolvendo-lhe a competência e utilizando o paradigma do letramento literário.

Para os fins que se pretende aqui, o trabalho ora apresentado adotará a experiência de aplicação do texto literário nas turmas dos 8^{os} A e B, da Escola Municipal Antônio Peixoto Mariano, seguindo o modelo de sequência **básica** de Cosson (2014) que é constituída por quatros encaminhamentos: **motivação, introdução, leitura e interpretação**, sobre os quais passamos a sumariar.

A **motivação** é o ponto de partida da sequência básica do letramento literário, que objetiva preparar os estudantes para adentrar no texto, o momento de que dependerá o sucesso do encontro inicial dos alunos leitores com a obra.

A **introdução** é a execução de uma atividade relativamente simples, porém cuidadosa. Momento em que é apresentada a biografia do autor, elemento contextual que acompanha o texto a ser apreciado. Deve fornecer as informações básicas sobre o autor da obra, ligadas ao texto que está sendo trabalhado, apresentando a importância deste e justificando a sua escolha. É importante também apresentar fisicamente a obra aos alunos, mesmo que se utilize outra estratégia para isso.

A **leitura** do texto escolhido é importante por ser um momento singular e individual que não pode ser vivido por outrem. Deve ser acompanhado, direcionado com um objetivo a ser cumprido, a fim de não se perder o foco da atividade.

A **interpretação** constitui as inferências que os alunos fazem até chegarem à construção do sentido do texto lido, de acordo com Cosson (2014) dentro de uma tríade dialogal que envolve autor, leitor e comunidade. Por se tratar de leitura de texto literário, essas reflexões envolvem uma prática impetrada que conduza os discentes a ultrapassarem o obstáculo da complexidade interpretativa. Esse escritor

propõe, no cenário do letramento literário, realizá-la em dois momentos: o interior e o exterior. O momento de concretização da interpretação refere-se à ação interpretativa externa, conforme Cosson (2014, p. 65) é quando será efetivada a interpretação “[...] como o ato de construção de sentido em determinada comunidade”.

Na esteira dessa teoria, os alunos participarão de atividades de leitura e produção de textos, orais e/ou escritos, que facilitarão o trabalho com as dificuldades que possuem, a partir de exercícios diversificados até chegarem ao compartilhamento das interpretações e sentidos construídos individualmente. A partir da partilha das suas interpretações, eles poderão compreender que são componentes de um conjunto e essa coletividade aprimora e expande os seus horizontes de leitura e escrita, bem como as suas competências linguísticas.

Nesse sentido, esperamos organizar as aulas progressiva e sequencialmente, a fim de que os estudantes ampliem suas competências interpretativas, e por meio do texto literário poético, percebam os impasses sociais que os cercam, com vistas ao redirecionamento da vida.

5.2 A SEQUÊNCIA DIDÁTICA DE COSSON, UM NORTE NA CONDUÇÃO DA PRÁXIS

Rildo Cosson (2014) apresenta alguns caminhos para sistematização do ensino de literatura em sala de aula para o Ensino Básico. Essa sistematização poderá ser aplicada como organização das estratégias a serem desenvolvidas nas aulas de literatura, são duas sequências, que ele afirma serem exemplificadoras e não rígidos modelos a serem seguidos, a básica e a expandida.

Essas sequências, segundo o autor, não devem ser vistas como melhor ou pior, mas como duas possibilidades, cujas combinações podem se multiplicar de acordo com o contexto dos leitores, no que se refere à seleção das obras literárias e as práticas desenvolvidas em sala de aula, a fim de priorizar como centro do ensino de literatura a experiência com o texto literário, contemplando, dessa maneira, o processo de letramento literário e não meras leituras de obras como pretexto para os estudos gramaticais.

Não com o intuito de revolucionar o ensino de literatura na escola, porém com o desejo de proporcionar aos professores um ensino de literatura diferente, cuja

prática seja significativa tanto para o docente como para os discentes, Cosson (2014) sugere a utilização de uma das sequências, básica ou expandida. Dentre as duas, explicitaremos posteriormente a que adotamos no nosso processo de intervenção: a básica.

Vários benefícios podem ser identificados, a partir de um trabalho sistematizado por uma sequência didática. Nesse sentido, a organização das nossas aulas foram progressivas e sequenciais. Para a sistematização e desenvolvimento desse trabalho com o texto, escolhemos a sequência básica do letramento literário, para ser aplicada nas referidas turmas. A proposta deste trabalho segue a perspectiva dessa sequência de Cosson (2014, p. 51) e é constituída por quatro encaminhamentos sugeridos por esse autor, os quais serão explicados e ilustrados a seguir e aprofundados, a posteriori, no capítulo seguinte.

Para o detalhamento da situação didática proposta, a partir do que apresentamos sobre a motivação, seguindo a proposta de Rildo Cosson, procuramos, inicialmente, motivar os alunos para a leitura. Para tanto, realizamos uma atividade de análise de imagens da cidade, no tempo passado e no presente, (anexo F). Essa tarefa tinha por objetivos propor uma discussão que pudesse levar os alunos a desenvolverem atitudes e disposição favoráveis à leitura, à reflexão.

Em seguida, foram distribuídas para os alunos fotocópias da cantiga popular *Se essa rua fosse minha*, (anexo G). Depois desse momento, foi formado um círculo para o estabelecimento de diálogo sobre os textos trabalhados. Em seguida, os alunos receberam uma atividade intitulada “Nova Cruz na perspectiva de nossa rua”, (anexo G), para instigá-los a se posicionarem e responderem, por meio da escrita, alguns questionamentos.

Durante a introdução, propusemos uma atividade relativamente acessível, porém minuciosa, apresentamos a biografia de José Paulo Paes, (anexo I), para compartilharmos as informações sobre ele e para introduzirmos os poemas *Paraíso* e *Raridade*. Após ser feita uma apresentação dele, a aplicação se deu com os dois poemas, a atividade de leitura sobre os poemas concretizou-se a partir do contato com o texto escolhido. Considerando o momento singular e individual que deveria ser cumprido e que essa etapa requeria, os alunos foram acompanhados, com um direcionamento, cujo objetivo era conduzi-los a discutirem, comentarem e apreciarem as condições de produção do gênero em destaque, a fim de não se perder o foco da atividade de leitura dos poemas.

Na atividade: momento de produção escrita das poesias dos alunos é uma atividade realizada antes a interpretação dos poemas trabalhados até então. A interpretação destinada à apreensão geral do livro, constitui as inferências, impressões globais da obra, que os alunos podem fazer até chegarem à construção do sentido do texto lido. De acordo com Cosson (2014), dentro de uma tríade dialogal que envolve autor, leitor e comunidade.

No cenário do letramento literário, Cosson propõe realizá-la em dois momentos: o interior e o exterior. Para a interpretação do momento interior refere-se à seleção dos textos a serem trabalhados com os alunos. O tempo de concretizar a interpretação refere-se ao ato interpretativo externo, conforme Cosson (2014, p. 65), é quando será efetivada essa interpretação “[...] como o ato de construção de sentido em determinada comunidade”.

Embora a sequência básica de Cosson (2014), priorize o letramento por meio da leitura, a escrita também é uma ferramenta importante durante esse processo. “A escrita é, assim, um dos mais poderosos instrumentos de libertação das limitações físicas do ser humano”. (COSSON, 2014, p. 16). O autor destaca a importância da escrita pelo poder que ela possui para formar cultural e intelectualmente as pessoas.

Dessa forma, a escrita também passou a integrar o desenvolvimento das atividades que propus aos alunos, por compreender que além da aquisição leitora, os alunos deveriam desenvolver essa capacidade escritora, a fim de lhes ampliar as limitações que possuíam nesse aspecto.

A primeira produção escrita foi pautada por leitura e discussão de textos e pesquisa. A segunda foi realizada em 4 (quatro) etapas: entrevistas, socialização, escrita de atividades e resultado das entrevistas realizadas e reescrita dos poemas. Após a produção final dos poemas, o momento de compartilhamento da interpretação, houve o registro e externalização da leitura. Momento em que os alunos socializaram os seus escritos poéticos com a comunidade escolar, pais e familiares. Por meio de escolha coletiva, os estudantes acordaram produzirem uma antologia com os seus poemas e apresentarem.

Eis o meu segredo: só se vê bem com o coração. O essencial é invisível aos olhos. Os homens esqueceram essa verdade, mas tu não a deves esquecer. Tu te tornas eternamente responsável por aquilo que cativas.

(Antoine de Saint-Exupéry)

eu estou muito feliz professora de ter feito parte desse projeto e agradeço muito mais muito a senhora por ter nos dado essa oportunidade de sabe que somos capazes de fazer aquilo que achamos que eh impossível eu lhe agradeço muito viu pq se senhora não estivesse ao nosso lado não seríamos capazes de fazer a nossa poesia obrigada professora.

(Aluna participante do projeto)

6 FRUTOS COLHIDOS PELA FORÇA POÉTICA: A INTERVENÇÃO

6.1 O POTENCIAL DESMISTIFICA A REALIDADE

Em diversas situações da nossa vida, embora de olhos abertos, não conseguimos enxergar o que realmente é essencial. Limitamo-nos a conceber um pré-conceito do que o nosso olhar alcança na superficialidade do outro. Nossos encontros, a priori, são meramente avaliativos. A avaliação ocorre geralmente no sentido de encontrar as deformidades e repudiá-las. Feliz foi um escritor, ilustrador e piloto francês, autor do clássico da literatura, *O Pequeno Príncipe*, escrito em 1943, Antoine de Saint Exupéry (1900-1944), cuja célebre frase epigrafa esse capítulo. Feliz por escrevê-la e mais por compartilhá-la em obra, também por, sabiamente, revelar ao mundo o segredo de se perceber o sublime no nosso semelhante, a sua essência. De valorizar a oportunidade em fazer do encontrar um pretexto para favorecer o contato com as pessoas que cruzam a nossa trajetória, aprimorando a convivência, estreitando laços e apostando naquilo que conseguimos ou nos deixamos cativar.

Ao chegar à tão temida e estigmatizada Escola municipal Antônio Peixoto Mariano, sofri um grande choque de realidade. Saía de um contexto de escolas públicas e particular, no centro da cidade de Nova Cruz, para lecionar na escola de periferia, localizada entre bairros, onde algumas pessoas, de modo particular, adolescentes, lutavam e lutam entre si pela sobrevivência, pela vida com a morte. Onde o outro não é visto como pessoa, não é valorizado, não é reconhecido.

A primeira avaliação diagnóstica constatou que nas turmas onde lecionaria, do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental II, existiam grupos de alunos bastante heterogêneos. Essa heterogeneidade compreendia pessoas dedicadas, necessitadas do saber, também outras, cujo interesse estava direcionado apenas ao pequeno lucro obtido pelo auxílio Bolsa-família, como mencionamos previamente. Ou, ainda, alguns desejavam como realização de projeto de vida: tornarem-se “bandidos”, conforme ouvi num relato de uma aluna do 9º ano.

Não foi tarefa fácil, pelo contrário, difícilíssima. Cativar aqueles alunos, a maioria rebelde, alcançá-los pelo conhecimento e lhes mostrar uma vida diferente, uma vida possível, baseada na dignidade e na honestidade. Confesso que desistir foi uma tentadora opção. Caminhar com eles, conforme estavam acostumados, sem regras,

sem perspectivas, sem autoestima, sem reconhecimento pessoal, seria a maneira mais fácil de “matar o tempo” e fingir que ensinava, enquanto eles fingiam que aprendiam. Comungar com uma prática “falsificada” era ir de encontro aos meus princípios e arruinar a minha formação acadêmica, prioritariamente atrelada ao compromisso e aos valores humanos. Haveria alguma forma de conquistá-los.

Pensei que talvez a literatura pudesse me ajudar. Mas, como se os interesses deles estavam voltados para qualquer coisa, menos para a leitura: “Isso é chato, Professora!”. Era a corriqueira frase que ouvia, quando tínhamos que realizar leituras no livro didático. Embora, o currículo do Ensino Fundamental apresentasse a literatura, ela estava voltada para o trabalho de analisar linguisticamente apenas o texto. Acreditei na literatura como via de acesso para promover mudanças na vida daqueles estudantes. Então, apostei todas as minhas esperanças no trabalho com o texto literário, especificamente a poesia e o poema. Eu teria que encontrar um caminho, parafraseando Todorov (2009), teria que encontrar um sentido que permitisse àqueles alunos a compreenderem melhor a si mesmos, as pessoas e o mundo, para neles descobrir uma beleza que enriquecesse sua desestimulada existência.

Em situações de sala de aula, encontrei na literatura o caminho para que eles pudessem ter amparo para as mãos que não se estendiam por falta de outras que as acolhessem. E, embora a minha escolha parecesse o caminho mais difícil, pois, a princípio, era como diz a sabedoria popular: “dar murro em ponta de faca”, apostei no texto poético, acreditei no potencial que possuíam, na capacidade que escondiam e na dedicação que camuflavam.

Iniciei um trabalho incessante de contato com esse gênero literário, por várias vezes, fatigante, já que a sensibilização não acontecia, antes de aplicar a sequência didática básica de Cosson (2014), como metodologia no processo de intervenção. Levei vários escritos poéticos meus, contando-lhes sobre os contextos de produção. E comecei a instigar-lhes a curiosidade sobre esses contextos. O interesse sobre o meu mundo, a minha vida, as minhas dores, angústias e dissabores despertou a atenção para os textos que me revelavam. E eles ficaram curiosos. Depois foi a vez das canções, com textos musicais da Música Popular Brasileira. Houve estranhamento diante de músicas, como por exemplo: *Mais uma vez*, *Pais e filhos*, *Monte Castelo*, *Tempo perdido*, *Que país é este*, *Eduardo e Mônica*, do cantor e compositor Renato Russo, entre outros compositores, como Vinícius de Moraes,

Toquinho, Guilherme Arantes, apesar de a preferência musical deles ser o *funk*, *rap* e música eletrônica. Mas, mesmo assim, conseguimos fazer um trabalho significativo com essas canções.

Para darmos início às sistematizações do nosso trabalho a partir dos textos, como explicitamos no capítulo anterior, optamos pela sequência básica do letramento literário de Cosson (2014, p. 51), para ser adotada nas mencionadas turmas. Começamos pela motivação, cujo objetivo foi incentivar os alunos para a realização da leitura. Para esse momento, aulas 1 e 2, 02 (duas) aulas de 50 min., conforme a metodologia descrita no plano de aula do apêndice A, aplicamos uma atividade de leitura de imagens da nossa cidade, com a paisagem urbana do tempo passado e do presente, (anexo F), pedimos que os alunos fizessem a descrição pela oralidade sobre as modificações ocorridas no cenário natural no decorrer dos anos. Nosso objetivo era deixar os alunos aptos à leitura e à reflexão.

Posteriormente, apresentamos aos alunos fotocópias da cantiga popular *Se essa rua fosse minha*, que podemos confirmar no anexo G (Cantiga popular: *Se essa rua fosse minha*). Eles fizeram a leitura individual da canção e, depois, todos nós cantamos juntos. Eles se divertiram muito, lembrando-se do tempo da infância e pediram que repetíssemos. Assim o fizemos, cantamos repetidamente três vezes. Em seguida, formamos um círculo de diálogo, para falarmos sobre os textos analisados, nos seguintes aspectos: estilo, linguagem (construção composicional, prosa ou verso, função social do texto e conteúdo temático).

No final dessas aulas motivacionais, eu entreguei a cada um, uma folha com atividade intitulada: “Nova Cruz na perspectiva de nossa rua”, no anexo H (Atividade interpretativa I), pedi que eles respondessem, manuscritamente, aos seguintes questionamentos: ...Se essa rua fosse minha... como seria Nova Cruz?; E na minha rua seria diferente?; O que eu desejo?; O que é bom?; O que é ruim? e O que fazer para melhorá-la?. A proposta, para ser respondida em casa, intencionava a reflexão sobre o contexto da rua e a cidade em que vivem. Como eles não conservavam o hábito de realizar as atividades em casa, apenas cinco trouxeram a atividade proposta realizada, no dia seguinte. E os que não haviam feito, executaram em sala.

Para o momento introdutório, aulas 3 e 4 anexadas ao apêndice A (Os planos de aula, também realizado em 02 (duas) aulas de 50 min., o nosso objetivo foi conduzir o aluno a discutir, comentar e apreciar as condições de produção do gênero poema. Iniciamos com a biografia do autor, anexo I (Biografia de José Paulo

Paes), referência do texto a ser lido. Fornecermos as informações principais sobre o autor da obra, José Paulo Paes, como por exemplo, seu destaque dentre os grandes nomes da literatura brasileira e sua poesia totalmente diferenciada; a importância desse escritor para a literatura brasileira e a desenvoltura em criar poesias principalmente para crianças.

Além disso, o poeta faz de sua poesia um elemento de resistência à vida social moderna acerca desse entendimento, nos poemas escolhidos *Paraíso* e *Raridade* que estão no anexo J (Poesias: *Paraíso* e *Raridade*), percebemos as marcas de autorias dele, o título do poema motiva a leitura, pela curiosidade que desperta no leitor sobre que paraíso seria esse e em que sentido ele estabelece diálogo com o vocábulo raridade. O olhar do autor aparece no texto, como crítica sobre os encaminhamentos que a humanidade está dando a natureza e aos elementos que a compõem. Conseguimos captar essa realidade sobre a natureza, na poesia de José Paulo Paes que é um poeta de um olhar mais crítico. E produzir com um olhar para a poesia de uma forma mais crítica.

O poeta capta conquistas, embora tímidas, consegue perceber algum acúmulo de ganho para o ensino de Literatura, já que no ensino de Língua Portuguesa há a ausência de um currículo que fale mais sobre o ensino da literatura, é necessário que nós professores preservemos a garantia desse lugar. Paes apresenta as consequências que o mundo civilizado e racional da técnica, da racionalidade pode gerar para o meio ambiente. Faz da natureza uma categoria temática e analítica para discutir questões sociais que a ideologia dominante da modernidade nos impõe.

A proposta de execução de leitura, para conhecimento do texto, foi silenciosa. Seguida por uma segunda leitura oral, realizada por mim. Após essa releitura, falei do destaque do autor entre os grandes poetas da literatura brasileira, sobre a sua arte de criar poesias, justificando a escolha por trabalhar os textos desse poeta. Fiz a apresentação obra física aos alunos por meio da brochura dos poemas escaneados, uma vez que o processo de leitura não ocorreu com o produto original, porque eu não dispunha de um exemplar para cada aluno.

Como não tínhamos os dois exemplares das obras originais para todos os estudantes, fotocopiamos os dois livros, a fim de garantirmos a aproximação das obras, do autor José Paulo Paes, com os alunos. Cada aluno recebeu as brochuras dos livros: *Olha o bicho* e *Poemas para brincar*. Pedi que eles folheassem e

fizessem uma leitura superficial dos livrinhos, em seguida, escolhessem um poema que mais lhes agradassem em cada livro. Após um tempo elegeram os poemas *Paraíso e Raridade*.

Mesmo tendo escolhidos apenas dois poemas, *Paraíso e Raridade*, para os exercícios de escrita e reescrita, os alunos leram, em sala de aula, todos os demais poemas: *Sem barra, Emprego, Procura, Chatice, Mistério de amor, Barriga cheia, Companhia*, do livro *Olha o bicho*; *Convite, Cadê, Gato da china, Cemitério, Passarinho fofoqueiro, Pescaria, Letra mágica e Meu desenho*, do livro *Poemas para brincar*. Aplicamos como procedimento para realizarmos as leituras dos poemas, a “leitura deleite”. Esse método corresponde a uma atividade devidamente planejada, que poderia ser realizada em qualquer momento da aula e em espaços diversificados da escola. E para o estabelecimento do diálogo sobre a leitura do dia, fazíamos a “roda de conversa”.

A cada aula direcionada para a execução do projeto, era sorteado um estudante leitor. Este ficava incumbido de ler em voz alta para todos da sala. Depois das leituras, fazíamos as roda de conversa para a leitura compartilhada e discutirmos algumas ideias acerca do poema lido. Os questionamentos eram simples, dentro dos aspectos que já havíamos trabalhado anteriormente, Que temática era evidenciada em cada texto poético? Era escrito em verso ou prosa? Havia rimas? Isso favorecia o ritmo? O texto lido estabelecia alguma espécie de diálogo com os poemas escolhidos? Que tipo de diálogo? Qual a opinião deles sobre o texto? Se o poema estava relacionado a alguma situação da vida, real entre outras, dado que os nossos encaminhamentos eram priorizar o desenvolvimento das outras atividades, com o corpus da nossa pesquisa.

O importante dessas leituras efetivadas é que ao final do processo, os alunos compreenderam que as duas obras de Paes dialogavam a partir de uma problemática comum: a natureza, embora alguns textos enfatizassem outras questões que não puderam ser discutidas pelos limites propostos por nossa intervenção.

Conhecendo a prática da maioria dos meus alunos, de não assumirem compromisso com o material a ser levado para as aulas, providenciei e entreguei a eles fotocópias dos poemas *Paraíso e Raridade*, as quais poderemos verificar no anexo J (Poemas: *Paraíso e Raridade*). Pedi para fazerem a leitura silenciosa e depois oral apenas do poema *Paraíso*. Alguns se dispuseram e realizaram a leitura

oral. Depois realizamos a releitura coletivamente, a fim que estabelecessem proximidade com a cantiga popular, *Se essa rua fosse minha*. Em seguida, orientei que utilizassem o mesmo procedimento para a leitura do poema *Raridade*. No terceiro momento, eu li, pausada e ritmicamente, os dois poemas para que eles percebessem a entonação durante a leitura e solicitei para que os educandos identificassem a temática principal dos textos lidos. Após a execução desses comandos, fomos para a parte da roda de diálogo. Em círculo de conversa, eles foram instigados a estabelecerem relações entre a cantiga popular, anteriormente analisada por eles, as fotos da cidade de Nova Cruz e os poemas de Paes. Questionei-lhes em que pontos os textos estudados dialogavam e se percebiam diferenças nas suas construções composicionais. Eles disseram que não percebiam diferenças, mas que os dois falavam “das coisas da natureza, rua e arara”. Também eu falei da relevância dos textos para modificar determinadas posturas no que se referem ao trato com a natureza e a convivência social, justificando assim a escolha dos livros, bem como dos poemas. Trabalhei com os alunos a parte estrutural do gênero poema, com o intuito de discutir, comentar e apreciar as condições de produção do texto que iriam escrever. Falamos sobre linguagem: construção composicional, prosa ou verso, função social do texto e, de modo específico, do conteúdo temático dialogal pertinente aos dois poemas trabalhados.

No contexto do letramento literário, a interpretação foi realizada levando em conta os períodos interior e exterior. No momento de interpretação interior dos poemas que trabalhamos em sala de aula, ao final, da aula, distribuí para eles mais uma atividade interpretativa. Essa atividade requeria o parecer deles, após a análise da cantiga popular, das fotos da cidade de Nova Cruz e dos poemas de Paes, utilizando como mecanismo de percepção de diálogo entre os textos, a intertextualidade, dessem o parecer deles sobre as sensações que os poemas causaram. Questionava sobre as críticas que os textos abordavam, qual a temática era apresentada em cada um deles e se estabelecem relação com os outros textos não verbal e musical. Também fazia outras indagações interpretativas, conforme o (anexo H).

Nas aulas 5 e 6, descrita no apêndice A (Apêndice A - Os planos de aula), foi o momento que objetivamos oportunizar aos alunos fazerem a reflexão e a escrita do gênero literário em destaque. Para essa realização corrigimos oralmente as atividades escritas por eles e os incentivamos à discussão reflexiva da temática

apresentada nos dois poemas estudados, estabelecendo uma relação com a realidade da rua, bem como da nossa cidade, local onde residem. Depois disso, fomos ao pátio, área coberta da escola, local com acesso à rede *wi-fi*, a fim de coletivamente em dupla e em trio, pesquisarem, pelos próprios celulares, poesias com a mesma temática dos poemas de Paes. Após a pesquisa, pedi que analisassem qual a estrutura do gênero poema, fazendo anotações no caderno, sobre os passos mais importantes para produção daquele texto. Depois das anotações feitas, individualmente, produziram a primeira escrita deles.

No tempo de concretizarmos a interpretação externa, quando a compreensão realmente se realizou, sugeri, aos meus alunos que produzissem uma paráfrase poética, considerando o entorno de suas moradias: rua, bairro, cidade. Pedi que observassem os problemas encontrados nesses espaços e qual deles estavam diretamente ligados à natureza. E, a partir desse diagnóstico, produzissem um poema, cuja temática priorizasse as questões sobre agressão ambiental.

Durante as aulas 7 e 8, apêndice A, o nosso objetivo principal era incentivar os alunos para a segunda produção escrita deles. Após a correção dos primeiros escritos, devolvi-os para eles, com as devidas observações para melhorias posteriores. Propus que fizessem uma entrevista, em dupla ou em trio, escrita ou oralmente com algum escritor de poesia que conhecessem na cidade. Indiquei o conhecido repentista Domingos Matias ou se achassem melhor, outro da preferência deles, com o intuito de esclarecerem as dúvidas que tivessem sobre poesia e isso contribuísse para apresentarem as suas produções escritas. Os resultados dessa entrevista deveriam ser socializados na aula seguinte, com a oralização das informações colhidas e dos próprios textos. Disse-lhes que, finalmente, depois disso, iriam fazer a reescrita dos poemas deles. Apenas uma dupla fez a entrevista com a professora da escola.

Durante as aulas 9 e 10, apêndice A (Apêndice A - Os planos de aula), intencionamos oportunizar aos discentes a correção das produções escritas deles, através da revisão colaborativa. Sugeri que se agrupem em duplas, trocassem os poemas a fim de realizarem uma correção participativa, respeitando os seguintes critérios: O texto escrito possui linguagem subjetiva ou objetiva? O texto atende a proposta? Ele está escrito em prosa ou em verso? Há rimas ou não? A produção escrita apresenta coerência? Há uma solução para a temática abordada? As palavras estão adequadas ao texto? O que fazer para melhorar a escrita dele?.

Depois, cada aluno recebeu seu texto e analisou as orientações do colega como contribuição para a próxima produção.

Nas aulas 11 e 12, apêndice A, nosso objetivo era proporcionar aos estudantes o momento para a reescrita de seus poemas, após as sugestões avaliativas dos colegas, cada um reescreveu o seu poema. Eu os recolhi, levando-os para última correção, apenas no que se referia às questões de estrutura e ortografia, respeitando a ideia apresentada por cada discente. Depois, fizemos roda de leitura dos poemas, momento em que cada aluno leu um poema escrito pelo colega. Esse instante de socialização interna foi muito proveitoso na turma A, do turno matutino, pois todos os alunos participaram ativamente, compreendendo a importância e valorização da escrita do seu semelhante, bem como ficaram a par dos problemas que existe no contexto de vida do colega. Houve várias discussões sobre as problemáticas apontadas e sugestões para solucionar esses problemas. Já na turma B, do turno vespertino, a roda de leitura, foi conflituosa, pois havia alguns alunos que ridicularizavam os textos dos colegas, e chacoteavam enquanto outros liam, inibindo-os durante o processo de leitura. Um momento de tensão, em que eu intervi várias vezes, para concluí-lo e as discussões sobre o nosso trabalho não aconteceram. Apesar de eles terem efetivados todas as propostas, a falta de concentração de alguns prejudicou a socialização interna, em sala de aula.

Para as aulas 13, 14, 15, 16 e 17, apêndice A, foram planejadas algumas atividades finais, com o objetivo de socializar, com a comunidade escolar, pais e familiares, os textos escritos dos alunos dos 8ºs Anos “A” e “B”. Seria o momento de compartilharmos a interpretação, por meio do registro e da externalização da leitura realizada pelos estudantes. Coletivamente, escolhemos realizar um evento para apresentar os poemas, numa antologia, cuja seleção de textos foi organizada por afinidades que apresentavam quanto à temática abordada e a estilística dos escritos. Os temas dos textos reportam-se de forma singular a aspectos da vida local, os problemas identificados pelos alunos, a partir da análise de aspectos da rua, os quais estão diretamente relacionados à agressão ao meio ambiente, como, por exemplo, a poluição do rio, do ambiente, o lixo, a contaminação da água, derrubada de árvores. A verificação dos problemas parte da rua e estende-se ao bairro, chegando a abranger toda a cidade. Nos textos dos alunos, como podemos confirmar no anexo M (– Atividade interpretativa II – respondida pelos (as) alunos (as)), há adequação linguística ao gênero literário trabalhado, evidências de

emprego de alguns recursos poéticos, como ritmo, rima, repetições, disposições dos textos em versos, os quais produzem efeitos adequados ao que havia sido escrito pelos alunos. Os poemas são escritos em versos que são organizados em estrofes, constituindo, portanto, a forma. Quanto à poesia, apresentam linguagem subjetiva e figurada que constitui o conteúdo.

O nome que intitulamos a culminância foi *Chá Literário: Poetas do Peixoto*. Para compor a programação, nós pensamos em declamações de poemas, musical, e uma lanchonete para oferecermos degustações intelectuais, no caso os poemas, e alimentícias, bolos, chá, biscoitos, café e sucos. Momento que será descrito na seção que segue. Após a divulgação oral, os estudantes deixaram seus textos expostos numa minibiblioteca da escola feita num arcabouço de geladeira, geladeiroteca, como se comprova em uma das imagens do anexo P (Registro do evento *Chá Literário: Poetas do Peixoto*), o evento do Chá Literário para toda a comunidade da escola acessar.

Vale salientar que essas aulas enumeradas não aconteceram em sequência regular, mas alternada, pois o currículo escolar deveria também ser levado em conta. Logo, foram realizadas concomitantemente às demais atividades que eram pertinentes aos encaminhamentos da disciplina e outros projetos pedagógicos e de letramento que foram executados ao longo do processo. O processo de intervenção teve início em junho de 2016 e se estendeu até novembro de 2017.

Passamos então a realização de encontros semanais, as oficinas, para confeccionarmos os materiais que iriam ser expostos no Chá literário. Acordamos que iríamos coletar os textos dos alunos numa antologia, uma brochura a ser confeccionada, posteriormente em gráfica da cidade. Escolhemos a imagem da capa, a qual não houve produção, pois nenhum deles se propôs a desenhar. Pedi, então a um colega de trabalho para fazer a arte. Após aprovada por eles, partimos para preparar os objetos que decorariam o ambiente.

Há algum tempo eu havia pedido para que eles colecionassem CDs usados, a fim de fazermos um trabalho com esses *compact discs* reciclados. Eles escolheram sinos de vento poéticos, pois acharam lindos e mais fáceis de fazer. Colamos nos CDs usados alguns versos dos poemas deles e imagens, conforme autorização do anexo D (Termo de autorização), e os penduramos no teto. Para as paredes, confeccionamos quadros de isopor colados com guardanapos de *decoupage*, cujas imagens de animais representavam a natureza. Também produzimos cartões

retangulares e quadrados, de cartolina guache, bem como outros representando os balões de histórias em quadrinhos, de fala, grito e de pensamento, nos quais colamos versos das poesias dos alunos, como podemos visualizar nas imagens do evento literário, do anexo P (Registro do evento *Chá Literário: Poetas do Peixoto*).

A vivência nas oficinas proporcionou-nos momentos de muito trabalho, mas de aproximação e reciprocidade de afetos. Alguns colegas fizeram cessão de horários para facilitar a nossa produção. Os meus alunos ficavam eufóricos em dia de encontro para as oficinas. Todos os dez alunos participaram ativamente desse processo numa incansável mobilização coletiva para a conclusão do material. Foram oito encontros, às vezes, até dois por semana, alternados nos turnos matutino e vespertino, os quais tiveram início no dia 28 de setembro de 2017 e finalizaram no dia 17 de novembro pela manhã, durante a decoração da sala, para a realização da mostra literária que aconteceria no turno vespertino.

Dos 22 (vinte e dois) alunos (as), das duas turmas que iniciaram as atividades, durante a nossa pesquisa, apenas 12 avançaram no decorrer do processo e concluíram todas as atividades propostas. Desses, só 09 (nove) fizeram a última produção poética. Entre os 10 (dez) que não avançaram, estão os que não dispuseram a finalizar, os que pediram transferência para outras escolas e os que deixaram de frequentar. Ainda, entre eles, havia dois estudantes, com laudos comprobatórios de transtorno de desenvolvimento. Dos quais, um desistiu e o outro participou ativamente, dentro das suas limitações, durante todo o processo e de modo particular, durante as oficinas, bem como no dia do evento literário. Mesmo sem ter produzido pela escrita, mas participou pela oralidade, com minha ajuda, no momento das declamações, conforme as figuras do anexo P (Registro do evento *Chá Literário: Poetas do Peixoto*), repassando a mensagem sobre a importância de preservação da natureza.

Embora estejamos inseridos num cenário contemporâneo de uma sociedade moderna e instantânea, vivamos num mundo do imediatismo e a relação entre professor e aluno seja muito técnica, pedagógica, a experiência que vivenciamos e o trabalho que executamos com o texto literário foram ímpares. Acreditei nas capacidades deles, e também na literatura, especificamente na poesia. Pois, como afirma Todorov (2009, p. 77), “[...] a literatura faz viver as experiências singulares [...]”, não seria um caminho determinante para alcançar os meus alunos, porém que poderia permitir, possibilitar, porque revelando, poderia despertar neles os

sentimentos muito particulares, que os conduzissem a alcançar sentidos que nós alcançamos com esse experimento literário.

Durante a da experiência com o texto literário em sala de aula, percebi mudanças muito significativas nos meus alunos, tanto comportamentais quanto intelectuais. No que se refere ao comportamento dos alunos houve uma expressiva transformação no trato com a sala de aula e com os colegas. É comum naquela escola os alunos comprarem lanche, bombons e geladinhos para consumirem durante as aulas. E toda a embalagem do consumo deles era jogada no chão, mesmo com um lixeiro no interior da sala de aula. No início, eu reclamava muito e só iniciava a minha aula após eles recolherem o lixo do chão, isso tomava, em média, 10 minutos de cada início de aula. E era uma cobrança constante que nos aborrecia, pois eu ficava dando aula de civilidade com palavras moralizantes. O que não adiantava, pois na aula seguinte o processo se repetia.

Após o nosso trabalho com os textos, eles passaram a apresentar um comportamento diferenciado. Quando iniciamos as nossas atividades com os textos de José Paulo Paes, pegavam a vassoura, antes das minhas aulas e deixavam o ambiente limpo, sem que eu pedisse. Posteriormente a uma aula de campo realizada para ver as agressões causadas ao Rio Curimataú, importante patrimônio cultural, histórico e ambiental da nossa cidade, os alunos mantinham a sala deles limpa e sem sujeira pelo chão. Essa aula de campo foi um desmembramento que aconteceu no trajeto interventivo para a realização de um projeto pedagógico, mas que também contribuiu para ratificarmos os problemas ambientais que ocorrem em Nova Cruz.

Durante as oficinas, que aconteciam no espaço da biblioteca/sala de vídeo, sem a minha orientação, eles se organizavam em equipes, limpavam a sala, recolhiam o lixo e deixavam o ambiente impecavelmente organizado. Esse comportamento ultrapassou os limites internos da escola, pois a literatura conduziu os adolescentes a refletirem sobre o mundo que os cercava. Partindo das experiências vividas da própria sala até alcançarem os acontecimentos que o circundam nos seus contextos residenciais e territoriais, também sobre si mesmos, os costumes que possuíam, por meio da experiência de leitura que eles realizaram.

Dessa maneira, a experiência com a literatura é de suma importância, pois além de permitir, parafraseando Compagnon (2009), essa vivência de conhecimento do homem sobre o mundo, também amplia a capacidade de ele intervir, através da

experiência da escrita que realiza, quando em contato com os textos literários, na realidade e transformá-la. Assim eu pude confirmar, pelo que vivi, que as regras morais generalizam, enquanto que a literatura permite a análise de casos específicos, ao tempo em que também o aprendizado. Nessa perspectiva, a leitura literária contribuiu para o desenvolvimento de formação personalidade da maior parte dos alunos.

A leitura de textos literários foi o caminho indispensável que permitiu, por meio de experiências sensíveis, ampliar o repertório intelectual dos estudantes, educando-os com valores ético-morais. No aspecto da formação intelectual, no trabalho com os poemas *Paraíso* e *Raridade*, houve a ampliação das possibilidades de leitura deles, pois passaram a ler melhor. Avançaram no desenvolvimento das competências literárias e linguísticas, aprimoraram as habilidades orais, a educação dos sentidos. Favoreceu o letramento literário, porque a mediação feita por mim foi significativa, conforme veremos nos relatos deles, na seção seguinte a esta. Foi também emancipatória para que os alunos atribuíssem sentido ao texto em sua própria perspectiva. E a partir dessa construção de sentidos, eles irão se formando enquanto leitores competentes em literatura, atribuindo os próprios significados às obras lidas posteriormente.

Especificamente ao que concerne ao gênero literário, melhoraram a percepção crítica de produção poética e musical, por meio da declamação de poemas; conheceram as diferentes formas de escrever, em prosa em versos; passaram a diferenciar a linguagem denotativa da conotativa; inteiraram-se sobre os diferentes recursos típicos da linguagem poética, como por exemplo, rima, ritmo repetições, enumerações, disposições dos versos e figuras de linguagem, presentes em poemas e letras de músicas; analisaram, estabeleceram relações e antecipações e produziram poemas. Um material de expressiva significação, mesmo considerando os limites de sala de aula, já que o resultado, no final do processo, ultrapassou esses limites. Sobre a exteriorização da leitura literária, a nossa experiência ocorreu por meio da reescrita do texto: antologia poética.

A leitura de poemas oportunizou aos alunos o despertar da própria força criadora da linguagem poética, a qual em processo de reflexão fez brotar e surgir o potencial do ético de cada estudante. Ao se avaliarem, cada um com sua maneira capaz, para o ato de criar, ousados e livres para usar, explorar, vivenciar a língua dos poetas. A expressão inspiradora dos estudantes associada ao efeito

humanizador da literatura em seu sentido amplo, conforme assegura Candido (2004, p. 177) “[...] ela é fator indispensável de humanização e, sendo assim, confirma o homem na sua humanidade [...]”.

E diante desse cenário desolador, caracterizado pela perda dos nossos referenciais pela imposição da modernidade, que continuamos, ainda, ligados a uma estrutura civilizatória que gera sobre a nossa existência cada vez mais traços de medo, de insegurança, assim como a sensação angustiante do vazio existencial, “a literatura tem sido um instrumento poderoso de instrução e educação” (CANDIDO, 2004, p. 175), na medida em que promove. Por isso, necessitamos cada dia mais dessa força humanizadora para criarmos em nós a percepção e a adotarmos outras formas de lidar conosco mesmos e com o que diz respeito ao nosso semelhante e ao nosso contexto existencial. Ao experienciar esse aprendizado, ficou o registro de que podemos, se aliados à essa força humanizadora que transforma pessoas e realidades, perceber as flores que resistem às pedras e fazer ressurgir dos escombros humanos novas e perfumadas flores.

6.2 A MATERIALIZAÇÃO DO SONHO: POETAS DO PEIXOTO, A ANTOLOGIA

Os sonhos são o alicerce para a concretização das realidades humanas, a base que sustenta todos os desejos que carregamos durante o nosso percurso vital. Guardados num mundo individual, são libertados pela arte poética, quando esta alcança o indivíduo. Dele, afloram possibilidades transformadoras que modificam e criam novas ideologias e realidades. A poesia, em sua perspectiva poética, é uma linguagem de produção de sentidos de texto. É como denomina Paes, “a linguagem de descoberta do mundo e das perplexidades que ele podia suscitar em nós”; “A poesia é a redescoberta da novidade perene da vida nas pequenas / grandes coisas do dia a dia”; e ainda “É uma forma essencial de experiência humana”.

E foi por meio dessa linguagem, que se fez luz na percepção do real, das palavras que ampliaram e deram significados, que ela criou novas as nossas expectativas, surpreendendo-nos com a materialização: a *Antologia Poética - Poetas do Peixoto*. Um processo importante na medida em que provocou mudança de comportamento, suscitou no aluno um despertar para a consciência crítica e fomentou o desejo de se socializar melhor entre os seus pares. Produziu neles, principalmente, a conscientização sobre o mundo lá fora, sobre a importância da

natureza e do urgente cuidado de que ela precisa. Também sobre ele mesmo, para se recusar a aceitar o condicionamento do meio e perceber as contribuições que pode realizar na execução de mudanças. Uma realização que comprovou a transformação da utopia em realidade. Iremos agora perfazer o itinerário que possibilitou essa caminhada rumo aos significativos resultados.

Selecionar os escritos poéticos dos alunos numa antologia foi uma escolha assertiva, porque esses autores e suas ideias ficarão eternizados nesse registro antológico. Essa singela obra pode criar possibilidades de interação entre as pessoas e, portanto, enriquecê-las infinitamente, tanto no aspecto intelectual como no humano, traduzindo Todorov (2009), pelos vários caminhos da literatura, entre tantas características que ela possui de, ilimitadamente, criar e possibilitar.

Quanto à estruturação da antologia, cuja capa nós podemos visualizar no anexo O (Capa da Antologia poética: Poetas do Peixoto – produto final da Intervenção), ela é composta por alguns elementos pré-textuais, como capa, epígrafe, dedicatória, agradecimentos, resumo, prefácio e ilustrações. O elemento textual é constituído de 14 (catorze) poemas, 08 (oito) breves textos dos alunos, uma fusão de autobiografias e relatos, sobre a os sentimentos vivenciados ao longo do processo.

O produto, pensado enquanto projeto, teve como objetivo promover a interação entre os autores, a obra, a comunidade escolar e local, já que enquanto arte, a poesia, como afirma Candido (1980, p. 30), é também “[...] um sistema simbólico de comunicação inter-humana”. Esse objetivo, além de ter sido alcançado plenamente, ultrapassou as nossas expectativas, tanto durante o evento de socialização, como depois dele, pois repercutiu positivamente para a efetivação do diálogo entre a tríade interacional autor, obra, leitor. Esse movimento ultrapassou os limites do texto lido, como orienta Cosson (2014), na sequência básica que utilizamos, pois aconteceu a extrapolação que ocorre no processo de leitura, a expansão, num procedimento que permitiu os diálogos, que toda obra articula, seja com textos anteriores ou posteriores a ela. Ressaltamos ainda, conforme explicamos anteriormente em outra seção, que embora tenhamos nos norteado pela sequência básica, alguns passos no decorrer do trabalho ultrapassaram as etapas propostas nesse paradigma, entre eles, podemos exemplificar: as entrevistas, as atividades de escrita, já que tratávamos de letramento de leitura literária, a aula de campo. O que não acarretou desvio de foco nem prejuízo ao que pretendíamos, pois como o

próprio Cosson (2014) afirma, é uma sequência flexível. Pelo contrário, alcançamos novos objetivos no que se referem à apreensão do conhecimento.

Seria pretensão nossa dizer que a antologia é uma obra literária, embora para os autores e para mim, diante do contexto de vida deles, e das dificuldades para ser produzida, pode ser caracterizada como tal. Até porque como ressalta Todorov (2009, p. 22) “a literatura não nasce no vazio, mas no centro de um conjunto de discursos vivos [...]”, e essa simples, ao mesmo tempo difícil, produção foi gerada a partir de muitas reflexões e conseguiu estabelecer diálogos e propagar discursos, sendo assim, nós a consideramos a obra literária dos Poetas do Peixoto.

Sonhar para nós foi a descoberta de algo que não tínhamos a capacidade de perceber antes. Por meio da literatura, entendemos que a linguagem cotidiana pode ser revestida com uma nova roupagem, um novo olhar, usando as palavras que apontam significados diversos e diferentes, sentindo a emoção do que elas despertam em nós, surpreendendo-nos com as coisas mais habituais e simples.

Para que esse sonho-projeto fosse compartilhado realizamos no dia 17 de novembro de 2017, às 13h30 minutos, o planejado evento literário, conforme ilustram as imagens do anexo P (Registro do evento *Chá Literário: Poetas do Peixoto*). Representou para nós o dia que marcou emocionalmente as nossas ações, pois algumas dificuldades anteriores, como por exemplo, três alunos que durante as oficinas, por ocasião dos ensaios, não querendo se expor, não ensaiavam. Outro aluno que participou de tudo, inclusive do momento de ornamentação dos espaços, não apareceu na hora do evento, entre outros atropelos que geravam em nós, principalmente em mim, ansiosa expectativa, uma vez que a turma estava reduzida a poucos alunos. Como também conhecendo os alunos de outrora, antes da intervenção, imaginava que na hora do ponto culminante de nossa jornada, iriam desistindo um a um, como haviam feito em anos anteriores. Assim, a expectativa era que, apesar de todo caminho trilhado, iriam desistir no momento mais importante.

Mesmo progredindo para a culminância de socialização da antologia com a comunidade, os problemas que ocorreram, inclusive no dia, como o atraso na entrega dos livrinhos, nos deixaram tensos acerca dos resultados, entretanto o que vivemos naquele dia superou todas as impossibilidades. A execução foi marcada pelo envolvimento, entusiasmo, pela inspiração, sensibilidade, um entrelaçamento de bons sentimentos, numa aura mística, de modo que a realização e os resultados superaram o planejado. Passemos à descrição.

No turno matutino, fomos à escola fazer a decoração dos espaços a serem utilizados durante a festa literária. A decoração da sala onde seria o serviço de chá e leitura poética, ficou por nossa conta. Para o outro espaço, onde seria a abertura, contratei uma pessoa responsável para essa organização. Ornamentamos toda a sala, tudo ficou muito bem organizado, como havíamos previsto, para receber os convidados. Enviamos convites à equipe da Secretaria Municipal de Educação, à equipe escolar, incluindo diretor e vice, aos professores, às merendeiras, aos vigias e aos ASGs, os alunos dos dois turnos e os pais dos alunos escritores. No galpão da escola, que chamamos pátio, foi o local escolhido para o início da cerimônia, com os discursos das autoridades presentes, momento cívico, musicais, declamações e dramatização. O ambiente ficou, dentro dos limites estruturais, requintadamente decorado.

E vamos à realização do grande dia! Após os protocolos de abertura, como por exemplo, composição de mesa, nós adentramos no espaço do pátio, os Poetas do Peixoto e eu, todos nós entramos cantando, ao som da música *Trem bala*, de Ana Vilela. Instante de emoção dos alunos pela calorosa acolhida dos convidados presentes. Em seguida, houve a execução do Hino Nacional Brasileiro, as falas do diretor da Escola Municipal Antônio Peixoto Mariano, José Aldo da Silva, do vice-diretor, João Xavier Júnior, da Coordenadora pedagógica do município, Terezinha Silva Costa Januário e do Secretário Municipal de Educação, o Senhor Rogério Felipe de Lima. Logo depois dos discursos, a amiga Professora Jércyla Gabriela dos Santos Oliveira fez uma apresentação dramatizada com o musical *Se esse mundo fosse meu*, paródia do poema *Paraíso*, de Paes, especificamente criado para o momento de abertura do Chá literário, ocasião muito aplaudida por todos. Em seguida, passamos para as declamações dos poemas dos alunos, os quais, na medida em que iam declamando ou lendo, eram ovacionados pelos espectadores. A maioria recitou literalmente sem olhar pela antologia, apenas três, dos nove alunos, recorreram ao livrinho. Na finalização, juntos ao público presente, nós cantamos a canção de Keylla Cristina dos Santos, cujo nome artístico é Kell Smith, *Era Uma Vez*.

Uma surpresa para todos nós foi a iniciativa de um aluno que tem deficiência cerebral, o que anteriormente mencionei da sua participação ativa durante todo o processo, mesmo com as limitações impostas pelo destino. Ele levantou-se e foi para o centro como visualizamos no anexo P (Registro do evento *Chá Literário*:

Poetas do Peixoto), transmitir a sua mensagem sobre o aprendizado, mas não soube organizar as ideias para o que queria expressar. Imediatamente, eu fui ao seu encontro e sussurrei para que ele falasse da importância da natureza e, juntos, efetivamos a comunicação desejada. Todos se sensibilizaram com a desenvoltura dele. Além de nos surpreender nesse aspecto, Fernando (pseudônimo) foi um dos mais atuantes e preocupados no momento do serviço do chá literário, atendendo a todos com bastante receptividade e se mostrando preocupado no momento de servir os textos a serem apreciados e o lanche para a degustação. Essa evolução de Fernando comoveu a comunidade escolar, e a mim, particularmente, pois ele sempre ficou um pouco excluído da convivência com os colegas, em virtude das suas necessidades.

Após essa parte solene, fomos com alguns convidados para a sala onde aconteceria o deguste intelectual e alimentar. Ficou, previamente, acordado que receberíamos os convidados externos ao espaço da escola, como secretário e equipe, diretor e equipe e os pais. Depois o espaço estaria disponível para as turmas da escola com os respectivos professores, porque a sala não comportava todos ao mesmo tempo. E assim aconteceu. O processo durante o serviço era recepcionar, acolher, oferecer o *menu* do conhecimento, no caso os poemas, após a escolha, chamava-se o autor do escrito e ele recitava o seu para os “clientes”. Em seguida, esse autor apresentava o cardápio alimentar e atendia ao pedido do seu público apreciador. Todas as turmas do vespertino, em dinâmica de alternância e acompanhadas pelo professor, participaram do Chá literário *Poetas do Peixoto*.

Tudo transcorreu em perfeita harmonia num misto de ansiedade, deslumbramento, alegria e importância. Ao final de toda socialização, eu os surpreendi, presenteando-as com uma torta. E, então, nós, a equipe da escola e os convidados, que ainda estavam, cantamos os parabéns pelo sucesso da realização deles. Por tudo o que já foi elencado anteriormente, não encontro palavras que possam traduzir literalmente as emoções que compartilhamos ao longo do processo nem, de modo particular, nesse dia de externalização do evento.

No que tange à necessidade da literatura no contexto da escola, objetivando diminuir a indiferença e o desconhecimento que a tradição escolar reserva à literatura, constatamos que, para garantirmos um ambiente que viabilize a leitura, na condição de prática histórica e cultural, a experiência do texto literário em sala de aula deve ser uma prática. Essa experiência deve ser a evidência do processo, não

como meio para se trabalhar a periodização, mas como agenciadora do conhecimento sobre o mundo, as pessoas, os sentimentos, os valores, a vida individual e coletiva, como orienta Todorov (2009), sobre a necessidade de se incluir as obras nesse diálogo humano, num contato íntimo de interação. Assim o texto literário passará a ocupar o centro do processo de ensino-aprendizagem, ultrapassando os limites de uma disciplina que prioriza um trabalho historiográfico.

Quando proporcionamos aos alunos uma prática intensiva de leitura, tornando-os leitores proficientes capazes de intervirem na sua realidade, somos promotores do processo de escolarização ou letramento literário deles. Para assegurarmos que o domínio da leitura e da escrita se efetive, por meio desse letramento literário, com a finalidade de garantir o verdadeiro domínio no âmbito dessas práticas leitora e escritora, é urgente que a presença da leitura em sala de aula, desenvolva o prazer de ler e, conseqüentemente, viabilize a ascensão intelectual e melhoria do repertório sociocultural e linguístico do aluno. Para alcançar esse nível, o professor deve estar atento à sistematização do ensino da leitura como forma de melhor educar os alunos para a vida prática, incluindo também a sua formação cidadã e sua humanização.

Nessa perspectiva, os poemas *Paraíso*, *Raridade*, por exemplo, como instrumento de linguagem, foram capazes de reagir a essa civilização, pois cumpriram a função de levar os alunos leitores a conjecturar sobre a vida social moderna e ao mundo de racionalização que ela estabelece. Nossa pesquisa comprovou a eficácia da literatura em sala de aula, com o texto poético no desenvolvimento de atividades sistematizadas pela a sequência básica de Cosson (2014). Este significativo trabalho sobre a representação da natureza, enquanto categoria analítica e objeto de reflexão, realizado junto aos alunos envolvidos no projeto, cria possibilidades de interação entre as pessoas e, as enriquece incontestavelmente, tanto no aspecto intelectual quanto no humano.

Eu proponho que esse tipo de atividade possa ser desenvolvido em outras escolas, porque considero que os resultados aos quais chegamos, apontam, sinalizam para isso. Também pela evolução dos alunos, uns mais e outros menos, no entanto não deixaram de progredir, humana e criticamente. Lendo os textos, produzindo novos textos e mais que isso, eu notei que eles, durante as atividades realizadas, simplesmente, apresentaram uma visão de mundo melhor a que possuíam anteriormente à aplicação proposta, conforme eles mesmos afirmam nos

relatos que seguem, retirados da antologia, página destacada no anexo Q (Parte da Antologia com relatos dos (as) alunos (as)) e das mensagens via *Whatsapp*, anexo R (Mensagens pelo aplicativo *Whatsapp* no grupo Poetas do Peixoto):

“Foi muito bom participar desse projeto, pois nós aprendemos muitas coisas novas, como por exemplo, a importância de reciclar e cuidar da natureza com carinho que ela precisa.”.

“Participar desse projeto pra mim é maravilhoso, porque com ele a gente aprende que preservar a natureza é muito importante para nós e que devemos não jogar lixo nas ruas. Para mim participar foi maravilhoso, porque com isso a gente aprende a mensagem que o projeto passa para nós e com isso passamos a mensagem para outras pessoas”.

“Esse projeto para mim foi uma coisa muito boa e bem interessante. E o que eu aprendi muitas coisas boas de que a gente tem que respeitar mais o nosso ambiente.”.

“Participar desse projeto foi muito bom, porque aprendemos. Mas, é mais com a senhora aprendi que devemos cuidar do meio ambiente e fico muito feliz por saber que fiz um poema, feito por mim, com a ajuda da senhora também, né? Aprendi que é o dever de todos cuidar do meio ambiente, porque se o meio ambiente estiver limpo, sem sujeira nenhuma, não vamos adoecer e se cuidarmos do meio ambiente estamos cuidando da nossa própria saúde.”.

“Para mim foi maravilhoso participar desse projeto, porque eu aprendi muita coisa. Eu aprendi a cuidar do meio ambiente e através desse projeto ele nos passa coisas maravilhosas, tipo cuidar da natureza e como não jogar lixo na rua. E eu percebi que nós mesmos somos capazes de fazer os nossos próprios poemas e nada é impossível para aquilo que nós cremos.”.

“Eu não gosto de estudar português. Para mim foi um prazer em poder participar desse belo trabalho e conseguir conquistar cada detalhe que vejo. Foi feito com muito amor e carinho. O que eu pude aprender foi sobre o meio ambiente e poder passar para os demais sobre o nosso meio ambiente. Fico muito grata por todo esse excelente belíssimo trabalho e poder estar junto de pessoas super agradável... meu muito obrigada a todos em principal, a nossa Professora excelente Socorro Ângelo.”.

“Depois de muitos meses de trabalho e dedicação conseguimos alcançar nosso objetivo que foi tentar levar para os nossos colegas um pouco do nosso trabalho e entendimento sobre a preservação do meio ambiente em forma de poesia. Também quero agradecer e parabenizar a Professora Socorro Ângelo por ter incentivado e ter nos ajudado com as poesias e as decorações. Também quero agradecer a secretária e as meninas da cantina por ter ajudado no resto das decorações e aqueles que participaram do nosso “chá Literário” deu tudo certo e parabéns pra nós. sentindo-se agradecida com Roberta Alves e Socorro Ângelo.”

“Participar desse belo Trabalho e Conseguir Conquistar Cada detalhe q Vejo Q Foi Feito Com Muito Amor E Carinho, Uq Eu pode Aprender foi Sobre O Meio Ambiente E Poder Passar Para Os Demais Sobre O Nosso Meio Ambiente, Fico Muito Grata Por Todo Esse Excelente Belíssimo Trabalho E Em Poder Estar Junta De Pessoas Super Agradável... Meu Muito obrigado a Todos Em Principal A Nossa Professora Excelente Socorro Ângelo”

“Trabalho maravilhoso que com ele aprende muitas coisas... a coisa mais importante q aprende e que nos mesmo podemos criar os nossos próprio poema e com ele agente aprende que preserva a natureza eh muito importante para nos e q devemos não jogar lixos nas Ruas pra min participa desse projeto foi maravilhoso pq com isso agente aprende a mensagem q o projeto passa pra nos e com isso passamos a mensagem para outras pessoas”

“Foi muito bom pqpq aprendemos mas é com a senhora aprender que devemos cuidar do meio ambiente e fico muito fliz por saber que fiz um poema feito por mim com a ajuda da senhora tbm né”.

Como já afirmamos anteriormente, uma mudança de comportamento imediata foi a preservação da limpeza na sala de aula. No começo o ambiente era preparado quanto à higiene apenas para a minha aula. Com o passar dos dias e realização das atividades, as duas turmas dos referidos 8^{os} anos mantinham a sala limpa durante os cinco horários e o cesto de lixo da sala passou a ser utilizado para os fins que lhe eram de direito. Num dos relatos, a confissão de um estudante sobre a disciplina de Língua Portuguesa, ele afirma não gostar da disciplina, mas achou prazerosa a participação no projeto de intervenção. A literatura provoca o crescimento para além do texto, para a vida.

Para Compagnon, “A literatura é um exercício do pensamento; a leitura, uma experimentação dos possíveis” (2009, p. 52), a concernência da literatura não está apenas associada ao prazer, ao lúdico, mas também ao conhecimento que proporciona. Na discussão de Candido (2004) e Compagnon (2009), a literatura é vista como exercício do conhecimento, um projeto de conhecimento, pelo poder de reflexão que a leitura do texto literário propicia ao indivíduo, também por ser fator de humanização, pelo papel que desempenha na formação cidadã. Não só na concepção de Antonio Candido, mas na de Compagnon, a literatura é um exercício de conhecimento, projeto de humanização. E nessa concepção também entra Todorov (2009), convergindo com as ideias dos autores referenciados, de que a literatura é capaz de levar o indivíduo ao conhecimento do mundo exterior ao texto. Ou seja, a literatura é capaz de conduzir o aluno a uma realidade mais além da obra literária que é o conhecimento sobre a realidade em si, sobre a realidade do mundo e a realidade dos homens.

Por isso, retomando Todorov (2009), o qual nos apresenta uma proposta diferente para o ensino de literatura na educação básica, que nós façamos com que a literatura cumpra nas nossas salas de aula a sua característica ilimitada de permitir que cada um responda melhor à sua vocação de ser humano. E para isso, “A nós,

adultos, nos cabe transmitir às novas gerações essa herança frágil, essas palavras que ajudam a viver melhor”. (TODOROV, 2009, p. 94). Ainda que, aparentemente, simbolize uma vulnerável ou tênue herança, essas palavras cumprem o fundamental papel de auxiliarem na concretização da vida.

Eu adorei participar desse projeto. A melhor parte foi fazer tudo isso junto com os meus amigos. Eu aprendi a respeitar mais nosso meio ambiente, porque ele é a fonte de toda a vida. Se a gente descuidar do meio ambiente, nós nunca vamos viver em um mundo sem poluição, se a gente não cuidar dele.

(Estudante partícipe)

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A vicissitude faz parte do processo evolutivo da humanidade, independentemente de circunstâncias e contextos, todo ser humano passa por mudanças. E essa sequência de fatos que acontece, no decorrer das experiências, contribui para que possamos melhorar o nosso aprendizado, alargando-o. Corrobora ainda para descobrirmos novas coisas com o que nos já é familiar, para que em contato com o outro, sejamos mais prudentes, melhores, bem como passemos a agir mais coerentemente com a nossa consciência. A literatura nos garante essa evolução e muito mais, porque ela é um leque de possibilidades que se desdobra em inúmeras experimentações dos possíveis. Por isso, evidenciamos a importância da presença do texto literário na sala de aula e em todo o ambiente escolar, como objeto de conhecimento, cumprindo o seu papel, tanto na escola quanto na extensão dela, na sociedade.

Sob essa ótica, defendemos nesta dissertação a proposta interventiva de letramento literário dos educandos, a partir da aplicação de poesias infanto-juvenis, de José Paulo Paes, tendo como unidade temática a natureza. Nosso intuito foi de contribuir com os estudos realizados sobre a literatura e ensino, na perspectiva de possibilitar o acesso à formação da consciência crítica e cidadã dos alunos, ampliando a capacidade de compreensão leitora de obras literárias, especificamente da poesia paesiana, no tocante a esse conteúdo da natureza. O projeto de intervenção permitiu, por meio de experiências sensíveis, ampliar o repertório intelectual dos estudantes, educando-os com valores ético-morais. E dessa construção de sentidos eles iriam se formando leitores competentes em literatura, atribuindo os próprios significados às outras obras lidas sucessivamente. Utilizando os poemas *Paraíso* e *Raridade*, textos que se apresentam como ferramenta de linguagem, capaz de fazer os educandos refletirem sobre a vida social moderna, tendo consciência da própria responsabilidade em relação ao meio ambiente, de forma que estejam aptos a revelarem novas posturas e atitudes de reação diante dessa racionalidade e técnica.

Buscamos com isso contribuir para a formação da consciência dos alunos em relação ao meio ambiente, para que pudessem perceber as diferentes maneiras ou estilos de se ver a realidade. Notar a presença quase obrigatória da natureza nos textos literários. Sentir a valorização do ambiente campestre na poesia, entendendo

a natureza como fonte riquíssima de inspiração e espelho que refletia a alma dos poetas como palco de várias denúncias contra a barbárie dos homens.

Todas as atividades do texto literário e as atividades de escrita, a partir dele, indicaram o papel da literatura como promotora do conhecimento e como exercício do saber diversificado. Foi possível constatar avanços no aprendizado e confirmar a função humanizadora da poesia. A literatura oportunizou que os alunos compartilhassem, através da interação com o outro, várias experiências, que foram se construindo na medida em que a leitura ocorria e era compreendida. Como leitores, eles ampliaram o contato com o mundo, em diálogo com o autor José Paulo Paes, conhecendo pelo discurso paesiano, suas impressões e emoções, também conhecendo a si próprios. Nessa dinâmica de construção de conhecimento que contempla o ser humano e sua história de vida, ao tempo em que se humaniza.

Durante o desenvolvimento das atividades, foi possível verificar que a presença da literatura em sala de aula, especificamente com a poesia, envolveu o importante aprendizado pelas particularidades e qualidades que diversificaram ou renovaram a prática docente. Trabalhamos o texto poético, esquecendo a extrapolação linguística, priorizando-o como elemento fundamental para que os alunos conquistassem a capacidade leitora e escritora, apropriando-se da escrita para atender as suas necessidades de prática social. Da mesma forma que a poesia despertasse neles a compreensão da experiência humana.

Face a essas reflexões, consideramos o presente trabalho relevante, na medida em que teve como função aproximar os alunos do universo da poesia, já que, para Bosi (2013), ela é um instrumento ainda mais necessário para hoje do que como era para a antiguidade. Nessa direção, fez-se necessário o trabalho da literatura em sala de aula, de modo geral, e da poesia, em particular, uma vez que a sua pertinência está em representar sensivelmente os elementos que compõem a nossa realidade.

No conjunto dessa discussão, verificamos também que os alunos evoluíram na medida em que os textos literários foram produzindo outros novos textos. Confirmo a importância da literatura como intermediadora nessa relação aluno X sociedade, aluno X escola, porque além de ela ser um projeto de conhecimento, como concebe Antonio Candido (2004, p. 175), apresenta-se como fator de humanização “e, sendo assim, confirma o homem na sua humanidade [...]” e nos dá

uma “cota de humanidade”. Assim sendo, ratifica Compagnon (2009), que se a literatura é útil para a vida, é porque ela é importante na escola.

Vivemos num cenário em que as indústrias poluem ares e rios, as madeireiras devastam florestas e causam a morte de animais, pessoas jogam lixo em qualquer lugar. Essas e outras ações dos indivíduos desencadeiam inúmeros prejuízos à conservação dos recursos naturais e, por consequência, à existência humana. Considerando esse contexto, pensamos no despertar de sujeitos de direitos, que não sejam apenas os humanos, mas também os seres pela natureza cientes de princípios e valores para um modo de vida sustentável da Terra e da humanidade. Nossa proposta procurou discutir a vertente de leitura de escritos que priorizassem a relação natureza, homem e ação, com vistas ao posicionamento crítico diante de um texto e, conseqüentemente, fora dele, no contexto da realidade de cada aluno. De modo que ele apresentasse apreciações e valorações estéticas, éticas, políticas e ideológicas, e isso pudesse contribuir para a sua formação enquanto leitor crítico e pessoa mais humanizada.

Sob esse prisma, ponderamos ser necessária a aproximação literária entre o aluno e a linguagem poética literária, por meio do poema. Todavia, nós percebemos não ter sido uma tarefa fácil encontrar estratégias que promovessem a leitura em sala de aula, desenvolvendo o prazer e o gosto pela leitura. Mesmo assim, direcionamos as nossas investigações para o cumprimento do papel que a literatura possui para sala de aula, de ser um poderoso e expressivo instrumento de instrução e educação. De modo que o nosso trabalho alcançou um significativo destaque, pela importância de termos optado e levado a poesia para a sala de aula. Traduzimos, assim, em termos de percepção, o cumprimento do que cabe à literatura e à poesia na perspectiva adotada para o desenvolvimento das atividades junto aos alunos.

Uma educação, retomando a concepção de Adorno (2006), que ocorra racional, com a função de produzir pessoas verdadeiramente conscientes, quanto à sua relação com o ambiente de forma crítica, não aceitando tudo o que é apresentado de maneira impensada. Essa consciência verdadeira que nos dá autonomia, quando a pessoa torna-se capaz de julgar e decidir por si mesma o que é bom ou mal, sem se deixar influenciar por outrem.

Nosso direcionamento apontou para a aquisição de novos saberes como consequência do encaminhamento metodológico da sequência didática escolhida, a sequência básica de Cosson (2014), a ascensão intelectual e melhoria do repertório

linguístico do aluno, reduzindo-lhe as limitações no tocante à linguagem. O alargamento da compreensão dele sobre a natureza, como já falamos anteriormente, e da vida em conjunto, proporcionando um conhecimento diferente daquele que eles já possuíam, e o fazendo reconhecer a importância das pessoas, das coisas, das ações e do mundo. Comentando Candido (2004), há a troca da antiga visão mais abstrata pelo reconhecimento de que existe entre o ser e o objeto numa relação afetiva, como chamariam os primeiros romances de meditação. Buscava-se, então, a harmonia entre a natureza e o espírito, conseqüentemente, expressando-se um modo de ver e revelar a natureza com exaltação e fidedignidade.

Creemos que, felizmente, apesar de tudo, a humanidade está ampliando a sua compreensão sobre a importância da natureza como parte integrante imprescindível da nossa existência. A filosofia, a literatura, os escritores estão conduzindo o homem a compreender isso com mais racionalidade, por meio da inteligência, bem como, de modo particular, usando o conhecimento incorporado com novos saberes para enfrentar, minimizar e resolver a problemática que envolve o meio ambiente.

Assim, a nossa pesquisa desenvolveu-se buscando o letrar literariamente e potencializar o lado humano dos educandos dos 8^{os} anos A e B, da Escola Municipal Antônio Peixoto Mariano, Nova Cruz, RN, com a experiência de leitura de poemas de José Paulo Paes em sala de aula, refletindo acerca da maneira alegre e perspicaz de seu fazer poético, na abordagem sobre a natureza. Esse direcionamento tornou oportuna a compreensão do próprio compromisso dos alunos, enquanto cidadãos, com a natureza, já que esse assunto é um tema extremamente importante para as mais diversas sociedades contemporâneas, porque está diretamente ligado à humanidade e à sua destruição.

A presença dos poemas de Paes foi um instrumento importante no nosso ambiente escolar, funcionou como possibilidade de reflexão e melhor entendimento dos nossos estudantes sobre a existência face à natureza e como papel educativo numa perspectiva estética, para a formação de sujeitos livres e reflexivos.

Traduzimos, em termos de percepção, que se cumpriu o que cabe à literatura e à poesia na perspectiva adotada. Os alunos reagiram significativamente aos estímulos externos suscitados pela poesia, estabelecendo relações com suas histórias de vida, como também com os costumes de sua comunidade. A poesia de José Paulo Paes despertou em todos nós muitos momentos de satisfação e poucos

de descontentamento e cumpriu o seu papel artístico como uma das premissas para favorecer a vivência, a percepção humana e a capacidade criativa em direção de uma consciência do eu, do outro e do meio.

Uma das propriedades da poesia é o de gerar efeito, essa é uma das apostas da pesquisa que desenvolvemos. Explorar efeitos da leitura com os recursos da crítica literária, descobrindo o que os estudantes do Ensino Fundamental aprenderam com os poemas lidos e que os auxiliaram nos seus esforços de criação. Pesquisa originária do universo escolar, do chão, da sala de aula, envolvendo os textos de José Paulo Paes, abordamos a leitura e a escrita poética como faces indissociáveis de um mesmo processo de ampliação e verticalização da consciência da linguagem dos alunos.

A pesquisa, ao explorar a experiência literária e escrita poética dos alunos do 8º ano do Ensino Fundamental em interface com leitura de poema paesiano, reconhece que viver o desafio da expressão e exercitar o jogo da composição tem implicações na percepção de si, do outro e do planeta. Com esse estudo, defendemos que esse caminho deve ser considerado importante, talvez até essencial, para a consciência de linguagem por parte dos estudantes de modo que também eles usufruam da liberdade que a linguagem poética proporciona. Trata-se aqui de pensar o significado de uma concepção e de um caminho que possa levar a um lugar de potencialização, de criação e de recriação da relação dos estudantes com a palavra poética.

Não se valer da literatura implica destruir da força da palavra poética em nosso meio, marginalizando cada vez mais a poesia. Apesar desse descaso com a poesia, quando apresentada aos alunos, eles demonstram receptividade, inclusive se apropriam de muitas de suas características no exercício da escrita poética. Os poemas criados por eles indicam a significância de se trabalhar mais com a língua e a linguagem literária poética e menos com o conhecimento teorizado sobre linguagem poética. A língua surge como uma perene e irrestrita invenção humana. Processo, do qual os alunos participam e estão aptos a participarem efetivamente, como leitores e escritores potenciais, capacitados em vivência também no campo estético.

Diante dos significativos resultados da nossa pesquisa, saboreamos novas possibilidades dentro das impossibilidades, para que a presença da literatura na educação básica, sobretudo no Ensino Fundamental, não seja uma presença

simulada. Mas, faça-se uma constância, tornando mínima a incompreensão sobre esse projeto que confere o conhecimento e fortalece a eloquência, a expressividade da arte, permite a vivência composicional de criação e de escrita poética.

Fazendo uma auto avaliação da nossa prática pedagógica, no que concerne ao trato dado à literatura, o que nós professores temos feito do espaço reservado para ela, diante dos frutos da nossa pesquisa, direcionamos um convite. Mas que um convite, uma convocação para que confiemos na energia dos afetos e crendo na educação da sensibilidade, que emerge da palavra poética, escrita, lida, ouvida e criada possamos agenciar a criação de vínculos e estreitamento de laços desses estudantes com a poesia para potencialização de si e da vida pela magia da palavra.

Ratificamos o nosso reconhecimento na evolução dos nossos alunos tendo em vista que os textos literários foram produzindo outros novos textos. Confirmamos a importância da literatura como intermediadora e promotora dessa relação entre aluno e sociedade, aluno e escola, porque além de ela ser um projeto de conhecimento, como concebe Antonio Candido, ela também humaniza e nos torna pessoas melhores e evoluídas.

Nessa discussão, de acordo com a experiência vivenciada com os alunos e os resultados obtidos ao longo do percurso e ao final dele, aconselhamos que a nossa proposta de trabalho com o texto literário, utilizando o paradigma de letramento literário de Cosson (2014), seja acolhida, agasalhada como uma experiência exitosa pela nossa escola como um todo, bem como para as outras escolas, dada a sua importância.

Não pretendemos impor essa vivência como um modelo que deva ser fielmente seguido, mas porque representou uma experiência muito significativa. Pelos resultados satisfatórios com a experiência desenvolvida em sala de aula, por meio da aplicação do texto poético de José Paulo Paes, principalmente, em se tratando da temática da natureza. Por isso, propomos que os nossos encaminhamentos para desenvolver esse tipo de atividade possam ser aplicados também em outros contextos escolares. Consideramos que as respostas, às quais chegamos, apontam, sinalizam para novas experiências bem sucedidas, levando em conta a evolução dos alunos, uns com mais rapidez e intensidade e outros com menos, porém com perceptível avanço, tanto nos aspectos intelectivos, quanto humanos. Na dinâmica de leitura de textos, produção de novos escritos e mais que

isso, demonstrando uma visão de mundo melhor, diferente da que possuíam anteriormente à aplicação da proposta.

Deixamos, portanto, as nossas contribuições, certos de que não há itinerário sistematizado, pronto, acabado. Com a literatura existe a viabilidade de renovações, de redirecionamentos, de melhorias, em prelúdio de novas coisas. E não encerrando os possíveis, pensamos que, ao término, não se finda, há recomeços que nos induzem sempre a repensarmos, refazermos, redirecionarmos, criarmos, reinventarmos, recriarmos, literatizarmos, pois, a literatura, o outro, a vida, o universo.

REFERÊNCIAS

ANJOS, Augusto dos. **Eu e outras poesias**. Porto Alegre: L&PM Pocket, 2013.

ADORNO, T. W. **Educação e emancipação**. 4. ed. Tradução de Wolfgang Leo Maar. São Paulo: Paz e Terra S/A, 2006.

_____. Palestra sobre lírica e sociedade. In: **Notas de Literatura I**. Tradução de Jorge de Almeida. São Paulo: Editora 34, 2003.

ANDRADE, Carlos Drummond de. **Poesia completa**. São Paulo: Nova Aguilar, 2002.

_____. Eu etiqueta. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 16-01-1982, Caderno B.

_____. In: FARACO; MOURA. **Língua e Literatura**. São Paulo: Ática, 1995. p. 146-147.3 v.

_____. **Corpo**. Posfácio de Maria Esther Maciel. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

BANDEIRA, Manuel. **Poesia Completa e prosa**. São Paulo: Nova Aguilar, 2010.

BARROS, Manoel de. **Poesia completa**. São Paulo: Leya, 2010.

_____. **O livro das ignoranças**. 11. ed. Rio de Janeiro: Record, 2004.

_____. **Compêndio para uso dos pássaros**. Rio de Janeiro: Record, 1999.

BARTHES, Roland. **Aula inaugural da cadeira de semiologia literária do Colégio de França**. Tradução e posfácio de Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Editora Cultrix, 1977.

BAUDELAIRE, Charles. **As Flores do Mal**. Tradução de Ivan Junqueira. 6. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica: Arte e política**. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BERNARDES, José Augusto Cardoso. **Como abordar a Literatura no ensino secundário**. Porto: Areal, 2005.

BITTENCOURT, Renato Nunes. Capitalismo parasitário de Bauman - ganha tradução no Brasil. **Jornal do Brasil [on-line]**, 12 jul. 2018. Disponível em: <<http://www.jb.com.br/cultura/noticias/2010/06/25/capitalismo-parasitario-de-bauman-ganha-traducao-no-brasil/>>. Acesso em: 13 jun. 2018.

BOSI, Alfredo. **O ser e o tempo da poesia**. São Paulo: Cultrix; Ed. da Universidade de São Paulo, 1977.

_____. A poesia é ainda necessária? In: _____. **Entre a Literatura e a História**. São Paulo: Editora 34, 2013. p. 9-24.

_____. **História concisa da Literatura Brasileira**. São Paulo: Editora Cultrix, 2006.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: terceiro e quarto ciclos do Ensino Fundamental -Língua Portuguesa. Brasília: MEC/SEF, 1998. 106 p.

BRASIL ESCOLA. Disponível em: <<https://brasilecola.uol.com.br/biologia/sete-desastres-ecologicos-causados-pelo-homem-no-mundo.htm>>. Acesso em: 10 jan. 2018.

BREDELLA, Lothar. **Introdução à didática da Literatura**. Lisboa: Dom Quixote, 1989.

BUENO, Silveira. **Dicionário Silveira Bueno**: com a nova reforma ortográfica da língua portuguesa. São Paulo: Didática Paulista, 2009.

CALVINO, Italo. Para quem se escreve? (a prateleira hipotética). In: _____. **Assunto encerrado**. Discurso sobre a Literatura e sociedade. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

CANDIDO, Antonio. O direito à Literatura. In: _____. **Vários escritos**. São Paulo: Duas Cidades, 2004.

_____. **Literatura e sociedade**. São Paulo: Editora Nacional, 1980. p. 27- 33.

_____. **Formação da Literatura Brasileira**: momentos decisivos. 6. ed. Belo Horizonte: Editora Itatiaia Ltda, 2000. 1-2 v.

CEREJA, William Roberto. **Ensino de Literatura**: uma proposta dialógica para o trabalho com a Literatura. São Paulo: Atual, 2006.

_____. **O dialogismo como procedimento do ensino da Literatura**. Disponível em:
<http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/artigos_teses/LinguaPortuguesa/teses/Tese_WilliamCereja.pdf>. Acesso em: 29 nov. 2016.

COMPAGNON, Antoine. **Literatura para quê?**. Tradução de Laura Taddei Brandini. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

CORDIVIOLA, Alfredo; SANTOS, Derivaldo; CABRAL, Valdenides (Orgs.). **As marcas da letra**: sujeito e escrita na teoria da Literatura. João Pessoa: Ideia, 2004. p. 215-221.

COSSON, Rildo. **Letramento literário**: teoria e prática. 2. ed. 5.reimp. São Paulo: Contexto, 2014.

_____. O espaço da Literatura na sala de aula. In: **Literatura**: Ensino Fundamental. PAIVA, Aparecida; MACIEL, Francisca; COSSON, Rildo (Coords.). Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2010. (Coleção Explorando o Ensino, v. 20).

COSTA, C. M. **Poemas**. Disponível em: <www.dominiopublico.gov.br>. Acesso em: 07 jul. 2017.

DANTAS, Tiago. **Erisícton**. Disponível em: <<https://brasilecola.uol.com.br/mitologia/erisicton.htm>>. Acesso em: 12 jul. 2017.

DIAS, Gonçalves. **Primeiros cantos**. 1. ed. v. 2. São Paulo: Autêntica, 2007.

DO CONTRATO SOCIAL JEAN-JACQUES ROUSSEAU. Disponível em: <<http://www.ebooksbrasil.org/eLibris/contratosocial.html>>. Acesso em: 13 maio 2017.

ELIOT, T.S. A função social da poesia. In: _____. **De poesia e poetas**. Tradução e prólogo de Ivan Junqueira. São Paulo: Brasiliense, 1991. p. 25-37.

ENCICLOPÉDIA ITAÚ CULTURAL. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/>>. Acesso em: 18 nov. 2016.

ESCRITAS.ORG. Disponível em: <<http://www.escritas.org/>>. Acesso em: 18 nov. 2016.

FARIA, Vanessa Fabíola S. **O ensino da Literatura e a formação do leitor literário**. Disponível em: <<https://www.researchgate.net>>. Acesso em: 29 nov. 2016.

FERNANDES, Lúcia; ANDRADE, Paulo; PERRONE, Charles (Orgs.). **Poesia na era da internacionalização dos saberes**: circulação, tradução, ensino e crítica no contexto contemporâneo. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2016. (Série Estudos Literários; v. 17).

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Dicionário Aurélio da língua portuguesa**. 5. ed. Curitiba: Positivo, 2010.

FREDERICO, Enid Yatsuda; OSAKABE, Haquira. **Literatura**. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/03Literatura.pdf>>. Acesso em: 20 set. 2016.

GEBARA, Ana Elvira Luciano. **A poesia na escola**: leitura e análise de poesia para crianças. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2012.

HAMBURGER, M. **A verdade da poesia**: tensões na poesia modernista desde Baudelaire. Tradução de Alípio C. F. Neto. São Paulo: Cosac Naify, 2007. p. 373-438.

HOLANDA, Lourival. **Da necessidade social da literatura**. In: CORDIVIOLA, Alfredo; SANTOS, Derivaldo; CABRAL, Valdenides (Orgs.). **As marcas do texto: sujeito e escrita na teoria literária**. João Pessoa: Ideia, 2004. p. 215-221.

KLEIMAN, Ângela. **Texto e leitor: aspectos cognitivos da leitura**. Campinas: Pontes, 1989.

LAJOLO, Marisa. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo**. São Paulo: Ática, 1993.

_____. **Um Brasil para crianças: para conhecer a Literatura Infantil Brasileira: histórias, autores e textos**. São Paulo: Global, 1986.

_____. **Literatura Infantil brasileira: história e histórias**. 2. ed. São Paulo: Ática, 1985. p. 148.

LEAHY-DIOS, Cyana. **Educação literária como metáfora social: desvios e rumos**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

LEÃO, Rodrigo de Souza. Entrevista José Paulo Paes. **Jornal da poesia**. jun. 1998. Disponível em: <<http://www.jornaldepoesia.jor.br/r2souza08c.html>>. Acesso em: 03 dez. 2016.

LIMA, Jorge de. **Invenção de Orfeu**. 1. ed. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2017. Disponível em: <<https://www.companhiadasletras.com.br/trechos/28000426.pdf>>. Acesso em: 02 jun. 2018.

LOBATO, Monteiro. **Fábulas**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

LOVATO, Regilane Gava; MACIEL, Francisca Izabel Pereira. Leitura deleite como espaço de incentivo à leitura e construção do conhecimento. **Revista Brasileira de Alfabetização – ABAlf**. Vitória, n.3, p. 74-89, jul. 2016. Disponível em: <<http://abalf.org.br/revistaeletronica/index.php/rabalf>>. Acesso em: 18 out. 2018.

LUFT, Celso Pedro. **Minidicionário Luft**. 22. ed. São Paulo: Ática, 2009.

LUKÁCS, Georg. **História e consciência de classe: estudos sobre a dialética marxista**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

MACHADO, Ana Raquel. **Diários de leitura: a construção de diferentes diálogos na sala de aula**. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/linhadagua/article/view/37279/39999>>. Acesso em: 29 nov. 2016.

MARX, Karl. **Contribuição para a crítica da economia política**. Lisboa: Estampa, 1973.

MELLO, Cristina. **O ensino da Literatura e a problemática dos gêneros literários**. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10316/778>>. Acesso em: 29 nov. 2016.

MERQUIROR, José Guilherme. **A astúcia da Mímesis**: ensaios sobre lírica. 2. ed. São Paulo: Top books, 1997.

MOISÉS, Leila Perrone. **Literatura para todos**. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/ls/article/view/19709>>. Acesso em: 29 nov. 2016.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. Tradução de Catarina Eleonora F. da Silva e Jeanne Sawaya. Revisão técnica de Edgard de Assis Carvalho. 2. ed. São Paulo: Cortez; Brasília: UNESCO, 2000.

_____. _____. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/EdgarMorin.pdf>>. Acesso em: 27 out. 2016.

MUNDO LITERÁRIO. Disponível em: <<http://mundolliterario.blogspot.com.br/>>. Acesso em: 18 nov. 2016.

NOBREGA, Marta; PINHEIRO, Hélder (Orgs.). **Literatura**: da crítica à sala de aula. Campina Grande: Bagagem, 2006.

OCEANO DE LETRAS. Disponível em: <<https://nuhtaradahab.wordpress.com/2008/11/24/ziraldo-ler-e-muito-mais-importante-que-estudar/>>. Acesso em: 04 nov. 2016.

PAES, José Paulo. Infância e poesia. **Folha de São Paulo**, São Paulo, Caderno Mais, 9 ago. 1998.

_____. **Olha o bicho**. 12. ed. São Paulo: Ática, 2011.

_____. **Poemas para brincar**. 1. ed. São Paulo: Ática, 1990.

_____. **Prosas seguidas de odes mínimas**. Belo Horizonte: Companhia das Letras, 2002.

_____. **Quem eu?**: um poeta como outro qualquer (biografia). Viviane de Assis Viana (Coord.). São Paulo: Atual, 1996.

_____. **Poesia para crianças (depoimentos)**. São Paulo: Giordano, 1996.

PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS – LÍNGUA PORTUGUESA. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro02.pdf>>. Acesso em: 20 set. 2016.

PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS – TERCEIRO E QUARTO CICLOS DO ENSINO FUNDAMENTAL. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/portugues.pdf>>. Acesso em: 29 set. 2016.

PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS – ENSINO MÉDIO. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/14_24.pdf>. Acesso em: 12 set. 2016.

PINHEIRO, Hélder. **Poesia na sala de aula**. João Pessoa: Ideia, 2002.

_____. (Org.). **Pesquisa em Literatura**. Campina Grande: Bagagem, 2003.

PRADO, Adélia. **Aula Magna**: o poder humanizador da poesia. Disponível em: <<http://nossabrazilidade.com.br/adelia-prado-aula-magna-o-poder-humanizador-da-poesia/>>. Acesso em: 20 jun. 2016.

QUEIROZ, Eça de. **A cidade e as serras**. Lisboa: Livros do Brasil, [19--?].

RECANTO DAS LETRAS. **Ciência e tecnologia**. Disponível em:

<<https://www.recantodasletras.com.br/artigos-de-ciencia-e-tecnologia/4245233>>. Acesso em: 15 fev. 2018.

RESENHA MARCOS NOBRE E SUA ANÁLISE DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA DE CLASSE. Disponível em:

<<http://www.verinotio.org/conteudo/0.91242686744074.pdf>>. Acesso em: 27 mar. 2018.

RIBEIRO, Ésio Macedo. **Brincadeira de palavras**: a gênese da poesia infantil de José Paulo Paes. São Paulo: Editora Giordano, 1998.

ROCHETA, Maria Isabel; NEVES, Margarida Braga (Orgs.). **Ensino da Literatura**: propostas a contracorrente. Lisboa: Cosmos/Departamento de Literaturas Românicas da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 1999.

ROSSEAU, Jean-Jacques. **Do contrato social**. [S.l.]: Ridendo Castigat Mores, 2002.

SAINT-EXUPÉRY, Antoine de. **O pequeno príncipe**. Tradução de Denise Bottmann. São Paulo: Novo Século Editora, 2015.

SANTOS, D. et al. **Trama de um cego labirinto**: ensaios de Literatura e sociedade. João Pessoa: Ideia, 2010.

SANTOS, Derivaldo; CABRAL, Valdenides (Orgs.). **As marcas da letra**: sujeito e escrita na teoria literária. João Pessoa: Ideia, 2004. p. 215-221.

SANTOS, Vanessa Sardinha dos. **Sete desastres ecológicos causados pelo homem no mundo**. Brasil Escola. Disponível em:

<<https://brasilecola.uol.com.br/biologia/sete-desastres-ecologicos-causados-pelo-homem-no-mundo.htm>>. Acesso em: 10 jan. 2018.

SEABRA, Zeca. **Filme - A guerra do fogo**. Disponível em:

<<https://www.http://cinemaparasempre.com.br/index.php/2017/08/24/a-guerra-do-fogo-1981/>>. Acesso em: 07 fev. 2018.

SIBILA – REVISTA DE POESIA E CRÍTICA LITERÁRIA. Poesia-pintura: “A Máquina do Mundo” de Drummond. Disponível em: <<http://sibila.com.br/novos-e-criticos/poesia-pintura-a-maquina-do-mundo-de-drummond/7814>>. Acesso em: 03 jun. 2018.

TODOROV, Tzvetan. **A Literatura em perigo**. Tradução de Caio Meira. Rio de Janeiro: DIFEL, 2009.

WILLIAMS, Raymond. **O campo e a cidade**: na história e na Literatura. Tradução de Paulo Henriques Britto. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

ZILBERMAN, Regina. **A Literatura infantil na escola**. 6. ed. São Paulo: Global, 1987.

_____. **Estética da recepção e história da Literatura**. São Paulo: Ática, 1989.

_____. **O ensino de Literatura no segundo grau**. Porto Alegre: Mercado Aberto, [20--?].

_____. **O papel da Literatura na escola**. São Paulo: Via Atlântica, 2008.

_____. SILVA, Ezequiel Theodoro da. **Literatura e Pedagogia**: ponto e contraponto. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1990.

_____. _____. **Leituras**: perspectivas interdisciplinares. São Paulo: Ática, 1988.

APÊNDICES

APÊNDICE A - Os planos de aula.

❖ *Aulas 1 e 2*

Objetivos	Metodologia	Recursos didáticos	Duração
Desenvolver atitudes e disposição favoráveis à leitura;	Distribuir para os alunos folhas fotocopiadas com imagens da cidade de Nova Cruz, no passado e no presente, e discutir com eles as mudanças perceptíveis ao longo desses anos. Depois, entregar para eles a cópia da cantiga popular <i>Se essa rua fosse minha</i> , orientar a leitura silenciosa e, depois, cantar com eles. Em seguida, realizar uma roda de diálogo sobre o texto trabalhado, no que se refere ao estilo, linguagem: construção composicional, prosa ou verso, função social do texto e conteúdo temático. Finalmente, distribuir uma atividade digitada e intitulada: “NOVA CRUZ” NA PERSPECTIVA DE “NOSSA RUA”, a fim de que reflitam sobre o contexto da rua e a cidade em que vivem, para ser respondida em casa.	Celular, caixinha de som, textos fotocopiados, papel A 4, quadro branco e lápis.	02 (duas) Aulas de 50 minutos

❖ *Aulas 3 e 4*

Objetivos	Metodologia	Recursos didáticos	Duração
Conduzir o aluno a discutir, comentar e apreciar as	Entregar aos alunos fotocópias dos poemas <i>Paraíso</i> e <i>Raridade</i> , do autor José Paulo Paes. Pedir para realizarem a leitura oral do gênero poema <i>Paraíso</i> ,	Textos fotocopiados, papel A 4, quadro branco e	02 (duas) Aulas de 50 minutos

<p>condições de produção do gênero poema.</p>	<p>depois reler com eles e propor que estabeleçam proximidade com a cantiga popular, <i>Se essa rua fosse minha</i>. Em seguida, orientar que utilizem o mesmo procedimento para a leitura de <i>Raridade</i>. Destacar para os alunos em que pontos os textos estudados dialogam e as diferenças que apresentam nas suas construções composicionais. Falar sobre linguagem: construção composicional, prosa ou verso, função social do texto e conteúdo temático das poesias trabalhadas. No segundo momento da aula, fazer uma apresentação do autor, José Paulo Paes, através da biografia dele, a qual fornece as informações básicas, como por exemplo, seu destaque dentre os grandes nomes da literatura brasileira e sua poesia totalmente diferenciada. A leitura biográfica será feita, a priori, silenciosamente pelos estudantes, em seguida a professora relê o texto, enfatizando a importância do escritor para a literatura brasileira e a arte de criar poesias. Ao final, da aula, distribuir atividade interpretativa a fim de que eles, após a análise da cantiga popular, as fotos da cidade de Nova Cruz e as poesias de Paes, utilizando como mecanismo de percepção de diálogo entre os textos, a intertextualidade, deem o parecer deles sobre as sensações que os poemas causaram, que críticas eles abordam, qual a temática é apresentada em cada um deles e se estabelecem</p>	<p>lápis.</p>	
---	---	---------------	--

	relação, por exemplo, dentre outros questionamentos.		
--	--	--	--

❖ *Aulas 5 e 6*

Objetivos	Metodologia	Recursos didáticos	Duração
Oportunizar aos alunos a reflexão e a produção textual do gênero poema.	Fazer a correção oral das atividades escritas com os alunos e instigá-los à discussão reflexiva da temática abordada nos 2 (dois) poemas trabalhados, estabelecendo uma analogia à realidade da rua, cidade em que residem. Depois, conduzi-los ao pátio para que, em dupla ou trio, pesquisem, pelos próprios celulares, poemas com a mesma temática dos de Paes. Após a pesquisa pedir que analisem como se estrutura o gênero discursivo poema e destaquem no caderno os passos mais importantes para produção desse gênero textual. Depois das anotações feitas, individualmente, farão a sua primeira produção escrita.	Celular, caderno, caneta, folha de papel A4, quadro e lápis para quadro branco.	02 (duas) Aulas de 50 minutos

❖ *Aulas 7 e 8*

Objetivos	Metodologia	Recursos didáticos	Duração
Incentivar os alunos para a segunda produção escrita deles	Propor aos alunos que eles conversem oralmente com algum escritor de poesia da cidade, Domingos Matias ou outros, esclarecendo as dúvidas que tiverem sobre poesia e apresentando as suas produções escritas. Na sala de aula, socializarem pela	Folha de papel A4, quadro e lápis para quadro branco.	02 (duas) Aulas de 50 minutos

	oralização os resultados das informações colhidas e os próprios textos. Finalmente sugerir aos alunos a reescrita da poesia deles.		
--	--	--	--

❖ *Aulas 9 e 10*

Objetivos	Metodologia	Recursos didáticos	Duração
Oportunizar aos discentes a correção das produções escritas dos colegas.	Sugerir que os alunos se agrupem em duplas, troquem as poesias a fim de realizarem a correção participativa, respeitando os seguintes critérios: O texto escrito possui linguagem subjetiva ou objetiva? O texto atende a proposta? Ele está escrito em prosa ou em verso? Há rimas ou não? A produção escrita apresenta coerência? Há uma solução para a temática abordada? As palavras estão adequadas ao texto? O que fazer para melhorar a escrita dele?	Caderno, lápis, caneta, quadro e lápis para quadro branco.	02 (duas) Aulas de 50 minutos

❖ *Aulas 11 e 12*

Objetivos	Metodologia	Recursos didáticos	Duração
Proporcionar aos estudantes momento para a reescrita de seus poemas.	Finalmente, após as sugestões avaliativas dos colegas, os alunos deverão reescrever o seu poema.	Folha de papel A4, quadro e lápis para quadro branco.	02 (duas) Aulas de 50 minutos

❖ Aulas 13, 14, 15, 16 e 17

Objetivos	Metodologia	Recursos didáticos	Duração
Socializar com a comunidade escolar, pais e familiares os textos escritos dos alunos dos 8 ^{os} Anos “A” e “B”.	Os alunos, a professora, coordenação e gestão escolar organizarão um Chá Literário, momento em que serão compartilhadas, por meio de declamação, dramatizações, coreografia, as produções poéticas desses educandos com algumas turmas do 4 ^o e 5 ^o anos; 6 ^o , 7 ^o e 9 ^o anos, do Fundamental I e II respectivamente, pais e convidados. Após a divulgação oral, os estudantes deixarão seus textos expostos em varal de poemas para toda a comunidade da escola apreciar.	Emborrachados com glíter, tesoura, cola Brascoplast, cartolina, TNT cores variadas, tecido de seda, chá, bolachas, bolos, sucos, aventais, bandejas, copos e pratinhos descartáveis, palitos, cadeiras, mesas, caixa amplificadora, microfones, CD, <i>pen drive</i> , peça de cordão, etc.	5 (cinco) aulas de 50 min.

ANEXOS

ANEXO A – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), do Secretário Municipal de Educação.



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS- PROFLETRAS/NATAL/UFRN
MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE

Este é um convite para você e os alunos da Escola Municipal Antônio Peixoto Mariano participarem da pesquisa: **ENSINO DE LITERATURA, POESIA E ECOLOGIA: tríade na arte de humanizar**, que tem como pesquisadora responsável a Prof.^a: **MARIA DO SOCORRO MAURÍCIO DE QUEIROZ ÂNGELO**.

Esta pesquisa consiste em uma proposta de intervenção em sala de aula, aplicada por meio do paradigma do Letramento Literário, sugerido por Rildo Cosson, a partir de uma aplicação de poesias infanto-juvenis, de José Paulo Paes, tendo como unidade temática a natureza. Essa proposição será aplicada nas turmas do 8ºs anos A e B, da Escola Municipal Antônio Peixoto Mariano, localizada no Bairro do Salgado, Nova Cruz, na Região Agreste do Rio Grande do Norte, a fim de contribuir com os estudos realizados sobre a Literatura e Ensino.

O motivo que nos leva a fazer este estudo é que, como estratégia de contribuição, utilizando como instrumento o texto literário poético, especificamente a poesia-natureza de José Paulo Paes, promover a leitura em sala de aula, desenvolvendo o prazer de ler e, conseqüentemente, a ascensão intelectual e melhoria do repertório linguístico do aluno, bem como conduzi-lo a uma melhor compreensão da natureza e da vida em conjunto. Assim, utilizando a seqüência básica de Cosson (2014) para o desenvolvimento das atividades de leitura e reescrita de poemas, como por exemplo, *Paraíso* e *Raridade*, dos livros *Poemas para brincar* e *Olha o bicho*, do autor de uma vasta produção literária para o público infanto-juvenil, mas com construções semelhantes em sua poesia para adultos, José Paulo Paes.

Caso você decida participar, deverá experienciar a vivência com a literatura, especificamente com texto literários poéticos, o poema. Para os fins que se pretende aqui, o trabalho ora apresentado adotará a experiência de aplicação do texto literário nas turmas dos 8ºs A e B, da Escola Municipal Antônio Peixoto Mariano, seguindo o modelo de seqüência básica de Cosson (2014), que é constituída por quatros

encaminhamentos: motivação, introdução, leitura e interpretação sobre os quais passamos a resumir: motivação é o ponto de partida da sequência básica do letramento literário, que objetiva preparar os estudantes para adentrar no texto, o momento do encontro inicial dos alunos leitores com a obra; introdução é o momento em que é apresentada a biografia do autor, justificando a sua escolha; a leitura do texto escolhido é importante por ser um momento singular e individual que não pode ser vivido por outrem; a interpretação constitui as inferências que os alunos fazem até chegarem à construção do sentido do texto lido. Cosson (2014) propõe, no cenário do letramento literário, realizá-la em dois momentos: o interior e o exterior. Na esteira dessa teoria, os alunos participarão de atividades de leitura e produção de textos, orais e/ou escritos, a partir de exercícios diversificados até chegarem ao compartilhamento das interpretações e sentidos construídos individualmente com a comunidade escolar. A partilha das suas interpretações, eles irão ler e reescrever textos poéticos, a fim de aprimorar e expandir os seus horizontes de leitura e escrita, bem como as suas competências linguísticas. Nesse sentido, esperamos organizar as aulas progressiva e sequencialmente, a fim de que os estudantes ampliem suas competências interpretativas, e por meio do texto literário poético. Nossas ações serão registradas, por meio de atividades orais e escritas (Antologia de poemas), fotografias e vídeos.

Durante a realização para a interpretação interior dos poemas selecionados e trabalhados com os alunos, serão distribuídas entre os alunos duas atividades interpretativas, a fim de que eles deem o parecer deles sobre as sensações que os poemas causaram, que críticas eles abordam, qual a temática é apresentada em cada um deles e se estabelecem relação. Na ocasião será sugerida, aos alunos, a produção de uma paráfrase poética. Farão entrevistas orais, socialização oral e escrita de atividades e da entrevista. Após a produção final dos poemas, o momento de compartilhamento da interpretação, haverá o registro e externalização da leitura. Momento em que os alunos socializarão os seus escritos poéticos com a comunidade escolar, pais e familiares, por meio de uma antologia com as próprias produções e apresentarem. Essa socialização será a culminância das atividades desenvolvidas, quando organizaremos um evento literário intitulado, Chá Literário: Poetas do Peixoto. Nesse evento, as produções poéticas dos educandos serão compartilhadas, através de coreografia musical, musical poético, declamações, exposição dos textos em sinos de vento e CDs poéticos, mural de versos e a apresentação da antologia. A previsão de riscos é mínima, ou seja, o risco que os

alunos correm é semelhante àquele sentido num exame físico ou psicológico de rotina, não há previsão de riscos à integridade física ou psicológica, como situações vexatórias para os alunos.

Pode acontecer um desconforto de o aluno não querer participar por se sentir envergonhado, que será minimizado com diálogos e ele terá como benefício a ampliação de sua expressividade oral.

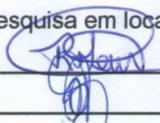
Em caso de algum problema que o aluno possa ter relacionado com a pesquisa, terá direito à assistência gratuita que será prestada por mim, professora das referidas turmas e escola.

Durante todo o período da pesquisa você poderá tirar suas dúvidas ligando para MARIA DO SOCORRO MAURÍCIO DE QUEIROZ ÂNGELO, Rua Professor Josépio de Almeida Duarte, Nº 86, Centro, Nova Cruz, RN; e-mail: socorroangelo@yahoo.com.br; telefone: (84) 99112-4118.

Você tem o direito de se recusar a participar ou retirar seu consentimento, em qualquer fase da pesquisa, sem nenhum prejuízo para você.

Os dados que você irá nos fornecer serão confidenciais e divulgados apenas em congressos ou publicações científicas, sempre de forma anônima, não havendo divulgação de nenhum dado que possa lhe identificar.

Esses dados serão guardados pelo pesquisador responsável por essa pesquisa em local seguro e por um período de 5 anos.

 _____ (rubrica do Participante/Responsável legal da Escola)
_____ (rubrica do Pesquisador)

Se você ou os alunos tiverem alguns gastos pela sua participação nessa pesquisa, eles serão assumidos pelo pesquisador e reembolsado para vocês.

Se você e os alunos sofrerem qualquer dano decorrente desta pesquisa, sendo ele imediato ou tardio, previsto ou não, você será indenizado.

Qualquer dúvida sobre a ética dessa pesquisa você deverá ligar para o Comitê de Ética em Pesquisa – instituição que avalia a ética das pesquisas antes que elas comecem e fornece proteção aos participantes das mesmas – da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, nos telefones (84) 3215-3135 / (84) 9.9193.6266, através do e-mail cepufnr@reitoria.ufrn.br ou pelo formulário de contato do site <www.cep.propesq.ufrn.br>. Você ainda pode ir pessoalmente à sede do CEP, de segunda a sexta, das 08h00 às 12h00 e das 14h00 às 18h00, na

Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Campus Central. Lagoa Nova.
Natal/RN. CEP 59078-970

Este documento foi impresso em duas vias. Uma ficará com você e a outra com o pesquisador responsável **MARIA DO SOCORRO MAURÍCIO DE QUEIROZ ÂNGELO**.

Consentimento Livre e Esclarecido

Após ter sido esclarecido sobre os objetivos, importância e o modo como os dados serão coletados nessa pesquisa, além de conhecer os riscos, desconfortos e benefícios que ela trará para mim e os alunos, bem como ter ficado ciente de todos os nossos direitos, concordo em permitir a participação dos alunos dos 8ºs anos A e B, da Escola Municipal Antônio Peixoto Mariano, da pesquisa: **ENSINO DE LITERATURA, POESIA E ECOLOGIA: tríade na arte de humanizar**, e autorizo a divulgação das informações por mim fornecidas em congressos e/ou publicações científicas desde que nenhum dado possa nos identificar.

Nova Cruz, 20 de Julho de 2016.

Rogério Felipe de Lima

Assinatura do Secretário Municipal de Educação participante da pesquisa

RG 1.587.664 CPF 897.292.424-53

Como pesquisador responsável pelo estudo **ENSINO DE LITERATURA, POESIA E ECOLOGIA: tríade na arte de humanizar**, eu declaro que assumo a inteira responsabilidade de cumprir fielmente os procedimentos metodologicamente e direitos que foram esclarecidos e assegurados ao participante desse estudo, assim como manter sigilo e confidencialidade sobre a identidade do mesmo.

Declaro ainda estar ciente que na inobservância do compromisso ora assumido estarei infringindo as normas e diretrizes propostas pela Resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde – CNS, que regulamenta as pesquisas envolvendo o ser humano.

Nova Cruz, 20 de Julho de 2016.

Maria do Socorro M. A. Ângelo

Assinatura da pesquisadora responsável

ANEXO B – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), do Diretor da Escola.



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS - PROFLETRAS/NATAL/UFRN
MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE

Este é um convite para você e os alunos da Escola Municipal Antônio Peixoto Mariano participarem da pesquisa: **ENSINO DE LITERATURA, POESIA E ECOLOGIA: tríade na arte de humanizar**, que tem como pesquisadora responsável a Prof.^a **MARIA DO SOCORRO MAURÍCIO DE QUEIROZ ÂNGELO**.

Esta pesquisa consiste em uma proposta de intervenção em sala de aula, aplicada por meio do paradigma do Letramento Literário, sugerido por Rildo Cosson, a partir de uma aplicação de poesias infanto-juvenis, de José Paulo Paes, tendo como unidade temática a natureza. Essa proposição será aplicada nas turmas do 8ºs anos A e B, da Escola Municipal Antônio Peixoto Mariano, localizada no Bairro do Salgado, Nova Cruz, na Região Agreste do Rio Grande do Norte, a fim de contribuir com os estudos realizados sobre a Literatura e Ensino.

O motivo que nos leva a fazer este estudo é que, como estratégia de contribuição, utilizando como instrumento o texto literário poético, especificamente a poesia-natureza de José Paulo Paes, promover a leitura em sala de aula, desenvolvendo o prazer de ler e, conseqüentemente, a ascensão intelectual e melhoria do repertório linguístico do aluno, bem como conduzi-lo a uma melhor compreensão da natureza e da vida em conjunto. Assim, utilizando a sequência básica para atividades de leitura e reescrita de poemas, como por exemplo, *Paraíso* e *Raridade*, dos livros *Poemas para brincar* e *Olha o bicho*, do autor de uma vasta produção literária para o público infanto-juvenil, mas com construções semelhantes em sua poesia para adultos, José Paulo Paes.

Caso você decida participar, deverá experienciar a vivência com a literatura, especificamente com texto literários poéticos, o poema. Para os fins que se pretende aqui, o trabalho ora apresentado adotará a experiência de aplicação do texto literário nas turmas dos 8ºs A e B, da Escola Municipal Antônio Peixoto Mariano, seguindo o modelo de sequência básica de Cosson (2014), que é constituída por quatros encaminhamentos: motivação, introdução, leitura e interpretação sobre os quais

passamos a resumir: motivação é o ponto de partida da sequência básica do letramento literário, que objetiva preparar os estudantes para adentrar no texto, o momento do encontro inicial dos alunos leitores com a obra; introdução é o momento em que é apresentada a biografia do autor, justificando a sua escolha; a leitura do texto escolhido é importante por ser um momento singular e individual que não pode ser vivido por outrem; a interpretação constitui as inferências que os alunos fazem até chegarem à construção do sentido do texto lido. Cosson (2014) propõe, no cenário do letramento literário, realizá-la em dois momentos: o interior e o exterior. Na esteira dessa teoria, os alunos participarão de atividades de leitura e produção de textos, orais e/ou escritos, a partir de exercícios diversificados até chegarem ao compartilhamento das interpretações e sentidos construídos individualmente com a comunidade escolar. A partilha das suas interpretações, eles irão ler e reescrever textos poéticos, a fim de aprimorar e expandir os seus horizontes de leitura e escrita, bem como as suas competências linguísticas. Nesse sentido, esperamos organizar as aulas progressiva e sequencialmente, a fim de que os estudantes ampliem suas competências interpretativas, e por meio do texto literário poético. Nossas ações serão registradas, por meio de atividades orais e escritas (Antologia de poemas), fotografias e vídeos.

Durante a realização para a interpretação interior dos poemas selecionados e trabalhados com os alunos, serão distribuídas entre os alunos duas atividades interpretativas, a fim de que eles deem o parecer deles sobre as sensações que os poemas causaram, que críticas eles abordam, qual a temática é apresentada em cada um deles e se estabelecem relação. Na ocasião será sugerida, aos alunos, a produção de uma paráfrase poética. Farão entrevistas orais, socialização oral e escrita de atividades e da entrevista. Após a produção final dos poemas, o momento de compartilhamento da interpretação, haverá o registro e externalização da leitura. Momento em que os alunos socializarão os seus escritos poéticos com a comunidade escolar, pais e familiares, por meio de uma antologia com as próprias produções e apresentarem. Essa socialização será a culminância das atividades desenvolvidas, quando organizaremos um evento literário intitulado, Chá Literário: Poetas do Peixoto. Nesse evento, as produções poéticas dos educandos serão compartilhadas, através de coreografia musical, musical poético, declamações, exposição dos textos em sinos de vento e CDs poéticos, mural de versos e a apresentação da antologia. A previsão de riscos é mínima, ou seja, o risco que os alunos correm é semelhante àquele sentido num exame físico ou psicológico de

rotina, não há previsão de riscos à integridade física ou psicológica, como situações vexatórias para os alunos.

Pode acontecer um desconforto de o aluno não querer participar por se sentir envergonhado, que será minimizado com diálogos e ele terá como benefício a ampliação de sua expressividade oral.

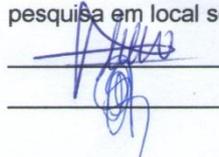
Em caso de algum problema que o aluno possa ter relacionado com a pesquisa, terá direito à assistência gratuita que será prestada por mim, professora das referidas turmas e escola.

Durante todo o período da pesquisa você poderá tirar suas dúvidas ligando para **MARIA DO SOCORRO MAURÍCIO DE QUEIROZ ÂNGELO**, Rua Professor Josépio de Almeida Duarte, Nº 86, Centro, Nova Cruz, RN; e-mail: socorroangelo@yahoo.com.br; telefone: (84) 99112-4118.

Você tem o direito de se recusar a participar ou retirar seu consentimento, em qualquer fase da pesquisa, sem nenhum prejuízo para você.

Os dados que você irá nos fornecer serão confidenciais e serão divulgados apenas em congressos ou publicações científicas, sempre de forma anônima, não havendo divulgação de nenhum dado que possa lhe identificar.

Esses dados serão guardados pelo pesquisador responsável por essa pesquisa em local seguro e por um período de 5 anos.

 (rubrica do Participante/Responsável legal da Escola)

 (rubrica do Pesquisador)

Se você ou os alunos tiverem alguns gastos pela sua participação nessa pesquisa, eles serão assumidos pelo pesquisador e reembolsado para vocês.

Se você e os alunos sofrerem qualquer dano decorrente desta pesquisa, sendo ele imediato ou tardio, previsto ou não, você será indenizado.

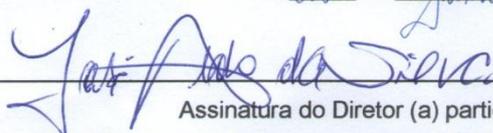
Qualquer dúvida sobre a ética dessa pesquisa você deverá ligar para o Comitê de Ética em Pesquisa – instituição que avalia a ética das pesquisas antes que elas comecem e fornece proteção aos participantes das mesmas – da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, nos telefones (84) 3215-3135 / (84) 9.9193.6266, através do e-mail cepufnr@reitoria.ufrn.br ou pelo formulário de contato do site <www.cep.propesq.ufrn.br>. Você ainda pode ir pessoalmente à sede do CEP, de segunda a sexta, das 08h00 às 12h00 e das 14h00 às 18h00, na Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Campus Central. Lagoa Nova. Natal/RN. CEP 59078-970

Este documento foi impresso em duas vias. Uma ficará com você e a outra com o pesquisador responsável **MARIA DO SOCORRO MAURÍCIO DE QUEIROZ ÂNGELO**.

Consentimento Livre e Esclarecido

Após ter sido esclarecido sobre os objetivos, importância e o modo como os dados serão coletados nessa pesquisa, além de conhecer os riscos, desconfortos e benefícios que ela trará para mim e os alunos, bem como ter ficado ciente de todos os nossos direitos, concordo em permitir a participação dos alunos dos 8ºs anos A e B, da Escola Municipal Antônio Peixoto Mariano, da pesquisa: *ENSINO DE LITERATURA, POESIA E ECOLOGIA: tríade na arte de humanizar*, e autorizo a divulgação das informações por mim fornecidas em congressos e/ou publicações científicas desde que nenhum dado possa nos identificar.

Nova Cruz, 20 de Julho de 2016.



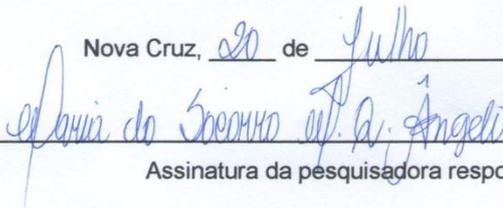
Assinatura do Diretor (a) participante da pesquisa

RG 1789173 CPF 812906594-00

Como pesquisador responsável pelo estudo *ENSINO DE LITERATURA, POESIA E ECOLOGIA: tríade na arte de humanizar*, eu declaro que assumo a inteira responsabilidade de cumprir fielmente os procedimentos metodologicamente e direitos que foram esclarecidos e assegurados ao participante desse estudo, assim como manter sigilo e confidencialidade sobre a identidade do mesmo.

Declaro ainda estar ciente que na inobservância do compromisso ora assumido estarei infringindo as normas e diretrizes propostas pela Resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde – CNS, que regulamenta as pesquisas envolvendo o ser humano.

Nova Cruz, 20 de Julho de 2016.



Assinatura da pesquisadora responsável

ANEXO C – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), do Responsável Legal.



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS- PROFLETRAS/NATAL/UFRN
MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE

Estamos solicitando a você a autorização para que o menor pelo qual você é responsável participe da pesquisa: **ENSINO DE LITERATURA, POESIA E ECOLOGIA: tríade na arte de humanizar**, que tem como pesquisador responsável Prof.^a **MARIA DO SOCORRO MAURÍCIO DE QUEIROZ ÂNGELO**.

Esta pesquisa consiste em uma proposta de intervenção em sala de aula, aplicada por meio do paradigma do Letramento Literário, sugerido por Rildo Cosson, a partir de uma aplicação de poesias infanto-juvenis, de José Paulo Paes, tendo como unidade temática a natureza. Essa proposição será aplicada nas turmas do 8ºs anos A e B, da Escola Municipal Antônio Peixoto Mariano, localizada no Bairro do Salgado, Nova Cruz, na Região Agreste do Rio Grande do Norte, a fim de contribuir com os estudos realizados sobre a Literatura e Ensino.

O motivo que nos leva a fazer este estudo é que, como estratégia de contribuição, utilizando como instrumento o texto literário poético, especificamente a poesia-natureza de José Paulo Paes, promover a leitura em sala de aula, desenvolvendo o prazer de ler e, conseqüentemente, a ascensão intelectual e melhoria do repertório linguístico do aluno, bem como conduzi-lo a uma melhor compreensão da natureza e da vida em conjunto. Assim, utilizando a seqüência básica para atividades de leitura e reescrita de poemas, como por exemplo, *Paraíso* e *Raridade*, dos livros *Poemas para brincar* e *Olha o bicho*, do autor de uma vasta produção literária para o público infanto-juvenil, mas com construções semelhantes em sua poesia para adultos, José Paulo Paes.

Caso você decida autorizar, deverá experienciar a vivência com a literatura, especificamente com texto literários poéticos, o poema. Para os fins que se pretende aqui, o trabalho ora apresentado adotará a experiência de aplicação do texto literário nas turmas dos 8ºs A e B, da Escola Municipal Antônio Peixoto Mariano, seguindo o modelo de seqüência básica de Cosson (2014), que é constituída por quatros encaminhamentos: motivação, introdução, leitura e interpretação sobre os quais

passamos a resumir: motivação é o ponto de partida da sequência básica do letramento literário, que objetiva preparar os estudantes para adentrar no texto, o momento do encontro inicial dos alunos leitores com a obra; introdução é o momento em que é apresentada a biografia do autor, justificando a sua escolha; a leitura do texto escolhido é importante por ser um momento singular e individual que não pode ser vivido por outrem; a interpretação constitui as inferências que os alunos fazem até chegarem à construção do sentido do texto lido. Cosson (2014) propõe, no cenário do letramento literário, realizá-la em dois momentos: o interior e o exterior. Na esteira dessa teoria, os alunos participarão de atividades de leitura e produção de textos, orais e/ou escritos, a partir de exercícios diversificados até chegarem ao compartilhamento das interpretações e sentidos construídos individualmente com a comunidade escolar. A partilha das suas interpretações, eles irão ler e reescrever textos poéticos, a fim de aprimorar e expandir os seus horizontes de leitura e escrita, bem como as suas competências linguísticas. Nesse sentido, esperamos organizar as aulas progressiva e sequencialmente, a fim de que os estudantes ampliem suas competências interpretativas, e por meio do texto literário poético. Nossas ações serão registradas, por meio de atividades orais e escritas (Antologia de poemas), fotografias e vídeos.

Durante a realização para a interpretação interior dos poemas selecionados e trabalhados com os alunos, serão distribuídas entre os alunos duas atividades interpretativas, a fim de que eles deem o parecer deles sobre as sensações que os poemas causaram, que críticas eles abordam, qual a temática é apresentada em cada um deles e se estabelecem relação. Na ocasião será sugerida, aos alunos, a produção de uma paráfrase poética. Farão entrevistas orais, socialização oral e escrita de atividades e da entrevista. Após a produção final dos poemas, o momento de compartilhamento da interpretação, haverá o registro e externalização da leitura. Momento em que os alunos socializarão os seus escritos poéticos com a comunidade escolar, pais e familiares, por meio de uma antologia com as próprias produções e apresentarem. Essa socialização será a culminância das atividades desenvolvidas, quando organizaremos um evento literário intitulado, *Chá Literário: Poetas do Peixoto*. Nesse evento, as produções poéticas dos educandos serão compartilhadas, através de coreografia musical, musical poético, declamações, exposição dos textos em sinos de vento e CDs poéticos, mural de versos e a apresentação da antologia. A previsão de riscos é mínima, ou seja, o risco que você corre é semelhante àquele sentido num exame físico ou psicológico de rotina, não

há previsão de riscos à integridade física ou psicológica, como situações vexatórias para os alunos.

Pode acontecer um desconforto de o aluno não querer participar por se sentir envergonhado, que será minimizado com diálogos e ele terá como benefício a ampliação de sua expressividade oral.

Em caso de algum problema que o aluno possa ter relacionado com a pesquisa, terá direito à assistência gratuita que será prestada por mim, professora das referidas turmas e escola.

Durante todo o período da pesquisa você poderá tirar suas dúvidas ligando para **MARIA DO SOCORRO MAURÍCIO DE QUEIROZ ÂNGELO**, Rua Professor Josépio de Almeida Duarte, Nº 86, Centro, Nova Cruz, RN; e-mail: socorroangelo@yahoo.com.br; telefone: (84) 99112-4118.

Você tem o direito de recusar sua autorização, em qualquer fase da pesquisa, sem nenhum prejuízo para você e para ele (a).

Os dados que você irá nos fornecer serão confidenciais e divulgados apenas em congressos ou publicações científicas, sempre de forma anônima, não havendo divulgação de nenhum dado que possa lhe identificar.

Esses dados serão guardados pelo pesquisador responsável por essa pesquisa em local seguro e por um período de 5 anos.

_____ (rubrica do Participante/Responsável legal) _____ (rubrica do Pesquisador)

Se você ou o seu acompanhante tiverem alguns gastos pela sua participação nessa pesquisa, eles serão assumidos pelo pesquisador e reembolsado para vocês.

Se você sofrer qualquer dano decorrente desta pesquisa, sendo ele imediato ou tardio, previsto ou não, você será indenizado.

Qualquer dúvida sobre a ética dessa pesquisa você deverá ligar para o Comitê de Ética em Pesquisa – instituição que avalia a ética das pesquisas antes que elas comecem e fornece proteção aos participantes das mesmas – da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, nos telefones (84) 3215-3135 / (84) 9.9193.6266, através do e-mail cepufnr@reitoria.ufrn.br ou pelo formulário de contato do site <www.cep.propesq.ufrn.br>. Você ainda pode ir pessoalmente à sede do CEP, de segunda a sexta, das 08h00 às 12h00 e das 14h00 às 18h00, na

Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Campus Central. Lagoa Nova.
Natal/RN. CEP 59078-970

Este documento foi impresso em duas vias. Uma ficará com você e a outra com o pesquisador responsável **MARIA DO SOCORRO MAURÍCIO DE QUEIROZ ÂNGELO**.

Consentimento Livre e Esclarecido

Eu, _____, representante legal do menor _____, autorizo sua participação na pesquisa **ENSINO DE LITERATURA, POESIA E ECOLOGIA: tríade na arte de humanizar**,

Esta autorização foi concedida após os esclarecimentos que recebi sobre os objetivos, importância e o modo como os dados serão coletados, por ter entendido os riscos, desconfortos e benefícios que essa pesquisa pode trazer para ele (a) e também por ter compreendido todos os direitos que ele (a) terá como participante e eu como seu representante legal.

Autorizo, ainda, a publicação das informações fornecidas por ele (a) em congressos e/ou publicações científicas, desde que os dados apresentados não possam identificá-lo (a).

Nova Cruz, ____ de _____ de ____.

Assinatura do representante legal

RG _____ CPF _____

Declaração do pesquisador responsável

Como pesquisador responsável pelo estudo **ENSINO DE LITERATURA, POESIA E ECOLOGIA: tríade na arte de humanizar**, eu declaro que assumo a inteira responsabilidade de cumprir fielmente os procedimentos metodologicamente e direitos que foram esclarecidos e assegurados ao participante desse estudo, assim como manter sigilo e confidencialidade sobre a identidade do mesmo.

Declaro ainda estar ciente que na inobservância do compromisso ora assumido estarei infringindo as normas e diretrizes propostas pela Resolução 466/12

do Conselho Nacional de Saúde – CNS, que regulamenta as pesquisas envolvendo o ser humano.

Nova Cruz, 20 de Julho de 2016

Elaine do Socorro A. Angelo

Assinatura da pesquisadora responsável

ANEXO D – Termo de Autorização.

TERMO DE AUTORIZAÇÃO

Eu, _____,
portador do RG _____, responsável pelo (a) aluno (a)

autorizo MARIA DO SOCORRO MAURÍCIO DE QUEIROZ ÂNGELO, professora de Língua Portuguesa, da Escola Municipal Antônio Peixoto Mariano, e aluna do Mestrado Profissional em Letras (ProfLetras), da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), sob a orientação do Prof. Dr. Derivaldo dos Santos, a utilizar textos orais e escritos, produzidos pelo (a) aluno (a) acima mencionado (a) durante a participação da intervenção, em 2016 e 2017, bem como fotografias, para a contribuição do corpus da pesquisa de mestrado que vem sendo desenvolvida pela professora Socorro Ângelo. Esse trabalho acadêmico, provisoriamente, intitulado “**Ensino de literatura, Poesia e Ecologia: tríade na arte de humanizar**”, está inserido na linha de pesquisa “Letramento Literário”.

Nova Cruz / RN, _____ de _____ de 2016.

Assinatura: _____

Termo de autorização dos responsáveis

ANEXO E – Termo de autorização dos alunos, assinado pelos pais ou responsáveis.

TERMO DE AUTORIZAÇÃO

Eu, MARIA DAS GRACAS SOARES DA SILVA,
portador do RG 965.566, responsável pelo (a) aluno (a)
GLAUCIO SOARES BEZERRA

autorizo MARIA DO SOCORRO MAURÍCIO DE QUEIROZ ÂNGELO, professora de Língua Portuguesa, da Escola Municipal Antônio Peixoto Mariano, e aluna do Mestrado Profissional em Letras (ProfLetras), da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), sob a orientação do Prof Dr Derivaldo dos Santos, a utilizar textos orais e escritos, produzidos pelo (a) aluno (a) acima mencionado (a) durante a participação da intervenção, em 2016 e 2017; bem como fotografias, para a contribuição do corpus da pesquisa de mestrado que vem sendo desenvolvida pela professora Socorro Ângelo. Esse trabalho acadêmico, provisoriamente, intitulado "O ensino literário e a sua influência em sala de aula: a representação da natureza nos poemas *Paraíso e Raridade*, de José Paulo Paes", está inserido na linha de pesquisa "Letramento Literário".

Nova Cruz / RN, _____ de _____ de 2016.

Assinatura: Maria das Gracas Soares da Silva

Termo de autorização dos responsáveis

TERMO DE AUTORIZAÇÃO

Eu, JOSE AVELINO PEREIRA FILHO,
portador do RG 577.521, responsável pelo (a) aluno (a)

JAYONARA ROSA AVELINO

autorizo MARIA DO SOCORRO MAURÍCIO DE QUEIROZ ÂNGELO, professora de Língua Portuguesa, da Escola Municipal Antônio Peixoto Mariano, e aluna do Mestrado Profissional em Letras (ProfLetras), da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), sob a orientação do Prof Dr Derivaldo dos Santos, a utilizar textos orais e escritos, produzidos pelo (a) aluno (a) acima mencionado (a) durante a participação da intervenção, em 2016 e 2017; bem como fotografias, para a contribuição do corpus da pesquisa de mestrado que vem sendo desenvolvida pela professora Socorro Ângelo. Esse trabalho acadêmico, provisoriamente, intitulado "O ensino literário e a sua influência em sala de aula: a representação da natureza nos poemas *Paraíso* e *Raridade*, de José Paulo Paes", está inserido na linha de pesquisa "Letramento Literário".

Nova Cruz / RN, _____ de _____ de 2016.

Assinatura: Jose Avelino Pereira Filho.

Termo de autorização dos responsáveis

TERMO DE AUTORIZAÇÃO

Eu, MARIA DO CÉU ANSELMO DE SOUZA,
 portador do RG 1.909.851, responsável pelo (a) aluno (a)
DEYSE ANSELMO DE SOUZA

autorizo MARIA DO SOCORRO MAURÍCIO DE QUEIROZ ÂNGELO, professora de Língua Portuguesa, da Escola Municipal Antônio Peixoto Mariano, e aluna do Mestrado Profissional em Letras (ProfLetras), da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), sob a orientação do Prof Dr Derivaldo dos Santos, a utilizar textos orais e escritos, produzidos pelo (a) aluno (a) acima mencionado (a) durante a participação da intervenção, em 2016 e 2017; bem como fotografias, para a contribuição do corpus da pesquisa de mestrado que vem sendo desenvolvida pela professora Socorro Ângelo. Esse trabalho acadêmico, provisoriamente, intitulado "O ensino literário e a sua influência em sala de aula: a representação da natureza nos poemas *Paraíso* e *Raridade*, de José Paulo Paes", está inserido na linha de pesquisa "Letramento Literário".

Nova Cruz / RN, _____ de _____ de 2016.

Assinatura: Maria do Céu Anselmo de Souza

Termo de autorização dos responsáveis

TERMO DE AUTORIZAÇÃO

Eu, ASSUNARA ALVES FEITOSA,
portador do RG 1.908.107, responsável pelo (a) aluno (a)

Josefa Danielle Alves da Silva

autorizo MARIA DO SOCORRO MAURÍCIO DE QUEIROZ ÂNGELO, professora de Língua Portuguesa, da Escola Municipal Antônio Peixoto Mariano, e aluna do Mestrado Profissional em Letras (ProfLetras), da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), sob a orientação do Prof Dr Derivaldo dos Santos, a utilizar textos orais e escritos, produzidos pelo (a) aluno (a) acima mencionado (a) durante a participação da intervenção, em 2016 e 2017, bem como fotografias, para a contribuição do corpus da pesquisa de mestrado que vem sendo desenvolvida pela professora Socorro Ângelo. Esse trabalho acadêmico, provisoriamente, intitulado "O ensino literário e a sua influência em sala de aula: a representação da natureza nos poemas *Paraíso* e *Raridade*, de José Paulo Paes", está inserido na linha de pesquisa "Letramento Literário".

Nova Cruz / RN, _____ de _____ de 2016.

Assinatura: Assunara Alves Feitosa

Termo de autorização dos responsáveis

TERMO DE AUTORIZAÇÃO

Eu, EDNA MARIA URBANO DE LIMA,
portador do RG 059.893.194-52, responsável pelo (a) aluno (a)
DÉBORA LAÍS DE LIMA

autorizo MARIA DO SOCORRO MAURÍCIO DE QUEIROZ ÂNGELO, professora de Língua Portuguesa, da Escola Municipal Antônio Peixoto Mariano, e aluna do Mestrado Profissional em Letras (ProfLetras), da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), sob a orientação do Prof Dr Derivaldo dos Santos, a utilizar textos orais e escritos, produzidos pelo (a) aluno (a) acima mencionado (a) durante a participação da intervenção, em 2016 e 2017, bem como fotografias, para a contribuição do corpus da pesquisa de mestrado que vem sendo desenvolvida pela professora Socorro Ângelo. Esse trabalho acadêmico, provisoriamente, intitulado "O ensino literário e a sua influência em sala de aula: a representação da natureza nos poemas *Paraíso e Raridade*, de José Paulo Paes", está inserido na linha de pesquisa "Letramento Literário".

Nova Cruz / RN, _____ de _____ de 2016.

Assinatura: Edna Maria Urbano de Lima

Termo de autorização dos responsáveis

TERMO DE AUTORIZAÇÃO

Eu, MARIA DA PIEDADE DE AGUIAR,
portador do RG 37.419.584-9, responsável pelo (a) aluno (a)
LETÍCIA DE AGUIAR VENÂNCIO

autorizo MARIA DO SOCORRO MAURÍCIO DE QUEIROZ ÂNGELO, professora de Língua Portuguesa, da Escola Municipal Antônio Peixoto Mariano, e aluna do Mestrado Profissional em Letras (ProfLetras), da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), sob a orientação do Prof Dr Derivaldo dos Santos, a utilizar textos orais e escritos, produzidos pelo (a) aluno (a) acima mencionado (a) durante a participação da intervenção, em 2016 e 2017; bem como fotografias, para a contribuição do corpus da pesquisa de mestrado que vem sendo desenvolvida pela professora Socorro Ângelo. Esse trabalho acadêmico, provisoriamente, intitulado "O ensino literário e a sua influência em sala de aula: a representação da natureza nos poemas *Paraíso* e *Raridade*, de José Paulo Paes", está inserido na linha de pesquisa "Letramento Literário".

Nova Cruz / RN, _____ de _____ de 2016.

Assinatura: Maria da Piedade de Aguiar

Termo de autorização dos responsáveis

TERMO DE AUTORIZAÇÃO

Eu, PATRICIA FELISBERTO DOS SANTOS
portador do RG 30442, responsável pelo (a) aluno (a)
JACIELA DOS SANTOS FELISBERTO

autorizo MARIA DO SOCORRO MAURÍCIO DE QUEIROZ ÂNGELO, professora de Língua Portuguesa, da Escola Municipal Antônio Peixoto Mariano, e aluna do Mestrado Profissional em Letras (ProfLetras), da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), sob a orientação do Prof Dr Derivaldo dos Santos, a utilizar textos orais e escritos, produzidos pelo (a) aluno (a) acima mencionado (a) durante a participação da intervenção, em 2016 e 2017; bem como fotografias, para a contribuição do corpus da pesquisa de mestrado que vem sendo desenvolvida pela professora Socorro Ângelo. Esse trabalho acadêmico, provisoriamente, intitulado "O ensino literário e a sua influência em sala de aula: a representação da natureza nos poemas *Paraíso* e *Raridade*, de José Paulo Paes", está inserido na linha de pesquisa "Letramento Literário".

Nova Cruz / RN, _____ de _____ de 2016.

Assinatura: Patricia Felisberto dos Santos

Termo de autorização dos responsáveis

TERMO DE AUTORIZAÇÃO

Eu, PATRICIA FELISBERTO DOS SANTOS,
portador do RG 30442, responsável pelo (a) aluno (a)
RODRIGO DOS SANTOS COSTA

autorizo MARIA DO SOCORRO MAURÍCIO DE QUEIROZ ÂNGELO, professora de Língua Portuguesa, da Escola Municipal Antônio Peixoto Mariano, e aluna do Mestrado Profissional em Letras (ProfLetras), da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), sob a orientação do Prof Dr Derivaldo dos Santos, a utilizar textos orais e escritos, produzidos pelo (a) aluno (a) acima mencionado (a) durante a participação da intervenção, em 2016 e 2017; bem como fotografias, para a contribuição do corpus da pesquisa de mestrado que vem sendo desenvolvida pela professora Socorro Ângelo. Esse trabalho acadêmico, provisoriamente, intitulado "O ensino literário e a sua influência em sala de aula: a representação da natureza nos poemas *Paraíso* e *Raridade*, de José Paulo Paes", está inserido na linha de pesquisa "Letramento Literário".

Nova Cruz / RN, _____ de _____ de 2016.

Assinatura: Patricia Felisberto dos Santos

Termo de autorização dos responsáveis

TERMO DE AUTORIZAÇÃO

Eu, ELIXANDRA DO NASCIMENTO SILVA,
portador do RG 00.2.266.722, responsável pelo (a) aluno (a)
DAYANA SILVA FREIRE

autorizo MARIA DO SOCORRO MAURÍCIO DE QUEIROZ ÂNGELO, professora de Língua Portuguesa, da Escola Municipal Antônio Peixoto Mariano, e aluna do Mestrado Profissional em Letras (ProfLetras), da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), sob a orientação do Prof Dr Derivaldo dos Santos, a utilizar textos orais e escritos, produzidos pelo (a) aluno (a) acima mencionado (a) durante a participação da intervenção, em 2016 e 2017; bem como fotografias, para a contribuição do corpus da pesquisa de mestrado que vem sendo desenvolvida pela professora Socorro Ângelo. Esse trabalho acadêmico, provisoriamente, intitulado "O ensino literário e a sua influência em sala de aula: a representação da natureza nos poemas *Paraíso e Raridade*, de José Paulo Paes", está inserido na linha de pesquisa "Letramento Literário".

Nova Cruz / RN, _____ de _____ de 2016.

Assinatura: Elixandra do Nascimento Silva

Termo de autorização dos responsáveis

TERMO DE AUTORIZAÇÃO

Eu, RAFAEL LEOPOLDINO DA SILVA
portador do RG 022337, responsável pelo (a) aluno (a)

ANA KEYLA PINHEIRO DA SILVA

autorizo MARIA DO SOCORRO MAURÍCIO DE QUEIROZ ÂNGELO, professora de Língua Portuguesa, da Escola Municipal Antônio Peixoto Mariano, e aluna do Mestrado Profissional em Letras (ProfLetras), da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), sob a orientação do Prof Dr Derivaldo dos Santos, a utilizar textos orais e escritos, produzidos pelo (a) aluno (a) acima mencionado (a) durante a participação da intervenção, em 2016 e 2017; bem como fotografias, para a contribuição do corpus da pesquisa de mestrado que vem sendo desenvolvida pela professora Socorro Ângelo. Esse trabalho acadêmico, provisoriamente, intitulado "**O ensino literário e a sua influência em sala de aula: a representação da natureza nos poemas *Paraíso e Raridade*, de José Paulo Paes**", está inserido na linha de pesquisa "Letramento Literário".

Nova Cruz / RN, _____ de _____ de 2016.

Assinatura: Rafael Leopoldino da Silva

Termo de autorização dos responsáveis

Anexo I – Termo de autorização

TERMO DE AUTORIZAÇÃO

Eu, Roberta Alves da Rocha,
portador do RG 281.0057, responsável pelo (a) aluno (a)

autorizo MARIA DO SOCORRO MAURÍCIO DE QUEIROZ ÂNGELO, professora de Língua Portuguesa, da Escola Municipal Antônio Peixoto Mariano, e aluna do Mestrado Profissional em Letras (ProfLetras), da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), sob a orientação do Prof Dr. Derivaldo dos Santos, a utilizar textos orais e escritos, produzidos pelo (a) aluno (a) acima mencionado (a) durante a participação da intervenção, em 2016 e 2017, bem como fotografias, para a contribuição do corpus da pesquisa de mestrado que vem sendo desenvolvida pela professora Socorro Ângelo. Esse trabalho acadêmico, provisoriamente, intitulado "Ensino de literatura, Poesia e Ecologia: tríade na arte de humanizar", está inserido na linha de pesquisa "Letramento Literário".

Nova Cruz / RN, 05 de Outubro de 2016.

Assinatura: Roberta Alves da Rocha

Termo de autorização dos responsáveis

ANEXO F – Fotografias da cidade de Nova Cruz (no passado e no presente).

Fotografias da cidade de Nova Cruz (no passado)



Fotografias da cidade de Nova Cruz (no presente)



ANEXO G – Cantiga popular: *Se essa rua fosse minha*

Se Essa Rua Fosse Minha

Se essa rua

Se essa rua fosse minha

Eu mandava

Eu mandava ladrilhar

Com pedrinhas

Com pedrinhas de brilhante

Para o meu

Para o meu amor passar

Nessa rua

Nessa rua tem um bosque

Que se chama

Que se chama solidão

Dentro dele

Dentro dele mora um anjo

Que roubou

Que roubou meu coração

Se eu roubei

Se eu roubei teu coração

Tu roubaste

Tu roubaste o meu também

Se eu roubei

Se eu roubei teu coração

É porque

É porque te quero bem

ANEXO H – Atividade Interpretativa I

ESCOLA MUNICIPAL ANTÔNIO PEIXOTO MARIANO
LÍNGUA PORTUGUESA – Prof.^a SOCORRO ÂNGELO

ALUNO (A):

SÉRIE:

TURMA:

TURNO:

Nº:

DATA: ___/___/___

“NOVA CRUZ” NA PERSPECTIVA DE “NOSSA RUA”

... SE ESSA RUA FOSSE MINHA... Como seria Nova Cruz?

E na minha Rua... seria diferente?

O que eu desejo?

O que é bom?

O que é ruim?

O que fazer para melhorá-la?

ANEXO I – Biografia de José Paulo Paes



JOSÉ PAULO PAES
(1926-1998)

Por Ana Lucia Santana

O poeta **José Paulo Paes**³⁴ nasceu na cidade de Taquaritinga, em São Paulo, no dia 22 de julho de 1926. Posteriormente, além da poesia, ele se dedicaria à tradução, à crítica literária e à produção de ensaios. Seu avô, que o iniciou no universo da literatura, era livreiro, e o pai era caixeiro-viajante.

Tentando ingressar no curso de Química Industrial, ele parte para Curitiba, depois de fracassar na tentativa de entrar no Mackenzie. Graduado, ele começa a trabalhar no ramo farmacêutico, mas não deixa de lado o ofício literário herdado do avô. No Paraná, ainda na época da faculdade, ele se une a artistas, principalmente a escritores, os quais se reuniam no Café Belas-Artes, localizado diante da livraria Ghignone. Aí ele conhece o poeta Glauco Flores de Sá Brito, o escritor de contos e crítico cinematográfico Samuel Guimarães da Costa, o crítico de arte Eduardo Rocha Virmond e o pintor Carlos Scliar.

Ele se integra igualmente ao grupo que frequentava a livraria Ghignone, no mesmo período em que publica seus textos no veículo Joaquim, dirigido pelo escritor Dalton Trevisan, revista muito atuante na década de 40. Dessa passagem pelo Paraná desabrocha seu primeiro livro, O Aluno, lançado em 1947, no qual foi intensamente inspirado por Carlos Drummond de Andrade, a tal ponto que o poeta lhe sugeriu não reproduzir o estilo de outros escritores.

Ao se mudar para São Paulo, onde começa a escrever como colaborador para os veículos Folha de S. Paulo, O Estado de S. Paulo, O Tempo, Jornal de Notícias e Revista Brasiliense, mas ainda atuando como químico, ele trava amizade com Graciliano Ramos, Jorge Amado e Oswald de Andrade. Aí ele também encontra Dora, sua futura

³⁴ JOSÉ PAULO PAES. Disponível em: <http://intervox.nce.ufrj.br/~clodo/jose_paulo_paes.htm>. Acesso em: 20 maio 2018.

JOSÉ PAULO PAES – WIKIPÉDIA. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/José_Paulo_Paes>. Acesso em: 20 maio 2018.

esposa, a quem ele oferece seu segundo livro, *Cúmplices*, editado em 1951, no qual ele acha seu próprio caminho.

Ao ser analisada, esta obra é associada analogicamente ao trabalho produzido pelos poetas da Geração de 45. Neste mesmo período ele integra uma antologia poética ao lado de Haroldo de Campos e Décio Pignatari, ícones deste movimento, conhecidos como 'Novíssimos', pouco antes do nascimento da poesia concreta, escola da qual participariam intensamente, com total proveito para José Paulo, que demonstra os frutos desta vivência em sua obra *Anatomias*, que vem a público em 1967, com apresentação justamente de Augusto de Campos. Curiosamente, porém, este livro revela mais vínculos com o tom poético de Oswald de Andrade, do que com os ecos do concretismo.

O poeta deixa definitivamente seu trabalho como químico em meados de 1963, abraçando daí em diante com paixão o mercado editorial na Editora Cultrix. Ao lado de Massaud Moisés ele organizou o *Pequeno Dicionário de Literatura Brasileira*, lançado em 1967 pela Cultrix. Ao se aposentar, em 1981, ele passa a se dedicar às traduções de escritores gregos, dinamarqueses, italianos, americanos e ingleses. Ele traduziu autores do porte de Charles Dickens, Joseph Conrad, Konstantínos Kaváfis, Laurence Sterne, W. H. Auden, William Carlos Williams, Paul Éluard, Hölderlin, Paladas de Alexandria, Edward Lear, Rilke, Lewis Carroll, Ovídio, Níkos Kazantzákis, entre outros.

Tamanha era sua perícia e seu talento na versão para o português de escritores de outras línguas, que ele foi designado Diretor da oficina de tradução de poesia no Instituto de Estudos da Linguagem (IEL) da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Em meados da década de 80 ele edita sua célebre obra *Um por todos*, uma compilação de todos os seus textos, introduzido pelo crítico literário Alfredo Bosi. Nesta época o poeta também descobre seu prazer em escrever para o público infantil.

José Paulo edita, em 1989, sua obra *A poesia está morta*, mas eu juro que não fui eu, através da coleção *Claro Enigma*, dirigida por Augusto Massi. Nos anos 90 ele segue em seu ofício literário, publicando vários ensaios, poemas escritos para crianças, traduções e poesias. No livro *Prosas seguidas de odes mínimas*, ele sublima um período doloroso de sua existência, quando sua perna esquerda é amputada. O poeta morre em 1998, em São Paulo, sem publicar em vida sua obra *Socráticas*, lançada postumamente em 2001.

ANEXO J – Poemas: *Paraíso e Raridade*


José Paulo Paes

Paraíso

Se esta rua fosse minha,
eu mandava ladrilhar,
não para automóveis matar gente,
mas para criança brincar.

Se esta mata fosse minha,
eu não deixava derrubar.
Se cortarem todas as árvores,
onde é que os pássaros vão morar?

Se este rio fosse meu,
eu não deixava poluir.
Joguem esgotos noutra parte,
que os peixes moram aqui.

Se este mundo fosse meu,
Eu fazia tantas mudanças
Que ele seria um paraíso
De bichos, plantas e crianças.

www.caravana poetica.com.br




José Paulo Paes

Raridade

A arara
é uma ave rara
pois o homem não pára
de ir ao mato caçá-la
para a pôr na sala
em cima de um poleiro
onde ela fica o dia inteiro
fazendo escarcéu
porque já não pode voar pelo céu.

E se o homem não pára
de caçar arara,
hoje uma ave rara,
ou a arara some
ou então muda seu nome
para arrara.

www.caravana poetica.com.br



ANEXO K – Atividade Interpretativa II

ESCOLA MUNICIPAL ANTÔNIO PEIXOTO MARIANO
LÍNGUA PORTUGUESA – Prof.ª SOCORRO ÂNGELO

ALUNO(A):

Nº:

SÉRIE:

TURMA:

TURNO:

DATA: ___/___/___

ATIVIDADE INTERPRETATIVA II

Após a análise da cantiga popular *Se essa rua fosse minha...* das fotografias da cidade de Nova Cruz, no passado e no presente, e da leitura dos poemas *Paraíso* e *Raridade*, de José Paulo Paes, responda às questões abaixo:

- 1 Que sensações os poemas causam em você?
- 2 Que relações podemos estabelecer entre o poema *Paraíso* e a cantiga *Se essa rua fosse minha...*?
- 3 No poema *Paraíso*, o autor José Paulo Paes critica algumas ações problemáticas. Quais são?
- 4 Qual é o tema abordado no poema *Raridade*?
- 5 Em que aspectos os poemas de José Paulo Paes se aproximam? Explique.
- 6 Qual é a realidade apresentada pelo eu lírico no poema *Paraíso* sobre o mundo?
- 7 Que cuidados o autor sugere para a melhoria do mundo onde vivemos?
- 8 No poema *Raridade*, Paes, faz um jogo com as palavras *arara* – *rara* e cria um neologismo, *arrara*. Explique o efeito de sentido produzido pela utilização desse recurso.
- 9 As palavras *escarcéu* e *céu*, no poema, estabelecem uma relação de antonímia. Explique esse jogo de vocábulos.
- 10 O autor faz um alerta, no poema *Raridade*, sobre a extinção da arara, e também sugere uma solução para a problemática apresentada. Qual é a solução?
- 11 Considerando a rua, o bairro e a cidade onde você mora, que atitudes dos moradores podem ser consideradas nocivas para a natureza? Dentre elas, escolha uma, em seguida, produza o seu poema abordando essa temática escolhida e apresentando uma solução para o problema.

ANEXO L – Atividade interpretativa I, respondida pelos (as) alunos (as)

ESCOLA MUNICIPAL ANTÔNIO PEIXOTO MARIANO
LÍNGUA PORTUGUESA – PROFª SOCORRO ÂNGELO

ALUNO(A):

Nº: 02

SÉRIE: 8º

TURMA: 311

TURNOS: matutino

DATA: 01/06/16

“NOVA CRUZ” NA PERSPECTIVA DE “NOSSA RUA”

... SE ESSA RUA FOSSE MINHA... Como seria Nova Cruz?

Seria uma cidade limpa sem ter lixeiras de drogas, sem preconceito, sem furo, sem pessoas que fazem ruim e sem uma cidade calma em paz cheia de pessoas boas, limpa, espala limpa para as crianças, pode ser brincando em um ambiente limpo e saudável.

E na minha Rua... seria diferente?

Seria uma rua limpa cheia de pessoas alegres em paz e que não tinha que ser uma rua suja e com pessoas que machucam.

O que eu desejo?

Eu desejo que minha rua seja uma rua sem preconceito e sem furo, uma rua em paz harmonizada.

O que é bom?

Os interesses da bondade, a felicidade das pessoas das nossas famílias e um bom lugar onde as pessoas possam ser felizes.

O que é ruim?

lixos nas ruas, tragédias de drogas, lixeiras, pessoas que fazem ruim, vizinhos egoístas e pessoas que falam sem os outros.

O que fazer para melhorá-la?

Para melhorar tem que ter um bom ambiente onde as pessoas possam se reunir, melhorar os equipamentos, as pessoas ter uma boa educação respeito e que acabassem com a poluição e sem sujeira.

ESCOLA MUNICIPAL ANTÔNIO PEIXOTO MARIANO
LÍNGUA PORTUGUESA – PROF. SOCORRO ÂNGELO

ALUNO(A):

SÉRIE: 8

TURMA: B

TURNO: *vespertino*

Nº: 11

DATA: 23/05/16

“NOVA CRUZ” NA PERSPECTIVA DE “NOSSA RUA”

... SE ESSA RUA FOSSE MINHA... Como seria Nova Cruz?

seria muito Piqueno e mais organizado
e mais limpa e mais sursegada
seria mais melho parque não ia
ter mais lixo na rua seria mais a
legre seria sem Bandido menos quime e

E na minha Rua... seria diferente?

maior A Bitantes de AGRUAÇÃO
Praque não teria mais Agusão não ia teria mais
Bala de fumo seria mais sursegada e seria mais
alegre sem Prucupação com o lixo parque seria mais
limpa não teria que se prucupação mais com a natureza

O que eu desejo?

que tenha lixeira Para o Povo faça o lixo na lixeira
Para limpa as ruas queria que a Prefeitura com
dele as ergato e que não tivesse lixo a Bandonado

O que é bom? as luidado que o Povo tem com a rua e com
o meio ambiente e com luidado com o mosquito
da dengue e com o Bem esta das Aliança

O que é ruim? as vizinho fofaqueira pessoas ingimazante e
as ergato cheio de lixo e sem que o povo escuta ate
tarde e com o volume máximo e as pessoas que
não camsigio dormi

O que fazer para melhorá-la?

com hora com as vizinho Para não faça o lixo na rua
Para eles alimpa as suas causada fala com o pre-
feiro praesto Para a geitaa ergato nada a po-
luicao fecha Para in hid de eles não faça lixo no
inante

ESCOLA MUNICIPAL ANTÔNIO PEIXOTO MARIANO
LÍNGUA PORTUGUESA – PROFª SOCORRO ÂNGELO

ALUNO(A):

SÉRIE: 8º ANO

TURMA: B

TURNO: vespertina

Nº:

DATA: 23/05/2016

“NOVA CRUZ” NA PERSPECTIVA DE “NOSSA RUA”

... SE ESSA RUA FOSSE MINHA... Como seria Nova Cruz?

RETA.

E na minha Rua... seria diferente?

SERIA MUITO DIFERENTE.

O que eu desejo?

ESTAR NO FUTURO

O que é bom?

ESTAR COM A FAMÍLIA

O que é ruim?

ESTAR LONGE DELA.

O que fazer para melhorá-la?

A PAZ MUNDIAL.

(MUITO MUITO É)

ANEXO M – Atividade interpretativa II – respondida pelos (as) alunos (as)

ESCOLA MUNICIPAL ANTÔNIO PEIXOTO MARIANO
LÍNGUA PORTUGUESA – PROFª SOCORRO ANGELO

ALUNO(A):

SÉRIE: 8º

TURMA: A

TURNO: matutino

Nº: 5

DATA: 15/06/16

ATIVIDADE INTERPRETATIVA

Após a análise da cantiga popular *Se essa rua fosse minha...* das fotografias da cidade de Nova Cruz, no passado e no presente, e da leitura dos poemas *Paraíso* e *Raridade*, de José Paulo Paes, responda às questões abaixo:

1 Que sensações os poemas causam em você?

Esses poemas falam sobre a alegria e no outro poema do paraíso fala sobre coisas que não existem e também coisas que podia melhorar.

2 Que relações podemos estabelecer entre o poema *Paraíso* e a cantiga *Se essa rua fosse minha...*?

Por que o poema fala sobre a realidade e a cantiga fala sobre a destruição da natureza, sobre a poluição, sobre a falta de amor até...

3 No poema *Paraíso*, o autor José Paulo Paes critica algumas ações problemáticas.

Quais são? Ele fala de poluição, mas não dá exemplos sendo verdadeiros ele também fala que se este mundo fosse meu fariam tantas mudanças, fazer fábricas muitos carros, etc.

4 Qual é o tema abordado no poema *Raridade*?

O tema que está sendo abordado, fala sobre a natureza, sobre animais extintos, etc...

5 Em que aspectos os poemas de José Paulo Paes se aproximam? Explique.

Os poemas se aproximam em alguns aspectos de que um fala sobre a natureza e o outro fala sobre a natureza de que ele está falando sobre os animais e etc.

6 Qual é a realidade apresentada pelo eu lírico no poema Paraíso sobre o mundo?

A realidade é que o mundo que vivemos está com muitos problemas, mágoas e brigas.

7 Que cuidados o autor sugere para a melhoria do mundo onde vivemos?

Evitar briga dos animais nos parques e a

8 No poema Raridade, Paes, faz um jogo com as palavras arara - rara e cria um neologismo, arrara. Explique o efeito de sentido produzido pela utilização desse recurso.

A arara por sua vez é chamada arrara depois que os homens começaram a prender os passaros depois disso a arara vai deixar de existir.

9 As palavras escarcéu e céu, no poema, estabelecem uma relação de antonímia. Explique esse jogo de vocábulos.

de que a palavra céu

a qual ia continuar sendo usado pela maioria e escarcéu de que a qual ia ficar sem um de empalmar, não ia continuar usando.

10 O autor faz um alerta, no poema Raridade, sobre a extinção da arara, e também sugere uma solução para a problemática apresentada. Qual é a solução?

A solução que ele sugere é para que os homens pare de prender os animais e se o homem não para de espantar animais arara hoje uma ave morta ou a arara morre ou ela muda seu nome para arara.

11 Considerando a rua, o bairro e a cidade onde você mora, que atitudes dos moradores podem ser consideradas nocivas para a natureza? Dentre elas, escolha uma, em seguida, produza o seu poema abordando essa temática escolhida e apresentando uma solução para o problema.

ESCOLA MUNICIPAL ANTÔNIO PEIXOTO MARIANO
LÍNGUA PORTUGUESA – PROFª SOCORRO ÂNGELO

ALUNO(A):

SÉRIE: 8ª ANO TURMA: 13 TURNO: vespertino

Nº:

DATA: 01/06/16

ATIVIDADE INTERPRETATIVA

Após a análise da cantiga popular *Se essa rua fosse minha...* das fotografias da cidade de Nova Cruz, no passado e no presente, e da leitura dos poemas *Paraíso* e *Raridade*, de José Paulo Paes, responda às questões abaixo:

1 Que sensações os poemas causam em você?

emoção, alegria, porque essas palmas são lindas de mais
eu adoro todas as tres.

2 Que relações podemos estabelecer entre o poema *Paraíso* e a cantiga *Se essa rua fosse minha...*?

O texto se essa rua fosse minha e o texto paraíso
é uma textualidade que estabelece um diálogo entre os
textos exemplo; se essa rua fosse minha ela quer enfiar a
rua lá o paraíso que melhora do ruim para o melhor.

3 No poema *Paraíso*, o autor José Paulo Paes critica algumas ações problemáticas.

Quais são? morte, de gente desmatado, e poluição

4 Qual é o tema abordado no poema *Raridade*?

instigação da arara

5 Em que aspectos os poemas de José Paulo Paes se aproximam? Explique.

aproximam do meio ambiente querem o melhor

6 Qual é a realidade apresentada pelo eu lírico no poema Paraíso sobre o mundo?

a realidade é que tem muita gente morrendo muito
beluíção muito desmatamento muita caça de animais

7 Que cuidados o autor sugere para a melhoria do mundo onde vivemos?

não poluir os rios não deixar derrubar as árvores e segurança

8 No poema Raridade, Paes, faz um jogo com as palavras arara - rara e cria um neologismo, arrara. Explique o efeito de sentido produzido pela utilização desse recurso

o recurso é que o nome do pássaro é arara, rrrra
mais no poema o homem caça a arara então se ele não
parar de caça-la ela vai parar de existir.

9 As palavras escarcéu e céu, no poema, estabelecem uma relação de antonímia. Explique esse jogo de vocábulos.

o autor usou a palavra os car céu e céu
para demonstrar o sofrimento da ave e o céu a liberdade
da arara

10 O autor faz um alerta, no poema Raridade, sobre a extinção da arara, e também sugere uma solução para a problemática apresentada. Qual é a solução?

a solução é que o homem tem que parar de caça a arara

11 Considerando a rua, o bairro e a cidade onde você mora, que atitudes dos moradores podem ser consideradas nocivas para a natureza? Dentre elas, escolha uma, em seguida, produza o seu poema abordando essa temática escolhida e apresentando uma solução para o problema.

ESCOLA MUNICIPAL ANTÔNIO PEIXOTO MARIANO
 LÍNGUA PORTUGUESA – PROFª SOCORRO ÂNGELO
 ALUNO(A): _____
 SÉRIE: 8^ª TURMA: 9^ª TURNO: Noturno

Nº: 1
 DATA: 15/06/2016

ATIVIDADE INTERPRETATIVA

Após a análise da cantiga popular *Se essa rua fosse minha...* das fotografias da cidade de Nova Cruz, no passado e no presente, e da leitura dos poemas *Paraíso* e *Raridade*, de José Paulo Paes, responda às questões abaixo:

1 Que sensações os poemas causam em você?

Causa uma sensação de saudade
 Causa, Causa, que a gente
 Causa alegria, Causa coisas que
 acontecem em nossa realidade

2 Que relações podemos estabelecer entre o poema *Paraíso* e a cantiga *Se essa rua fosse minha...*?

é um diálogo por que o poema
 paraíso fala sobre os direitos e sobre
 sobre os bichos e mais ambiente etc
 a cantiga fala sobre amor entre eles
 há um diálogo

3 No poema *Paraíso*, o autor José Paulo Paes critica algumas ações problemáticas. Quais são?

ele fala da poluição nos rios
 também fala sobre os direitos que não deixava
 destruir ele fala se esse mundo fosse meu
 eu não falaria mudanças só no caso ele está
 falando da natureza que hoje vivenciamos

4 Qual é o tema abordado no poema *Raridade*?

o tema abordado é a natureza
 por que ele fala muito sobre natureza
 os rios os animais as folhas

5 Em que aspectos os poemas de José Paulo Paes se aproximam? Explique.

os dois poemas se aproximam
 da natureza do meio ambiente

6 Qual é a realidade apresentada pelo eu lírico no poema Paraíso sobre o mundo?

a realidade que apresenta os lixos no chão e os desperdícios das coisas das pessoas que sempre há

7 Que cuidados o autor sugere para a melhoria do mundo onde vivemos?

Cuidado da natureza

8 No poema Raridade, Paes, faz um jogo com as palavras arara – rara e cria um neologismo, arrara. Explique o efeito de sentido produzido pela utilização desse recurso.

9 As palavras escarcéu e céu, no poema, estabelecem uma relação de antonímia. Explique esse jogo de vocábulos.

Importou, tumulto ou confusão, principalmente a companhia de autoritarismo e que a uma coisa linda fuma a coisa boa

10 O autor faz um alerta, no poema Raridade, sobre a extinção da arara, e também sugere uma solução para a problemática apresentada. Qual é a solução?

a solução é que os fazendeiros pare de cortar os ovos porque sempre vão virar

11 Considerando a rua, o bairro e a cidade onde você mora, que atitudes dos moradores podem ser consideradas nocivas para a natureza? Dentre elas, escolha uma, em seguida, produza o seu poema abordando essa temática escolhida e apresentando uma solução para o problema.

ESCOLA MUNICIPAL ANTÔNIO PEIXOTO MARIANO
LÍNGUA PORTUGUESA – PROFª SOCORRO ÂNGELO

ALUNO(A): JULIANA IV Nº: 11
SÉRIE: 8º ANO TURMA: B TURNO: VESPERTINO DATA: 07/06/16

ATIVIDADE INTERPRETATIVA

Após a análise da cantiga popular *Se essa rua fosse minha...* das fotografias da cidade de Nova Cruz, no passado e no presente, e da leitura dos poemas *Paraíso* e *Raridade*, de José Paulo Paes, responda às questões abaixo:

1 Que sensações os poemas causam em você?

NADA.

2 Que relações podemos estabelecer entre o poema *Paraíso* e a cantiga *Se essa rua fosse minha...*? FEM LETRAS

3 No poema *Paraíso*, o autor José Paulo Paes critica algumas ações problemáticas. Quais são? ASSASSINATOS, DESMATEAMENTO e POLUIÇÃO

ATROPELAMENTO

4 Qual é o tema abordado no poema *Raridade*?

~~EXTINÇÃO~~ TEMATO DE ANIMAIS

5 Em que aspectos os poemas de José Paulo Paes se aproximam? Explique.

A EXTINÇÃO DA RARA
25/7

ANEXO N – Última escrita: Poemas dos (as) alunos (as)

O ambiente é meu e meu é nosso

ka na sua de casa
 tem muito que melhorar
 Jogamlixos em toda parte
 Para os grãos limpar
 É os pessoas sem negão
 Jogamlixos sem rios
 Isso afeta a nossa população
 Se continuarem assim
 os projetos ficam entupidos
 O que que também o nosso ambiente
 onde meramos e moram os animais
 Onde é que vamos morar?
 Se isso tudo continuar
 é também sem o projeto
 que um pouco mais podia melhorar
 ajudando as pessoas
 mas isso ele não faz
 Assim ficaria tudo limpo
 E os animais parecem
 E também fica um lugar preservado
 E também limpo e cheiroso
 E muito agradável.

O lixo que adoece:

Veracruz vem passando por um problema bem real. É esse mosquito que tá adoecendo geral...

Idosos, adultos, jovens e crianças muito cuidado devem ter passando o repelente para não adoecer

Mas para acabar com essa situação é muito simples, só colaborar não jogar lixo nos ruas sempre tirar o lixo

nos também somos culpados por esse mosquito doente que vive em um abrigos que mantém vivo o mosquito

É muito fácil de evitar que para sempre para falar com o prefeito daqui? que nos vem nos ajudar

Nossa gente é difícil de falar nos vamos depender do prefeito para esse mosquito acabar juntos com limpeza podemos eliminar

Não deixe água parada Não faça buracos ~~buracos~~ na luta contra o Aedes Nossa vitória será certa.

Se essa sua Fosseminha não deixava ninguém
sua falava com o vizinho jogava lamimba de lixo
quando ele passa aqui na mata sua vizinha de namorada
sua Fosseminha exato eu mandava a Prefeitura com certa ao

o gato de mãe desse gato eu falava com os meus
vizinho para aguentar meus a lamimba.
de a Fosseminha sabe minha eu falava com a cidade para eles para de logo
Parque de eles não para de logo Tadas os animais de raposa de am

de esta sua Fosseminha eu mandava ela bálha
não para outra mata gente, mas para a mata
Brinca. De esta mata Fosseminha, eu não deixava
desubar, de Fosseminha Tadas ao órrulo, onde a Passaram no mata

de este rio Fosseminha eu não deixava que eles
jogava lixo aqui porque eu falava com os meus
vizinho para eles não jogava o lixo aqui porque
os peixes moram a qui e também Passam a Paluin

Nova Cruz meu ambiente

Se eu fosse Prefeito

Eu mudaria Nova Cruz

Para acabar com essa situação

De ver tanto lixo pelo chão.

As pessoas precisam entender

que não devem jogar lixo na rua

Pois lá não é de delas

É delas, minha e sua.

Se elas continuam com esses costumes

Nova Cruz cheia de lama vai ficar

muitos ~~pro~~ problema e doenças

A sujeira vai causar

Nova Cruz tem que ficar limpa

É o meio ambiente agradável

A responsabilidade é de todos

Para ter a limpeza que merece

Vamos todos lembrar

que é nosso o meio ambiente

É na limpeza caprichar

Para melhorar a vida da gente.

O lixo no lixo

minha rua fica toda suja
 porque é cheia de lixo
 culpa das pessoas que jogam
 e não se preocupam com isso

Os esgotos ficam entupidos
 com um cheiro que é um horror
 cheio de bichos voando
 A do mundo a gente causando dor

O Povo Tem que entender
 que não jogar lixo no lixo
 Não podemos viver
 No mau cheiro feito lixo

Poluição Noroeste.

Nossa Cruz a cidade bela
 Entre ledos os eidos
 Não tem igual
 Pais da é racional
 Mas insisti a poluição
 tuos desmoronar no chão
 Jogam lixo pra cá
 Lixo pra lá
 E ninguém se impede
 O problema resolve
 A nossa vida melhorar
 E também nesse viver
 Basta o prezo querer
 Melhorar a educação
 - é ensinar a população
 A zelar pelo que é seu
 A lidar com a poluição.

Como Proteger a Cidade

Se essa rua fosse minha,
 eu não deixava matar gatos nem aves,
 cuidava de cada um com muito carinho,
 pra não serem maltratados pelos meus vizinhos.

Se essa rua fosse minha
 não deixava jogar lixo,
 mandava reciclar plástico, papel e vidro,
 pra jogar no caminhão de reciclagem

Se esse rio fosse meu
 não deixava poluir
 nele cair uma placa
 os seres marinhos moram aqui

Se essa terra fosse minha
 espalharia omer por todo canto
 com a palavra do evangelho
 porra todos, da cidade e do campo

Árvores: Abrigo das Pássaros

O Povo não deixam cortar as Árvores
 E na natureza Pensar
 Pois é a morada das Pássaros
 Que usam Para se abrigar
 Se cortar as árvores
 onde é que os Pássaros ficam?
 Sem casa sem abrigo
 onde eles vão morar?

Os Pássaros estão morrendo
 Porque não tem onde ficar
 Alguns vivem nos gaiolas
 Presos sem poder voar

As Pessoas matam árvores
 Na floresta e na cidade
 Prudenciando os animais
 Isso é Grande Maldade

Se Continuarem com essa destruição
 Seta na floresta ou na cidade
 Os Pássaros não resistirão
 E serão extintos de verdade

Um Rio pela História

Hoje eu vim aqui
 falar sobre o Rio
 E o Rio de Nova Cruz
 chamado - Curimatá

Ele está gravemente poluído
 as peixes não têm noção
 da qualidade que estão fazendo
 com tanta poluição

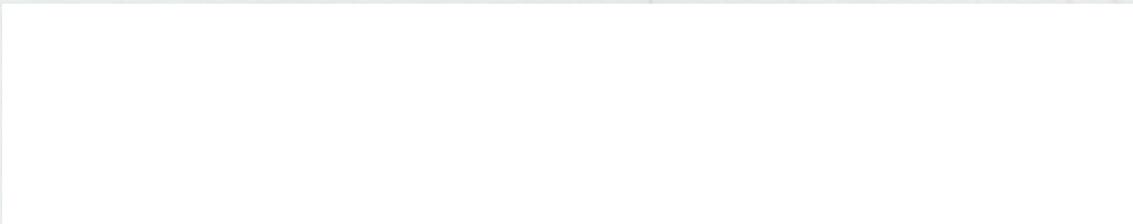
Eles precisam saber
 que não podem lixo jogar
 no rio que deveria ser
 limpo e sem sujeira

O Prefeito poderia ajudar
 tirando todo o lixo de lá
 se continuar assim
 o que vai ser das peixes
 que moram a lá?

O Rio Curimatá é um Patrimônio
 Faz parte da história da cidade
 Se continuar sendo espoluído e degradado
 será parte do nosso passado.

Então vamos todas ideias juntas
 e pensar com carinho
 para esse problema
 encontrar um caminho.

Resumir melhor ideias
E tentar ao rto salvar
de todas as formas que ser
para a historia da cidade não alabar.



de todos os pontos
de vista que esta agenda
com todas as ideias
de trabalho com todos
que não podem fazer
nada sem a ajuda de

de todos os pontos
de vista que esta agenda
com todas as ideias
de trabalho com todos
que não podem fazer
nada sem a ajuda de

de todos os pontos
de vista que esta agenda
com todas as ideias
de trabalho com todos
que não podem fazer
nada sem a ajuda de

de todos os pontos
de vista que esta agenda
com todas as ideias
de trabalho com todos
que não podem fazer
nada sem a ajuda de

24/08/2016



Se esse mundo fosse meu!

Se essa rua fosse minha
Eu mandava ela mudar
Eu tirava o lixo da rua
para não acumular.

for onde eu passo ~~vá~~
água acumulada
bate, no peito um aperto
de água desperdiçada.

Eh! Xugunxa, ZIKA e dengue
vieram para matar
mas se você não deixar água parada
o mosquito não vai te ficar.

Uma dica pra você
limpe todo o seu quintal
cuide do seu ambiente
para não se dar mal.

O meu ambiente merece respeito
Damos dele cuidar
Vamos todos nessa luta
para nessa vida melhorar.

Um lar para os animais

Hoje eu quero contar
 Sobre os animais da minha rua
 Muitos estão abandonados
 Pelos seus jogados

As pessoas da rua que eu moro
 Jogam animais mortos em toda parte
 Isso é um grave problema
 Que prejudica todo mundo

O mal cheiro é muito forte
 Ninguém consegue respirar
 Muitos insetos voando
 E dançando pelo ar

Não querem os cachorros sujos
 Em suas casas morar
 Os catadores ficam na rua
 Sem ter um lugar

Os bichinhos passam fome
 Eu vou lá ajudar
 Animais abandonados
 Precisam de um lugar para morar

E também tem o prefeito
 Que podia ajudar
 Construindo um abrigo
 Para os animais terem seu lar



Poetas do Peixoto

O Meio Ambiente a Preservar

O meio ambiente organizar!
 A natureza pede solução!
 As matas pedem conservação
 Os rios pedem preservação
 O ar não quer poluição
 A água não quer contaminação
 E as pessoas quer solução
 E elas não sabem qual é a solução!
 Para melhorar a situação
 Para a próxima geração!
 Com muitas árvores para refrescar
 Variedades de animais para admirar
 Ar puro para respirar
 Água boa para tomar
 Tudo isso depende de mim
 Tudo isso depende de você
 Tudo isso depende de nós...
 Vamos nos observar
 De que nossos hábitos devemos mudar
 Nossas atitudes devemos tomar.
 Aprender a conservar
 Aprender a respeitar
 Aprender a reciclar
 Para o meio ambiente preservar
 E a vida melhorar...



ANEXO O – Capa da *Antologia Poética: Poetas do Peixoto* – produto final da Intervenção



ANEXO P – Registro do evento *Chá Literário: Poetas do Peixoto*







ANEXO Q – Parte da Antologia com relatos dos (as) alunos (as)

OS POETAS E AS POETISAS

1. Dayana Silva Freire



“Meu nome é Dayana Silva Freire. Nasci no dia 27/04/2003, tenho 14 anos. Estudo na Escola Municipal Antônio Peixoto Mariano e curso o 9º ano U. Eu gosto de ler muito. Gosto de tudo. Foi muito bom participar desse projeto, pois nós aprendemos muitas coisas novas, como por exemplo, a importância de reciclar e cuidar da natureza com carinho que ela precisa.”

2. Débora Laís de Lima



“Meu nome é Débora Laiz de Lima. Nasci no dia 10/11/2001, tenho 15 anos. Estudei na Escola Municipal Antônio Peixoto Mariano e estava lá quando acontecia o Projeto. Eu gosto muito de ler livro de Fernando Pessoa. Eu não gosto de pessoas que jogam lixo nas ruas. Participar desse projeto pra mim é maravilhoso, porque com ele a gente aprende que preservar a natureza é muito importante para nós e que devemos não jogar lixo nas ruas. Para mim participar foi maravilhoso, porque com isso a gente aprende a mensagem que o projeto passa para nós e com isso passamos a mensagem para outras pessoas.”

3. Deyse Anselmo de Souza



“Meu nome é Deyse Anselmo de Souza, tenho 14 anos, nasci no dia 03/03/2003. Estudo na Escola Municipal Antônio Peixoto Mariano, no 9º ano U. gosto muito de ler livros e o que eu não gosto é de pessoas desinteressadas. Esse projeto para mim foi uma coisa muito boa e bem interessante. E o que eu aprendi muitas coisas boas de que a gente tem que respeitar mais o nosso ambiente.”

4. Jaciela dos Santos Felisberto



“Meu nome é Jaciele dos Santos Felisberto, tenho 16 anos, nasci dia 10/05/2001. Estudo na Escola Municipal Antônio Peixoto Mariano, no 9º ano U. gosto muito de história. Participar desse projeto foi muito bom, porque aprendemos. Mas, é mais com a senhora aprendi que devemos cuidar do meio ambiente e fico muito feliz por saber que fiz um poema, feito por mim, com a ajuda da senhora também, né? Aprendi que é o dever de todos cuidar do meio ambiente, porque se o meio ambiente estiver limpo, sem sujeira nenhuma, não vamos adoecer e se cuidarmos do meio ambiente estamos cuidando da nossa própria saúde.”

5. Josefa Daniele Alves da Silva



“Eu sou Josefa Daniele Alves da Silva, tenho 15 anos, nasci no dia 02/02/2002. Estudo na Escola Municipal Antônio Peixoto Mariano. Eu gosto de ler livro de poesia e gosto de fazer trabalho em equipe. Não gosto de gente que não se dedica aos seus objetivos e eu adorei participar desse projeto. A melhor parte foi fazer tudo isso junto com os meus amigos. Eu aprendi a respeitar mais nosso meio ambiente, porque ele é a fonte de toda a vida. Se a gente descuidar do meio ambiente, nós nunca vamos viver em um mundo sem poluição, se a gente não cuidar dele.”

6. Leandro Bezerra da Silva



“Meu nome é Leandro Silva. Nasci no dia 27/10/1999, tenho 18 anos. Estudei na Escola Municipal Antônio Peixoto Mariano e estava lá quando o Projeto começou. Eu gosto que as pessoas venham ter respeito e educação e muito mais com as pessoas e com os amigos. Eu não gosto que as pessoas venham ter preconceito

com ninguém. Que as pessoas vivem o que quer na vida e não ter preconceito com ninguém. Para mim foi maravilhoso participar desse projeto, porque eu aprendi muita coisa. Eu aprendi a cuidar do meio ambiente e através desse projeto ele nos passa coisas maravilhosas, tipo cuidar da natureza e como não jogar lixo na rua. E eu percebi que nós mesmos somos capazes de fazer os nossos próprios poemas e nada é impossível para aquilo que nós cremos.”

7. Letícia de Aguiar Venâncio



“Meu nome é Letícia Aguiar, tenho 14 anos, nasci dia 11/01/2003. Estudo na Escola Municipal Antônio Peixoto Mariano, no 9º ano U. gosto muito de matemática e gosto de ler livros de romance.”

8. Roberta Alves da Rocha



“Eu sou Roberta Alves da Rocha, tenho 24 anos. Estudo na Escola Municipal Antônio Peixoto Mariano. Eu gosto de estudar matemática. Eu não gosto de estudar português. Para mim foi um prazer em poder participar desse belo trabalho e conseguir conquistar cada detalhe que vejo. Foi feito com muito amor e carinho. O que eu pude aprender foi sobre o meio ambiente e poder passar para os demais sobre o nosso meio ambiente. Fico muito grata por todo esse excelente belíssimo trabalho e poder estar junto de pessoas super agradável... meu muito obrigada a todos em principal, a nossa Professora excelente Socorro Ângelo.”

ANEXO S – Texto não verbal do poema *Chatice*, de José Paulo Paes (2011, p. 10).



